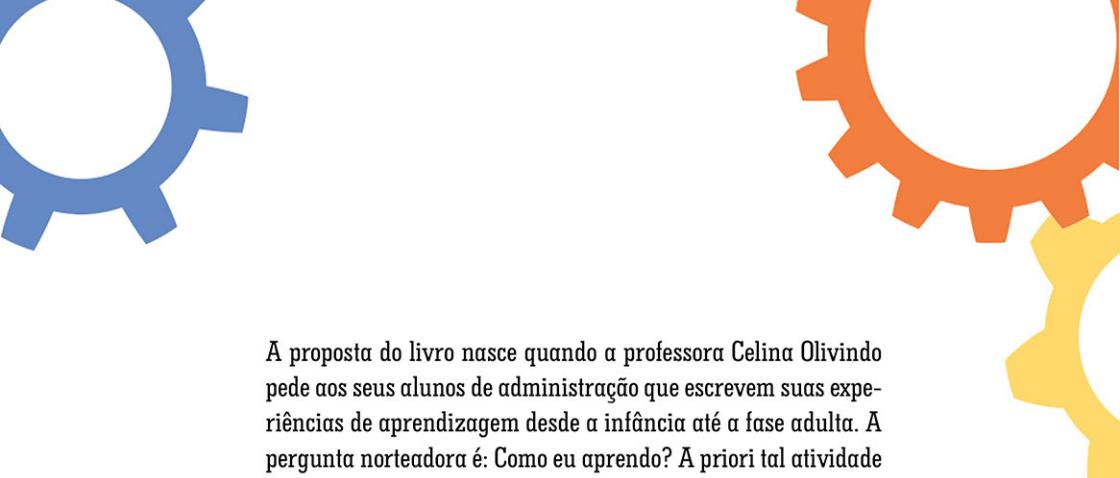
The background of the cover is white, filled with various sized gears in orange, green, yellow, and blue. Black stick figures are scattered throughout, some appearing to interact with or push the gears. The overall theme is mechanical and collaborative.

Celina Maria de Souza Olivindo
Cellyneude de Souza Fernandes
Auristela do Nascimento Melo (Orgs.)

O Caminho do Aprendizado na percepção de Discente e Docente

26

Φ
fi



A proposta do livro nasce quando a professora Celina Olivindo pede aos seus alunos de administração que escrevem suas experiências de aprendizagem desde a infância até a fase adulta. A pergunta norteadora é: Como eu aprendo? A priori tal atividade pode parecer elementar ou complexa o que vai determinar tal situação é a percepção de cada um. Do ponto de vista acadêmico dissertar ou descrever tais experiências é singular e merece atenção pois os sujeitos aqui envolvidos terão que buscar em suas memórias informações relevantes para a construção dessas narrativas. O relato de experiência é um tipo de texto que visa apresentar de forma precisa uma dada experiência que de alguma forma possa agregar a área do conhecimento que está sendo construído. No caso do livro *Como eu aprendo* essa experiência se torna mais rica pois foi construída a partir de várias perspectivas e com isso o espectro de aprendizagem foi potencializado. Os relatos aqui apresentados são pessoais mas servem como base de estudos para professores e alunos que se dedicam a compreender como o sujeito aprende. As experiências são únicas mas possuem pontos de convergência que podem e devem ser compreendidas visando uma análise mais completa do aprender numa perspectiva mais holística.

Cellyneude de Souza Fernandes



**O caminho do aprendiz
na percepção de discente e docente**



Diálogos *Transdisciplinares* **em Educação**

Diretor da série:

Herlon Alves Bezerra

Comitê Científico e Editorial:

Caroline Farias Leal Mendonça; Leandro de Proença Lopes
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – Redenção/CE, Brasil

Helder Manuel Guerra Henriques
Instituto Politécnico de Portalegre, Escola Superior de Educação e Ciências Sociais – Portalegre, Portugal

Bernadete de Lourdes Ramos Bezerra; Léo Barbosa Nepomuceno; Mariana Tavares Cavalcanti Liberato
Universidade Federal do Ceará – Fortaleza/CE, Brasil

Carlos Alberto Batista Santos; Juracy Marques
Universidade do Estado da Bahia – Brasil

Aline Lima da Silveira Lage
Instituto Nacional de Educação de Surdos – Rio de Janeiro/RJ, Brasil

Carlos César Leal Xavier; Pablo Dias Fortes
Escola Nacional de Saúde Pública/Fiocruz – Rio de Janeiro/RJ, Brasil

Ana Carmen de Souza Santana; Dilsilene Maria Ayres de Santana; Francisco Gilson Rebouças Porto Júnior
Universidade Federal do Tocantins – Palmas/TO, Brasil

Carlos Eduardo Panosso
Instituto Federal do Tocantins – Palmas/TO, Brasil

Edson Hely Silva
Universidade Federal de Pernambuco – Recife/PE, Brasil

Alexandre Franca Barreto, Eliana de Barros Monteiro, Marcelo Silva de Souza Ribeiro
Universidade Federal do Vale do São Francisco – Petrolina/PE, Brasil

Ana Patrícia Frederico Silveira, Ana Patrícia Vargas Borges, André Ricardo Dias Santos, Antônio Marcos da Conceição Uchôa, Bartolomeu Lins de Barros Júnior, Clécia Simone Gonçalves Rosa Pacheco, Cristiano Dias da Silva, Edivânia Granja da Silva Oliveira, Eduardo Barbosa Vergolino, Francisco Kelsen de Oliveira, Gabriel Kafure da Rocha, Juliano Varela de Oliveira, Márcia Farias de Oliveira Sá, Maria Alcione Gonçalves da Costa, Matheus Henrique da Fonseca Barros, Rodolfo Rodrigo Santos Feitosa, Sebastião Francisco de Almeida Filho, Tito Eugênio Santos Souza, Valter Cezar Andrade Júnior
Instituto Federal do Sertão Pernambucano – Petrolina/PE, Brasil

O caminho do aprendizado na percepção de discente e docente

Organizadoras:

Celina Maria de Souza Olivindo

Cellyneude de Souza Fernandes

Auristela do Nascimento Melo



Diagramação: Marcelo A. S. Alves

Capa: Carole Kümmecke - <https://www.behance.net/CaroleKummecke>

O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu respectivo autor.



Todos os livros publicados pela Editora Fi estão sob os direitos da [Creative Commons 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR) https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR



Associação Brasileira de Editores Científicos

<http://www.abecbrasil.org.br>

Série Diálogos Transdisciplinares em Educação — 26

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

OLIVINDO, Celina Maria de Souza; FERNANDES, Cellyneude de Souza; MELO, Auristela do Nascimento (Orgs.)

O caminho do aprendizado na percepção de discente e docente [recurso eletrônico] / Celina Maria de Souza Olivindo; Cellyneude de Souza Fernandes; Auristela do Nascimento Melo (Orgs.) -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2019.

282 p.

ISBN - 978-85-5696-593-6

Disponível em: <http://www.editorafi.org>

1. Administração; 2. Aprendizado; 3. Método; 4. Ensaio; 5. Relatos; I. Título

CDD: 371

Índices para catálogo sistemático:

1. Professores, métodos e disciplinas

371

Equipe editorial

Organização

Celina Maria de Souza Olivindo
Cellyneude de Souza Fernandes
Auristela do Nascimento Melo

Revisores

Celina Maria de Souza Olivindo
Cellyneude de Souza Fernandes
Auristela do Nascimento Melo
Darlene Silva dos Santos

Docentes

Celina Maria de Souza Olivindo
Cellyneude de Souza Fernandes
Auristela do Nascimento Melo
Darlene Silva dos Santos

Dicentes

Allan De Sousa Lima
Fabiola Cunha Almeida
Magna da Silva Vilanova Castro
Paulo Vicente da Silva Costa
Rebeca Rodrigues Aguiar
Wesley Alves Veras

Autores

Adrielle Carvalho Souza	João Gabriel Duarte Araujo
Allan de Sousa Lima	Lays Ataide Aguiar
Ana Gabriella Esmeraldo Barbosa	Luisa Alejandra Castano Trejos
Andressa Santos Ferreira	Marcos Vinicius Silva do Nascimento
Benone Da Silva de Aguiar Filho	Maria Elane Arruda de Oliveira
Bruno da Silva Araujo	Marlon Pereira Costa
Caio da Cunha Santos	Jacyra e Silva da Costa
Celina Maria de Souza Olivindo	Jacyra Ferreira Franca Rodrigues
Darlene Silva dos Santos	Matheus Moraes Bruno
Diemeison Gomes da Silva	Paulo Vicente da Silva Costa
Domingos Machado da Silva Filho	Rebeca Rodrigues Aguiar
Erick Breno Cardoso Franca	Renata Araujo da Rocha Ramos
Fabiola Cunha Almeida	Renderson Cesar Normanda Lima
Felipe Costa Brasil de Almeida	Rogerlan Moraes Ferreira
Francisca Isadora Cristina Ribeiro	Victoria Kercia Mendes da Silva
Francisco Wellington Alves Magalhaes	Wanny Maria Fiuzo do Nascimento
Giullia Anatersia do Rego da Silva	Wesley Alves Veras

Agradecimentos

Nossos sinceros agradecimentos aos alunos que se dispuseram a vencer este desafio na vida acadêmica, pessoal e profissional. Aos professores Anielson Barbosa por sua valorosa motivação e ensinamentos. A professora Cellyneude de Souza Fernandes por acreditar na educação e nesta obra e contribuir tão significativamente para que esta se torne real. A professora Auristela do Nascimento Melo pelo empenho e dedicação para mais uma empreitada em prol do próximo e da educação, a professora Darlene Silva dos Santos que não duvidou do potencial deste trabalho e junto construiu com carinho e afinho o mesmo. Aos pais e amigos de todos os envolvidos por acreditarem na educação como uma forma de garantia de dias melhores para todos e por todos.

Em especial um agradecimento a Deus, aquele que nos inspira e dar sustentação para vencermos dias ruins e aproveitarmos dias melhores.

Sumário

Prefácio	15
Cellyneude de Souza Fernandes	
1	17
Relato de experiências - Como eu aprendo? <i>Aprendizados da vida</i>	
Celina Maria de Souza Olivindo	
2	31
Relación de experiencias - ¿Yo cómo aprendo?	
Luisa Alejandra Castaño Trejos	
3	41
Relato de experiências - Como eu aprendo?	
Paulo Vicente da Silva Costa	
4	47
Relato de experiências - Como eu aprendo?	
Rebeca Rodrigues Aguiar	
5	55
Relato de experiências - Como eu aprendo?	
Marcos Vinicius Silva do Nascimento	
6	61
Relato de experiências - Como eu aprendo?	
Lays Ataíde Aguiar	
7	69
Relato de experiências - Como eu aprendo?	
Giúllia Anatórsia do Rêgo da Silva	
8	77
Relato de experiências - Como eu aprendo?	
Erick Breno Cardoso França	

9	85
Relato de experiências - Como eu aprendo?	
Marlon Pereira Costa	
10	93
Relato de experiências - Como eu aprendo?	
João Gabriel Duarte Araújo	
11	99
Relato de experiências - Como eu aprendo?	
Caio da Cunha Santos	
12.....	107
Relato de experiências - Como eu aprendo?	
Diemeison Gomes da Silva	
13.....	117
Relato de experiências - Como eu aprendo?	
Wânnny Maria Fiúza do Nascimento	
14	123
Relato de experiências - Como eu aprendo?	
Ana Gabriella Esmeraldo Barbosa	
15.....	133
Relato de experiências - Como eu aprendo?	
Andressa Santos Ferreira	
16.....	141
Relato de experiências - Como eu aprendo?	
Maria Elane Arruda de Oliveira	
17.....	149
Relato de experiências - Como eu aprendo?	
Matheus Morais Bruno	
18	155
Relato de experiências - Como eu aprendo?	
Felipe Costa Brasil de Almeida	

19.....	163
Relato de experiências - Como eu aprendo? Aprendizado e suas influências na construção do ser	
Francisca Isadora Cristina Ribeiro	
20.....	169
Relato de experiências - Como eu aprendo?	
Jacyara e Silva da Costa	
21.....	177
Relato de experiências - Como eu aprendo?	
Renderson César Normanda Lima	
22.....	183
Relato de experiência - Como eu aprendo?	
Renata Araujo da Rocha Ramos	
23.....	187
Relato de experiencias - Como eu aprendo?	
Jacyra Ferreira França Rodrigues	
24.....	193
Relato de experiências - Como eu aprendo?	
Victória Kércia Mendes da Silva	
25.....	203
Relato de experiências - Como eu aprendo?	
Francisco Welligton Alves Magalhães	
26.....	209
Relato de experiências - Como eu aprendo?	
Rogerlan Moraes Ferreira	
27.....	217
Relato de experiências - Como eu aprendo?	
Adrielle Carvalho Souza	
28.....	223
Relato de experiências - Como eu aprendo?	
Benone da Silva de Aguiar Filho	

29	229
Relatos de experiências - Como eu aprendo?	
Domingos Machado S. Filho	
30	237
Relato de experiências - Como eu aprendo?	
Wesley Alves Veras	
31.....	247
Relato de experiências - Como eu aprendo?	
Fabíola Cunha Almeida	
32	255
Relato das experiências de vida	
Bruno da S. Araujo	
33	261
Relato de experiências - Como eu aprendo?	
Allan de Sousa Lima	
34	275
Relato de experiências - Como eu aprendo?	
Magna da Silva Vilanova Castro	
35	275
Considerações e reflexões sobre o caminho do aprender	
Darlene Silva dos Santos	

Prefácio

Cellyneude de Souza Fernandes

É com muita satisfação que redijo o prefácio deste livro intitulado ‘O caminho do aprendiz na percepção de discente e docente’. Trata-se, pois, de um livro feito a muitas mãos no sentido literal da frase pois estamos falando de relatos de experiência de alunos e professora do curso de administração da Universidade Federal do Piauí, relatos esses que versam sobre a aprendizagem humana ou melhor ainda, como cada sujeito aprende respeitando assim suas particularidades.

A proposta do livro nasce quando a professora Celina Olivindo pede aos seus alunos de administração que escrevam suas experiências de aprendizagem desde a infância até a fase adulta. A pergunta norteadora é: Como eu aprendo? A priori tal atividade pode parecer elementar ou complexa o que vai determinar tal situação é a percepção de cada um. Do ponto de vista acadêmico dissertar ou descrever tais experiências é singular e merece atenção pois os sujeitos aqui envolvidos terão que buscar em suas memórias informações relevantes para a construção dessas narrativas.

O relato de experiência é um tipo de texto que visa apresentar de forma precisa uma dada experiência que de alguma forma possa agregar a área do conhecimento que está sendo construído. No caso do livro ‘O caminho do aprendiz na percepção de discente e docente’ essa experiência se torna mais rica pois foi construída a partir de várias perspectivas e com isso o espectro de aprendizagem foi potencializado.

Os relatos aqui apresentados são pessoais mas servem como base de estudos para professores e alunos que se dedicam a

compreender como o sujeito aprende. As experiências são únicas mas possuem pontos de convergência que podem e devem ser compreendidas visando uma análise mais completa do aprender numa perspectiva mais holística.

Recomendo a leitura de cada narrativa e penso que nós leitores também aprenderemos com as histórias aqui compartilhadas!

Relato de experiências - Como eu aprendo? *Aprendizados da vida*

Celina Maria de Souza Olivindo¹

Introdução

Para melhor contar essa prosa vou dividir o enredo em fases da vida. Nos últimos 42 anos de aventuras passei e ainda passo por três grandes áreas. A primeira fase é a infância, a segunda a adolescência e a terceira a busca pela maturidade. Em cada fase contarei como foi e é para mim aprender, ação essa fundamentalmente importante para minha vida pessoal e profissional. Estando eu hoje professora, como ensinar se não aprendi a aprender? Assim é necessário entendermos a importância de viver em um estado de eterno aprendizado. Lendo o livro de título Como Os Gerentes Aprendem de autoria do Professor Anielson Barbosa, me deparei com a seguinte citação de Mintzberg (1990) três papéis são fundamentais no processo de aprendizado, um é o papel interpessoal, outro é o fato de coletar e monitorar as informações e por fim o papel de decidir, roteiro simples e muito funcional. O interessante é que esses fatores fazem parte da minha vida, mas sinceramente até este exato momento não sabia que existia uma teoria para comprovar a efetividade dessas ações. O fato é que o ato de aprender é imprescindível para a vida de todos e tudo no

¹ Professora Universitária, Pesquisadora, Escritora e Palestrante. Doutoranda em Administração (UFPB), Mestra em Administração (FEAD - MG), Pós graduada em Gestão Estratégica em Recursos Humanos pela UFRRJ-RJ, Pós- Graduada em Metodologia do Ensino Superior (INTA-PI), Graduada em Administração (FASB) e Pedagogia (FLAE). Apaixonada por pessoas e temente as leis de Deus.

mundo. Até um ser e ou objeto mais inanimado no universo pode gerar aprendizado. Como diz Silva (2009, p, 62) “o pensamento complexo introduz uma nova forma de pensar” incentivando um olhar mais reflexivo e questionador sobre as coisas, locais e atitudes. Falar das minhas experiências de vida é certamente falar do processo de aprendizagem prático e teórico.

Acredito que meu processo de aprendizagem não teve como fundamento apenas um tipo de teoria, mas sim um conjunto delas. A exemplo das teorias Behaviorismo, Contingencial, teoria Comportamental de John Watson (1878-1958) que prega o aprender de forma sistematiza nas seguintes etapas: identificação do problema, questionamentos acerca dos problemas, hipóteses, escolha das hipóteses, verificação e generalização; também identifico a presença forte da teoria de Piaget (1896-1980), ele defende que o indivíduo aprende a partir da interação entre ele e o meio em que ele vive e o professor é visto como um mediador do conhecimento e com o passar dos anos minhas necessidades de aprendizado foram evoluindo, exigindo cada vez mais tanto em qualidade quanto em quantidade. Foi quando percebi que eu precisava aderir a mais formas de aprender e então comecei a utilizar mesmo sem ter consciência disso no passado um método hoje conhecido como CAV (Ciclo de Aprendizagem Vivencial), esse tipo de aprendizagem ocorre a partir do momento em que eu comecei a estudar um grupo, criando com meus colegas um grau de interação e de medição do que aprendemos naquele dado momento, essa atividade ocorria sempre que um assunto era mais difícil de entender. O termo CAV teve origem nas pesquisas do psicólogo americano David Kolb. Essas lembranças e reflexões são para que eu possa responder ao fim deste relato COMO EU APRENDO?

Como eu aprendo?

Agora estou sendo motivada a pensar em como eu aprendi e aprendo ao longo de minha vida e essa tarefa trouxe junto dois

desafios a mim. Um de lembrar como foram minhas experiências de vida desde a infância até os dias de hoje e outro de correlacionar tudo que vivi com o aprendizado que me construiu e constrói a cada instante. Como falei acima, vou dividir essa saga em 3 episódios. E como não quero que o enredo que aqui será contado perca o sabor, vamos dividir em pequenos trechos de histórias sobre mim. Prometo que será uma leitura leve, rápida e inspiradora para novos capítulos desta saga. O relato foi dividido em três fases pertencentes a todos nós. Fase um: a infância, aquela que digo que todas as verdades são incertas, a segunda é a adolescência onde tudo parece que é o fim e que o mundo gira em torno do nosso umbigo e a terceira fase que eu denomino de eterna enquanto dura, ou seja, a busca pela maturidade é eterna e morremos a procura dela. Então vamos a roteiro da minha vida e seus integrantes. Neste conto o foco é como eu aprendo, logo, minha saga se passará por vários momentos e questões além do universo escolar. E para responder à pergunta chave posso dizer com certeza que eu aprendo fazendo o que conheço em teoria.

Infância do aprender- Verdades incertas

Por que verdades incertas? As verdades de uma criança se não alicerçada com o processo de aprender o que é certo e ou errado serão sempre verdade incertas. Vejo o aprendizado como vejo o tempo, sobre eles não tenho como, controlar, dominar, mas sei que posso me adaptar e me preparar para absorver o melhor que ambos podem me oferecer. Quando criança quis muito em alguns momentos parar o tempo e naquela lacuna viver dentro dele eternamente, quanta inocência, nem imaginava como era importante deixar o tempo correr o curso dele naturalmente e viver cada momento não intensamente mas sabiamente, eu e nem ninguém pode fazer nada para controlar o tempo e é assim que vejo o processo de aprender como um rio de águas que não pode ser parado mas, com uma diferença enquanto o tempo é um

senhor livre e que não ouve ninguém cabendo a mim apenas a adaptação para melhor viver com ele, o aprender me dar condições de melhor aproveitar e agregar cada vez mais a mim e as minhas experiências. Aprender é uma questão de escolha o tempo não.

Quando criança percebi que a melhor maneira que existe para eu aprender era o método de fazer para aprender, e só depois de muita prática eu me centrava nas questões teóricas do que eu estava fazendo, isso antes, hoje é diferente, busco conhecer o processo teórico para depois praticar, todavia, continuo aprendendo muito mais com a prática, para mim teoria sem pratica não gera aprendizado. Atualmente autores falam sobre esse processo de aprender na prática, para mim sempre foi, é e será assim. O aprendizado é prática e para melhor acontecer precisamos ter o conhecimento teórico das coisas. A ação e experimentação de Maria Montessori e a ação da “Educação pelo Trabalho” de Freinet estão de acordo com a metodologia que utiliza o jogo como mecânica para aprender. Lembro que para eu aprender a nadar, subir em árvores, pescar, tocar tambor, rezar, obedecer os mais velhos, pilotar uma canoa, tirar o peixe do cercado dentre outras atividades foi através da observação rápida e de muita prática e quando eu já estava dando os primeiros passos minha vó sábia chegava a mim e dizia o que eu deveria melhorar para alcançar melhores resultados. Teve um dia que eu quis por tudo comer um coco e não tinha ninguém naquele momento para tirar para mim e subir no pé de coco, então eu pensei se sei subir em árvores com galhos posso subir nesta árvore também, neste dia aprendi a considerar as diferenças existentes em cada ser existente no mundo. Assim eu fiz e me agarrei no coqueiro com pés e mãos e de braço a braço fui subindo, subindo, subindo ... sem olhar para baixo nem para cima só foquei o coco, até aí tudo parecia bem, na minha mente tudo estava dominado, o problema foi quando cheguei ao topo do coqueiro pois eu estava tão feliz por ter aprendido a subir além de ter o coco em minhas mãos que esqueci de pensar na volta e o pior, logo que arranquei o coco eu provoquei

um ninho de Sasará (formiga de fogo) e aí meu mundo literalmente caiu e quando olhei para baixo vi um precipício diante de mim e com a motivação das sasarás me atacando não tive escolha, pulei, e como o ditado diz para baixo todo santo ajuda, pois neste dia fui salva por um santo anjo, pois pulei do alto do coqueiro com meu coco no mão e tomada de sasará por todo corpo, mas sobretudo, feliz por ter tirado meu coco. Neste dia aprendi duas coisas: subir no coqueiro e nunca deixar de ter um plano de contingência para possíveis imprevistos. Deste momento em diante na minha vida tudo que eu vou fazer sempre penso no pior que pode me acontecer, e me pergunto - vou fazer mesmo assim?

Posso dizer que foi na minha infância que construí a base para meu processo de aprendizado contínuo. Sou de uma época que não existia pelo menos para mim tantas teorias para o ensino e aprendizado, mesmo assim todos aprendiam. Comigo foi bem simples, este é o assunto da semana, aprenda e prove que aprendeu nos exames de sala. Existia algumas políticas de motivação para se aprender mais rápido se usava o estímulo da palmatória ou fazia-se uso muito da conjunção SE. Quem nunca ouviu a célebre frase dos pais, menina SE você não ... Lembro-me muito bem um dia que minha mãe me deu a responsabilidade de levar minha irmã para a escola e no caminho existia uma praça que estava em reforma e nela existia um escorregador feito de cimento, já estão imaginando o que vai dar né, então pense na inteligência da menina, peguei minha irmã entramos na praça mesmo não podendo e começamos a escorregar até aí tudo bem, até chegar um bendito coleguinha e empurrar minha irmã escorregador a baixo, como foi com um pouco mais de força que o necessário minha irmã bateu a cabeça gerando então um ferimento, logo que vi o sangue me desesperei, comecei a chorar muito e em questão de segundos minha mente processou o fato ocorrido e consegui raciocinar o que deveria ser feito e a levei até a mãe mesmo sabendo de todas as possibilidades de um belo castigo.

Eu atribuo essa resolução mais imediata ao fato do pé de coco, mesmo sem uma consciência que poderia acontecer um acidente, minha mente havia ligado o botão de reflexão.

Eu não tive pais que conversavam os porquês das coisas, tive mãe que fazia e esperava que eu aprendesse olhando ela, minha educação foi baseada no exemplo, na prática das coisas, aprendi o valor das pessoas com 5 anos, quando passei por uma crise renal e minha família não tinha condições de me tratar em hospitais particulares. Foi quando ouvi minha mãe dizer que um cliente do bar dela tinha se solidarizado com a situação e iria me internar para o tratamento, além de um outro cliente já para lá de Bagdá iria me doar sangue para eu viver, e assim foi feito com a proteção divina, não me embriaguei com o sangue e depois de alguns longos dias no hospital em Parnaíba sem apresentar melhoras conseguiram me transferir para Fortaleza, uma cidade com melhores recursos onde fiquei sob os cuidados de minha tia por 6 eternos meses internada em tratamento. Neste momento de minha vida eu aprendi que não somos nada sem saúde e que até o mais pobre de todos os podres tem algo para lhe oferecer.

A melhor lição que tiro das lembranças das minhas experiências de aprendizado na infância é que nunca, mas nunca mesmo você pode deixar na responsabilidade de uma criança as escolhas da vida dela, naquele momento ela não sabe os porquês nem as consequências. O melhor é um diálogo aberto onde essa criança possa sentir-se segurança para tudo, e que seus entes queridos sejam para ela o verdadeiro porto seguro. É bom lembrar enquanto adulto responsáveis por crianças que para crescermos fortes, determinadas, sábias e aprendentes é necessário um ambiente propício para tudo isso. Tratar uma criança como um ser incapaz de aprender o certo e errado e de discernir o que está lhe fazendo o bem e o mal é esperar demais na sorte que tudo ocorrerá bem. Na infância o plantio é de sementes do aprender e esse processo deve ser harmonioso, familiar, humano. Tudo que vivi e aprendi na minha infância ecoa dentro de mim sempre. Meu

aprendizado foi baseado nos fatores sociais, culturais, biográficos, históricos, estruturais e emocionais (Silva, 2009). É importante integrar a família no contexto do aprendizado isso promoverá um resultado muito mais sólido e efetivo.

Adolescência do aprender – O foco no eu.

Quero relatar neste trecho questões que dificultaram meu aprendizado, enquanto que na infância eu fui uma esponja absorvendo tudo que vinha pela frente com uma vontade insaciável para aprender tudo sobre tudo, na adolescência essa vontade diminui, não sei dizer ao certo os porquês, mas lembro muito bem como foi difícil essa transição do ensino fundamental para o médio. Sair da minha zona de conforto onde eu vivia o ano todo com a mesma professora e cair em um cenário que de hora em hora mudavam os professores e disciplinas. Percebi que não havia tempo para criar laços, e essa falta de proximidade com os professores dificultava meu aprender, foi ai que percebi que para eu aprender melhor meu “santo” tinha que bater com o do professor, olha que situação, coitados nem sabiam que existia uma situação como essa esperando por eles na sala, todavia também percebi que para muitos deles pouco importava a situação de cada aluno. O assunto era disponibilizado as provas marcadas e cada um por si, e Deus por todos, neste caso específico São José o santo padroeiro da escolha e conseqüentemente a pessoa mais próxima de mim para ajudar-me a aprender. Digo que a adolescência tem o foco muito individualista porque cansei de ver meus colegas cobrando dos professores que ensinassem com métodos que fizessem eles aprenderem mesmo que isso custasse não atender os demais e neste momento aprendi a segunda lição mais importante da minha vida, o mundo não gira por conta da minha existência mas sim sobre a existência de todos nós e os direitos devem ser iguais para todos, só que aprendi também que quem não fala não é ouvido e como eu fui ensinada dentro de casa que as perguntas e

para dentro de casa nunca perguntava nada em sala e assim minhas dúvidas sempre eram perpetuadas dentro de mim, até que um dia eu sai no meio da aula e fui conversar com meu amigo São José que ficava fixado na janela de frente para rua muito movimentada, sentei-me na janela e comecei a fazer mil e uma reclamações deixando-me a vítima da situação e pense por incrível que pareça São José não falou uma só palavra e isso me deixava cada vez mais zangada com ele e com a situação, então ouço um voz longe fica ando cada vez mais perto dizendo, desce daí menina você vai se machucar e São José não pode lhe ajudar, aqui ouvi o que eu precisava e agradei muito o santo que não tinha a permissão para falar comigo mas mandou um recado pela diretora da escola. Moral da história se eu não falar o que preciso para aprender ninguém poderá me ajudar. Dúvidas foram feitas para ser tiradas e não posso ter vergonha de fazer perguntas, mas isso me custa muito meu jeito de ser depois dessa conversa mudou muito, comecei a ser muito proativa em tudo que me propunha a fazer e geralmente essa atitude é visto como “olha ela só quer ser aparecer”. Aprendi que não posso dar importância ao que os outros dizem sobre mim, salvo se for verdade, mas que também é importante eu lembrar que o mundo me ver como eu me apresento a ele e é minha responsabilidade a imagem que tenho e o quanto eu aprendo todo dia. Não tenho mais o foco só em mim, isso passou a ser consequências de minha ações, sou uma caçadora de experiências e vivo todas com um sentimento de presente divino, não sei ao certo quando não mais poderei aprender e ou ensinar para aprender então levo minha vida não com o acaso ao meu lado e ou como o Zeca diz “deixo a vida me levar”, eu escolhi levar a vida dentro de uma consciência reflexiva e compartilhada, com valores e a certeza que eu aprendo mais quando eu ensino mais. Lembro-me que isso começou quando no ensino fundamental para médio eu tive problemas com a matemática e naquela época não havia internet, professores online, repetidores e ou reforço, só existia eu, o professor e o livro e essa parceria não

estava dando resultados foi quando no meio da aula olhei para o professor que ainda hoje lembro o nome dele o Sr. Nonatinho, baixinho e zangadinho e tive uma ideia de perguntar para o professor como ele fazia para ensinar, todo dia, matemática? Ele me respondeu “ora mas menina, fazendo” e assim como os meus heróis da época os irmãos He-Man & She-Ra me senti com super poderes da matemática e sem pensar convidei os amigos com dificuldade na bendita matemática a irem para minha casa para eu ensiná-los. Me senti como o He-Man e o gato guerreiro antes da transformação com medo, faltou reflexão na ação, refleti depois que o convite já estava feito e aceito. E agora como vou sair dessa? Não teve jeito cheguei em casa não almocei, fui direto para a mesa aprender aquilo que não aprendi em sala com o professor, sozinha nos livros. Quando meus colegas chegaram que comecei a dar as explicações percebi o porque eu não aprendia em sala, a culpa era só minha o professor tentava todo dia me passar o conhecimento eu não permitia, com minhas conversas paralelas e com minha vontade de brincar e zoar os amigos mais que aprender a matemática. Aqui aprendi que aprendo melhor compartilhando e que a porta da ajuda só se abre pelo lado de dentro de cada um, e a parti desse dia nunca mais parei.

Maturidade do aprender – A busca eterna

Tem uma frase que carrego comigo sempre ao longo desses anos de aprendizado, certa vez ao ouvir de uma amiga que “só podemos dar aquilo que temos” desde então minhas reflexões a cerca desta frase me acompanha sempre que entro em um debate, conversa, diálogo. Logo que sai do ensino médio e entrei no mercado de trabalho me senti a pessoa mais realizada que existia, meus conhecimentos eram limitados dentro do contexto familiar que eu tinha e para eles eu havia chegado aos 17 anos ao topo da educação, ora eu havia simplesmente terminado meu ensino médio e nada mais, entretanto para o contexto social, cultural e familiar

da época eu estava formada e com esse sentimento fui a luta pelo emprego. Pois era assim o rito: estuda, termina o ensino médio, procura emprego e ajuda a família e seu maior sucesso era conseguir ficar no mesmo emprego até o aposento chegar. E assim eu fiz com 18 anos já estava no emprego de carteira assinada fazendo de tudo e mais um pouco para lá ficar até aposentar ou morrer o que chegasse primeiro. Com um pouco mais de dois anos na empresa fui surpreendida com minha demissão, com a seguinte explicação “prezada senhora seus serviços não estão mais adequados para minha empresa, neste momento buscamos um profissional que tenha ensino superior preferencialmente formado em administração”. Busquei fazer minha defesa, dizendo “prezado senhor como eu poderia ter uma formação superior se entro as 5:00hs da manhã, saio as 22:00hs todos os dias exceto domingo e feriados”. A empresa respondeu “a escolha foi sua”. O aprendizado foi doloroso me custou algumas lágrimas, marcas profundas e um imenso sentimento de ser descartável, mas fui à luta, um mês depois me escrevi em 3 vestibulares para administração, passei, cursei e hoje sou com muito orgulho uma administradora.

Compreendo que a busca pelo aprender é eterna e contínua por acreditar que todos os dias temos coisas velhas e novas para aprender. Termos um objetivo ajuda muito no processo de aprendizagem, gera maior significado e melhoria nos resultados. Não consigo aprender se esse processo não estiver entrelaçado com sentimentos reais, objetivos claros, resultados coletivos e valorização grupal. Sou uma aprendiz de ação, movida por sentimentos e valores. Eu tinha a sensação que as experiências dolorosas ensinam mais, entretanto, percebi que o aprendizado harmonioso, feliz e amoroso fica fixo na mente por muito mais tempo. O aprendizado associado a dor é esquecido assim que não mais for necessário para a sobrevivência do indivíduo. A maturidade do aprender se dá todo dia, com novas experiências e conhecimentos. Nem tudo que aparentemente é ruim é de fato ruim, como foi o caso da minha demissão que na verdade foi a

minha libertação daqueles parâmetros que me aprisionavam em uma vida limitada de possibilidades e me jogou para um mundo de infinitas probabilidades onde o limite estava em mim e naquilo que eu seria capaz ou não de aprender. O aprendizado liberta o ser humano para seu crescimento e desenvolvimento tanto pessoal quanto profissional. Não aprisionar os sentimentos assim como não limitar nossa capacidade de aprender nos leva a mundos desconhecidos de nós mesmos. A capacidade de aprender é eterna e como ela a vida se torna eterna. Nada é certo ou incerto tudo é aprendizado, seus olhos veem através do processo reflexivo que se vive.

Reflexões finais

Apreendi na infância o quanto é importante sabermos nos adaptar às intempéries da vida. Quando relatei meu aprendizado em construir casas foi pelo fato de que sempre quando o rio enchia tínhamos que construir uma nova casa onde ele não pudesse chegar, as casas eram feitas de galhos, palha de carnaúba e barro batido e quando o rio baixava depois das chuvas fazíamos o caminho inverso, levávamos a casa novamente para perto do rio. Era o rio que ditava onde minha vó iria morar naquele verão. Buscávamos estar perto do rio, norteados pelo aprendizado de que nossa sobrevivência vinha dele. A aprendizagem começa no início da vida, muito antes de entrarmos para a escola. No primeiro momento de minha infância, aprendi me relacionando com o mundo e com as pessoas ao seu redor. Reconheci nos estudos sobre aprendizagem que este momento se encontra no discurso de Piaget quando fala da importância da inteligência e da adaptação para o desenvolvimento do indivíduo, e ainda com Costa (1997) reforçando a ideia de que a ação humana visa sempre a uma melhor adaptação ao meio. A forma que aprendemos está ligada diretamente a forma de nos adaptamos as situações ao longo da vida.

Adaptar-se é tão importante quanto falar, em ambas as situações o indivíduo é o foco da aprendizagem. Não se pode aprender aquilo que não se quer, e para querer tenho que ter aptidão e ou gostar daquilo que estou me propondo a aprender. Allio (2005) diz que existe escolas que acreditam que possam ensinar liderança através de programas de líderes, como se esse processo fosse algo metódico e mecânico. O aprender começa no querer individual, é algo de dentro para fora e não gera melhores resultados se for algo imposto. Ele diz ainda que “programas de liderança formais podem nos desafiar ou reforçar a nossa autoestima, mas eles não produzem de forma confiável mudança a longo prazo na nossa psique ou nossa conduta” (ALLIO, 2005). Existem várias formas de aprender e é importante se reconhecer neste processo para assim potencializá-lo. Eu aprendo ensinado e sei que a porta da ajuda só se abre pelo lado de dentro e o aprendizado também é um processo de dentro para fora.

Acredito no poder do aprender, no valor que ele tem e na liberdade que ele gera. A vida é uma sucessão de etapas reflexivas e complexas em busca de respostas e conhecimento significativo. Aprender assim com a vida em sociedade, é um conjunto de ações compartilhadas com outros onde a equação de somar e incluir é tão importante quanto a própria aprendizagem. Citado por Merrian (2014), Jarvis (1987) escreve, que raramente o aprendizado ocorre em situação de “isolamento esplêndido do mundo no qual o aprendiz vive” o aprender está diretamente ligado ao mundo em sua volta e aos momentos de reflexão, seja em ação ou não. Friedman (2011), nos lembra que a vida dos aprendizes atualmente é hiperconectada, logo a reflexão vem a ser uma ação importantíssima.

Em uma sociedade que a educação se tornou uma mercadoria é importante discutirmos o quão isso não pode ganhar fortalecimento. Merrian (2014) corrobora com esse pensamento quando diz “a economia do conhecimento” como é mais frequentemente rotulada, substituiu a sociedade industrial e tem

grandes implicações para sistemas de aprendizagem e educação em todo o mundo e ao longo da vida”. Mesmo com todas as diferenças em cada fase do aprender o interesse que move o indivíduo sempre existirá e quando não mais existir esse também perderá a vontade de aprender, logo é importante que a capacidade intelectual e social de cada indivíduo seja também vista como prioridade no processo de aprendizagem. Zins (2006) diz que “a aprendizagem social e emocional (SEL) é a capacidade de reconhecer e gerir as emoções” são fundamentais para manutenção do processo de aprendizagem garantindo assim uma qualidade de vida para os aprendizes.

Referencias

ALLIO, R. J. Leadership development: teaching versus learning. *Management Decision*, Vol. 43 No. 7/8, p. 1071-1077, 2005.

GONÇALVES, M. Como transformar vivências em aprendizados? Disponível em: <<http://www.administradores.com.br/noticias/carreira/como-transformar-vivencias-em-aprendizados/46833/?desktop=true>>. Acesso em: 09 de set de 2018 Set.

MERRIAM, S.B. BIEREMA, L. L. *Adult Learning: Linking Theory and Practice*. San Francisco: Jossey-Bass, 2014, p. 1-41.

SILVA, A.B. *Como os Gerentes Aprendem*. São Paulo: Saraiva, 2009

TERRA, Márcia Regina. O desenvolvimento Humano na Teoria de Jean Piaget. Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Disponível em: <http://www.unicamp.br/iel/site/alunos/publicacoes/textos/doooo5.htm> acessado em 09 de set de 2018.

ZINS, J.E., ELIAS, M.J. 2006. Social and emotional learning. In G.G. Bear & K.M. Minke (Eds.), “Children’s needs III: Development, prevention, and intervention” (pp. 1-13) Bethesda, MD: National Association of School Psychologists.

Relación de experiencias – ¿Yo cómo aprendo?

Luisa Alejandra Castaño Trejos¹

Introducción

Cada persona nace con rasgos característicos que la distinguen de los demás individuos, de la misma manera, cada persona cuenta con personalidades y capacidades distintas, una de ellas es la manera de aprender. Las personas piensan, aprenden, sienten y se comportan de manera diferente. Desde el comienzo de nuestras vidas aprendemos cosas, como caminar, escribir, jugar, aprendemos direcciones, nombres o números telefónicos; pero cada uno de nosotros usa códigos o formas que nos hagan aprender y memorizar más fácilmente. Según Castro y Guzmán de Castro (2005), en el transcurso de la vida escolar se descubren algunas de las preferencias que tienen los sujetos al estudiar. Éstas pueden haber cambiado a medida que la vida transcurre y en interacción con el medio escolar, se producen versiones distintas y posibilidades de agruparse, de ser efectivos e incluso eficientes (p.85).

Los estilos de aprendizaje se refieren al hecho de que cuando una persona quiere aprender algo, aplica su propio método o

¹Nacida en la Región del Eje Cafetero, Pereira – Risaralda – Colombia, el día 18 de octubre de 1995. Estudiante del programa de Administración de Empresas en la Universidad Católica de Pereira, cursando el noveno y último semestre de la carrera. Dominio avanzado del idioma español, intermedio inglés y básico portugués. Integrante de los organizadores del congreso anual de Administración de Empresas en la Universidad. Experiencia en intercambio en la Universidad de Monterrey en México y en la Universidad Federal de Piauí en Brasil. Experiencia como asesora en ventas, cajera y funciones administrativas. Competente, que no se da por rendida hasta terminar lo iniciado, siempre encontrando soluciones a los problemas.

estrategia, las cuales van a variar de acuerdo al conocimiento que queremos o debemos aprender. Varios autores hablan a cerca de dichos estilos de aprendizaje dando diferentes conceptos sobre cada uno de ellos. David Kolb (1984), al examinar las fortalezas y debilidades que los estudiantes tienen para aprender, señala que existen cuatro estilos de aprendizaje: *convergente*, *divergente*, *asimilador* y *acomodador*. El *convergente*, es aquel que busca la aplicación práctica de las ideas, sus conocimientos están organizados y puede resolver problemas específicos mediante razonamiento hipotético-deductivo; el *divergente* posee un alto potencial imaginativo y flexible, tiende a considerar las situaciones concretas desde muchas perspectivas; el *asimilador* tiene la facultad de crear modelos técnicos, se interesa más por los conceptos abstractos que por las personas, menos aún por la aplicación práctica y el *acomodador* es aquel que tiene preferencia por hacer cosas, proyectos o experimentos, se adapta e involucra fácilmente a situaciones nuevas, es el más arriesgado de los cuatro estilos (citado por Castro y Guzmán de Castro, 2005, pp.87-88).

En este escrito estarán plasmadas diversas experiencias que en últimas, son los resultados del estilo de aprendizaje que aplico, pasando por diferentes etapas de mi vida, desde mi niñez, hasta el proceso de madurez que llevo a cabo con el pasar del tiempo y de la vivencia de nuevas experiencias, las cuales van transformando el contexto en el que me encuentro. Así como lo cité anteriormente, aquí se reflejará el estilo con el que yo aprendo según mis experiencias, pero también hablaré un poco acerca de los resultados de un test que realicé para constatar la realidad.

¿Yo cómo aprendo?

Según un test de los cuatro estilos de aprendizaje que realicé en Psicoactiva (2013), arrojó un resultado que coincide mucho con mi forma de aprender y los resultados fueron los siguientes: En primer lugar, se encuentra el *acomodador* con un 40%. ya que soy una

persona que me desempeño mejor en la experiencia concreta (EC) y la experimentación activa (EA). Mi punto más fuerte reside en hacer cosas e involucrarme en experiencias nuevas. Suelo ser muy arriesgada, porque no me gusta quedarme con las ganas de saber qué hubiera pasado. Cuento con la capacidad de adaptarme a circunstancias inmediatas específicas. Soy pragmática, en el sentido de descartar una teoría sobre lo que hay que hacer, si esta no se aviene con los hechos. Las características principales es ser: intuitiva, observadora, imaginativa, dramática y emocional. En segundo lugar, con un 25% se encuentra el *asimilador*. En el cual predomina la conceptualización abstracta (CA) y la observación reflexiva (OR). Su punto más fuerte lo tiene en la capacidad de crear modelos teóricos, se caracteriza por un razonamiento inductivo y poder juntar observaciones dispares en una explicación integral, se interesa menos por las personas que por los conceptos abstractos, y dentro de éstos prefiere lo teórico a la aplicación práctica. Es reflexivo, analítico, organizado, estudioso, lógico, racional y secuencial.

En tercer lugar, el *divergente con un 20%*. Donde se desempeña mejor en cosas concretas (EC) y la observación reflexiva (OR). Su punto más fuerte es la capacidad imaginativa, se destaca porque tiende a considerar situaciones concretas desde muchas perspectivas, se caracteriza por ser: kinestésico, experimental, flexible, creativo, e informal. Y por último el *convergente* con el menor porcentaje de todo el test, un 15%. Su punto más fuerte reside en la aplicación práctica de las ideas. Se desempeña mejor en las pruebas que requieren una sola respuesta o solución concreta para una pregunta o problema. Organiza sus conocimientos de manera que se pueda concretar en resolver problemas usando razonamiento hipotético deductivo. tienden a tener menos intereses por la materia física y se orientan a la especialización científica y es práctico, se involucra en experiencias nuevas, entra fácilmente en materia, hábil para captar. va a la solución de problemas y es eficiente en la aplicación de la teoría.

¿Cómo aprendía en mi infancia?

En realidad, siempre me ha gustado estudiar y aprender cosas nuevas, inquietarme por todo lo que está a mi alrededor y saber qué es. Muchas anécdotas de mi vida con respecto a este tema, pero entonces solo traeré aquí, las más representativas. Recuerdo cuando era niña, tenía más o menos 7 añitos, siempre interesada en aprender cosas nuevas. Tengo una hermana que prácticamente es de mi misma edad, entonces con ella iba a la casa de dos amiguitas que vivían cerca de nuestra casa y ellas si eran un poco mayores, la verdad yo era encantada aprendiendo, recuerdo que cuando iba a la casa de ella, nos poníamos a jugar a “la escolita” entonces hacíamos de cuenta que nosotras éramos las alumnas y la mayor de ellas, la profesora, siempre le pedía a ella que nos pusiera a practicar lo que en ese momento me estaban enseñando en la escuela, así transcurrieron los años de mi niñez, llenos de recuerdos bonitos y aprendizajes, siempre cuestionando a mis papás por qué tenían ciertos comportamientos. En la casa me acostumbraban diariamente a aprender por medio de ejemplos, y siempre quería hacer lo que los demás hacían, si mi abuela regaba las plantas, yo también, si mi papá cogía café yo también, si mi mamá estaba en la cocina yo también. Considero ahora que es como ese deseo que tenía de aprender qué era el mundo y lo que me estaba rodeando, en mi niñez aprendí muchas cosas que no olvido y que las aprendí practicándolas, como el valor del amor, de ser educada, decente y siempre tratar con respeto a las demás personas. Pero entonces, voy creciendo y me voy encontrando con que el contexto en el que me encuentro se va transformando y ahora la pregunta que surge es:

¿Cómo aprendía en mi adolescencia?

Ahora llega una nueva etapa en mi vida, donde seguramente me encontraba con más hambre de conocer más el espacio en el

que me encontraba. Era el deseo de vivir nuevas cosas, de experimentar sin quedarme con las ganas de saber que era hacerlo y a pesar de que en mi adolescencia tuve una época de soledad, donde era una persona muy amargada, encerrada en sí misma, no dejaba de ser la misma niña que siempre quería practicar todo lo que veía y es así como una de las etapas que marcó totalmente mi vida fue la del deporte. Cuando tenía 14 años, me encontraba viviendo en Ecuador, comencé a practicar el patinaje de velocidad, deporte en el cual mi país (Colombia), es la potencia más grande. Cuando empecé a practicar este deporte me di cuenta que nada era imposible, simplemente se aprende llevándolo a la práctica constante, me caí muchas veces, inclusive después de muchos años de practicarlo me seguía cayendo, pero aquí lo importante era levantarme y seguir, tuve muchos bajones, mi rodilla se dañó, tuve que someterme a una cirugía, cuando me recuperé seguí practicando porque simplemente quería superarme, quería ser mejor, todos los días aprendía cosas nuevas aun cuando hacía lo mismo, pero considero que la práctica hace al maestro. Aprendí muchas cosas entre ellas la disciplina, la responsabilidad y el compromiso, un deportista debe ser bueno en todo lo que hace, por lo menos intentarlo, ser bueno en los estudios, en su casa, en sus entrenamientos en sus competencias y por supuesto como persona.

En esta etapa del patinaje también aprendí cosas como a enamorarme y sufrí por dicha causa, pero es bonito saber que los momentos tristes siempre pasan y que todo deja una enseñanza, soy una persona que aprende mucho haciendo y esa era la forma en como necesitaba aprender que el amor a veces duele, practicándolo y una de las enseñanzas más fuertes en esta etapa, era cuando tenía 16 años, no sé por qué razón empecé a tener comportamientos muy extraños, era una joven que tenía todas las comodidades, tenía una hermosa familia, tenía estudio y todo lo que necesitaba, en resumidas cuentas, lo tenía todo, pero no valoraba lo que tenía, hasta tal punto que hablé con mis padres que

no quería vivir con ellos, obviamente ellos se pusieron muy tristes, pero entonces lo que hicieron fue enviarme a un retiro espiritual (algo que no quería), más entonces solo fue cuestión de 4 días para transformar mi pensamiento, y ¿quién lo hizo? **Dios**, Él me enseñó que era lo que tenía, como debía de valorarlo y lo aprendí, viviendo dinámicas y abriendo mi corazón, sintiendo dolor por tantas cosas que había hecho, pero he ahí, que llega Dios a llenarme la vida, porque no solamente me enseñó valorar a mi familia, me enseñó a ser una joven llena de alegría, de paz y de amor y me llenó la vida de felicidad con su presencia. Antes de conocerlo fue la época más dura de mi adolescencia, pero después de conocer su inmenso amor y aprender tantas cosas que me enseñó durante años fue la más bonita sin lugar a duda. Pero esto no termina aquí, yo voy creciendo y me voy encontrando con nuevos retos en mi vida, entonces va llegando una época de madurez.

¿Cómo aprendo durante mi época de madurez?

Terminó mi época del colegio, yo comienzo a madurar y es aquí donde van llegando las experiencias que más van aportando a la persona que soy actualmente. Conocer a Dios fue tan lindo, que me comencé a enamorar mucho de Él, sintiendo así el deseo de ser monja de claustro, tenía 18 años cuando entré en el convento las carmelitas a vivir mi experiencia de 3 meses para saber si era realmente lo que yo quería, pero cuán diferente es imaginar las cosas a vivirlas, les cuento que solamente duré 10 días en el convento y muchos se ríen de esto, sé que ustedes también lo harán, pero lo importante acá es que aprendí tantas cosas con esta experiencia, las cuales fueron dando un lineamento a mi vida, entonces comencé a estudiar inglés, pero ya iba ser tiempo de ingresar a la universidad y ni siquiera sabía lo que iba a estudiar, siempre tuve un sueño de ser piloto comercial, pero no me atrevía a hacerlo, porque llegué en un punto a ser tan fanática de Dios que dejé de soñar, creyendo que para Él estaba mal visto. Siempre me

habían gustado los números, así que fui a la universidad a preguntar por carreras relacionadas con números y me llamó la atención administración de empresas y aquí estoy en mi último semestre ya.

Comencé a estudiar con mucha dedicación y me empezó a gustar mucho, cuando estaba en tercer semestre en el 2015-2 me sucedió algo que me llevó a recapacitar y a cuestionarme por qué no hacía lo que me apasionaba tanta, que era ser piloto, entonces me di cuenta que la vida es una y que nacimos para hacer lo que nos apasiona, lo que nos llena de felicidad y vida, que el tiempo corre y no se regresa y que las oportunidades después de que se van tampoco vuelven. Ha sido la espera más larga, porque estoy esperando terminar mi carrera de administración para comenzar a estudiar la de piloto comercial, han sido 3 años de espera y quizás me toque esperar un poco más, pero 3 años tan productivos donde he ido aprendiendo tanto de todo lo que me sucede en el diario vivir, estudiar esta carrera me ha abierto las puertas en muchos lugares y me ha brindado oportunidades que sé que otro lugar no hubiera tenido. En 2017-2 estuve realizando un intercambio en la Universidad de Monterrey en México, una experiencia que me enseñó tanto, sinceramente fueron los 6 meses más duros de mi vida, me pasaron cosas que me golpearon muy fuerte pero que así mismo me hicieron reaccionar y ser más fuerte como mujer, aprendí que hay que ser bueno pero todo tiene su límite, a veces las personas aprovechan de la nobleza, aprendí a resolver mis problemas yo misma sin tener la necesidad de preocupar a nadie a ser más independiente y aún más responsable, porque ya no vivía con mi familia, ya era yo quien me debía encargar de mis cosas porque nadie lo iba a hacer por mí.

Cuando estaba pasando por aquellas situaciones tan difíciles decía que no volvería a vivir otro intercambio y mírenme, aquí estoy, ahora en Brasil, en la Universidade Federal do Piauí, aprendiendo cosas nuevas, conociendo gente linda y maravillosa y viviendo cosas totalmente distintas al otro intercambio, ahora con

un pensamiento mucho más maduro, pero ¿por qué todo esto? resulta que el ser humano no sabe lo que tiene hasta que lo pierde, cuando llegué a Colombia me dolía mucho haber desperdiciado tantos momentos en México, que aprendí que se vive el momento al 100% disfrutando todo porque nada vuelve, y por esa razón decidí postularme a otro intercambio, donde tuve la oportunidad de ganarme una beca, mis papás siempre me enseñaron que cada esfuerzo tiene su recompensa y aquí está, todas mis noches de traspasar y tantas cosas, me ayudaron a tener un buen promedio para estar aquí. La vida es muy linda y deja las mejores enseñanzas con las experiencias, ahora soy más responsable conmigo misma, porque por el descuido de los problemas en los que mantenía en México, tuve una alimentación muy mala y a causa de eso me dio una enfermedad, ahora soy diabética, pero soy feliz, al principio fue muy duro, pero hay que entender que toda causa tiene su efecto y que a pesar de todo hay que aprender a vivir con lo que se tiene, esto me tocó y las cosas se ven de forma positiva, ser diabética me enseñó a llevar un control en mi alimentación, en mi ejercicio, en mi descanso y en todo y también a cuidar de los demás.

Reflexiones finales

A veces el estilo de aprendizaje cambia, pero en mi caso hasta el momento no ha sucedido, considero que aprendo igual ahora que cuando era niña, me gusta experimentar, llevar a la práctica todo, lanzarme a nuevos riesgos, me encanta viajar, conocer nuevos lugares, culturas, personas, comidas y pensamientos. Es muy duro estar lejos de la familia y del país de donde uno es, pero son experiencias tan satisfactorias que nos las tendría en este momento si me hubiera quedado en la comodidad de mi casa. Vivir la vida al máximo vale la pena, ya se me terminaron los semestres para hacer intercambio, pero viene algo

mejor, y voy con tantas ganas de viajar a muchos lugares, de conocer y de aprender haciendo todos los días.

Considero el aprender, como uno de los placeres de la vida, porque es como el ser humano se va transformando y comienza a comprender su entorno; nos brinda la capacidad de abrir la mente y ser más imaginativos. Aprender, nos convierte en personas con experiencia, personas que sienten ganas de repetir lo que les hizo bien y no volver a ejecutar en lo que un día erraron, aprender nos permite aumentar nuestra sabiduría y enseñar a las demás personas lo que nos fue enseñado; no sirve de nada tener teorías que nunca han sido aplicadas o experimentadas, más vale vivir los momentos y sacar un aprendizaje de cada uno de ellos.

Referencias

Castro, S. & Guzmán de Castro, B. (2005). **Los estilos de aprendizaje en la enseñanza y el aprendizaje: Una propuesta para su implementación.** *Revista de Investigación*, (58), 83-102. Recuperado de: <http://www.redalyc.org/pdf/3761/376140372005.pdf>

Psicoactiva. (2013). **Resultados del test de estilos de aprendizaje de Kolb.** Recuperado de: <https://www.psicoactiva.com/tests/kolb/test-kolb-resultado.php#acomodador>

Relato de experiências - Como eu aprendo?

Paulo Vicente da Silva Costa¹

Como eu aprendo?

Introdução

A princípio refletir sobre a aprendizagem, durante a vida e até o atual momento é um processo que causa um sentimento bem nostálgico, esse processo é um tanto complicado. Quando se trata de analisar as maneiras como aprendemos, precisei de um norte por onde começar, e comecei a entender como os estilos de aprendizagem de Kolb se manifestaram ao longo do tempo e até agora, a partir disso percebi que o meu estilo de aprender mudou de **Convergente** (Estilo que integra teoria e prática; utiliza tanto a abstração quanto o senso comum na aplicação prática das ideias e teorias; procura sempre a melhor solução para um problema prático; gostam de resolver problemas práticos. É melhor com tarefas técnicas e resolução de problemas que com eventos sociais e interpessoais.) para **Assimilador** (Estilo que integra a experiência com o conhecimento existente; utiliza a dedução para resolver problemas; trabalha bem com detalhes e dados; procura assimilar novas ideias e pensamentos; é mais interessado pela

¹ Aluno do curso de administração de empresas UFPI (2017), técnico em desenvolvimento de software IFPI (2018), participante do projeto consultoria social (2018), estagiário na área administrativa pela JCastro imobiliária LTDA

lógica de uma ideia mais que pelo seu valor prático.) e depois de volta ao convergente aos poucos.

Apesar de termos um modo de aprender que se mostra mais predominante segundo Kolb podemos aprender de diferentes modos e ir mudando de estilo de aprendizagem durante a vida. E ainda em diferentes casos mudar nosso modo de aprender pois não é possível aprender do nosso modo habitual exemplo disso é a autoescola temos que aprender de forma prática pois os testes finais serão práticos e os que já são acostumados a aprender assim com mais facilidade.

Infância do aprender- Susessivos aprendizados.

Na infância é complicada analisar a infância apesar de ser a fase da vida em que mais aprendemos, o que torna isso complicado é o fato do aprendizado ser bem natural sem estarmos preocupados com ele em si, a conquista mais antiga com relação a isso que me vem em mente é quando escrevi meu nome pela primeira vez, não era um ambiente propício pois minha família tinha um bar e tocava música alta lembro-me que minha mãe se esforçava para que eu escrevesse meu nome e eu horas depois do tempo de estudo quando já não estava mais focado naquilo eu consegui escrever foi uma grande festa mas na realidade eu nem sabia exatamente o que tinha feito e isso não me fez festejar tanto, o aprendizado que tiro disto é que aprender o sentido das coisas pode tornar essa caminhada de aprendizado muito mais divertida.

Logo depois disso vem aquele aprendizado bem mais dolorido que a maioria de nós passa, andar de bicicleta, naquela época parecia algo totalmente difícil de se fazer, pois poucas crianças na minha comunidade sabiam, aquilo parecia uma habilidade que somente os adultos poderiam adquirir mas meu pai estava determinado a me ensinar. Meu aprendizado se deu sem rodinhas bem na prática mesmo, eu não conseguia no início ganhar velocidade e nem fazer curvas mais quando meu pai

começou a me ensinar segurando a bicicleta eu desenvolvi essas habilidades bem rápido, a lição que tiro disso é que sempre que precisarmos aprender algo, e tivermos oportunidades devemos pedir ajuda aos mais capacitados isso pode encurtar o tempo que gastaríamos naquilo.

Dentre os aprendizados da infância o que mais surpreendeu meus pais foi o aprendizado da leitura que aconteceu antes da maioria aos cinco anos de idade minha mãe e minha tia começaram meu processo alfabetização bem cedo no estilo tradicional, pois minha tia a professora, o tempo dedicado ao aprendizado e o uso dos métodos certos pode lhe fazer ter resultados mais expressivos mais cedo por isso se quiseres aprender algo descubra os melhores métodos e os aplique o quanto antes.

Adolescência do aprender – Aprendendo o jeito tradicional de aprender

Dentro da adolescência acho que é bem difícil focar em aprender pois é uma fase e que no início do ensino médio nos focamos em todo o resto menos nisso, por exemplo assim que entrei no colegial do ensino médio havia um jogo bem interessante e que fazia eu me sentir extremamente desafiado, o nome do jogo era Magic the Gathering, consistia num jogo de cartas em que você era uma mago que invocava monstros e teria de derrotar seus oponentes assim, o jogo me ajudou a desenvolver meu raciocínio lógico, e reflexos de decisão, aprendi com vários colegas fui a fundo nas regras até que me tornei bom naquilo, porém a longo prazo aquilo não foi tão benéfico, naquele ano havia sido excepcional no primeiro bimestre mas nos outros dois havia tirado notas baixas e só havia mais um bimestre para recuperar nesse fim de ano tive que exercitar minha capacidade de aprendizado no colégio bastante e a capacidade de dedicação e foco de maneira como nunca havia necessitado antes.

O jeito foi clássico leitura e releitura, depois prática e mais prática e enfim consegui, é possível observar várias lições dessa situação. Dentre elas a que eu penso ser a mais importante é, que todos devemos saber que existe hora para fazermos tudo e desde cedo deveríamos aprender a separar isso, mas ainda assim um aprendizado que a princípio parecia inútil pode acabar ajudando no futuro. O vestibular é uma época muito importante para todo adolescente, porém o conteúdo das provas principalmente do Enem é muito extenso, para cumprir a missão de passar no vestibular eu usei o estilo de estudos por vídeo aulas, com exercícios de provas passadas para me acostumar com o estilo da prova. Quando se trata da redação o jeito é conhecer a estrutura e praticar repetidas e repetidas vezes, dessa forma os teóricos estarão desfavorecidos e os que levam seu aprendizado mais para o lado prático estarão mais favorecidos nesses casos a determinação vai ser decisiva.

Maturidade do aprender –Conhecendo o meu jeito de aprender

Apesar de saber exatamente onde começa a vida adulta vou considerar como minha maturidade no aprender os últimos dois anos onde aprendi de maneira substancial coisas que considero úteis na minha vida. Assim que entrei na faculdade percebi que o estilo que usei na época do vestibular não funcionaria mais, tive que me adaptar a essa nova realidade em que não existia tanto conteúdo de qualidade no youtube plataforma de vídeos que utilizei no vestibular. comecei então a fazer resumos, sucessivas leituras e resumos utilizando diferentes

Cores, pois as cores me ajudam a memorizar os assuntos e lembrar mais rapidamente. Um outro grande aprendizado foi na autoescola em teimeei em buscar aprender a teoria por trás mas só a prática me fez aprender, repetir o percurso várias vezes até adquirir um nível aceitável, portanto podemos aprender que certas coisas exigem uma experiência prática e repetitiva.

Reflexões finais

Bom partir do abordado no texto, é possível tirar algumas lições, como por exemplo o autoconhecimento, é muito importante conhecer o seu estilo de aprendizagem e trabalhar em cima dele para desenvolver métodos mais rápidos de adquirir conhecimento, seja ele teórico ou prático. Planejar os estudos é importante, saber focar é uma maneira de subir de nível em determinados assuntos, a persistência é muito interessante, mas também usar os modos eficientes é ainda mais importante.

Referencias

ARAUJO, G. **Estilos de aprendizagem de kolb**. Disponível em :<
https://www2.uned.es/revistaestilosdeaprendizaje/numero_7/articulos/lr_7_articulo_13.pdf >. Acesso em 09 de out de 2018.

Relato de experiências - Como eu aprendo?

Rebeca Rodrigues Aguiar¹

Como eu aprendo?

Introdução

Aprendizagem é para mim um processo de mudança de comportamento a partir de uma informação alcançada obtida através da experiência construída por fatores emocionais, neurológicos, relacionais e ambientais. Chegar aos meus conhecimentos de hoje foi o resultado da interação entre estruturas mentais e o ambiente que vivenciei desde o meu nascimento.

Passando por várias fases pude mudar minha forma de pensar diversas vezes e com isso refletir como melhor faço a absorção de conhecimento, que por vezes foi observando. Porém, em algumas ocasiões não me foi suficiente observar para aprender, tive que aplicar aquilo também. Ao longo do tempo o amadurecimento me proporcionou um discernimento possibilitando que eu pudesse evitar situações desagradáveis no âmbito pessoal apenas refletindo e observando situações parecidas que outras pessoas já passaram.

¹ Graduanda em Administração pela Universidade Federal do Piauí, com previsão de conclusão em 2020.2. Técnica em hardware pela instituição SOS informática. Pela Fundação Bradesco realizou um curso de empreendedorismo e de estratégia de negócios. Tenho conhecimento básico em informática.

É possível que para cada circunstancia eu tenha uma atitude diferente o que causa também uma maneira única de aprender para cada caso experimentado. Transformar a informação em patrimônio cognitivo para que fique armazenado na memória a longo prazo é um desafio que por muitas vezes o venci sem grandes esforços, outras vezes, exigiram mais de mim. O que diferencia a minha forma de aprender é o meu interesse pelo assunto em questão.

Infância do aprender - Desenvolvendo percepções

A criança inicia seu aprendizado nos seus primeiros dias de vida quando cria um vínculo com a figura materna, observa seu ambiente e convive com seus familiares. A princípio desenvolve seus comportamentos e habilidades sob influência dos aspectos sociais a qual é submetida e pelo ambiente emocional onde está inserida. Sua primeira percepção de mundo é que ao chorar seu desejo é atendido, a partir daí a criança adquire seu primeiro aprendizado que ela usará nos próximos anos de sua vida.

No dia 06/05/1998 às 18:25 da noite iniciei meu processo de aprendizagem. Naquele momento uma folha em branco estava prestes a começar a ser escrita. Depois de aprender que se eu chorasse eu teria o que queria, o meu segundo aprendizado foi falar “papai”, comecei então a desenvolver a minha principal forma de comunicação. Aos nove meses de vida, dei meus primeiros passos e aprendi que quanto mais crescia maior era a dor ao me desequilibrar.

Como é comum, a minha primeira instituição social foi a família, formada inicialmente por meu pai, minha mãe, minha tia e minha vó. Foi onde eu comecei a desenvolver minhas primeiras habilidades focadas em imitar eles. Meu conhecimento na época era baseado em observações, meu vocabulário era o que eu ouvia dos mais próximos.

Aos 4 anos de idade fui inserida no meu segundo grupo social, a escola. A princípio não me acostumei com o ambiente e depois de dois meses, para que fosse evitado possíveis transtornos, minha família junto com a escola optaram por me ensinar em casa. Aprendi a escrever meu nome, as cores, os primeiros números em casa com ajuda da minha tia. No ano seguinte voltei a escola e acompanhei os colegas.

Ao fazer 5 anos recebo um irmão que, por sua vez, me ensina de maneira mais rica sobre conviver em sociedade, aceitando decisões contrárias as minhas, aprendendo a reconhecer meus erros e pedir perdão e principalmente ter paciência.

Com o passar dos anos minha estrutura psíquica e emocional foi se fortalecendo me proporcionando uma certa confiança e segurança para que eu pudesse me desligar um pouco da presença física dos meus pais e me distanciar criando uma autonomia e construindo relacionamentos sociais. Os diferentes ciclos sociais (colegas de escola e vizinhos) no qual eu fazia parte me permitiram uma visão mais holística, possibilitando que meu crescimento e amadurecimento não fosse extremamente limitado criando uma bolha social.

Por gostar muito de observar as atividades desenvolvidas por adultos, aprendi muita teoria sobre as mesmas. Entre elas a pilotar motocicleta. Aos 9 anos de idade já sabia todo o passo a passo e foi então que tive minha primeira experiência prática. Surgiu então, um interesse maior em ser independente ao perceber que as pessoas ao meu redor me tratavam de forma mais confiante.

Adolescência do aprender – Formulando hipóteses

A adolescência é um período da vida que precede a infância e precede a vida adulta. Caracterizada como um estágio muito importante na evolução do ser humano e representando um período de transformações e/ou experimentações onde o

adolescente procura construir sua própria identidade não querendo mais apenas imitar os pais. Nesse processo dinâmico o adolescente possui uma grande capacidade de aprender coisas novas.

Minha primeira compreensão de que a infância havia passado foi quando aos 12 anos peguei minha boneca preferida, que fazia um tempo que estava guardada, fui brincar e percebi que algo tinha mudado e aquela brincadeira já não era divertida como antes. As conversas com o grupo de amigas tinham mudado a pauta, e agora, preocupações com a aparência eram mais frequentes.

Meu estilo de aprendizagem se modificou, pois, nessa etapa da vida minha vontade já não era mais de observar para aprender, e sim de fazer e desenvolver a atividade em questão. Então, surgiu meu interesse pela disciplina de física. Ao ver a explicação teórica dos professores e logo após a aplicação prática tornava a disciplina mais interessante. No final dos livros havia alguns exercícios práticos e por diversas vezes solicitava a compra do material para que eu pudesse tentar fazer.

Minhas relações sociais se expandiram muito e por diversas vezes pude conviver com pessoas que me ajudaram a amadurecer, mudando um pouco da minha visão romântica de mundo, ao passar por situações incomuns das quais tinha vivenciado até o momento. Por outro lado, construí fortes vínculos com pessoas que perduram até hoje e que foram de extrema importância, principalmente na minha adolescência, por ter descoberto parte do mundo comigo e terem dividido momentos de euforia e desânimo dos quais tiro meus principais aprendizados da época.

A religião também teve um papel relevante na minha formação e foi a partir da mesma que aos 16 anos de idade comecei meus primeiros questionamentos baseados nos ensinamentos, doutrinas e dogmas. Foi o início de um período agitado na minha mente, uma vez que, eu estava mudando minha forma de aprender, dado que, a teoria religiosa não me convencia mais e eu

estava atrás de diversos “porquês”. Daí se vem o subtítulo do capítulo, pois em consequências das minhas indagações elaborei algumas hipóteses que hoje algumas já foram respondidas e outras ainda não.

Maturidade do aprender – Experiência alfa

A fase adulta é a mais longa da vida do ser humano e é caracterizada como o momento que o adolescente recebe responsabilidades. Esse momento pode ser de início muito difícil para o jovem, em razão de que, em um curto espaço de tempo o mesmo tem que tomar decisões pelas quais é pouco provável que esteja preparado, por exemplo, qual profissão seguir.

Ao completar 18 anos de idade, estava estudando para fazer vestibular e durante esse tempo adotei outras maneiras de estudar para que aquele momento se tornasse mais interessante e eu conseguisse me concentrar totalmente no meu objetivo. Passei a usar vídeo aulas por perceber que atingia um maior nível de absorção de conhecimento ao associar imagens a palavras. No mesmo ano também tirei minha habilitação e para realização das provas meu principal mecanismo de estudo foi a prática, deixando um pouco de lado a teoria.

Ao passar no vestibular e mudar de cidade e de moradia, se deu início para uma nova etapa cheia de desafios e novidades. A aprendizagem nesse momento também se deu por sentimentos despertados que até então nunca sentidos que me fizeram perceber o mundo de um jeito diferente, vivendo emoções e almejando novos acontecimentos. Meu melhor método de aprendizado hoje é a junção de todas as formas de aprendizagem que já utilizei, porém, classifico como sendo a maior parte no estilo acomodativo, visto que, o momento pelo qual vivo me instiga a participar de acontecimentos trazendo comigo lições práticas sobre assuntos de meu interesse.

Reflexões finais

O ser humano em sua pluralidade possui maneiras peculiares de aprender, dotados de qualidades, habilidades e capacidades adquiridas e outras inatas, vai ao longo dos anos compondo seu mecanismo cognitivo. É de grande valia cada um conhecer suas melhores circunstâncias de absorção de conhecimento para que consiga atingir o melhor resultado esperado no menor tempo possível.

O processo de aprender tem um alto grau de complexibilidade, que envolve aquisição de respostas, vivências, dentre outras formas que viabilizem a aprendizagem. Este processo se dá pela combinação de fatores que estão relacionados a uma pessoa podendo ser internos, externos, sociais ou mesmo individuais.

Ao refletir para criação dos textos pude analisar de maneira mais concreta minhas fases de aprendizagem e perceber que a idade, o ambiente e o momento modificam a forma de interpretar e absorver o conhecimento. E que o aprendizado se tem em toda parte do ciclo da vida o que diferencia do amadurecimento que vem com um tempo e é decorrente do crescimento e desenvolvimento.

Acredito que todos somos capazes de buscarmos mais e com isso potencializar as nossas habilidades e expandir nossa criatividade através de uma busca constante pelo aprendizado nos diversos setores sociais e nas diversas fases da vida.

Referências

ALLIO, R. J. Leadership development: teaching versus learning. *Management Decision*, Vol. 43 No. 7/8, p. 1071-1077, 2005.

GONÇALVES, M. Como transformar vivências em aprendizados? Disponível em: <<http://www.administradores.com.br/noticias/carreira/como-transformar-vivencias-em-aprendizados/46833/?desktop=true>>. Acesso em: 09 de set de 2018 Set.

MERRIAM, S.B. BIEREMA, L. L. Adult Learning: Linking Theory and Practice. San Francisco: Jossey-Bass, 2014, p. 1-41.

SILVA, A.B. Como os Gerentes Aprendem. São Paulo: Saraiva, 2009

TERRA, Márcia Regina. O desenvolvimento Humano na Teoria de Jean Piaget. Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Disponível em: <http://www.unicamp.br/iel/site/alunos/publicacoes/textos/doooo5.htm> acessado em 09 de set de 2018.

ZINS, J.E., ELIAS, M.J. 2006. Social and emotional learning. In G.G. Bear & K.M. Minke (Eds.), "Children's needs III:Development, prevention, and intervention" (pp. 1-13) Bethesda, MD: National Association of School Psychologists.

Relato de experiências - Como eu aprendo?

Marcos Vinicius Silva do Nascimento¹

Como eu aprendo?

Introdução

O ser humano nasce potencialmente inclinado a aprender, necessitando de estímulos externos e internos para o aprendizado. Aprendizagem é um processo de mudança de comportamento obtido através da experiência construída por fatores emocionais, neurológicos, relacionais e ambientais.

Na maioria dos casos a aprendizagem se dá no meio social e temporal em que o indivíduo convive, sua conduta muda de acordo com suas experiências sociais. A interação social desempenha um papel fundamental no desenvolvimento cognitivo, atribuindo significado às coisas através da intervenção da sociedade e da comunidade. Sendo a aprendizagem um processo que compõe vários fatores e experiências, se constrói e reconstrói ao longo da vida. Com isso, cada indivíduo tem seu processo de aprendizado.

Meu processo de aprendizado é centrado na observação e nas experiências sociais adquiridas ao decorrer da vida. De acordo com os quatro tipos de aprendizagem, fiz uma reflexão e com o suporte de testes na internet, descobri que meu tipo de aprendizagem é o de Assimilador, pois sou uma pessoa que prefere

¹ Acadêmico de administração da UFPI-Universidade Federal do Piauí – Campus Ministro Reis Veloso

observar e escutar, aprendendo melhor combinando observação e pensamento.

Tendo um pouco de propensão também para o estilo Convergente, em algumas situações aprendo melhor pensando e realizando. Solucionar problemas específicos e testar hipóteses (tentativa e erro). Posso poucas habilidades sociais e intrapessoais, sentindo-se melhor com familiares e amigos, preferindo realizar trabalhos individualmente.

Infância do aprender- Descobrindo o mundo

A infância é a fase onde são moldados os princípios básicos do ser humano, nesse momento, o processo de aprendizagem acontece em função das interações da criança com o novo ambiente, das experiências trocadas com as pessoas ao seu redor, da observação e do estudo. Na infância, o primeiro momento do desenvolvimento é aquele em que as aprendizagens ocorrem por meio das sensações e dos movimentos. Há aprendizados que podem ser considerados natos, como o ato de aprender a falar, a andar, necessitando que ele passe pelo processo de maturação física, psicológica e social. E na minha infância não foram diferentes, meus pais foram essenciais para minha aprendizagem juntamente com a escola. Nesse período de infância morei em dois estados (Ceará e Rio Grande do Norte) e em quatro cidades, logo tive que mudar de escola várias vezes, então tive várias experiências que agregaram na minha aprendizagem. Fui uma criança extremamente tímida, logo muito apegada com os pais, que foram a minha base de aprendizado (valores e princípios).

A escola teve papel fundamental, pois além de adquirir os conhecimentos básicos, lá são nossas primeiras experiências sociais, aprendemos a criar laços de amizade e respeitar as diferenças. Não poderia deixar de citar que nessa etapa aprendi a gostar de futebol, como a maioria dos brasileiros meu pai é apaixonado por futebol e com ele aprendi a amar esse esporte, que

para alguns pode ser irrelevante, mas para outros é vai além de um simples jogo. Simplificando, as bases do meu aprendizado na infância foram educação familiar e o ensino na escola.

Adolescência do aprender – Melhorando as relações sociais

Segundo pesquisas, essa fase, o cérebro também passa por um processo delicado, as conexões entre os neurônios se desfazem para que surjam novas. Simplificando: o cérebro se "desmonta", reorganiza as partes e em seguida se "monta" novamente, de forma definitiva para a vida adulta. Sendo a adolescência um estágio muito importante na evolução do ser humano, estendendo-se entre a fase da infância e a fase adulta, um período de transformações ou experimentações, nessa fase buscamos a formação da própria identidade.

Na minha adolescência além da busca da minha própria identidade, foi um momento de conhecer e se adaptar a outras experiências, pois foi o momento que comecei a morar no Piauí, no começo minha timidez atrapalhou essas interações, mas tive o futebol como escape para encontrar novas amizades, como dito, por influencia do meu pai, desde criança sempre fui apaixonado pelo esporte, foi o instrumento para as minhas primeiras amizades na adolescência, fiz grandes amigos através do esporte, além de aprendemos princípios que levamos para a vida, como: estabelecer objetivos, autogestão, gerenciar expectativas, resiliência e respeito a si e aos outros, valores que levo pra vida. A escola por ser um local que convivia várias horas, pela figura do professor teve o papel de passar os conhecimentos sobre as disciplinas indispensáveis e também foi o local dos aprimoramentos das relações sociais. E meus pais também foram importantíssimos nesse processo da adolescência, repassando suas experiências de vida e mostrando como o ‘mundo funciona’. Sempre observando atentamente, consegui internalizar os conhecimentos repassados. Também nessa fase conheci o “mundo virtual” que é a internet,

aprendi a usar sozinho, apenas observando outras pessoas utilizarem, e atualmente é indispensável e importantíssima.

Com o final da adolescência surgem os desafios, o que vou ser quando crescer? Sim, aquela dúvida em qual profissão escolher, sempre pensei em medicina, como terminei o ensino médio com 16 anos, fiz o ENEM duas vezes tentando alcançar esse objetivo, porém não consegui, não deixei me abater e resolvi cursar administração para não ficar “parado no tempo”. Com o vasto leque de possibilidades, o curso me agradou bastante.

Maturidade do aprender – Buscando ser melhor

Maturidade significa estado, condição (de estrutura, forma, função ou organismo) num estágio adulto, condição de plenitude em arte, saber ou habilidade adquirida. Os 18 anos, a fase mais esperado pelos adolescentes, aquele sentimento de se sentir finalmente “adulto”, porém com a maioridade vêm às responsabilidades e deveres, é a época em que devemos desabrochar para o mundo.

Com o término do ensino médio, vem a transição para a Universidade e com isso novos desafios, seja de conhecimento mais também para novas amizades, e novamente o futebol me ajudou para encontrar novos amigos. Por ter apenas 19 anos, creio que não estou no auge da maturidade, tenho muito a viver, aprender e errar. E são essas situações que fazem crescermos como pessoa, e com isso amadurecer. Ou seja, estou na fase de saída da adolescência e entrada no mundo adulto, aprendendo a lidar com as responsabilidades que nos são dadas nessa fase, entendendo realmente as dificuldades que encontramos no ‘mundo real’. A Universidade vem sendo um instrumento, que tem ajudado bastante a entender essa fase, pois lidamos e aprendemos a sair da nossa zona de conforto. Nessa fase também, entrei na autoescola, fiz todos os processos que são as aulas teóricas e práticas, consegui passar pelas provas e tirei minha Carteira de Habilitação.

Reflexões finais

Portanto, o ser humano nasce potencialmente inclinado a aprender, necessitando de estímulos externos e internos para o aprendizado. A aprendizagem faz parte da nossa vida desde os primeiros passos. Ser um aprendiz durante toda a vida é uma característica dos seres humanos.

O educador Guy Claxton, ex-diretor do Programa de Pesquisa sobre Cultura e Aprendizagem da Universidade de Bristol (Inglaterra) em seu livro “O desafio de aprender ao longo da vida”, diz que estar vivo é estar aprendendo e a aprendizagem não é algo que se faz de vez em quando, em momentos ou locais especiais, ou mesmo deliberadamente, quando se tem vontade. Aprender faz parte da natureza humana, é uma característica antiquíssima que nos acompanha enquanto espécie. Ou seja, temos que nos considerar um eterno aprendiz, principalmente nos dias atuais, onde a palavra-chave é inovação. Como a musica do cantor e compositor Luiz Gonzaga: “Viver e não ter a vergonha de ser feliz Cantar... (E cantar e cantar...) A beleza de ser um eterno aprendiz”.

Referencias

JERICÓ, Pilar. **Os quatros estilos de aprendizagem - ou por que alguns leem os manuais outros não.** Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2016/10/10/ciencia/1476119828_530014.html>

Como o processo de aprendizado pode ser estimulado na infância. Disponível em: <<https://escoladainteligencia.com.br/como-estimular-aprendizagem-na-infancia/>>

CAVALCANTE, MEIRE. **Adolescentes - Entender a cabeça dessa turma é a chave para obter um bom aprendizado.** Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/408/adolescentes-entender-a-cabeca-dessa-turma-e-a-chave-para-obter-um-bom-aprendizado>>

HUIRES, Manoel. **A aprendizagem na adolescência.** Disponível em:
<<https://www.webartigos.com/artigos/a-aprendizagem-na-adolescencia/77275>>

LIMA, Luciana. **Aprendizado ao longo da vida: a necessidade humana.**
Disponível em: <<https://oaprendizemsaude.wordpress.com/2017/11/27/aprendizado-ao-longo-da-vida-uma-necessidade-humana/>>

Relato de experiências - Como eu aprendo?

Lays Ataíde Aguiar¹

Como eu aprendo?

Introdução

Após uma autoanálise e autorreflexão, cheguei ao consenso comigo mesma que meu modo de aprendizagem é a experimentação ativa, enquanto meu estilo de aprendizagem é convergente, isso se dar pela minha habilidade na resolução de problemas e na tomada de decisões, colocando em pratica teorias e aprendendo com experiências criadas pelo meu cotidiano, já que diariamente preciso tomar decisões e resolver problemas. Mas, como eu aprendo? Como que eu aprendi tudo o que sei hoje? Sei que só se aprende vivendo e minha vida, experiências e momentos vividos até hoje contribuíram muito para eu ser quem sou.

A infância do aprender

Apesar de já nascermos com a base da nossa personalidade previamente formada, nossos pais e a sociedade são responsáveis pela constituição completa dela. Aprendemos desde a hora que

¹ 20 anos, natural de Barreirinhas-MA. Ensino Médio e Técnico em alimentos pelo IFMA-MA(2016) , Graduada em Administração pela UFPI-PI. Empreendedora desde 2014 e proprietária da Plena Maquiagem.

nascemos, nos primeiros meses de vida, depois nos primeiros anos e assim por a vida toda.

Meu pai me ensinou a nadar, a andar de bicicleta, a diferenciar o certo do errado, a respeitar as pessoas mais velhas, a dizer obrigada, me ensinou a ler e a resolver minhas primeiras contas de matemática. Ele me deixava na pré- escola todos os dias, até eu aprender a atravessar a rua sozinha, a saber, que não poderia falar com estranhos. Desde os meus dois anos, com o nascimento da minha irmã Larissa, eu comecei a entender que era preciso dividir as coisas, principalmente a atenção dos meus pais, não era fácil, mas, me ensinou a ter responsabilidades e compressão, nos íamos juntas para a pré-escola e todos os dias no intervalo eu tinha que ir ate a sala dela para dividir o nosso lanche. Com o tempo vi que era fácil, eu aprendia na escola com meus colegas e professores e aprendia e casa com meus pais.

Com a família a gente compartilha amor, mesmo bem pequena e sem entender o significado dessa palavra eu sentia. Eu sentia o amor quando minha mãe me colocava pra dormir, quando minha avó fazia bolo pra mim e me ensinava fazer bonecas, quando minha tia me levava pra passear. A família constitui toda a base do aprendizado que precisamos e levamos pra vida. Minha vó materna era tão incrível, tão amorosa e querida, meu avô era tão severo e rígido que se eles não tivessem partido aos meus sete anos de idade, hoje com certeza eu seria uma pessoa melhor do que sou, pois eles teriam me passado os melhores valores possíveis. Meus avós paternos por mais que distantes me ensinaram algo crucial pra vida e pro caráter de um ser humano a humildade. Eu amava passar as férias lá, banhando no igarapé, no mar, brincando de casinha em cima do pé de manga, correndo com os primos, infância no interior é sem igual, principalmente no paraíso Atins.

Sempre fui muito ativa, gostava de brincar na rua descalça, correr, andar de bicicleta, passar horas e horas brincando na calçada com minhas primas e meus amigos. Quando andava de patins, todo dia eu caía e sempre me levantava e tentava de novo, foi assim ate

aprender. Ainda nos meus sete anos algo aconteceu na minha vida que mudou grande parte da minha infância. Quando meus pais saíam para trabalhar, uma doméstica cuidava de mim e da minha irmã, e quando ela faltava eu ficava responsável por cuidar da minha irmã mais nova. Certo dia quando ela faltou minha mãe pediu para que eu fosse comprar lanche no mercadinho da esquina, na rua da minha casa, eu fui às 14:30 e estava fechado, ao retornar para casa fui abordada por um homem que me sequestrou, me levou para uma estrada fechada e abusou de mim, não sexualmente com o “ato” mas, me acariciou, tocou nas minhas partes íntimas, e só me soltou quando eu disse quem era meu pai, ela disse que poderia conhecê-lo. Voltei para casa sozinha, correndo e descalça. Quando cheguei na rua de casa, vi minhas amigas e desmaiei, quando acordei eu estava muito assustada, não lembrava exatamente o que tinha acontecido. Depois de alguns dias pude ir digerindo o que aconteceu comigo, me perguntava por que eu? logo ali a poucos metros da minha casa. Tudo mudou, eu tinha medo de todos os homens e só queria ficar com a minha família, eu não conseguia mais ir à escola caminhando, não conseguia sequer sair de casa, eu não gostava mais de brincar, só queria ficar em casa assistindo televisão e comendo besteira. Foi aí que comecei a engordar e passei a sofrer bullying, sentia como se as pessoas não gostassem de mim, na verdade após o ocorrido eu era outra e parte da minha infância foi corrompida. Porém, isso não foi motivo para mim deixar de ser feliz e continuar minha infância de maneira saudável, foi apenas um episódio da minha vida, que no fim de tudo me trouxe muito aprendizado e amadurecimento.

A adolescência do aprender

Aos meus 12 anos de idade, eu estava bem, não carregava mais comigo as consequências do que tinha acontecido aos meus 7 anos, comecei a me adaptar ao meu corpo e as suas mudanças e daí a cada dia era uma nova descoberta. Sempre fui muito dedicada à escola e sempre tive facilidade com matemática e

dificuldades com língua portuguesa, no ensino fundamental eu fazia parte de um grupo de quatro amigas(eu, Carol, Elaine e Raynara) cada uma de nos tínhamos uma matéria que mais nos descavamos e ajudávamos uma a outra. Mesmo sem saber eu já estava desenvolvendo o modo de aprendizagem experiência concreta (pela troca de informações e ideias com as meninas).

Ao decorrer da minha adolescência eu ia pondo em pratica os valores que meus pais me ensinaram, respeitando as diversidades e as escolhas de cada um, sabendo que cada um tem seu limite, espaço, tem também sua própria ideia e forma de pensar sobre algo e cabia a mim ter discernimento perante a isso.

Dediquei-me muito para ingressar o ensino médio no instituto federal do maranhão, fiz a prova e passei. Com a ajuda dos meus professores da escola e do cursinho, e principalmente da ajuda dos meus pais e de DEUS. A principio a transição de sair do ensino fundamental me assustou, mas foi só assistir a primeira aula que tudo mudou, as matérias eram outras, os professoras, as pessoas e eu estava bem comigo mesma, na minha melhor época, meus 15 anos, época de varias mudanças e descobrimentos, meu olhar para o mundo estava mais apurado e eu queria sair da minha caixinha, explorar novos horizontes. No meio de tudo isso eu dei trabalho para os meus pais, eu queria ser independente, desde os 13 anos ajudava eles na loja e tinha meu próprio dinheirinho, o que me possibilitava ir à academia, sair nos finais de semana. Aprendi a lidar com as pessoas, a poupar dinheiro e etc, foi daí que surgiu meu olhar para administração, desde o ensino fundamental eu queria esse curso e pronto, não conseguia mais pensar em nenhum outro, eu tinha facilidade com operações financeiras, gostava de rotina, atender as pessoas e pra mim não tinha outro curso que suprisse todos os meus gostos. Meu ensino médio era integral e eu fazia o curso de técnico em alimentos, eu era apaixonada pelo meu curso e ate pensei em fazer nutrição, pensamento esse que logo se extinguiu. Logo no primeiro ano do ensino médio eu comecei minha primeira atividade como empreendedora. Encontrei um fornecedor em São Luís para me

fornecer maquiagens. Eu já era apaixonada por maquiagem, adorava ficar horas e horas vendo tutoriais no youtube, aprendendo com as dicas das blogueiras. Eu queria colocar tudo em pratica, pois era mais fácil assimilar as coisas, as sombras, às cores, os esfumados. Mais uma vez meu modo de aprendizagem (experiência concreta) estava se moldando. Minha irmã foi muitas vezes minha cobaia, até que após muitos testes eu decidir fazer maquiagem a domicilio, foi uma experiência ótima, eu pude conhecer novas pessoas e fidelizar clientes. Eu nunca fui de me acomodar com algo, mesmo que estivesse dando certo, eu sempre procurava me aperfeiçoar, fazia cursos, treinamentos e se não fosse pela minha dedicação que eu precisava ter com a escola, talvez eu me dedicaria ainda mais para a maquiagem.

No terceiro ano do ensino médio foi uma correria, eu não estava conciliando as coisas, tive que deixar as vendas de maquiagem um pouco de lado, por ser loja virtual eu passava muito tempo nas redes sociais, tinha que fazer entregas e afins, além disso, eu também deixei de trabalhar com meus pais na loja, para que assim eu pudesse me dedicar somente a escola e ao cursinho e quando sobrava tempo a academia. Foi tudo muito conturbado mais eu sabia que era capaz, sabia que tudo estava me preparando para a vida, junto com milhares de experiências vividas na minha adolescência. Foi a época em que mais tive mais contato com as pessoas, que eu conheci mais modos de viver, pensar e de falar. Eu pude aprender na pratica que a liberdade não é tudo, e que quando se é adolescente as coisas não são fáceis, é preciso ter cautela nas experiências, nas amizades, e em todas as vivencias.

Após julho de 2016 eu me concentrei ao máximo nos estudos para o ENEM, eu sabia que era necessário ser aprovada numa universidade federal. Não consigo esquecer do dia que fiz uma excussão a Parnaíba com minha turma do ensino médio e ao passar em frente a universidade federal eu pensei comigo mesma “sera que vou conseguir estudar aqui” .Graças a Deus tudo deu certo , fui aprovada em todos os vestibulares que fiz , fiquei muito

feliz e meus pais também. Após conversamos muito nos decidimos que eu iria morar em Parnaíba-PI.

Maturidade do aprender

Hoje já faz quase dois anos que moro em Parnaíba, e parece que cresci 10 anos, falo do crescimento intelectual. Sair da casa dos meus pais não foi fácil e até hoje não é, morando sozinha, em outra cidade e sem conhecer ninguém é desafiador, na primeira semana de aula da faculdade eu pensei que não fosse durar um mês. Sempre fui muito tímida, tenho uma dificuldade enorme de fazer amizades. Todo dia era um desafio diferente pra mim, com meu jeito vergonhoso de ser até pegar uma van para me locomover pela cidade era um desafio. No meio de tudo eu só tinha uma amiga na cidade e ela me ajudava com tudo que precisava e mesmo com as dificuldades eu estava feliz, eu estava no curso que sempre quis, em uma universidade federal, morando só e me sentindo mais independente do que nunca. Nos primeiros meses em Parnaíba busquei me manter equilibrada, viver um dia de cada vez, logo o tempo passou e quando menos pude perceber já tinha se ido um período, aos poucos fui fazendo amizades na faculdade, visitado lugares, aprendendo mais sobre a cultura do Piauí , que não é muito diferente da do maranhão, então não foi um choque pra mim, pelo contrario, só me acrescentou ver tantos estudantes e diferentes regiões do brasil todos juntos. Parnaíba é linda, calma e boa de viver.

A cada dia que passava eu tinha mais certeza que a administração era o caminho certo, passei para direito com bolsa integral e nem cogitei a possibilidade de trocar de curso, eu estava me encontrando a cada matéria, a cada professor que me passava um pouco do seu conhecimento para mim, me senti abraçada pela administração e em outubro de 2017 eu decidi voltar a vender maquiagem, pois todos os congressos e seminários que participei durante o ano me deram um gás a mais para voltar ao empreendedorismo, abri a @plena maquiagem, loja virtual no

instagram, comecei vendendo somente na minha cidade Barreirinhas e foi um sucesso, esta sendo, hoje expandiu também para Parnaíba e aos poucos meu pequeno negocio esta crescendo. Pois posso contar com a ajuda com pessoas maravilhosas na minha vida, minha mãe, meu pai e minha irmã. Quando minha empresa chegar no patamar que eu quero que ela alcance vou dedicar parte do sucesso a eles.

Estou no 4º período de Administração, tenho sede por conhecimento, sempre quero mais, aprender mais e saber como funciona as grandes corporações mundiais e aplicar isso ao meu cotidiano. Tive o prazer de aprender com a professora Celina Olivindo que ao longo de nossas vidas desenvolvemos quatro tipos de modos de aprendizagem, baseados no ciclo de aprendizagem de Kolb. São eles: experiência concreta, observação reflexiva, conceptualização abstrata e experimentação ativa. Na experiência concreta nos aprendemos com o agir, pela troca de informações com as pessoas e lidando com situações praticas. Na observação reflexiva, aprendemos com o refletir do por que de determinado fato e observando ao nosso redor. Na conceptualização abstrata, aprendemos conceituando, usando teorias e o raciocínio lógico para explicar os eventos e com a experimentação ativa aprendemos colocando em prática as teorias e com a rápida tomada de decisão para resolver algo. Além dos modos de aprendizagem nos também temos quatro estilos de aprendizagem: divergente, assimilador, convergente e acomodador. O divergente se caracteriza por pessoas que desenvolvem a criatividade e maneira fácil e consegue gerar ideias com facilidade. O assimilador se caracteriza por criar modelos teóricos. O convergente (meu estilo) se caracteriza pela resolução de problemas e pela tomada de decisões e o acomodador aprende mais na pratica do que na teoria.

Eu não sabia que nos tínhamos um modo ou mais de um modo específico para aprender, e após estudar cada um deles e por em pratica, vi como é interessante e fácil. Agora vou leva-los sempre comigo, para continuar aprendendo e os assimilando aos meus aprendizados, objetivos e conquistas concluídas.

Reflexões finais

Fazer minha autoanálise e de todas as experiências que me trouxeram aprendizado foi de grande importância para o meu desenvolvimento intelectual. Pois, por meio de uma análise intrínseca dos acontecimentos ocorridos ao longo de minha vida, eu pude assimilar e compreender minhas atitudes e virtudes, assim chegando a conclusão de qual meu modo e estilo de aprendizagem. Tendo em vista os processos cognitivos vivenciados durante minha vida acadêmica, o presente relato se fez de extrema importância uma vez que ao escrever sobre minhas experiências passadas, me fez entender como aprendo de forma mais rápida e como tal aprendizado permanece em minha vida. Além de, me mostrar de maneiras subjetiva o meu amadurecimento enquanto pessoa ao longo dos anos e a minha capacidade de alcançar os meus objetivos, de mudar quando é preciso e de sempre se adaptar as mudanças.

Referencias

MACHADO, Guilherme Bertoni; TODESCO, José Leomar. APRENDIZAGEM BASEADA EM PROJETOS: UMA EXPERIÊNCIA EM SALA DE AULA PARA COMPARTILHAMENTO E CRIAÇÃO DO CONHECIMENTO NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DE PROJETOS DE SOFTWARE. 2016. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Aline_De_Campos/publication/320208022_APRENDIZAGEM_BASEADA_EM_PROJETOS_UMA_EXPERIENCIA_EM_SALA_DE_AULA_PARA_COMPARTILHAMENTO_E_CRIACAO_DO_CONHECIMENTO_NO_PROCESSO_DE_DESENVOLVIMENTO_DE_PROJETOS_DE_SOFTWARE/links/59ee366fac272029ddf67fe/APRENDIZAGEM-BASEADA-EM-PROJETOS-UMA-EXPERIENCIA-EM-SALA-DE-AULA-PARA-COMPARTILHAMENTO-E-CRIACAO-DO-CONHECIMENTO-NO-PROCESSO-DE-DESENVOLVIMENTO-DE-PROJETOS-DE-SOFTWARE.pdf>. Acesso em: 17 out. 2018.

BECK, Caio. Ciclo de Aprendizagem de Kolb. 2018. Disponível em: <<https://andragogiabrasil.com.br/ciclo-de-aprendizagem-de-kolb/>>. Acesso em: 12 out. 2018.

Relato de experiências - Como eu aprendo?

*Giúllia Anatérsia do Rêgo da Silva*¹

Como eu aprendo?

Introdução

Primeiramente, como esse trabalho consiste em ser basicamente um relato de experiências vividas por mim, creio que de início devo me apresentar. Bom, me chamo Giúllia Anatérsia do Rêgo da Silva, tenho 19 anos, nasci em uma pequena cidade do Piauí chamada Barras e atualmente sou estudante de administração na universidade Federal do Piauí campus de Parnaíba.

Segundo David Kolb há quatro tipos de aprendizagem: assimiladores, acomodadores, divergentes e convergentes. Os **assimiladores** possuem como habilidades de aprendizagem dominantes a observação reflexiva e a conceptualização abstrata. Pessoas com essas características possuem habilidade de criar modelos teóricos, são excelentes no raciocínio indutivo e em integrar observações diferentes reunindo-as em explanações integradas. Fazendo comparações baseadas em testes realizados na internet e a leitura sobre o assunto, pude concluir que possuo 10% de características relacionadas ao tipo de aprendizagem anterior. Já os **acomodadores** são pessoas com estilo acomodador têm

¹ 19 anos e estudante do quarto período do curso de administração de empresas na Universidade Federal do Piauí, campus Ministro Reis Veloso.

características de aprendizagem opostas ao estilo assimilador, e são melhores na experimentação ativa e na experiência concreta. Identifico-me 40% com esse estilo, pois possuo capacidade de adaptar-me a circunstâncias imediatas específicas e em circunstâncias onde a teoria ou os planos não se ajustam aos fatos, geralmente rejeito o plano ou a teoria. Além disso, tenho propensão a descartar ou reexaminar os fatos, sendo lógica e pragmática. Por outro lado, em relação ao tipo de aprendizagem **divergente**, me identifico 20% pois não acredito que possuo tanto potencial criativo, sou consideravelmente interessada em pessoas e me julgo metade racional e metade emocional. Já relacionado a características do tipo **convergente**, possuo 30% de assimilação, em razão de sempre buscar busca uma solução rapidamente, e ter sucesso em situações tais como testes convencionais de inteligência, onde há uma única resposta ou solução correta para uma questão ou problema sendo o tipo de pessoa que confia em sua própria intuição e consigo manter o foco em problemas específicos. Além disso, prefiro lidar com coisas ao invés de pessoas.

Kolb ainda descreve o processo de aprendizagem tendo como base um ciclo contínuo de quatro estágios: **Experiência Concreta (agir)**, **Observação Reflexiva (refletir)**, **Conceitualização Abstrata (conceitualizar)** e **Experimentação Ativa (aplicar)**. Relacionado às Experiências Concretas me identifico 30% possuindo tendências a tratar as situações mais em termos de observações e sentimentos do que com uma abordagem teórica e sistemática. Já relativo a Observação Reflexiva percebo uma relação de 20%, sou muito observadora, revejo e reflito sobre a experiências concretas vividas anteriormente. No que diz respeito a Conceitualização Abstrata o nível de identificação fica em 30%; gosto de usar teorias, hipóteses e raciocínio lógico para explicar os eventos e muitas vezes passo a pensar de forma mais lógica e sistemática. Por outro lado, relacionado à Experimentação ativa, o nível de identificação fica em 20%, me envolvo em atividades de

planejamento, experimento experiências que envolvem mudança de situações e uso as teorias para tomar decisões e resolver problemas.

Infância do aprender- Saudades dos tempos

Lembro que na minha infância eu era uma criança ativa porem tímida, mas daquelas que o custo era pegar intimidade com as pessoas para se soltar. Por sinal, isso continua ate hoje. Durante meus dois primeiros anos estudei em escola publica na época o que chamavam de Jardim I e II, não frequentei creche e nem fiz o chamado maternal na época, porem aprendi o básico como cortar, pintar e alguns números com a minha mãe mesmo em casa. Quando sai do jardim II já sabia ler e contar ate números que grande parte dos alunos não sabia contar. Todos falavam que eu era precoce e queriam me adiantar de turma, mas continuei na mesma, pois meus pais pensavam muito em relação a minha adaptação na época. Hoje sou uma pessoa que tem uma capacidade de adaptação incrível. Desde muito cedo já gostava de questionar o porquê das coisas, sempre tinha uma resposta pronta na ponta da língua e por isso fui considerada bruta muitas das vezes. Uma historia que me contam ate hoje é que quando eu tinha quatro anos de idade estavam todos reunidos na casa da minha avó, como fazemos todos os domingos, eu estava dormindo e quando acordei (toda descabelada, na época meu cabelo era muito cacheado, então imaginem) fui procurar minha mãe e minha tia falou comigo “minha ‘fia’ acordou?” e eu muito doce como sempre principalmente ao acordar, respondi: “Todei não, tou mimindo ainda”. Só com isso já da pra ter uma noção de quanto eu era respondona quando criança, mas sempre respeitei os outros quando passei a ter mais consciência das coisas. Além disso, sempre fui uma pessoa que gosta de defender os outros e nunca costumei levar desaforo para casa, como dizem. Prova disso é que quando eu estava ainda estudando no infantil um primo meu que

estudava na mesma escola que a minha, sofria bullying pelos meninos da turma dele. Já eu como sempre fui a mais alta da turma e talvez por ter fama de bruta, sempre ia defender ele na hora do recreio e nem me preocupava se ia ficar de castigo ou não.

Mas enfim vou chegar logo no que mais marcou minha infância. Fui criada praticamente só pela minha mãe, pois antes mesmo do meu nascimento meu pai já trabalhava como cobrador de ônibus fazendo viagens para o sul do estado. Sendo assim, só via ele praticamente de 15 em 15 dias e passava só um dia ou dois em casa de folga. Quando não era assim às vezes ele ia para casa a noite e logo cedo já estava indo embora. Ele nunca foi muito de demonstrar sentimentos o modo que ele fazia isso era dando alguns presentes. Hoje entendo mais esse jeito dele. Eu já estava acostumada com isso, sendo filha única vivendo apenas com a minha mãe. Quando me contaram que eu teria um irmão, ou melhor, uma irmã. Antes que eu me esqueça, tenho um irmão mais velho por parte de pai, mas não temos muito contato. Até aí tudo bem. Mas quando ela nasceu e eu vi todos mimando, dando atenção e comprando coisas que eram só pra ela, foi aí que eu descobri o significado da palavra ciúmes e percebi que era aquilo que eu estava sentindo. Hoje temos uma relação saudável. Creio que a distancia pelo fato de não morarmos mais juntas, ajudou muito para que nossa relação de companheirismo e cumplicidade se fortalecesse. Como ela mesmo diz, eu sou pra ela um exemplo do que seguir e não seguir.

Adolescência do aprender – Tempo de transformações

Trato minha adolescência como uma das fases mais bem vividas da minha vida após a infância, claro. Não sou do tipo de pessoa que se arrepende do que fez, mas sim pelo que deixou de fazer, não gosto de ficar com “e se” na minha cabeça, talvez pelo fato de eu ser um pouco impulsiva. Pode até ser que isso seja negativo as vezes mas pra mim, a maioria delas é positivo assim

como a minha sinceridade. Nunca fui uma filha que desse trabalho além da conta. Sempre tive consciência dos meus atos e costume pensar nas consequências antes de fazer algo. Aprendi isso porque quando mais nova, sempre que eu pedia para minha mãe, para sair ou para brincar na rua e ela dizia não e eu não obedecia, muitas das vezes acontecia algo, coo eu voltar pra casa com um machucado ou coisa do tipo.

Uma das fases mais complicadas da minha adolescência foi à transição do meu ensino fundamental para o ensino médio. Como dito anteriormente estudei em escola publica apenas nos dois primeiros anos escolares. Não por mus pais sempre terem condições de pagarem uma escola particular pra mim, mas principalmente pelo fato das condições da rede de ensino publica da minha cidade serem precárias. Na época em que meu pai ficou desempregado eu estava no ultimo ano do meu ensino fundamental. Tive que me acostumar com a presença de um pai em casa e principalmente com a ideia de ter mais uma pessoa “mandando” em mim e de certa forma interferindo em costumes e ideias minhas que já estavam enraizadas. Por outro lado já estava tentando me adaptar à ideia de cursar o ensino médio em uma escola publica. Sempre fui considerada uma aluna boa e esforçada. Então, quando foi para pegar minha transferência para outra escola, ofereceram uma bolsa de 50% para que eu permanecesse na escola durante o restante do ensino médio. Uma tia minha, que considero como uma mãe também, logo se ofereceu para pagar metade e meus pais a outra.

Sempre me senti meio que com uma obrigação de dar um retorno para minha família como forma de agradecimento por todos os investimentos feitos em mim mesmo com as inúmeras dificuldades enfrentadas ate hoje. Prestes a prestar Enem para ingressar na universidade, além da pressão exercida pelas pessoas, eu sempre me cobrando muito, passei por problemas familiares. Esse foi um dos períodos que eu mais quis sair de casa e ser logo independente. Mas mal sabia o que me esperava pela frente ainda.

Maturidade do aprender – Amadurecer e renascer

Com a minha mudança de cidade veio também a mudança de hábitos, costumes e um pouco de personalidade também, pois eu era uma pessoa mais sentimental do que racional e hoje aprendi a ponderar isso muito bem. Sou muito família, logo minha família é grande e estamos sempre nos reunindo. Vir para uma cidade desconhecida, 300 km da cidade natal, sem conhecer ninguém foi de início um choque pra mim. Nunca me esquecerei do dia da minha mudança onde eu passei 4 horas de viagem chorando ao lado da minha mãe. Foi como se tivesse passado um filme na minha mente desde a minha infância até aquele momento em que eu agradecia a Deus por estar começando mais uma fase da minha vida. No dia da minha matrícula institucional conheci uma moça que estava procurando alguém para dividir aluguel. Morei com ela durante 6 meses ainda, mas os gastos estavam muito altos e procurei outro lugar para morar. Meu amigo morava em uma república disse que havia quarto disponível e eu resolvi arriscar. Mas logo eu que sempre gostei de ter meu cantinho e amo um silêncio, morando em uma república? Pois é, quebrei a cara. Aqui é totalmente diferente da visão que eu tinha.

Perdi as contas de quantas vezes já quis desistir daqui e voltar para casa. Quando a saudade aperta a gente tenta matar como pode. Mas morar longe do ninho tem la suas vantagens. Tive que aprender a lidar com as responsabilidades dobradas, lidar com a solidão, aprender a dividir o dinheiro que sobra no fim do mês para pagar as contas, e ate mesmo fazer um pacote de bolacha meu melhor amigo.

Mas sei que tudo isso não é em vão. Com a maturidade a gente aprende um pouco mais da vida, não somos donos de nada e passamos a ter consciência de que existe sim um inicio e um fim. Hoje tomo decisões que sei que não tomaria anos atrás. Por outro lado, vejo que fui ficando com mais coragem de assumir riscos e

responsabilidades. Aprendi no decorrer da vida a me conhecer melhor e a me amar mais. Quando sabemos reconhecer nossos sentimentos, saber o que te leva a sentir raiva, tristeza, alegrias é um caminho para amadurecer. Aprender seus limites e respeitar o próximo é essencial. Osho, um líder espiritual indiano que gosto muito, fala que todos estamos envelhecendo, ficaremos velhos, mas não necessariamente maduros, a maturidade é um crescimento inteior.

Reflexões finais

Por mais que algumas pessoas queiram apagar memórias do passado de suas mentes, vi nesse trabalho a importância de não invalidar essas memórias. É importante conhecer o passado e associar juntamente com experiências vividas para que se possa resolver e dar melhor entendimento sobre o presente e projetar melhor o futuro. De acordo com Kolb, não há um modo único que descreva completamente o estilo de aprendizagem de uma pessoa. Na realidade, o estilo de aprendizagem de cada pessoa combina alguns, ou todos, esses modos de aprender.

Referencias

DIGITAIS, Comunicação em Mídias. **Teste de aprendizagem:** Inventário de Estilo de Aprendizagem de Kolb. Disponível em: <<http://www.cchla.ufpb.br/ccmd/aprendizagem/>>. Acesso em: 22 out. 2018.

PAÍS, El. **Os quatro estilos de aprendizagem – ou por que alguns leem os manuais e outros não.** Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2016/10/10/ciencia/1476119828_530014.html>. Acesso em: 22 out. 2018.

Relato de experiências - Como eu aprendo?

Erick Breno Cardoso França¹

Como eu aprendo

Introdução

Aprender é um processo importante no decorrer da vida, tendo em vista que uma boa parte do que aprendemos não só irá integrar o nosso conhecimento, mas também implicará no modo como agimos e até mesmo nos relacionamos com o meio em que vivemos. No que diz respeito a vivência do ser humano no ambiente e no processo de aprendizado, podemos enfatizar que o processo de aprender está em constante mudança, pois de acordo com as fases da vida e a própria maturidade vem também as novas exigências impostas pela sociedade e principalmente pela escola, o que faz com que se tenha a necessidade de migrar para diferentes estilos de aprendizagens.

No que se refere a essa migração de estilos, pode-se explicar que para diferentes assuntos ou situações as pessoas precisam de técnicas diferentes de aprendizado e isso é justamente o que eu relato em meu texto, falo de diferentes fases da minha vida em consonância com as novas exigências que tive nos diferentes ambientes escolares que frequentei, além relatar também as técnicas usadas para aprender sobre diversas coisas e as várias

¹ acadêmico de administração aluno da Universidade Federal do Piauí, concluiu o ensino médio no colégio diocesano em Parnaíba-PI, pouco fluente na língua inglesa

mudanças de estilos de aprendizagem. Para melhor relatar o trabalho foi separado em três tópicos referentes a três fases da vida e também a como as diferentes situações fizeram com que ocorresse a mudança no estilo de aprender.

A infância

Na primeira fase de minha vida comecei meus estudos em uma pequena escola de ensino primário de meu bairro em Parnaíba. Naquela época meu estilo de aprendizagem era como o de qualquer criança comum, visto que esta é uma fase da vida em que há várias descobertas por que tudo é novo e tudo impressiona e desperta curiosidades e comigo foi assim. Fui uma criança muito curiosa e ao mesmo tempo imperativa que gostava de mexer em tudo que me despertava atenção e por consequência dessas características aprendia inúmeras coisas logo na infância o que ocasionou em me tornar uma criança com a maturidade acima da média, para a idade de 6 anos, pois nessa idade eu tinha maior preferência em folhear um livro de muitas páginas com muitas figuras ou até desmontar algum objeto como um relógio ou brinquedo eletrônico do que brincar com outras crianças e consequentemente eu deixava de interagir.

Desde sempre fui tímido, mesmo sendo uma criança levada e imperativa, nunca fui muito bom com outras pessoas por isso meu ciclo de amigos sempre foi muito pequeno e quando eu ia para um novo ambiente eu sempre ficava bastante calado e somente observava as pessoas a minha volta esperando uma oportunidade de interagir com alguém, se assim fosse necessário por que se não fosse eu continuava sem interação. Uma das minhas atividades preferidas era desmontar coisas no quintal da minha casa e entendes como elas funcionavam já fiz isso com muitos brinquedos meus e com quase todos os relógios da minha casa, logicamente essa não era uma atividade divertida para meus pais. Também gostava de montar e inventar a partir de livros e figuras que eu via

em livros da escola e aí está o papel que esta instituição de ensino teve na minha infância, lá eu aprendi bastante sobre como o mundo funciona de uma maneira simples e característica. Entretanto, no que diz respeito ao aprendizado propriamente dito, de matérias que eu teria que ter para carregar pelo resto de minha vida, digo que eu não era muito fã de todas, visto que minha imperatividade é oriunda de um leve déficit de atenção que tenho e que será melhor explicado na etapa seguinte deste relatório.

Bem depois de um breve relato sobre como eu era na infância vamos ao meu estilo de aprendizagem nessa fase, considero meu estilo de aprendizado na infância como convergente, no que diz respeito aos quatro estilos de aprendizagem propostos por Kolb. O estilo convergente tem como características aprender melhor misturando o fator da prática, ou seja, a execução propriamente dita, com a teoria que é aquilo proposto nos livros e revistas.

As pessoas com esse estilo também gostam de solucionar problemas específicos e testar hipóteses na prática e possuem poucas habilidades interpessoais e de interações pessoais o que as faz gostar de realizar tarefas técnicas sem a participação de outras pessoas. E na infância eu me identifico assim, pois como já foi explicado sempre gostei de observar a teoria e pôr na prática tudo que eu via em livros e revistas e sempre fui tímido preferindo a companhia de minhas criações do que a de outras pessoas e isso acabou por fazer com que meus pais me mudassem constantemente de colégio para ver em qual eu me adaptava mais e isso acabou por fazer com que eu conhecesse vários ambientes e várias pessoas com métodos e instrumentos diferentes para o ensino.

A adolescência

Na minha segunda fase, a adolescência, depois de mudar de escola muitas vezes meus pais acabaram por descobrir que meu

real problema não era a escola e sim era eu, pois foi descoberto por meio de diagnostico que tenho um leve déficit de atenção que me atrapalhou por um bom tempo da minha vida no que se refere a aprender e me concentrar, visto que para uma pessoa com este problema aprender aquilo que não lhe chama muito atenção é um verdadeiro desafio. E comigo não foi diferente eu quase nunca aprendia as coisas na escola, no que se refere a fase da adolescência em que esta anomalia se manifestou mais, para a pessoa com déficit de atenção é mais fácil aprender aquilo que lhe chama atenção ou desperta seu interesse do que aquilo que não lhe é interessante.

Isso se tronou um problema grande para mim, por que nessa nova fase de vida percebi que eu necessitava aprender inúmeras coisas todas muito teóricas e algumas pouco interessantes e que eu tinha que aprender, pois era importante eu leva-las para toda minha vida acadêmica. Por isso mudei meu estilo de aprendizado de um estilo convergente para o acomodador que se refere a pessoas que aprendem melhor experimentando e realizando por meio de atividades práticas, apresentações e debates e combinam a atividade pratica com o gosto de colocar a mão na massa também gostam muito de se utilizar da intuição para a resolução de problemas e na mesmo medida para se chegar a uma conclusão gostam de ouvir bastante a opinião dos outro e são bastante sociáveis, gostando de trabalhar em grupo.

Como se vê eu migrei para um estilo quase que totalmente diferente do que eu era, pois passei a usar a teoria não mais para fazer experiências como era no passado, passei a usar para fazer explicações e debates, por que nessa nova fase era assim que eu aprendia, explicando para outras pessoas e isso me despertava um interesse muito grande na hora de aprender e também me fez com que eu vencesse a barreira da ante-socialidade para um patamar de bastante socialidade me fazendo ser bastante agregado a muitos grupos e conhecido como um verdadeiro nerd, pois eu já estava

com toda a teoria das aulas na ponta da língua para explicar para quem precisasse.

E no que diz respeito ao déficit de atenção acabei por lidar bem com ele, pois o novo método de aprendizagem me ajudou muito com esse meu problema. Uma das coisas que me lembro bem era o motivo pelo qual eu estudava bastante e aprendia várias coisas, não era só pelo benefício que eu teria no futuro, mas sim por meus pais me oferecerem recompensas no final do ano que me faziam sentir motivado a estudar e obter as notas para que eu chegasse aquele objetivo tão almejado que era a recompensa. E foi nessa época que ganhei meu primeiro computador, por volta de 2013, essa é uma ferramenta de aprendizado muito importante para mim até os dias de hoje, por que dispõe de várias fontes de informação além de vários métodos para se absorver tal informação. Na época, para mim isso era uma novidade muito grande poder ter tal ferramenta seria muito útil para mim e iria auxiliar no meu aprendizado além de levar também muito entretenimento através de jogos que também marcaram muito a minha adolescência.

Jovem adulto

Na fase atual em que estou, jovem adulto, foi muito marcada pela minha entrada na faculdade é pelas coisas que tive que fazer e sacrificar para chegar onde estou. Ao entrar no ensino médio me deparei com o monstro temido por todos o ENEM e claro a escolha do curso que eu irá fazer, ou seja, estava na hora ali de eu decidir meu futuro, mais uma vez vi que eu não estava mais conseguindo aprender no método acomodador, para o qual eu tinha migrado na adolescência. Então eu vi a necessidade de mais uma vez mudar meus estilo de aprender, tendo em vista que no ensino médio eu precisava absorver uma grande gama de conteúdos, por isso aderi ao estilo assimilador que tem como características aprender melhor agregando a observação e o pensamento, isto é a

observação da demonstração teórica é um meio facilitador do aprendizado, por isso para quem é desse estilo de aprendizagem aprender é mais fácil por meio de palestras, conferências e aulas.

Portanto para os assimiladores as ideias e conceitos abstratos tem mais importantes do que pessoas, por isso tem poucas interações sociais. Preferem também situações simuladas do que as práticas e assimilam a informação de forma organizada, ou seja, pegam ideias amplas e organizam em esquemas ou organogramas. E comigo foi assim passei a aprender melhor por meio de esquemas muito bem organizados que me ajudavam a aprender os assuntos, essa era uma época em que eu estudava bastante para passar no curso que eu almejava que era administração, mas porque administração? Escolhi o curso tendo em vista que eu era uma pessoa muito criativa e que tinha muitas ideias, muitas delas voltadas a ganhar dinheiro, e queria pôr em pratica, porém eu não sabia como fazer, por isso vi nesse curso uma possibilidade de realmente me ajudar a pôr prática todas essas ideias e até agora não me arrependi de escolher esse curso pois vi que com a carga de conhecimento que ele traz tenho várias possibilidades de fazer negócios no mercado de trabalho.

E agora na faculdade eu vi que para aprender eu necessitava de menos tempo, pois os prazos são apertados e tudo é muito mais corrido e como eu já tinha muita experiência com muitos estilos de aprendizagem vi que realmente o melhor para mim no momento é o estilo de aprendizagem assimilador, por que com ele consigo aprender de uma maneira organizada todas as teorias apresentadas em sala e de uma forma muito mais rápida.

Reflexões finais

A elaboração de um texto auto descritivo é muito bom para o autodescobrimento, por meio deste texto descobri que em toda minha vida até agora já passei por três fases de aprendizado distintas e isso me fez compreender algumas dificuldades de

aprendizado pelas quais já passei, e como eu posso contornar e lidar com novas dificuldades que eu possa vim a ter no futuro.

No que diz respeito a conclusão da obra, deixo a reflexão de que para você descobrir seu estilo de aprendizagem é primeiramente necessário que se descubra a melhor forma que você aprende e isso é possível por meio da experimentação, ou seja, tem-se que relacionar as características do modo como se aprende as teorias expostas por Kolb para que assim você descubra seu estilo de aprendizagem.

E no que diz respeito ao aprender, posso dizer que este vem por meio da experiência que por sua vez gera o conhecimento como diz Kolb "o processo pelo qual o conhecimento é criado acontece por meio da transformação da experiência. O conhecimento resulta da combinação de se obter e transformar a experiência" (KOLB, 1984). Portanto é imperativo frisar que o melhor fator da criação do conhecimento é por meio da experiência e esta é adquirida por meio do processo de estudar aliada ao método do estudo, ou seja, o estilo pelo qual se aprende.

Referências

FLAVIA, Ana; CAVALCANTE, B; CASTRO, C. A TEORIA DE KOLB: ANÁLISE DOS ESTILOS DE APRENDIZAGEM NO CURSO DE ADMINISTRAÇÃO DA FECAP. Linceu, 2015 <https://www.clevercorp.com.br/blog/2015/02/01/estilos-aprendizagem-kolb/>

Relato de experiências - Como eu aprendo?

Marlon Pereira Costa¹

Como eu aprendo?

Introdução

Estarei compartilhando com vocês a partir de agora a minha história de vida e com isso tentarei ilustrar a maneira como eu aprendo. Para uma melhor compreensão vou estar falando em poucas palavras quem sou eu e as minhas principais histórias de vida, assim como os principais percalços que tive de enfrentar.

A maneira como aprendemos é uma das formas mais importantes de evoluir e se tornar uma pessoa cada vez melhor, talvez você ainda não tenha parado para pensar nisso e fazer essa reflexão, mas pense agora, venha comigo refletir a respeito desse tema e se fazer essa pergunta, Como Eu Aprendo? Eu irei agora contar um pouco da minha história de vida, como eu me tornei a pessoa que sou hoje e como passei por todas as dificuldades desde a infância, passando pela adolescência (porque hoje eu já me considero um adulto), até chegar à fase da maturidade. Bom, meu nome é Marlon Pereira, sou natural de São Bernardo – MA, também sou acadêmico de Administração na UFPI-CMRV, e atualmente resido na cidade de Parnaíba no litoral Piauiense.

¹ Maranhense, acadêmico de administração pela Universidade Federal do Piauí. cursando inglês na Brithish and American. Formado em técnico de comércio.

Quero nessa narrativa compartilhar meus aprendizados, minhas lutas, minhas vitórias e derrotas. Desde criança eu sempre tive um sonho, ser alguém na vida, sabe quando você tem a certeza de uma coisa e que somente você próprio pode correr atrás para conseguir? Era esse (ainda é) o meu pensamento quando criança. Meus pais desde cedo me incentivaram para que eu não se desviasse desse objetivo, devo muito a eles pela pessoa que sou hoje.

Com isso um dos fatores essenciais em nossa vida é sem dúvidas o aprendizado, é através dele que nós evoluímos em meio ao contexto social. Por conta desse fator é essencial que busquemos cada vez mais o aprender, mas tem de ser um aprender que realmente eleve o seu nível de sabedoria, algo que faça de você uma pessoa melhor, dessa forma também poderá estar ajudando a compartilhar o aprender, buscando levar informações de valores e ética para assim contribuir com o meio em que está inserido.

Portanto é muito importante frisar que cada pessoa aprende melhor de uma forma distinta, afinal somos seres diferentes um do outro, cada mente de cada indivíduo pensa de uma forma e interage a situações de diferentes maneiras, é de extrema importância que você consiga conhecer a si mesmo, é uma reflexão que precisa ser feita constantemente pois é algo bastante complexo. A minha vida possivelmente é diferente da sua, e em decorrência disso a forma como foi constituído os meus valores tende a ter sido distinto. Cada pessoa tem uma personalidade distinta e reage de maneira diferente em determinadas situações, por conta disso é necessário conhecer, e muito bem, a si próprio.

A aprendizagem é um processo contínuo que ocorre durante toda a vida do indivíduo, desde a mais tenra infância até a mais avançada velhice. Normalmente uma criança deve aprender a andar e a falar; depois a ler e escrever, aprendizagens básicas para atingir a cidadania e a participação ativa na sociedade. Já os adultos precisam aprender habilidades ligadas a algum tipo de trabalho que lhes forneça a satisfação das suas necessidades básicas, algo

que lhes garanta o sustento. As pessoas idosas embora nossa sociedade seja reticente quanto às suas capacidades de aprendizagem podem continuar aprendendo coisas complexas como um novo idioma ou ainda cursar uma faculdade e virem a exercer uma nova profissão.

Infância do aprender - Adaptações

A infância é uma das fases mais importantes da nossa vida, é nessa fase que nossa personalidade é moldada, é nessa fase que começamos a conhecer o mundo e tomar consciência dos perigos e alegrias que ele pode nos proporcionar. Uma das principais lembranças que tenho de quando eu era criança é do natal no ano de 2007, onde na ocasião eu tinha apenas 8 anos de idade, alguns familiares que moravam na cidade do Rio de Janeiro vieram para comemorar o natal conosco na casa da minha avó no estado do Maranhão, essa com certeza foi uma das melhores noites da minha vida, e eu nunca vou esquecer a alegria que vi no rosto de cada um dos meus avós, tios, primos, irmãos e claro dos meus pais também por estar vendo toda a família reunida, foi algo que me deixou também muito feliz e com isso pude compreender que a família é um dos bens mais preciosos que podemos ter.

Na minha infância tive que passar por algumas adaptações, a principal delas foi a mudança de religião dos meus pais. Eu estava acostumado a ver eles em festas, ouvindo forró arretados, mas chegou o dia em que eles resolveram se converter a Deus e assim tornaram-se evangélicos, eu e meus irmão como éramos crianças ainda seguimos o mesmo caminho. Foi uma mudança de valores muito grande, e de certa forma contrariou toda a família. Meus pais foram os primeiros a se tornarem evangélicos e pouco tempo depois minha avó materna também aderiu a mesma religião, logo depois duas tias minhas. Foi algo muito gratificante poder presenciar toda essa mudança de valores de boa parte da minha família.

Desde criança sempre fui muito ativo (como a grande maioria das crianças), gostava de praticar muitos exercícios e sempre fui um bom aluno. Uma das lembranças que nunca me saiu da mente foi de uma ocasião em que a minha professora, na época eu estava no 3º ano, nos mandou praticar a tabuada e logo depois fomos testados, ela fazia o questionário de perguntas a cada um dos alunos, e lembro que quando um de nós errávamos ela dava uma palmada com uma régua na mão e pedia que voltasse a estudar, nessa oportunidade eu consegui acertar todas as perguntas e fui presenteado com um chocolate, me senti muito feliz comigo mesmo por ter conseguido atingir o objetivo, mas ao mesmo instante eu coloquei na minha cabeça que podia melhorar ainda mais.

O aprendizado na infância vem de maneira gradativa, na minha vida não foi diferente, tive de incorporar uma série de valores em que o principal deles obtive com meus pais. Meus professores também tiveram papel fundamental para a evolução do meu pensamento e da minha personalidade enquanto criança. Quando somos novos a maior vontade que temos é de crescer logo, nos tornar independentes, era esse o meu pensamento, nem tinha ideia do quanto era bom ser criança, poder passar o dia inteiro brincando, livre de preocupações e sem maldade no coração. Enquanto vamos vivendo, estamos aprendendo. E a cada dia notamos o quanto a infância foi boa e só nos deixou saudades.

Adolescência do aprender – Reflexão do saber

A adolescência é uma fase de muitas mudanças, sejam elas no corpo em razão das alterações hormonais, no humor ou até mesmo no temperamento. É a fase em que a pessoa pensa saber de tudo, e que já pode fazer todas as coisas por acreditar que já é “adulto” e saber discernir o que está certo do que está errado. E esse é o grande erro dos adolescentes.

Eu sempre fui uma pessoa muito calma, nunca fui de ter desavenças ou sequer discutir com as pessoas, claro que tem momentos em que somos obrigados a tomar atitudes mais energéticas, mas fora esse contexto, eu em momento algum fui de andar brigando sem motivos ou ato semelhante. Considero esse um dos meus pontos positivos, sempre tive a capacidade de pensar cada atitude antes de ir lá e executar. Creio que a pessoa que tem a capacidade de planejar e de evitar ações por impulso tem uma grande vantagem em relação as outras.

Posso agradecer meus pais por terem dado a mim uma boa educação, sempre fui muito elogiado por isso. Lembro que um período de férias quando minhas tias do Rio de Janeiro voltaram no Maranhão era comum elas elogiarem nossa educação (minha e dos meus irmãos), e eu me sentia orgulhoso por chamar a atenção por um motivo tão nobre.

Na escola continuei sendo um bom aluno, contribui com bons trabalhos e exercendo o papel de líder de turma. Me recordo de uma feira de ciências onde meu grupo ganhou em primeiro lugar, eu me senti bastante orgulhoso naquele dia, pois diante todos os alunos da escola eu pude ajudar meu grupo a desenvolver um ótimo trabalho. Nesse momento eu já me via como um líder, pois eu conseguia fazer com que várias pessoas trabalhassem em equipe, um grupo com um objetivo que soube lidar com as adversidades, venceu as dúvidas e a desconfiança de um grande número de pessoas.

Quando cheguei no terceiro ano do ensino médio, a minha dúvida de qual carreira eu queria seguir na minha vida era muito grande, ainda não tinha decidido e coloquei somente nas mãos de Deus. Chegou o período de fazer o tão esperado ENEM, e desde esse momento a dúvida aumentou ainda mais, terminei o ensino médio, saí como um dos melhores alunos da turma, e estava orgulhoso de mim mesmo. A angustia para saber se tinha tido um bom desempenho na prova do ENEM só aumentava, quando o resultado saiu fiquei muito feliz com o meu desempenho, pois a

nota que eu obtive me dava o direito de escolher entre uma variedade muito grande de cursos.

Então enfim chegou o momento de eu escolher a profissão que eu iria querer para a minha vida, e comecei a pensar comigo mesmo, eu sou uma pessoa que sempre desejou ser dono do seu próprio negócio, sou filho de uma microempreendedora e me espelhei nela minha mãe, uma mulher guerreira que corre atrás de seus objetivos. Decidi então que o melhor curso que eu poderia fazer seria administração, meus pais me apoiaram e me encorajaram a seguir em frente para seguir firme em busca do melhor, em busca do que iria me fazer feliz.

Maturidade do aprender – Quando a dúvida se tornou realidade

Depois de decidir o curso que eu iria cursar, foi apenas uma questão de tempo para ter minha vaga garantida. Minha felicidade foi enorme ao saber que estava tudo certo e que agora se iniciava uma nova etapa em minha vida, algo que eu sempre desejei que era um dia chegar a tão sonhada faculdade, um lugar para eu crescer, um local onde tinha a certeza que iria me fazer ter uma grande evolução como pessoa.

Ao iniciar minha jornada como universitário, tive algumas dificuldades, tive de sair do conforto da casa dos meus pais e ir morar em outra cidade, saí do Maranhão e fui morar no Piauí, onde desde então resido. Ao chegar na cidade de Parnaíba, fui morar com outros dois jovens da minha cidade natal que lá também residiam a alguns meses, era complicado para mim pois a casa ficava muito distante da universidade, e eu tinha de ir todos os dias de bicicleta, por esse motivo confesso que era muito cansativo, porém a minha vontade de estudar era muito maior que qualquer adversidade que poderia vir a existir.

Estava seguindo a minha rotina normalmente, com três meses morando em Parnaíba, já estava começando a me adaptar, mas quando menos espero veio uma notícia que não estava em

meus planos, nós teríamos que sair da casa, me deram essa notícia e eu tive de correr atrás de um novo local para eu morar. Percorri a universidade atrás de anúncios de possíveis locais, e então encontrei um que me chamou a atenção, era uma república, onde no local moravam 11 pessoas vindas de muitos lugares distintos e acadêmicos de variados cursos. Percebi ali um lugar harmônico e que me traria muitas experiências positivas, decidi então que esse seria a minha nova morada.

Mudei para a minha nova casa, fui muito bem recebido por todos que lá moravam, e gostei bastante da localização pois fica muito próximo da universidade e eu poderia ter acesso a ela a qualquer horário do dia sem ter que me deslocar de uma distância tão grande. A cada dia que se passava eu estava cada vez mais adaptado a cidade, sentia bastante falta da minha família, mas sempre estava indo visitar eles aos finais de semana, pois a minha cidade não fica muito distante de Parnaíba.

E depois de muitas dificuldades concluí o primeiro ano de curso, estava feliz pois se passara um ano em que via o meu sonho se tornando realidade, nesse primeiro ano de curso tive muito aprendizado, com ótimos professores. Cheguei então ao terceiro período e com ele veio o título de veterano, eu e todos da minha turma preparamos uma calorosa recepção para os nossos calouros (o famoso trote), onde passamos a tarde submetendo eles as nossas ordens.

O terceiro período estava sendo um verdadeiro obstáculo, com disciplinas difíceis que me fizeram correr um enorme risco de reprovar pela primeira vez em uma disciplina, no entanto isso não veio a acontecer, consegui dar a volta por cima e assim passei para o quarto período ileso. Estou eu seguindo a minha caminhada da vida, em busca de novos aprendizados, grandes lições e consequentemente um vasto ganho de sabedoria.

Reflexões finais

As passagens pelos estágios da vida são marcadas por constante aprendizagem. “Vivendo e aprendendo”, diz a sabedoria popular. Assim, os indivíduos tendem a melhorar suas realizações nas tarefas que a vida lhes impõe. A aprendizagem permite ao sujeito compreender melhor as coisas que estão à sua volta, seus companheiros, a natureza e a si mesmo, capacitando-o a ajustar-se ao seu ambiente físico e social.

De acordo com Piaget (1969, p.14) o indivíduo está constantemente interagindo com o meio ambiente. Dessa interação resulta uma mudança contínua, que chamamos de adaptação. Com sentido análogo ao da Biologia, emprega a palavra adaptação para designar o processo que ocasiona uma mudança contínua no indivíduo, decorrente de sua constante interação com o meio.

Referências

PIAGET, J. **O nascimento do raciocínio na criança**. 5. ed. São Paulo: El Ateneo, 1993.

QUADROS, Dante R. et al. **Gestão do capital humano**. Curitiba: Editora Gazeta do Povo, 2002. 72 p.

Relato de experiências - Como eu aprendo?

João Gabriel Duarte Araújo¹

Como eu aprendo?

Introdução

Desde o nosso primeiro momento em vida estamos fadados a ter sempre obstáculos e desafios em nossa rotina. Mesmo parecendo algo negativo, isso também tem seu ponto positivo, pois nos ensina como devemos nos adaptar às vivências pessoais, aprendendo cada vez mais e criando um tipo de resiliência, que nada mais é senão uma forma de aprender com momentos que foram ou estão sendo vividos. Afinal, ao passar por uma situação e conseguir a adaptação em seguida, é um processo de aprendizagem.

Levando em consideração minhas experiências de vida, pude observar que as pessoas aprendem com o treinamento, quando é de seu interesse, e com experiências vividas. Nesta última, podemos destacar relações sociais, ou acontecimentos diversos.

Como alguns exemplos de aprendizagem para a iniciação deste trabalho acadêmico cito os seguintes: Um jogador de futebol, que desde criança pratica o esporte como forma de diversão, e mesmo não sabendo disso, está aprendendo cada vez mais a cada jogada através de suas vivências em jogo, mas, ao chegar ao nível

¹Discente do curso de Administração, pela Universidade Federal do Piauí. Atuando como estagiário no Ministério do Trabalho de Parnaíba no setor administrativo.

do profissionalismo deve conscientemente treinar e se dedicar bastante caso queira levar seu time a conquista de campeonatos, ou até mesmo queira chegar ao topo com conquistas individuais, como o título de melhor do mundo. Um colaborador de uma organização, que além de já ter passado por um processo de treinamento está em constante aprendizagem dentro da empresa a partir das experiências que está vivenciando, assim, ajudando a desenvolver tanto seus relacionamentos sociais internos, quanto em suas atividades, que quando praticadas diariamente chegam ao ponto em que o indivíduo se habitua a realizar movimentos ou resolução de problemas de forma mais facilitada.

Assim que nascemos, já temos instintos naturais que com o tempo se moldam. Quando recém-nascidos descobrimos e aprendemos que a dor da fome pode ser eliminada ao chorar e receber o alimento da mãe. Quando crianças começamos a conhecer a educação, o respeito e tomar noção sobre coisas básicas do mundo. E depois de crescido há aprendizagem a cada dia, afinal o indivíduo está em constante processo de ganho de conhecimento.

Infância do aprender – Início da aprendizagem

A infância dura desde o nascimento até os onze anos de idade. É um dos principais períodos de aprendizagem do ser humano. Em minha vida, assim como da maioria dos indivíduos, aprendemos a falar, andar e ter percepção sobre algumas coisas nessa fase. O processo de aprendizagem quando se trata da alimentação, locomoção e fala, acredito que seja igual para a maioria dos seres humanos, já que é algo instintivo e que é desenvolvido gradativamente através das interações sociais com outros indivíduos. Geralmente, nesta fase iniciamos os estudos, aprendemos regras e limites, etc. Em nossa infância somos bastante dependentes de nossos tutores – pais ou responsáveis – por isso, aprendemos também a receber o ‘Não’, o que nos mostra

que nem tudo está ao nosso alcance, assim, nos fazendo conhecer e aprender sobre a realidade do mundo.

Meu aprendizado na infância foi feito através do que foi vivido por mim, tanto individualmente quanto socialmente, na educação dada por minha família, assim como pela educação escolar, ambas de suma importância para qualquer indivíduo que viva em sociedade. Acredito que boa parte das crianças em suas infâncias tem aprendizados parecidos. Em minha educação doméstica minha família sempre usou de motivação e punição como forma de ensinamento, assim, ao realizar algo bom, era dado a mim elogios e palavras de motivação. Já como resultado das traquinagens, eu recebia punições como ficar de castigo ou sem TV, algo que naquele momento era ruim, mas hoje vejo o quão importante foi.

Na educação escolar a professora passava as informações necessárias para o bom rendimento nas disciplinas, mas uma grande forma de aprendizagem foi a busca pelo sentimento de satisfação quando se tratava de tirar uma boa nota, caso contrário teria a decepção com uma nota não desejada.

Nesta fase também formei amizades, muitas delas verdadeiras o suficiente para durarem até hoje, e algumas momentâneas, que não passaram dos anos de escola. Mas ambas me fizeram aprender a criar vínculos com as pessoas, mesmo que naquela época não soubesse disso.

Adolescência do aprender- Aprendendo com as vivências

A adolescência é onde se inicia o treinamento para aprendermos a “caminhar com nossas próprias pernas”. A partir dela, começa a cobrança sobre nós, como a responsabilidade de focar nos estudos e encontrar um bom emprego. Nesta fase, também se encontram as primeiras decepções e grandes obstáculos da vida. Aprender na adolescência é algo muito importante, já que é nessa fase que nós decidimos boa parte do

nosso futuro, como qual área escolher para cursar futuramente em uma universidade.

Meu aprendizado na adolescência ocorreu por meio de relações sociais. Muitas dessas tiveram seus pontos positivos e negativos. Inicialmente durante minha adolescência a timidez foi um obstáculo, que aos poucos foi sendo quebrado por meio de interações sociais que me ajudaram a aprender e me adaptar diante de situações não confortáveis até então.

Dentre as decepções e angústias da adolescência, cito a perda de um grande amigo que teve sua vida ceifada por alguém. Apesar do sentimento de aflição que houve no momento, de certa forma, isso, serviu também como um meio de aprendizagem, pois a partir dali pude perceber que a qualquer momento podemos perder alguém que gostamos ou amamos e que não há volta para isso.

Maturidade do aprender – Aprendizagem em desenvolvimento

Após passadas as fases de infância e adolescência, o ser humano chega à fase de maturidade, onde o básico da vida já foi conhecido, e o indivíduo já conheceu e sentiu boa parte dos acontecimentos dela. Minha maneira de aprender na maturidade é relativa quanto ao assunto, mas, utilizo das duas formas citadas na introdução do texto; vivências e treinamento.

Na vida acadêmica, busco sempre enfrentar os desafios que me são apresentados, como: participação em eventos, ações sociais, seminários, projetos e etc., pois sei que tudo isso irá agregar conhecimento. Para isso, é necessário o ganho de experiência através das vivências e quando necessário, o treinamento, visando um melhor desempenho no que estou participando.

Já na vida familiar, boa parte do que eu sou atualmente foi ensinado por minha mãe, minha avó e minha bisavó. A cada dia aprendo mais com elas, desde qual remédio tomar para a cura de alguma doença, até a ética, moral e costumes. Mas também as ensino algumas coisas, posso dizer que é como uma troca de

ensinamentos, visto que atualmente eu tenho acesso a mais informações que elas.

Entrando para a vida profissional, que foi iniciada nesta fase, posso apontar como experiência vivida a minha chegada na atual organização em que atuo, na qual através de relações sociais iniciais consegui criar um ciclo de amizade e me inserir em grupos formais, informais e de interesse. O treinamento também foi, e ainda é, de suma importância em minha vida profissional, visto que ao chegar na organização eu não tinha nenhuma bagagem profissional, mas com o treinamento pude desenvolver minha atuação e aprender cada vez mais como ser um colaborador que tenha uma boa produtividade, além de conhecer um pouco do que aprendo nas teorias da vida acadêmica olhando pela visão da prática.

Quanto ao relacionamento social, acredito que cada momento vivido com outra pessoa já é, em si, um ganho de conhecimento, já que cada indivíduo tem suas particularidades, e eu tento absorver as melhores possíveis de cada pessoa, mas ainda assim, algumas outras que entraram em minha vida me fizeram aprender através da decepção.

Reflexões finais

De acordo com Oliveira (1993, p. 57 apud JSV OGASAWARA, 2009, p. 24), a aprendizagem é “o processo pelo qual o sujeito adquire informações, habilidades, atitudes, valores e etc. a partir do seu contato com a realidade, o meio ambiente e as outras pessoas”. A aprendizagem pode ocorrer a partir de circunstâncias fortuitas, como o encontro com certa pessoa, a leitura de um livro, a perda de um ente querido, a assistência a determinado filme. Ou pode ocorrer também como consequência de um curso, de uma aula, da realização de um trabalho escolar. A aprendizagem pode se dar a partir de situação totalmente informais, ou pode ser o resultado de uma ação planejada e intencional como é a de sala de aula, ou a de uma relação pai-filho. (Jorge La Rosa et al, 2001, p. 15).

A partir das exposições de Oliveira e Jorge sobre aprendizagem, podemos dizer que o conhecimento vem das relações vividas no dia a dia, sejam elas formais ou não, tanto com o ambiente quanto com as pessoas. Eu continuo a aprender e ensinar, pois, como já dito no texto, o indivíduo está em constante processo de aprendizagem, e este processo chega ao fim somente quando a vida também é finalizada.

Referências

- OGASAWARA, Jenifer Satie Vaz. O conceito de aprendizagem de Skinner e Vygotsky: um diálogo possível. 2009. 47 f. Monografia (Graduação em Pedagogia) – Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2009.
- LA ROSA, Jorge et al. (2001). **Psicologia e Educação**: O significado do aprender. Rio Grande do Sul: EDIPUCRS, 2001.

Relato de experiências - Como eu aprendo?

Caio da Cunha Santos¹

Como eu aprendo?

Introdução

Existem diversas formas de aprendizagem, cabe a você criar seu próprio modelo de aprender, de qual maneira você absorve mais facilmente as coisas, como você lida com diferentes situações, tudo vai a seu critério e tempo. As situações acontecem muito rapidamente, então diariamente estamos modificando nossa forma de aprender ou absorver informações. Toda aprendizagem em que passamos desde a nossa infância nos são adquiridas através de experiências. Passamos por diferentes situações, criamos ideias, nos baseando pelo o que nos é repassado pelas experiências de nossos pais, familiares e amigos.

De acordo com David Kolb (1984), desenvolvedor do ciclo de aprendizagem experiencial, a aprendizagem pode ser dividida em quatro fases: experiência concreta (agir), observação reflexiva (refletir), conceitualização abstrata (conceitualizar), e experimentação

¹ Graduando em Administração pela Universidade Federal do Piauí - UFPI/CMRV, com previsão de conclusão em 2020; Diretor do Centro Acadêmico de Administração - UFPI/CMRV (Gestão 2017.2/2018.1 e 2018.2/2019.1); Membro do Projeto Consultoria Social (2017.2/2018.1); Comissão organizadora dos eventos I SEAD - Seminário de Administração - em parceria com o CRA, IV Semana do Administrador, I FENI - Feira e Exposição de Negócios e Ideias e ENCAAD - Encontro de Acadêmicos e Administradores. Cursos em Administração Comercial e Análise de Mercado, Gestão Administrativa em Vendas, Finanças Empresariais e Gerenciamento de Negócios e Analista em Gestão Estratégica de Recursos Humanos

ativa (aplicar). Para o autor, a aprendizagem eficaz requer o movimento cíclico passando pelos quatro estilos de aprendizagem. Você pode aprender com erros e acertos, pois experiências e vivências são o que te torna alguém melhor e mais produtivo, não para os outros, mas para si mesmo.

Infância do aprender – Infância promissora

Os aprendizados que vivenciei na minha infância foram muito proveitosos, dinâmicos e um pouco engraçados às vezes, ensinamentos esses onde posso estar usando até hoje como base para certos problemas que me são apresentados, eles foram um dos, se não os mais importantes para montar a personalidade que tenho hoje, pois aprendi a diferenciar o certo do errado, a respeitar ao próximo, a ouvir. Sou filho de pais cearenses, sou o segundo de quatro irmãos. Uso meu irmão mais velho como espelho para muitas situações, deste modo, acredito que tenho que dar exemplos, também, para meus irmãos mais novos. Essa também é a fase onde temos contato com os “não” que os pais tanto gostam de usar, não por querer o mau ou coisa do tipo, mas sim para ensinar que nem tudo o que a gente quer pode ser conquistado assim com tanta facilidade, pois tudo tem um preço, um custo, uma consequência.

Minha infância foi um tanto quanto “livre”, mas sempre nos limites. Meus pais sempre me deram liberdade de fazer minhas escolhas. Se eu subisse em uma árvore tinha uma grande chance de cair e me machucar (um braço machucado, um corte ou o tão famoso “galo” na cabeça), mas assim iria aprender que aquilo era errado ou então a tomar mais cuidado ao subir novamente, pois todos sabem que criança mesmo caindo uma vez vai arrumar um jeitinho de procurar a próxima árvore. Sempre usei meus pais como exemplos para as minhas ações, eles nunca precisaram estar gritando ou me corrigindo frente às pessoas, pois eu já sabia que não era o certo a se fazer e os adultos tinham o seu local para conversar e as crianças seus espaços para brincadeiras.

Sempre fui uma criança bastante ativa, elétrica, sempre gostei de correr, pular, brincar de várias coisas, frente à casa de meu avô existia uma pequena quadra onde meus colegas, primos e eu passávamos as tardes. Eles com suas grandes e velozes bicicletas passavam horas e horas fazendo círculos a redor da quadra e eu com minha grande velocidade e força de vontade correndo atrás deles para tentar alcançá-los, simplesmente pelo fato de não saber andar de bicicleta, então decidi que queria aprender a andar de bicicleta, que não queria mais correr atrás deles, mas sim junto a eles. Ganhei uma bicicleta de meu pai, a partir daí passava boa parte de meus dias tentando aprender, sempre caindo, me machucando, mas nunca desistia, pois era meu objetivo e queria muito conquistá-lo. Depois de vários dias, incontáveis marcas pelo corpo, consegui atingir o tão sonhado objetivo, para mim foi uma grande conquista, pois hoje pode parecer bobagem, mas aquilo me mostrou que a gente pode cair várias vezes, mas com persistência e força de vontade a gente consegue o que quiser.

Minha mãe sempre esteve mais presente que meu pai, os ensinamentos dela na infância foram muitos, em apenas um olhar de canto de olho que me dava - aquele famoso “em casa a gente conversa” - já era o bastante para entender que eu havia feito algo de errado e precisava corrigir. Já meu pai sempre me deixou mais à vontade, me mostrou que não devemos levar tudo tão a sério, que um erro não era o bastante para levar umas palmadas, sempre me protegia das broncas da minha mãe, mesmo morando distante por motivos de trabalho. Fui crescendo assim, errando e ouvindo conselhos de mãe, pai, avós e tios, em maior contribuição. A partir daí começaram as novas fases de aprendizado, os da adolescência.

Adolescência do aprender – Fase de adaptação e conhecimento

Para mim a adolescência é um estágio de extrema importância na formação da vida e caráter de uma pessoa, por estar entre a fase da infância e a fase adulta, ela representa um

período de mudanças e conhecimentos na vida do ser humano, deve ser vivido com uma grande intensidade e bastante cuidado. O meio onde a pessoa vive também é responsável por formar a própria identidade, pois isso afeta muito nas decisões e pensamentos do indivíduo, são apresentados meios para resolver uma situação e a pessoa tende a se arriscar no mais fácil por julgar ser o melhor, mas nem sempre é assim.

Minha adolescência foi à fase dos vídeos games, dos celulares, das paqueras. Sou uma pessoa que aprendo muito na prática ou vendo alguém fazer, teoria nunca foi o meu forte, na adolescência aprendia truques e códigos de diferentes jogos com grande facilidade, por conta de gostar do que estava fazendo, por curiosidade. Aos 12 anos mudei de cidade, mas isso não me afetou muito por conta de já ter familiares e primos na nova cidade onde fui morar. É nessa fase da vida onde começamos a criar os ciclos de amizades, diferente da infância onde todos são amigos, na adolescência as amizades são meio que selecionadas por gostos parecidos, por locais, por convivência.

Nessa fase começamos a nos envolver com as pessoas que mais combinam com a gente, que brincam das mesmas brincadeiras, que gostam dos mesmos jogos, que estudam na mesma turma de escola, que praticam os mesmos esportes, entre outros motivos, assim temos o nosso primeiro contato com uma equipe, não aquela profissional, mas sim aquela de convivência, de aprendizado, aquelas amizades de confiança. Aprendemos a trabalhar em equipe com grupos de escola para realizar trabalhos, aprendemos que nem todos têm os mesmos gostos que a gente.

Nessa época também foi onde tive o meu primeiro contato com carros. Meu pai sempre possuiu carros, sempre tive uma admiração por quem dirige, assim sempre observava o que meu pai estava fazendo, o jeito que passava a marcha, o jeito que girava o volante, como usava os pés para acelerar e frear, tudo isso era fascinante para mim, quando tive a oportunidade de manobrar um carro não tive tantas dificuldades por conta de sempre estar

observando, posso dizer que não era um piloto de formula 1, mas mantive o carro intacto nos longos 10 metros em que eu o conduzi.

Ao final do meu ensino fundamental novamente mudei de cidade, foi uma decisão que tomei em família, pois vi que onde estava morando não havia um ensino adequado em que eu pudesse alcançar mais longe, por ser uma cidade pequena. Foi uma decisão um pouco complicada, pois era a primeira vez em que iria estar sem meus pais, ter mais responsabilidade, cuidar de mim mesmo embora estivesse indo morar com meu irmão mais velho. Não tinha minha mãe para estar me acordando para ir à escola pela manhã, fazer meu café, lavar minhas roupas, fazer as compras, mandar fazer atividades de casa, nesse momento a gente vê o quanto é importante a gente se cuidar, olhar para as próprias obrigações, resolve-las. Adaptei-me lembrando sempre dos ensinamentos de minha mãe e meu pai, observando sempre meu irmão mais velho que é uma das pessoas que sempre me espelhei, por ter passado pelas situações antes de mim, e por sempre estar em uma serie a mais que eu.

Posso dizer que soube buscar ao máximo de minha adolescência, buscando conhecimentos, passando por experiências que me fizeram crescer sem perder ou prender a criança que sempre existiu dentro de mim, só que agora com bem mais responsabilidade. Fui me tornando uma pessoa mais responsável, mas sempre aberta a aprender muito mais, pois os aprendizados nunca param e cada pessoa que passa pela nossa vida deixa um ensinamento diferente.

Maturidade do aprender – Novas práticas e ideias

A fase de aprendizado que venho passando recentemente, a tão sonhada por muitos, fase universitária vem abrindo oportunidades de ensinar e aprender com diferentes tipos de pessoas e grupos. Para mim, esta é a fase da busca de informações, de buscar se encontrar em meio à sociedade, do

autoreconhecimento e para isso, precisamos primeiramente buscar aprender mais sobre nosso “eu”, onde se encontra e onde pretende chegar.

Sou uma pessoa que gosta de trabalhar em equipe, o curso que escolhi me dá uma grande oportunidade de colocar isso em prática (trabalhar em grupo, tomar decisões, etc.). Trabalhar com pessoas não é um negócio tão simples assim, precisamos lidar com diferentes tipos de personalidades e temperamentos que também podem variar de acordo com o ambiente onde a pessoa se encontra, situação familiar, financeira, ou seja, existe uma gama de fatores que podem afetar. Com um tempo vamos aprendendo a nos comportar perante cada situação, e vendo que nem sempre a melhor decisão para você é a ideal para o outro, a equipe ou o grupo.

Em sala de aula existem grupos diferenciados, as chamadas “panelinhas” formadas, às vezes, por diferentes pensamentos, afinidade. Considero-me uma pessoa bem sociável, me dou bem com diferentes tipos de grupos e pessoas, por ser bem observador e por gostar de fazer diferentes amizades. Aprendi que não devo julgar por aparência ou religião, até porque todos tem o seu livre poder de escolha. Uma coisa pode ser errada ou desnecessária para você, mas pode ser bastante importante para outra pessoa, pois ela aprendeu assim, ela vivenciou aquilo, ela tem seus motivos. Já imaginou se todos nos pensássemos igual? Que chato não seria esse mundo, não é mesmo?! Às vezes, diferentes opiniões podem gerar discussões que podem vir a estimular a criatividade e surgirem novas e mais fáceis soluções para determinado desafio.

Aprender a se organizar é um grande desafio para os jovens, organizar estudos, atividades, responsabilidades, são uns dos grandes desafios que venho a enfrentar. Por vezes, aprender com os próprios erros é necessário, não devemos nos basear sempre pelas outras pessoas, nem sempre o que deu errado com alguém irá acontecer o mesmo com você, até por que, são pessoas diferentes, pensamentos diferentes, gostos diferentes. Sempre

ousei testar meus limites, pois só assim saberei até onde devo insistir, onde vou chegar com determinada ação ou pensamento.

Novas práticas de estudo como assistir vídeo aula, foi uma das mudanças que fiz, por considerar mais fácil ver e ouvir sobre determinado assunto dado em sala de aula do que ler sobre o mesmo, pois assim obtenho conhecimento com mais facilidade e rapidez, debater ideias também é uma forma que tenho como costume para absorção de conhecimento.

Reflexões finais

Existem diferentes formas de aprender, seja ela na teoria ou prática, nenhuma delas pode ser considerada totalmente errada ou absolutamente correta, pois todos são diferentes, dotados de habilidades, conhecimentos, experiências, prazeres, satisfações ou valores distintos.

Ao longo do meu crescimento tive várias experiências boas, que me mostram que eu estava no caminho que deveria me desafiando, pôr em prática tudo aquilo que venho adquirindo desde a infância e ruins que me ensinaram e me ensinam a crescer a cada dia mais, que desafiam minha criatividade. Assim venho me conhecendo a cada dia, buscando ser uma pessoa que a criança que fui há alguns anos olharia sem surpresas e com bastante orgulho de tudo aquilo que viveu ter se tornado a pessoa que é hoje.

Referências

KOLB, D. A. **EXPERIMENTAL LEARNING: Experience as the source of learning and development.** New Jersey: Prentice-Hall, 1984.

SANTOS, Caio da Cunha. **RELATO DE EXPERIÊNCIAS - Como eu aprendo?** Disciplina Comportamento Organizacional. UFPI - Universidade Federal do Piauí: Parnaíba, 2018.

Relato de experiências - Como eu aprendo?

Diemeison Gomes da Silva¹

Como eu aprendo?

Introdução

Na primazia da realidade, é inerente a passagem por experiências notórias, fundamentadas em razão do conhecimento de como chegamos até o que somos hoje. Muitos caminhos trilhados, muitas barreiras derrubadas, desvios aconteceram, mas sem relevâncias em minha vida. Com o intuito de permutar todas estas contradições, distorci minha forma de aprendizagem, de conhecer a realidade, de saber como é viver, ou talvez sobreviver, de acordo com os ensejos do mundo ao meu redor. E não é porque minha forma de aprendizagem se dá por meio de observações e criação de modelos teóricos, ou seja, o jeito assimilador, segundo a teoria de David Kolb, que eu não tenha realizado a prática de certas ações como forma de incrementar na maneira como eu interpreto e aprendo sobre o que acontece comigo e no mundo ao meu redor.

Diante de muitos aspectos relevantes ao meu modelo comportamental, minha forma de analisar as coisas foi moldada de acordo com minhas observações instrumentais e analíticas, baseadas, concomitantemente, em algumas experiências de vida.

¹Acadêmico do curso Bacharelado em Administração, pela Universidade Federal do Piauí - UFPI/ Campus Ministro Reis Velloso - CMRV. Domínio básico do idioma inglês. Interessado pelo aperfeiçoamento na área administrativa.

Em determinadas ocasiões encontrei-me num labirinto, muitas vezes quase sem saída, mas em razão de vários acontecimentos, alguns premeditados, outros involuntários, tive a oportunidade de mudar minha forma de pensar. Contudo, prevalece à espontaneidade de características para a minha tomada de decisões, influenciadas ou não pelo contorno calculista que resolvi adotar para administrar meu tempo e moderar meus conceitos.

Com o passar do tempo, fui organizando minhas noções de vivência, mas vejo que ainda preciso melhorar algumas coisas, aperfeiçoar outras, contornar meu aprendizado no geral. Há divergências, principalmente, no que remete a minha interação prática com variados contextos. Sinto que necessito rever algumas atitudes intrínsecas, ou até mesmo maneiras peculiares de viver. Mas o importante é que os seres humanos são dotados de características complexas, cada um da sua maneira, e em decorrência disso, aprendi a aprender do meu jeito e sem receio da opinião alheia.

Infância do aprender – O princípio das ideias

Com a vivência singela do interior e diante de algumas necessidades básicas e emocionais, comecei minha jornada de principiante da vida. Nos anseios que me rodeavam, aprendi a decifrar cada detalhe modesto, cada gesto gracioso, cada aconchego da minha mãe ou da minha tia, que sempre foram meu alicerce, ou mesmo de familiares próximos que sempre me auxiliaram durante meu crescimento.

Inicialmente, meu sistema de aprendizagem surgiu no próprio seio familiar. Meu princípio educacional foi intermediado pela minha mãe, que mesmo sem destaque pedagógico, ou seja, sem ser dotada de conhecimentos específicos para lecionar, visto que ela nem concluiu o ensino fundamental, me ensinou a ler e escrever antes que eu frequentasse a rede escolar. Simultaneamente, eu me dedicava a fundo para compreender tudo

o que ela me repassava. Mas com o passar do tempo, devido a minha idade, houve a necessidade de me colocar na escola, em busca de um futuro promissor para mim, condicionado pela vitalidade do meu desenvolvimento como ser humano racional.

Cada dia era desafiador e se perpetuava todas as vezes que eu pegava uma sacola de plástico para colocar meu material escolar e ir buscar novos horizontes na escola. Por isso que desde pequeno me empenhei intensamente, priorizando sempre o reconhecimento dos esforços que ela fez por mim.

Ampliei minha linha de raciocínio diante de incertezas e ingenuidades. Sempre simpatizei-me em indagar sobre o que se passava diante da minha visão de mundo, mesmo sem possuir brinquedos, livros, ou qualquer objeto para desenvolver meu minha capacidade de interpretar o que me cercava. Eu gostava de me entrosar com animais, isso sim era minha diversão. O mundo era mais transparente para mim com a alegria que me dava em brincar com os cabritos, até no dia em que minha mãe me proibiu de brincar por achar que eu tinha caído na cacimba. Fiquei triste por conta disso, mas desde então, descobri que a melhor forma de organizar nossas condutas, era por meio de imposição de regras.

Diante de tanta desenvoltura, sempre fui consciente do que é bom ou ruim. Aperfeiçoar isso foi apenas um passo metódico de lidar com tudo ao meu redor. Nunca fui do estilo traquina. Sempre fui mais reservado, calado, sozinho, apenas refletindo em meras fantasias. A timidez me limitava de entrosamento com os demais, nunca mostrava autenticidade quanto aos demais, mas mesmo assim com toda essa forma de personalidade, acabei ganhando reconhecimento de alguns professores durante os primeiros anos de ensino. Isso reflete no autoconhecimento de si mesmo, nem sempre somos piores do que os outros, porque somos mais reservados em nossa própria consciência. Só temos diferentes abordagens conceituais, mais centradas no pensar do que no agir.

Em contrastes pessoais, tive que lidar com o *bullying* na escola. Sou guiado por princípios e alguns dogmas, e com isso,

tinha que pagar uma promessa e passar o mês de outubro inteiro de marrom. Mas aí é que se encontra a imparcialidade das pessoas, em não saber lidar com as coisas. Começaram a me chamar de defunto. Aquilo se perpetuou na minha mente, mas foi o ponto chave para compreender que as pessoas necessitam de respeito mútuo para equilibrarem seus costumes e tradições.

Adolescência do aprender – A fase da mudança situacional

Consequentemente, esta é uma fase bem complexa na fase de qualquer pessoa. É inevitável que a aprendizagem venha acompanhada de agitações e experimentações, transformações físicas e mentais, hormônios a flor da pele, e com isso a mente pulsa de maneira surreal. Mas algo em mim sempre me privava de desfrutar de experiências ativas. Minha mãe sempre mantinha controle sobre minhas ações. Vontade é que não faltava para ir em festas, curtir, me divertir, até porque já havia surgido algumas amizades em minha vida. Eu nunca tinha tal liberdade para sair. Mas é por causa disso que hoje tenho consciência das minhas ações, pensamentos e sentimentos. Busco sempre agir com racionalidade, encara o mundo severamente. Com isso, aprendi que a vida nem sempre é como queremos, mas temos sempre que dá nosso melhor em busca de realizações.

Ao contrário do que muitos pensam de mim, sempre atribuo lógica nas minhas observações. Tive consciência disso quando vi que eu era o despercebido no grupo de colegas. Eu não buscava entrosamento, até que uma vez, quando estava quase concluindo o ensino fundamental eu ganhei um concurso de redação e tive que apresentá-la diante do público. Aquilo foi um momento de embaraço no meu papel de protagonista. Comecei a ganhar elogios, e no final das contas ganhei um dicionário como prêmio. Passei alguns dias analisando o porquê de ter sido um dicionário, já que eu tinha feito a redação mais coerente de todo o colégio. Mas enfim, cheguei à conclusão de que tudo isso foi apenas uma

maneira de tentarem fazer com que eu aprimorasse meus conhecimentos em palavras para enriquecer meu vocabulário. Fizeram-me entender que eu não devia me atrelar ao fato de que a redação estava ótima, para assim não entrar na famosa zona de conforto, mas que eu deveria buscar uma forma coerente de desenvolver tal habilidade, que um dia isso seria útil para mim no futuro.

O medo de encarar o público sempre foi um problema para mim. O receio de errar permanece um ponto fraco do meu ego. Certa vez, aconteceu um evento e fui escolhido para apresentar, juntamente com algumas pessoas. Aquilo foi desafiador para mim, até por que, tocar flauta doce era apenas meu passatempo predileto. Nunca imaginei que teria que fazer isso abertamente para várias pessoas. Fiquei trêmulo, é claro. Na pior das hipóteses, talvez alguém vaiasse, mas por fim encarei, e a recompensa veio por meio de muitos aplausos. O nervosismo ainda estava grudado em mim pela tensão daquele momento, mas tive que aprender a equilibrar a positividade com a ansiedade e entender que não se pode vencer o medo sem arriscar.

As circunstâncias transformavam-se com o passar do tempo, assim como as mudanças. Comecei pensar diferente, manter elos com pessoas amigáveis. Busquei evoluir minhas relações interpessoais. Comecei a frequentar a pastoral da juventude da Igreja Católica, assim permeando num grupo de jovens, e assim consegui firmar algumas reflexões. Passei a ver o mundo de diversas perspectivas, mas mesmo assim continuei com minha forma analítica de encarar as vivências.

Em 2010, aos meus dezesseis anos, logo após concluir o ensino médio, ingressei rapidamente na faculdade, sem ao menos ter uma visão do que queria. Importava-me saber que eu gostava de lidar com cálculos, e ainda hoje gosto. Cursei alguns períodos do curso de Economia, na Universidade Federal do Piauí, mas acabei desistindo por não adaptar-me ao segmento do curso. Muitas críticas surgiram, muitas pessoas achavam que agi errado e que o

importante era o diploma. Ideias medíocres, mas que tinham seus fundamentos. Posso ter me equivocado perante minha decisão, mas não me arrependo, pois não adiantava forçar a barra para no futuro ser um profissional frustrado. Assim, descobri que minha consciência de determinar decisões estava idealizada na minha forma de entendimento, pois só eu sabia o que era melhor para mim.

Maturidade do aprender – O espírito da aprendizagem conceitual

Perante o início da fase adulta, me envolvi no lado da curtação. Creio que aproveitei o que a adolescência não me proporcionou. Como a maioria dos seres humanos, aprendi com meus próprios erros, mas também aproveitei a oportunidade para otimizar meus acertos por meio de observações dos erros dos outros.

Com o passar do tempo, as coisas foram surgindo naturalmente, destinei-me a trabalhar minhas capacidades reflexivas. Sempre tentei manter minhas ideias firmes, interligadas aos meus princípios de vida. É evidente que entendo minhas qualidades e defeitos, que auxiliam no despertar dos meus desejos e anseios, ou mesmo na busca constante por detalhes. Nesta proposta de consistência, tento envolver-me perante a criatividade no meu processo de investigação, originada da subjetividade como processo inerente do ambiente que estou inserido, assim, prevalecendo os fatores determinantes para minha evolução conceitual.

Mesmo baseando-me no fato de aprender coisas novas por observar, caí na própria reflexão, visto que muitas vezes necessitamos de práticas para consolidar a teoria. Percebi isso quando notava as pessoas tocando violão. Assim, decidi, então, aprender sozinho. Comecei a treinar até os dedos ficarem doloridos. Mas enfim, adaptei-me as notas, mas não parei no tempo somente para apreciar quem tocava o instrumento. Busquei

evoluir diante dos meus desejos incontestáveis, e para isso tive que adornar minhas vontades com treinamento e dedicação.

Pelo tempo que fiquei sem estar na faculdade, decidi tentar a vida trabalhando, como forma de conseguir meu próprio dinheiro e tentar ajudar minha família. Trabalhei em um restaurante por alguns anos, e isso foi muito importante para desenvolver relações, contribuindo, assim, para a essa mudança social de comportamento. Interação não era meu forte, mas o serviço de garçom e a necessidade que eu tinha de manter a função, fizeram com que eu me desprendesse desse caráter retraído. Melhorei em muitos aspectos, me tornei até mais receptivo, divertido e interativo. Isso foi uma das experiências que mais contribuíram para minha busca de evolução da aprendizagem, crucialmente refletidas na minha subjetividade. Mas diante disso, meu reflexo ainda permeia o domínio cognitivo de ideias, veiculado no meu raciocínio indutivo.

Mesmo diante de muitos conflitos internos, consegui enxergar outras oportunidades. Resolvi dar um passo adiante e voltei para um curso de graduação, mas com novas perspectivas envolvidas. Ser administrador é meu foco realístico. E diante disso, consegui enxergar características que eu mesmo não sabia existir. Passei a sintonizar conceitos próprios, refletir sobre idealizações e tentar aproximar abstrações de práticas, mas sempre de forma lógica e concisa.

Ainda existem diversos caminhos a serem trilhados, e com eles, muitas informações para incorporar nas aprendizagens. Não adianta tentar ficar estagnado diante das incertezas, pois estar atento ao progresso dos conhecimentos é um processo consciente no meu parecer intelectual.

Reflexões finais

É evidente a modelagem da maneira com que aprendemos nas determinadas circunstâncias que a vida nos proporciona.

Passamos por diversas fases na vida, cada uma com aprendizagens diferentes, tanto na forma de pensar como agir diante de inevitáveis eventualidades. Como afirma Skinner (1974), que o repertório comportamental alude a diferentes comportamentos resultantes de uma história de relações que o indivíduo estabeleceu com as diferentes instâncias de seu ambiente, ao longo de toda sua vida. Simultaneamente, consagrei minhas virtudes por meio de poucas experiências e variadas idealizações, todas decorrentes do ambiente que eu estava inserido.

Na verdade, creio que consegui uma evolução significativa em minha linha de raciocínio, mas não somente enfatizando minhas observações. A vida sempre nos avalia de diversas maneiras, e nisso temos que moderar nossa forma de aprendizagem, sem consolidar apenas um estilo, mesmo que um seja mais permanente. Tomando como base tal pressuposto e associando, segundo Kolb (1984, *apud*, MELARÉ, 2008) o ciclo de aprendizagem oferece um referencial para conduzir o processo educacional, adentrei numa autoanálise, onde especificamente concluí que é fundamental a necessidade em buscar o equilíbrio do meu decurso de aprendizagem, para que esse desenvolvimento cognitivo se concretize em relação a outras vertentes de conhecimentos, consistindo no alinhamento do processamento de informações e na resolução de problemas por preceitos ativos.

Referências

GONÇALVES, M. **Como transformar vivências em aprendizados?** Disponível em: <<http://www.administradores.com.br/noticias/carreira/como-transformar-vivencias-em-aprendizados/46833/?desktop=true>>. Acesso em: 02 de outubro de 2018.

JERICÓ, P. **Os quatro estilos de aprendizagem – ou por que alguns leem os manuais e outros não.** Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2016/10/10/ciencia/1476119828_530014.html>. Acesso em: 02 de outubro de 2018.

MELARÉ, Daniela V. Barros. **A teoria dos estilos de aprendizagem: convergência com as tecnologias digitais.** Revista SER: Saber, Educação e Reflexão, Agudos/SP ISSN 1983-2591- v.1, n.2, Jul./Dez. 2008.

SCHMITT, C. S. DOMINGUES, M. J. C. S. **Estilos de aprendizagem: um estudo comparativo.** *Avaliação (Campinas)* [online]. 2016, vol.21, n.2, pp.361-386.

SKINNER, B. F. (1974). **About behaviorism** (pp. 148-166). New York: Alfred A. Knopf.

Relato de experiências – Como eu aprendo?

Wanny Maria Fiúza do Nascimento¹

Como eu aprendo?

Introdução

Faz tanto tempo que eu não escrevo para um livro, que acabei “desaprendendo”. DESAPRENDER v.t.d – Esquecer-se do que aprendeu. Eu sei que o assunto é como eu aprendo, porém, querendo ou não, muitas coisas que aprendemos um dia, desaprendemos.

Fiquei refletindo a respeito da aprendizagem e o quanto é necessário manter a prática. Vai parecer clichê, mas dizem que aprender é igual a andar de bicicleta, quando você aprende, nunca mais esquece. Talvez você não esqueça como se pedala, porém, a falta de prática será visível em sua forma desengonçada de pedalar. Mas a questão é: “COMO EU APRENDO?”.

No meu caso, a palavra que somo junto à minha forma de aprender é: SENTIR. Se eu não “sentir”, talvez uma conexão com determinado assunto, terei dificuldade para aprender. Se eu não “sentir” vontade, para buscar uma forma de conectar-me com tal assunto, aí é que não irei aprender mesmo. Se eu “sentir” medo de

¹ Bacharelada em Administração pela Universidade Federal do Piauí – UFPI/CMRV, com previsão de conclusão em 2020. Cantora, Compositora, fez parte do Livro de Poemas do Colégio Diocesano (2009), participou do Livro “Histórias da Vovó” do Escritor Wilson Fiúza.

arriscar, não irei aprender. Se eu “sentir” insegurança, não terei uma boa performance. Tudo em mim, o “sentir” está envolvido.

O mundo me tornou sensível demais da conta, porém, a vida cobra caro e devemos nos adaptar ao ritmo ou ficamos para trás. Aos poucos, vou adaptando-me quando é necessário aprender um assunto e ter que apresentá-lo em sala de aula. Penso na “sensação” e satisfação que irei sentir, ao ver que foi um sucesso e que pude aprender algo novo. Quando me faltam oportunidades para aprender na prática, eu “pulo” para as teorias, busco a leitura e assim, a criatividade flui, libertando-me do bloqueio criativo.

Infância do aprender

Até pouco tempo, eu não parava para pensar na minha forma de aprender, mas esse questionamento, feito pela Professora Celina Olivindo, fez-me observar mais sobre meu dia a dia e como, a todo momento, eu aprendo algo, mesmo que seja pequeno e/ou simples. Parei para pensar e voltei aos meus primeiros anos de vida.

Quando bebê, temos nossa mente vazia e qualquer coisa que vemos ou escutamos, já é armazenado com mais facilidade. Com o passar dos anos, essa facilidade, para alguns indivíduos, vai mudando. Falo por mim, o quanto eu gostaria de ter aquela facilidade para aprender. Fechei meus olhos por uns instantes e me concentrei em busca das memórias perdidas do jardim de infância. Uma voz feminina e de outras crianças fazendo uma repetição das letras do alfabeto, contando os números, adivinhando as cores, surgiu em minha mente.

O tempo não volta, obviamente, mas trago essa forma de aprendizagem, a repetição, até hoje em dia, em meus estudos. Um exemplo disso é em meu curso de inglês. Quando estou em sala de aula, estudando inglês, sinto-me uma criança novamente. Conhecendo e aprendendo novas palavras, como se fosse um bebê,

aprendendo a falar um idioma, para poder se comunicar com outros indivíduos.

Aliás, não posso esquecer da aprendizagem em minha própria casa, pois, os pais são os nossos primeiros professores. Aqueles que irão nos dizer o que é certo e/ou errado, o respeito pelas pessoas, a ética e isso vai construindo o nosso caráter. A pergunta clássica de uma criança: - “Mas, por quê?”. Quem nunca ouviu ou presenciou uma criança fazendo esse questionamento?

Você mesmo deve ter questionado os seus pais, ao não compreender o motivo daquele: - “Isso não pode!”. E assim, tanto em casa com nossos pais, quanto nosso primeiro contato com a escola, vamos aprendendo a conhecer o mundo que, nessa fase, ainda é tão desconhecido e será desconhecido por muitos anos, pois, a arte de aprender, não se resume a apenas uma fase de nossas vidas.

Adolescência do aprender

Todos os dias, é um árduo dia no quesito de aprendizagem. Ou você aprende a matéria ou você não tira uma nota boa para manter sua média “azul”. Essa cobrança, que eu lembre, veio apertando desde a adolescência. Eu estudava em um colégio católico e altamente rigoroso. Mesmo estando longe do ensino médio e de ter pouca idade para fazer o Enem, éramos colocados à prova de resistência e tínhamos que fazer 4 simulados ao ano, como uma breve imitação do que seria o vestibular.

A pressão para aprender algo, deixava e ainda deixa-me estressada, porém, eu buscava e ainda busco por meus métodos relaxantes, antes de ter qualquer momento de estudo. A música, para mim, é o meu remédio, minha válvula de escape, meu carregador para todos os momentos. Em campeonatos, alguns lutadores de jiu-jitsu, escutam músicas, enquanto estão na área de aquecimento, antes de qualquer luta.

A música faz com que muitos, sintam-se relaxados e serve como concentração para eles. Essa tática, eu já usava e posso afirmar que, realmente, minha conexão com música, faz-me acalmar e me concentrar. Pare e pense um pouco sobre qual gênero musical agrada mais você e qual o deixará relaxado. Minha dica é fazer um teste, enquanto você estuda, como forma de memorização de um determinado assunto, com a melodia de alguma música que fixa mais fácil em sua mente.

Maturidade do aprender

Como sou cantora, compositora, toco um pouco de teclado, sou desenhista e por eu ter aprendido a fazer muitas coisas, muitos me perguntam: “Como você aprendeu a cantar?”, “Como você aprendeu a compor?”, “Como você aprendeu a tocar teclado?”, “Você fez curso de desenho?”. A resposta é simples: Observação e prática. Tudo o que você quiser aprender e se dispor a praticar diariamente, irá memorizar rapidamente, como uma criança.

Eu comecei a cantar na infância, mas não tive aulas. Minhas aulas eram as fitas e CD's que eu tinha e ouvia direto, até aprender a letra e repeti-las. Hoje, eu pratico bem mais o canto, levo mais a sério como profissão, por isso, é de muita importância que eu pratique sempre. As cordas vocais são um tecido muscular, precisam ser exercitados, senão, enferrujam.

Aprendi a compor, a partir das próprias músicas que eu já escutava. Eu observava como começava, se era por uma introdução ou se já pulava para o primeiro verso, se tinha um pre-refrão curto, quantas vezes o refrão era repetido, mas, ao longo do tempo, fui pesquisando mais sobre o assunto para enriquecer e aprimorar minha forma de escrever. No caso do teclado, tive contato com esse instrumento ainda na infância, porém, o máximo que aprendi foi observando o meu irmão tocando. A música do ‘Parabéns’, foi a primeira que aprendi. Só depois que tive aulas em uma escola de

música, que aprendi, de fato, as escalas musicais, os acidentes, há respeitar o tempo com o uso do metrônomo.

Tratando-se do aprendizado em meu curso de administração, confesso que eu pensei que eu fosse desistir do curso, por não conseguir acompanhar os assuntos, por achar que seria algo muito complexo para mim, mas, descobri que todos nós possuímos um ritmo próprio para aprender. Uns são mais rápidos e aprendem com facilidade e outros, são mais lentos e requerem mais atenção e dedicação do tempo de cada um.

A cada dia, eu observo meu ritmo, estou aprendendo de forma cautelosa, procurando ler mais artigos, pesquisando mais, buscando compreender melhor cada assunto. Estou balanceando o sentir e agir (prática) com o ler e compreender (teoria).

Reflexões finais

Os questionamentos continuarão a todo momento em minha mente, como a criança que ainda existe em mim e pergunta o porquê das coisas. Com a tecnologia à nossa disposição, isso facilita o nosso contato com a informação e assim, possibilitando nossa aprendizagem. O celular, além de entregar a ferramenta de ouvir música, como forma de relaxamento, eu posso gravar as aulas e poder ouvi-las novamente, até compreender o que o professor explicou, como uma música a ser aprendida, para depois, cantá-la.

O palco é como fazer prova ou ficar em frente à turma, apresentando um trabalho, na qual eu “canto” o que eu aprendi do assunto e tentando ser mais clara e direta, o possível, para a compreensão de todos e a “conexão” com quem aprende da mesma forma que eu, através do sentir.

Por fim, sinto-me satisfeita em compartilhar com você, minhas reflexões e eu agora pergunto a você: Já parou para questionar sua forma de aprender? Questione-se! A criança curiosa e cheia de vontade de aprender está dentro de você. Aprendeu algo novo hoje? coloque em prática e ensine alguém. Repassar o seu

conhecimento ao próximo, também é uma forma de fortalecer o seu conhecimento, cada vez mais.

Referências

ALLIO, R. J. Leadership development: teaching versus learning. *Management Decision*, Vol. 43 No. 7/8, p. 1071-1077, 2005.

GONÇALVES, M. Como transformar vivências em aprendizados? Disponível em: <<http://www.administradores.com.br/noticias/carreira/como-transformar-vivencias-em-aprendizados/46833/?desktop=true>>. Acesso em: 09 de set de 2018 Set.

MERRIAM, S.B. BIEREMA, L. L. *Adult Learning: Linking Theory and Practice*. San Francisco: Jossey-Bass, 2014, p. 1-41.

SILVA, A.B. *Como os Gerentes Aprendem*. São Paulo: Saraiva, 2009

TERRA, Márcia Regina. O desenvolvimento Humano na Teoria de Jean Piaget. Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Disponível em: <http://www.unicamp.br/iel/site/alunos/publicacoes/textos/doo005.htm> acessado em 09 de set de 2018.

ZINS, J.E., ELIAS, M.J. 2006. Social and emotional learning. In G.G. Bear & K.M. Minke (Eds.), “Children’s needs III:Development, prevention, and intervention” (pp. 1-13) Bethesda, MD: National Association of School Psychologists.

Relato de experiências - Como eu aprendo?

Ana Gabriella Esmeraldo Barbosa¹

Como eu aprendo?

Introdução

Após estudar e analisar o meu modo de aprender, cheguei à conclusão que atualmente eu sou o tipo de pessoa que gosta de praticar, analisar os fatos e aplica-los no meu cotidiano e realizar as atividades, não sou o tipo de pessoa que prefere idealizar os fatos, ou cultivar pensamentos lógicos nem abstratos. Atualmente eu aprendo fazendo, discutindo com pessoas, testando e confrontando minhas habilidades, gosto de mostrar para os outros que sou capaz e qualificada e adoro quando consigo reconhecimento pelas minhas realizações. Eu possuo facilidade em falar em público e consigo dominar assuntos apenas lendo, e atribuindo exemplos práticos a eles.

No entanto, nem sempre esse foi o meu modo de aprendizagem, possuí três fases na minha vida bem dividida em diversos aspectos, e em cada uma delas eu me mostrei uma pessoa diferente em quase tudo, incluindo na forma de aprender. Depois

¹ Aluna do curso de administração na Universidade Federal do Piauí, campus Ministro Reis Veloso, com previsão de formação para 2020. Participação como diretora financeira do centro acadêmico de administração e da atlética do mesmo curso, ganhadora, juntamente com a minha equipe, na primeira amostra de curta metragem da Universidade Federal do Piauí, realização e participação de eventos acadêmicos. Experiência em atendimento ao cliente por meio de trabalhos desenvolvidos em lojas e clínicas médicas e participação na autoria do livro “como eu aprendo”.

de pensar e me analisar bastante, lembrando de todo o caminho que percorri até ser quem sou hoje, consegui atribuir palavras-chaves para essas minhas três fases, que são: coragem, na infância, insegurança, na adolescência e determinação, na minha vida adulta.

A partir da conceituação dessas minhas fases eu irei mostrar para vocês como minha capacidade de aprender mudou de acordo com a realidade em que eu vivi, quais as maiores dificuldades eu enfrentei e como eu fiz para vencê-las. Antes de começar a escrever sobre meus estilos de aprendizagem eu acreditava que tínhamos que ser contínuos, que não existia a possibilidade de aprendermos de formas diferentes ao longo da vida e quando comecei a praticar minha autoavaliação, percebi que eu não fui contínua em quase nada na minha vida e que tudo que eu aprendi veio de forma diferente de acordo com o contexto da época em que eu estava.

Por isso não devemos nos assustar se começarmos a perceber que nosso modo de aprender as coisas mudou completamente, na maioria das vezes isso é até saudável, pois é necessário que a nossa forma de assimilar conteúdos, sejam eles práticos ou teóricos, mude de acordo com a nossa forma de perceber o mundo e nos desenvolver no nosso contexto social. Não devemos nos prender a um só modo ou estilo de aprendizagem nem ter medo de praticar outras formas de aprender, pois é com novas experiências que passamos a adquirir mais certeza sobre como realmente aprendemos.

Coragem - A aprendizagem do conhecimento

Quando eu era criança tudo pra mim era novo, todos os dias eu fazia descobertas e não tinha medo de nada, não tinha medo de provar novos alimentos, nem de brincar de novas brincadeiras, pelo contrário, eu era bastante curiosa, queria saber de tudo, mexer em tudo, eu era muito ativa e animada, não gostava de ficar parada. Lembro de quando decidi que queria um patins. Eu nunca

havia andado em um na vida, mas eu via os outros andando e imaginava que era muito legal, então só me aquietei quando ganhei um.

Por eu ser muito pequena e magrinha as pessoas tinham medo de me dar essas coisas, achavam que eu ia me machucar e acabar nem conseguindo andar sozinha. Mas eu era muito decidida e minha coragem transbordava, eu me achava capaz de tudo e não importava o que falassem. O fato de eu perceber que as pessoas próximas a mim não confiavam no meu potencial nem acreditavam que eu era capaz de obter êxito em determinadas atividades, me instigava ainda mais a querer fazer e mostrar que eu poderia sim aprender as coisas sozinha e com qualidade.

No final das contas, eu ganhei meu patins, minha tia me deu ele de aniversário. Como eu falei, nunca tinha andando em um antes, mas a minha felicidade por ter ganhado ele era radiante. Então eu peguei meu patins, fui pra um canto longe de qualquer adulto, pois sabia que se eu ficasse perto deles, na primeira quedinha já iam me mandar parar, e depois de duas horas praticando sem parar e sem deixar que os joelhos machucados me falassem que eu não ia conseguir, eu aprendi. Não me apoiava mais nas paredes, nem ficava com as pernas trêmulas, eu simplesmente sabia andar no meu patins.

Fui imediatamente mostrar pra todos da minha casa que eu tinha aprendido a andar e todos ficaram realmente impressionados, porque, como eu disse, aprendi em apenas duas horas praticando, pra eles, que não acreditavam, de fato, que eu iria conseguir, foi algo admirável e motivo pra alguns elogios, isso me fez ficar muito orgulhosa de mim e ter mais certeza ainda de que eu era capaz de aprender qualquer coisa e me destacar nela.

Com o tempo eu aprendi a andar de patinete, bicicleta, skate e a nadar sozinha, eu percebia que o mérito que eu recebia por aprender sem que ninguém dedicasse seu tempo me ensinando, era ainda maior, então fazia questão de “meter a cara” e aprender tudo sozinha. Minha confiança em mim mesma me dava forças pra

conseguir chegar onde eu quisesse, não importava quanto tempo eu demorasse ou quão difícil fosse aprender o que eu queria.

Por conta disso, eu sempre me destacava diante dos meus coleguinhas e era sempre eu que os ensinava quando eles queriam aprender algo que eu já sabia. Me sentia mais adulta, mais responsável e adorava perceber que eles viam, em mim, alguém com capacidade suficiente para ensiná-los. Eu era realmente uma criança cheia de coragem e confiança.

Insegurança – Interiorizando a aprendizagem

Depois de relatar minha infância as pessoas não conseguem entender como eu me tornei uma adolescente tão insegura e retraída. A questão é que na adolescência ninguém se importa mais se você sabe nadar ou andar de bicicleta, na verdade quase todos também sabem, então isso não é mais mérito nenhum. O que contava era quem tinha o melhor celular, ou tablet, quem tinha o videogame mais atual e os jogos mais “maneiros”.

Bem no início da minha adolescência eu fui estudar em um colégio de elite de Fortaleza, não porque eu tinha dinheiro, mas simplesmente porque o meu pai prezava muito pela educação e como era eu e mais dois irmãos, nós conseguíamos um bom desconto na mensalidade do colégio. Eu, graças a Deus, nunca passei necessidade, sempre tive o que comer e vestir, mas meus pais se esforçavam muito pra me proporcionar isso. Portanto, eu não tinha um celular tão bom nem nenhuma das outras tecnologias da época e isso começou a fazer eu me sentir inferior.

Esse sentimento de inferioridade, fez com que eu me tornasse uma pessoa mais retraída e extremamente insegura, toda a minha coragem e confiança desapareceram em um piscar de olhos e eu não me achava mais boa o suficiente. Meus amigos, quase todos ricos, viajavam para os Estados Unidos, as meninas faziam festas de quinze anos deslumbrantes e todos tinham

sempre os melhores celulares, já eu... eu tinha um Nokia e nada mais.

Além disso, o ensino desse colégio que passei a estudar por volta dos 13 anos, era bem mais avançado do que os dos outros que eu já havia estudado. Ou seja, senti dificuldade em me adaptar e conseguir acompanhar os outros da turma. Passei a ter o pensamento de que eu deveria conseguir destaque pelo menos em sala de aula, nas provas e trabalhos, já que nas conversas entre os demais colegas eu não me sentia confortável e sabia que não me encaixava na realidade deles. Então eu passei a estudar muito, me privei de alguns momentos de lazer para ficar em casa fazendo atividades extras, mas mesmo assim eu não conseguia obter o resultado que esperava.

Isso me desmotivou e, além de modificar completamente o meu modo de aprender, ainda mudou meu comportamento perante a sociedade, assim como retrata Skinner, em seus estudos sobre o comportamento humano. eu parei de ser a pessoa que não tem medo de ariscar e quer aprender tudo independente da dificuldade, pra uma pessoa que não se sente mais capaz e por isso, não consegue mais arriscar em nenhuma hipótese, passei a ser a pessoa que prefere ler e interiorizar os seus pensamentos e que não faz mais questão de ensinar os outros porque não se sente bem fazendo isso.

Essa falta de confiança em mim mesma me prejudicou bastante, a minha insegurança me fazia ir mal nas provas do colégio, pois mesmo eu tendo estudado muito eu não achava que estava preparada. Então eu simplesmente “enfiava a cara nos livros” lia e relia dez vezes se fosse preciso, discutia as minhas observações sobre o conteúdo comigo mesma, nada de tentar discutir com os outros, nada de falar na sala de aula e com certeza, nada de ensinar os meus amigos, mesmo que eu soubesse o assunto.

Foi uma época realmente muito difícil, claro que eu não encarei como o fim do mundo nem deixei que o que eu vivia no

colégio afetasse a minha vida como um todo, a pesar de ser uma adolescente eu sempre fui bastante centrada e entendia que todos passavam por dificuldades, mas também imaginava que aquela criança forte e corajosa que um dia fez parte de mim, tinha ido embora e que jamais retornaria.

Determinação – Aprendizagem com qualidade

Final do ensino médio, resultado do Enem e uma luz no fim do túnel. Eu estava um poço de ansiedade com o resultado do Enem, meus pais não tinham condições de pagar uma universidade particular pra mim, eu teria que correr atrás do FIES (Financiamento Estudantil) caso não fosse pra uma universidade estadual ou federal, e quisesse ter uma graduação. Eu já estava até me informando sobre o funcionamento desse financiamento, quando as inscrições nas universidades públicas abriram e eu percebi que minha nota não havia sido ruim, eu conseguiria entrar na primeira chamada em muitos cursos, em várias universidades.

Talvez eu não fosse tão incapaz assim, talvez eu só precisasse ser um pouco mais confiante... Logo esses pensamentos tomaram conta de mim e eu comecei a enxergar uma nova fase surgindo. Escolhi meu curso, queria administração, escolhi minha universidade, seria a Federal do Piauí, campus Ministro Reis Veloso. As inscrições fecharam, eu havia passado, disso eu tinha certeza, eu não ia ter mais que me preocupar, tinha sido aprovada! Minha família vibrou com a notícia e eu fiquei realmente feliz, eu era uma das poucas da família que tinha conseguido entrar em uma universidade pública.

A partir desse momento minha vida mudaria completamente, teria que mudar de cidade, de estado, teria que ficar longe dos meus pais, teria que ter mais responsabilidade e cuidar da minha própria vida. Será que eu conseguiria? Essa dúvida não saía da minha cabeça. Com o passar dos dias eu fui me

acostumando com a ideia, as pessoas começaram a me parabenizar pelo acontecido e eu comecei a me sentir mais segura.

No dia em que cheguei em Parnaíba, onde iria estudar, falei pra mim mesma que seria uma pessoa diferente, que não iria mais me retrair nem deixar que a insegurança tomasse conta de mim, eu estava determinada a me esforçar o quanto precisasse pela minha graduação e estava certa de que nada mais poderia me fazer pensar que não tinha capacidade.

Primeiro dia de aula e eu estava lá por mérito e não por que meu pai pagou, não estava rodeada de Iphones ou pessoas viajadas, tudo era novo e ninguém sabia o que eu vivi na adolescência. Um pouco daquela coragem, que eu achei que nunca mais teria, estava ali, comigo, e eu não tive medo de conversar, conhecer as pessoas e deixar que elas me conhecessem.

Ao longo do curso eu fui me destacando e conseguindo bons resultados, voltei a ensinar meus colegas quando eles tinham alguma dúvida, passei a não me prender só nas leituras, comecei a gostar de discussões em sala de aula sobre os assuntos e me tornei uma pessoa que gosta de praticar, que não tem medo de correr atrás dos resultados nem se abala caso esteja errada, pois aprendi que errar faz parte e que um erro não me faz uma pessoa menos capaz.

Atualmente estou no quarto período do curso de administração, já participei da diretoria financeira do centro acadêmico e da atlética do curso, realizei eventos, consegui meu primeiro estágio e sou uma das autoras desse livro. Jamais tinha imaginado obter tantas conquistas. Quando eu era criança eu gostava de aprender porque não sabia de nada, quando eu era adolescente eu tinha medo de não aprender, e hoje, hoje eu gosto de aprender com qualidade, aumentando o meu conhecimento e aperfeiçoando as minhas habilidades, eu me esforço em prol do meu crescimento profissional e faço questão de continuar aprendendo visando um futuro de melhor.

Reflexões finais

A partir do estudo que realizei para escrever parte desse livro, me baseando nas formas de aprendizagem e como eu me desenvolvi ao longo do tempo, pude perceber o quanto é necessário que cada indivíduo faça uma autoavaliação e passe a se conhecer mais, que tenha noção da sua trajetória, das dificuldades que enfrentou e dos méritos que recebeu, pois depois disso, temos a visão de que nada acontece por acaso e que tudo na vida serve para nos ensinar a ser melhores, mais fortes e nos mostrar que podemos superar qualquer barreira, basta sermos resilientes.

Com meu estudo percebi o quanto mudei ao longo da minha vida, o quando decaí em alguns momentos e me superei em outros e isso me fez refletir e avaliar melhor as pessoas sem nunca julgá-las. Pois, alguém que se mostra enfraquecido atualmente pode um dia ser alguém realmente forte e dono de si e vice-versa. Aprendi, também, que não podemos nos abater caso passemos por alguma fase de insegurança e medos, que devemos sempre buscar oportunidades de nos reerguer e melhorar em qualquer aspecto de nossas vidas.

Além disso, após analisar com calma as fases da minha vida eu tive certeza de que não podemos nos diminuir ou deixar que os outros nos diminuam simplesmente por não termos recursos financeiros adequados para ter determinados objetos ou padrão de vida. O dinheiro não mede nossa capacidade!

Tive, ainda, a oportunidade de desenvolver o conhecimento sobre os estilos de aprendizagem, pois, segundo Kolb, adultos têm diferentes maneiras de aprender, que dependem de como percebemos a realidade e de como a processamos. E a partir dessa compreensão entender em qual deles me encaixo, além de perceber que ao longo de nossas vidas temos a capacidade de nos adaptar e com isso modificar o nosso estilo de aprendizagem.

Referencias

KOLB, D. A. **Experiential learning**: experience as the source of learning and development. Prentice-Hall Inc., New Jersey, 1984.

SKINNER, B. F. **Behaviorism and Logical Positivism de Laurence Smith**. In. Questões Recentes na Análise Comportamental. Campinas, SP: Papyrus, (1989), 1995c, pp. 145- 150

Relato de experiências - Como eu aprendo?

Andressa Santos Ferreira¹

Como eu aprendo?

Introdução

Como em todo primeiro contato há uma apresentação, vou começar por aí, fazendo uma breve apresentação. Meu nome é Andressa Ferreira, tenho dezoito anos, sou de uma pequena cidade de nome Água Doce do Maranhão - MA, mas há quase sete anos resido em Parnaíba - PI, e sou graduanda do quarto período em Administração pela Universidade Federal do Piauí - Campus Parnaíba. Como você pode notar, me mudei para outra cidade bem jovem, aos treze anos, como falamos por aqui, saí “debaixo das asas dos pais” bem cedo, e por esse e alguns outros motivos tive que amadurecer muito e em um curto período de tempo, foi um período de novas experiências, de amadurecimento e muito aprendizado.

Talvez você faça a seguinte indagação, “Como os pais dessa garota a deixaram ir morar sozinha tão jovem em outra cidade?” Pois bem, vamos esclarecer, nos dois primeiros anos morei na casa

¹Graduanda em Administração pela Universidade Federal do Piauí, com previsão de término para o ano de 2020. Dezoito anos, natural de Parnaíba - PI, mas me considero maranhense por ter vivido boa parte da minha vida em Água Doce do Maranhão - MA. Domínio básico do idioma inglês. Participação de palestras ministradas na faculdade e na organização de eventos acadêmicos, com profissionais atuantes no mercado de trabalho da área administrativa. Membro do Centro Acadêmico de Administração (2018.2/2019.1). <http://lattes.cnpq.br/1133323288583084>

de uma tia, mas temos que concordar, casa de parente nem de longe é o mesmo que a casa dos pais. No terceiro ano de residência em Parnaíba, minha irmã que na época tinha onze anos também foi morar conosco, mas mesmo morando com parentes quem resolvia tudo para nós duas sempre fui eu, e diante dessa situação comecei a ter uma breve experiência do que é ser mãe, tendo que cuidar de uma pré-adolescente.

Teoricamente, depois dos treze anos deveria iniciar a fase da adolescência, mas como já citei anteriormente, mudei para outra cidade jovem e sem meus pais, e por isso minha adolescência se fundiu com minha vida adulta, mais ainda quando minha irmã que hoje tem quatorze anos foi morar comigo, e logo depois veio o curso superior. Foi um passo enorme diante da realidade da qual eu vivia anos atrás, morava em um interior do maranhão onde a educação infelizmente é precária, e hoje cursando Administração em uma universidade federal, sinto muito orgulho de mim mesma, da pessoa na qual eu estou me tornando. Modéstia parte, sempre acreditei que iria conseguir, não por arrogância, mas por todo o meu esforço, por sempre ter procurado o melhor aprendizado, e agradeço muito a Deus por ter dado condições à meus pais, e ter feito com que eles sejam pais maravilhosos e que sempre acreditaram e acreditam no meu potencial.

Diante de todas as experiências que vivi e venho vivendo até o momento, acredito ser uma pessoa que tem um maior êxito no aprendizado praticando, e acredito que essa forma de aprendizado tenha surgido quando precisei sair da casa dos meus pais, ir para uma nova cidade, com novas pessoas e tendo que saber me virar sozinha, na “tentativa e erro”, “correndo atrás”, e por isso considero meu estilo de aprendizagem sendo Acomodador, por gostar de experiências práticas ao invés de abordagens teóricas. Mas nem sempre fui assim, na infância eu era muito de observar as atitudes das pessoas próximas a mim, principalmente as que eu admirava, nesse caso, meus pais, que sempre admirei bastante e ainda admiro, então considero que nessa fase da minha vida o meu

modo de aprendizagem se caracterize como Observação Reflexiva e Experiência Concreta, que são aprendizagens relacionadas às situações práticas, a troca de informações com outros indivíduos. Já na minha adolescência/vida adulta, no que se refere à aprendizagem nos estudos, considero meu estilo um pouco Assimilador, que caracteriza pessoas que gostam de criar modelos teóricos e que usam bastante o raciocínio indutivo.

Um exemplo de que aprendo melhor na prática é esse trabalho, eu sempre tive muita dificuldade em escrever, em me expressar, e quando a Professora Celina Olivindo apresentou esse projeto aceitei na hora, pude ver esse trabalho como uma oportunidade única para praticar e buscar sanar essa minha dificuldade. Portanto, aqui estou expondo um pouco de como venho aprendendo no decorrer desses dezoito anos e minhas experiências de vida que me levaram a amadurecer.

Infância do aprender - Infância de prática e observação

Na minha infância lembro que eu procurava sempre estar engajada em alguma atividade, desde pedalar com os amigos até participar de danças culturais como, bumba meu boi e danças rituais indígenas. Adorava esportes, estava sempre jogando futebol com os amigos, participava de todas as gincanas do colégio, gostava de observar, mas também de atividades práticas, assim como hoje.

Eu era uma criança bem ativa, não tinha medo de experimentar coisas novas. Nas proximidades da cidade de onde eu morava tinha alguns banhos (rios) na época, eu e uns amigos saíamos para “explorar”, vivíamos na natureza nos aventurando, brincando de pega-pega nos galhos das árvores, ficávamos até depois das vinte e três horas na rua brincando de pique-esconde, e todas as brincadeiras infantis que você imaginar, até nossas mães gritarem “Passa pra dentro menino(a)”. Acredito que todo esse ambiente de brincadeiras, atividades, relacionamento próximo com

amigos, influenciou muito para que eu me tornasse quem sou hoje. Toda a simplicidade, a inocência da época fez com que os meus valores se consolidassem cada vez mais.

Desde criança eu sempre fui muito certa do que eu acreditava, sempre defendi minha opinião e brigava por meus direitos. No ensino fundamental eu era uma criança gordinha, e sofria bullying por conta disso, mas conseguia me defender muito bem, sou totalmente contra violência, mas depois de relatar várias vezes a situação para a diretora e nada ser resolvido, eu dava o meu próprio jeito de resolver. Aprendi que isso não é legal, mas resolveu. Apesar disso, sempre tive vários coleguinhas que me respeitavam e me admiravam, sempre fui bem esforçada nos estudos e procurava ajudar aqueles que tinham uma maior dificuldade, e não tinha vergonha de pedir ajuda quando precisava. Aí está outra forma de aprender que até hoje pratico, ensinando o outro, discutindo os pontos de vista.

Como já citei, eu também gostava de observar as pessoas próximas a mim, e acredito que por isso que eu sempre procurava estar em atividades que envolvessem muitas pessoas, para que eu pudesse observá-las e ir entendendo a diferença entre cada uma, refletindo, mesmo que de forma infantil, sobre cada comportamento e trazendo para a minha realidade. Uma observação que fiz e que influenciou muito para o meu aprendizado foi que é de suma importância os pais apoiarem seus filhos em tudo.

Todas as experiências que vivi em todas as atividades que participei eu sabia que tinha o apoio de meus familiares, e que não importava se iriam dar certo ou errado eles estariam ali para me ajudar. Nas danças de bumba meu boi e de rituais indígenas não nos apresentávamos apenas na cidade, mais também em outras, viajávamos muito entre os meses de junho, julho e agosto, e nem todos os pais queriam ou podiam estar acompanhando seus filhos e acabavam não os deixando participarem. Mesmo com o trabalho e outra filha pequena os meus sempre me acompanhavam, e se

não podiam tinha uma pessoa de confiança que iria comigo, e todo esse apoio era um enorme incentivo para que eu fizesse o que eu gostava e vivenciasse novas experiências, e ver todo o esforço deles me motivou a correr atrás dos meus objetivos.

Por conta de todas essas experiências na fase da minha infância, acredito que eu era uma criança que aprendeu muito por meio da observação reflexiva e da experiência prática, observando tudo e todos e procurando sempre estar ativa.

Adolescência e maturidade do aprender – A adolescência e todas as responsabilidades da vida adulta

Saindo da fase de brincadeiras, como já foi citada anteriormente, minha adolescência se fundiu com minha vida adulta, com todas as responsabilidades, experiências novas e a vida acadêmica. A mudança de cidade e a residência com parentes me fez ter que lidar com situações as quais nunca imaginei que teria que vivenciar. E, além disso, teve a mudança de colégio, uma forma de ensino totalmente diferente da que eu havia tido no decorrer de uma década. Eu sempre fui muito “pé no chão”, e a na instituição na qual eu fui estudar tinha muitas pessoas, no ditado popular, “de nariz empinado”, e aquele ambiente me deixava completamente desconfortável, foi um período extremamente difícil. Mas hoje consigo ver que foi necessário passar por todas essas dificuldades para que eu me tornasse quem sou, toda experiência seja ela agradável ou não, serve como aprendizado e influencia muito no amadurecimento do indivíduo, e essas experiências somaram bastante no meu.

Logo depois, meus pais perceberam que aquele lugar não servia para mim, e daí veio mais duas instituições, na primeira deu muito certo, fiz os dois primeiros anos do ensino médio, mas houve uma mudança na direção do colégio e essas pessoas que faziam parte da direção fundaram uma nova instituição, por isso a mudança para uma outra, e no final de 2016 concluí o terceiro ano

do ensino médio. Havia feito o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), me inscrevi no SISU (Sistema de Seleção Unificada) para Administração na UFPI de Parnaíba, e aguardava o resultado, não estava muito ansiosa, pois dei o meu melhor no exame, e acreditava e acredito que tudo é como tem que ser. Iniciou-se o ano de 2017, e eu já havia começado a me preparar para a possibilidade de não conseguir ingressar na universidade, estava estudando em casa, me preparando para o ENEM desse mesmo ano, quando em um belo dia, amigos do ensino médio me enviaram uma mensagem, em uma rede social que mantemos contato até hoje, onde estava uma lista dos aprovados e meu nome estava entre eles, foi um momento de muita felicidade e gratidão.

Assim, depois de ser aprovada para o ingresso na graduação, vieram novas pessoas, e um ambiente totalmente diferente. Mais uma vez eu tinha que me adaptar, e até que foi fácil interagir, fazer novas amizades, comecei a gostar do clima, da vida de universitária, da possibilidade de me tornar mais independente ainda. Fui me destacando nos trabalhos, pela facilidade de falar em público, pela facilidade que tenho de pegar um assunto mesmo não tendo estudado tanto, e por sempre estar disponível para ajudar o colega e por não ter vergonha de pedir ajuda quando preciso.

Logo no primeiro período da graduação surgiu a oportunidade de me aventurar em uma nova experiência, participar de um centro acadêmico, mas infelizmente não deu certo, mas no decorrer do curso fui amadurecendo meus conhecimentos, minhas habilidades e competências e hoje, já no quarto período da graduação sou membro do Centro Acadêmico de Administração, e mais uma vez venho a dizer, tudo acontece no momento certo. E como membro do centro acadêmico, tive oportunidades únicas de experiência com eventos, de poder praticar o trabalho em equipe, a tomada de decisões, lidar com conflitos, e conhecer pessoas influentes na área da Administração, de estar mostrando todo o meu potencial, e apesar de não ser o meu primeiro pensamento quando me esforço para concluir com

êxito minhas atividades, fico extremamente feliz e orgulhosa quando o meu trabalho é reconhecido.

Sendo assim, todas as experiências de vida, tudo que tenho realizado e continuo realizando é para eu possa aprender e me tornar uma pessoa melhor a cada dia e uma profissional ainda melhor.

Reflexões finais

No sistema explicativo de David A. Kolb, toda aprendizagem implica na existência/constituição de estruturas mentais subjacentes à apropriação e elaboração dos conhecimentos advindos da experiência. Na visão de Kolb, a experiência é central para o desenvolvimento, e faz parte de um processo dialético e ininterrupto de aprendizagem, presente permanentemente ao longo da vida do indivíduo. As experiências de aprendizagem levam ao desenvolvimento porque se dirigem a uma meta, um propósito específico de aprendizado.

Com relação à maneira de captar a informação, alguns a processam se põem mãos à obra (ação) e outros, se refletem sobre o que observam (pensamento). Essas características definem os eixos das formas de aprender e dos quatro estilos.

Portanto, diante disso, e de todas as minhas experiências de vida não há dúvidas de que sou uma pessoa que dificilmente ler um manual, de que sou resultado da multiplicidade e da ação, de que prefiro trabalhar rodeada de pessoas, de que dou um jeito de conseguir recursos e alcançar os resultados que almejo, de que gosto de assumir riscos e de que sei me adaptar às circunstâncias, indivíduos com essas características se encaixam no estilo denominado por Kolb de Adaptadores.

Referencias

JERICÓ, PILAR. **Os quatro estilos de aprendizagem** – ou por que alguns leem os manuais e outros não. Disponível em:<https://brasil.elpais.com/brasil/2016/10/10/ciencia/1476119828_530014.html

KOLB, D. (1984). **Experiential learning**. Englewood Cliffs, New Jersey: Prentice Hall.

PIMENTEL, ALESSANDRA (2007). **A teoria da aprendizagem experiencial como alicerce de estudos sobre desenvolvimento profissional**. Disponível em:< <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v12n2/ao8v12n2.pdf>

Relato de experiências - Como eu aprendo?

Maria Elane Arruda de Oliveira¹

Como eu aprendo?

Introdução

O modo pelo qual aprendemos está diretamente relacionado às nossas experiências vividas e as lições retiradas delas, desenvolve-se a partir da evolução das capacidades e habilidades de uma pessoa, moldadas ao longo da sua história e que se inicia com a vida. Aprender é reter e tomar para si conhecimentos é desenvolver algo com base em projeções de experiências anteriormente adquiridas e armazenadas. "O processo pelo qual o conhecimento é criado acontece por meio da transformação da experiência. O conhecimento resulta da combinação de se obter e transformar a experiência" (KOLB, 1984).

Minhas experiências de vida resultaram em aprendizados que formaram o ser humano que sou hoje, acontecimentos bons que me fizeram agradecer por tudo que vivi e acontecimentos ruins que me fortaleceram para todas as futuras barreiras que foram impostas a mim. O aprender é individual de cada um, é particular e mutável, a forma e estilo de como eu aprendo hoje pode não ser a mesma forma em que eu aprendo amanhã ou daqui a 30 anos. A forma de aprender refere a características que podem

¹ Graduanda em administração pela Universidade Federal do Piauí- UFPI, Campus Ministro Reis Veloso, Parnaíba- PI. E-mail: elaneloliveira014@gmail.com

ser mudadas ou melhoradas, eu posso ter vários tipos de aprendizagem, mas nunca vou possuir nenhuma, pois aprender é essencial do ser humano e essas formas também.

Eu aprendo junto com a prática, gosto de informações que eu possa verificar. Normalmente prefiro estudar sozinha, muitas opiniões diferentes juntas me confundem, gosto muito de me utilizar da memória visual, geralmente lembro-me da posição do texto em relação à página, por exemplo. Relaciono também assuntos estudados com alguma experiência que já passei, me ajuda a memorizar mais facilmente. A escrita é uma ferramenta importante para meu aprendizado, anotar pontos, trechos ou até mesmos pensamentos me ajudam na hora de estudar ou de lembrar algo que tenho que fazer. Refletir a cerca de um assunto é crucial para que eu possa entendê-lo, tenho a capacidade de formar opiniões muito rapidamente, porém não ousa em discuti-las, não argumento se não estiver totalmente certa do que estou falando. Minha criatividade se expressa muito através de modelos, como assim modelos? Eu crio na minha mente diversos modelos para determinado assunto e seleciono o que acho que mais se encaixa, tenho raciocínio lógico, não fantasio muito em relação a algo, tento sempre buscar a melhor solução para um impasse.

Descobrimo o mundo

No dia 24 de julho de 1999 eu conheci o mundo, um mundo inexplorado em que eu estava prestes a começar a desvendá-lo. Nasci na cidade de Camocim, mas cresci no interior da cidade vizinha, Granja no estado do Ceará. No início da minha jornada não tive muitas dificuldades, comecei a andar e falar muito cedo logo desenvolveu minhas habilidades de leitura e escrita despertando elogios na escola principalmente por ter aprendido a ler praticamente sozinha, digo praticamente por que minha mãe era professora e enquanto eu a observava lendo seus livros eu aprendia as letras e relacionar elas ao som de cada uma. Quando

estava na escola costumava pedir a professora para que me ensinasse palavras difíceis de pronunciar que eu não conseguia aprender observando minha mãe, lembro-me ainda dos elogios e palmas que recebi dos meus colegas por ter sido a única, a conseguir soletrar liquidificador, naquele dia voltei pra casa eufórica querendo logo contar a meus pais, esperando muitos elogios, que não aconteceram. Tive uma infância muito gostosa, por morar em um povoado bem pequeno, cresci em meio à natureza, minha maior alegria era quando chovia e eu e meus amigos corríamos na chuva e brincávamos nas poças d'água, eu não tinha a preocupação de ficar doente mesmo sabendo que eu teria uma crise de garganta horrível nos dias seguintes.

Sempre fui uma criança bem “pra frente”, conversava com adultos de igual para igual, na minha cabeça as crianças da minha idade não me entendiam como minhas “amigas” adolescentes e adultas, e me sentia muito madura por isso. Minha maturidade, por ser uma criança, realmente impressionava, sempre era cogitada para apresentações escolares, para falar em público, coisa que me deixava muito sem jeito, porém nunca dizia não, mesmo tendo um medo imenso de falar na frente dos outros. Apesar de toda essa desenvoltura, eu era uma criança muito sapeca, muito respondona como diria minha mãe, sempre tive muita opinião e curiosidades, sempre busquei o porquê das coisas. Lendas pra mim eram bobagens inventadas e que quando alguém contava eu imediatamente respondia “que era algo inventado para os outros terem medo”. Opinião de criança não é respeitada, e isso me deixava totalmente indignada, principalmente por habitar em um ambiente machista, em que por diversas vezes eu escutava que mulher foi feita pra cuidar da casa, do marido e dos filhos, isso me despertava um sentimento de ser diferente, sentimento esse que começou a dominar a minha forma de querer aprender, passei a me dedicar mais, a ter comportamentos de me encaixar em tudo, não seguir um padrão e querer ser diferente de tudo que eu ouvia.

Subir em árvores pra comer frutas, cair de bicicleta para aprender a pedalar, foram coisas que me ensinaram a não ter medo de arriscar, e que se eu caísse eu tinha que levantar e tentar de novo até conseguir. Viver em meio a pessoas desinformadas e com medo de tentar algo novo faz com que você chegue a pensar pequeno a não querer ser diferente, mas não foi essa a educação que eu tive, sempre tive o incentivo da minha mãe a buscar coisas novas para poder ser diferente da realidade que eu tinha no momento. São pequenas situações que viver no “mato” me fez passar, que me engrandeceram, nunca tive vergonha de dizer de onde eu vim, mas o tempo muda o modo de ver as coisas.

Me descobrindo no mundo

Minhas origens sempre foram motivo de orgulho de para mim, mas chegada à fase a adolescência foram surgindo conflitos que me fizeram deixar um pouco de lado isso e ir à busca de algo melhor pra mim. No final do meu ensino fundamental surgiu a oportunidade de estudar em escola de ensino integral de nível técnico muito bem vista na cidade, logo decidi ir, porém para isto eu teria que sair de casa, e foi o que eu fiz. Aos 13 anos sai da casa dos meus pais em busca de uma educação melhor, logo no início surgiram diversos problemas, eu não estava indo bem na escola por não ter acesso a ferramentas que me auxiliariam nos meus estudos e também por conflitos que surgiram na casa onde eu estava morando que até então era a casa de uma prima. Decidi então sair dessa casa e ir morar com meus avós em um distrito perto da cidade em que eu estava anteriormente, sabia que seria mais difícil, pois agora eu passaria o dia na escola e ainda viajaria cerca de 1 hora até chegar em casa, seria ainda mais difícil eu ter a acesso a ferramentas como internet já que meus avós eram bem conservadores e não gostavam de tecnologia. Então eu coloquei na minha cabeça que eu melhoraria minhas notas estudando do jeito antigo, com livros e enciclopédias que eu tinha a minha disposição.

Tive que amadurecer muito cedo, para que todos os meus esforços valessem a pena, geralmente a adolescência é tida como uma fase marcada pela rebeldia, eu não tive nada disso, sempre fui muito responsável. Gostava de resolver meus problemas eu mesma, nunca tive uma advertência na escola, claro que aconteceram casos que tive aquela conversa com a diretora, não fui nenhuma santa, mas sempre tentei evitar certos tipos de constrangimentos para meus pais. Lembro-me bem de um professor da matéria de física que puxava muito minha orelha, principalmente por ver potencial em mim, mas que de algum modo eu não conseguia enxergar. No primeiro ano do ensino médio eu fiquei em recuperação na matéria dele, chorei muito, pois nunca tinha acontecido isso comigo, quando cheguei pra fazer a prova ele olhou pra mim e disse “tá preparada?” e eu respondi “não” neste momento eu coloquei na minha cabeça “essa é a primeira e última vez que passo por isso”. No ano seguinte eu comecei a “comer” os livros, virei destaque em todas as disciplinas, isso me ensinou que se você quer alguma coisa e se prepara o bastante não existe outro caminho a não ser conseguir. São situações como essas que motivaram a estudar dia e noite para chegar a onde eu queria, para ser diferente.

Descobrimo o meu lugar no mundo

Minha vida sempre foi baseada em onde eu queria chegar, e no que eu teria que fazer pra isso. Minha certeza era que eu queria me formar em uma faculdade, e para isso eu abri mão de curtir minha vida pré-adulta, para poder me dedicar inteiramente aos meus objetivos. Foi uma fase difícil da minha vida, a pressão que eu colocava em mim era muito grande, que chegou ao ponto de não aguentar mais, em setembro de 2016, tive uma conversa com a coordenadora do meu curso e com uma psicóloga estudantil, que me disse que eu estava com começo de depressão, isso já tinha passado pela a minha cabeça, mas ouvir de uma profissional da

área foi difícil pra mim, ela me passou muitas recomendações e dentre elas estava viver mais, não somente estudar, e foi o que eu fiz, passei a me exercitar e sair um pouco, quando chegou a data tão esperada, o dia do ENEM, fiquei tão nervosa que não conseguia assimilar o que eu havia estudado com as questões, foi aí que eu percebi, eu tava estudando errado, foquei tanto em ver muitos conteúdos que esqueci de focar no que eu realmente estava aprendendo, o medo de não conseguir me maltratava todo dia, até chegar o resultado, não era o que eu queria, mas também não tinha sido tão ruim.

Minha chegada à universidade com certeza foi uma das maiores felicidades e sensação de dever cumprido que senti. Fazer parte de um ambiente cheio de pessoas diferentes me encanta, gosto de perceber como elas são como elas agem isso me engrandece, eu aprendo com cada detalhe que eu observo, se for algo ruim, sei que aquilo eu não devo fazer, se for algo bom, vejo situações que aquilo pode ser usado. Minha forma de aprender é essa, é através de observações, de situações que já vivi ou presenciei, são coisas simples ou complexas que eu tento tirar alguma coisa. Espero um dia me tornar aquilo que eu admiro, de fazer mudanças, de deixar alguma contribuição, ainda há muita coisa para viver, para descobrir nesse mundo de imensidão que habito, ainda há coisas a serem criadas, inventadas, revolucionadas, o mundo muda a cada dia e eu tento mudar junto a ele, sou aberta a novas descobertas e novas possibilidades.

Reflexões finais

Aprender é algo nato, nossa infância é a primeira etapa de descobertas de mundo e aprendizado. Viver é aprender, é cultivar conhecimentos, é apropriar-se do novo, de conhecimentos aprendidos, através de fantasias, do certo e do errado, das dores e alegrias, em que vivemos. “Assim, o aprendizado é um aspecto necessário e universal do processo de desenvolvimento das funções

psicológicas culturalmente organizadas e especificamente humanas” (VYGOTSKY, 2007, p.102).

A importância de saber a forma na qual eu aprendo, é a notar o quanto isso revela de mim mesma, como isso afetou no meu desenvolvimento como a mulher que sou hoje. Apontar erros e acertos não é fácil, falar de si é uma habilidade pouco desempenhada.

Neste sentido, dar o real valor a estudos como estes é um papel importante na vida de um acadêmico, pois tudo que traz o autoconhecimento proporciona uma visão mais abrangente em relação ao meio ao qual estamos expostos.

Referências

Vygotsky, L. S. (1987). c. In R. W. Rieber & A. S. Carton. (Orgs.), The collected works of L. S. Vygotsky, vol.6. Nova York:Plenum.

Kolb, D. (1984). *Experiential learning*. Englewood Cliffs, New Jersey: Prentice Hall.

Relato de experiências - Como eu aprendo?

Matheus Moraes Bruno¹

Como eu aprendo?

Introdução

Pode-se dizer que o aprendizado é um processo de absorção, transformação e reprodução daquilo que conseguimos perceber no ambiente. A forma como percebemos o que acontece está muito ligada ao nosso comportamento, pois o comportamento também é resultado da forma como nos relacionamos com o meio. Portanto, saber como moldar seu comportamento pode ser de grande ajudar para melhorar seu aprendizado. Mas por que isto é tão importante? O estado de aprendiz é algo inerente ao ser humano. Fazer uma reflexão e pesquisar um pouco sobre aprendizado pode ser um bom método para entender como seu comportamento interfere no seu aprender. Utilizei deste método para discorrer como aprendo e como aprendia antes. O ciclo de Kolb também é interessante para compreender estilos e habilidades no aprendizado, pois descreve tipos de comportamento.

A forma como eu aprendo atualmente, constitui-se de observar, ouvir, refletir e praticar. Acredito que a maior participação neste processo seja da observação e da parte de ouvir (que não deixa de ser um meio de observação, prestar atenção no

¹ Estudante de Administração pela Universidade Federal do Piauí – Campus Ministro Reis Velloso. Sem atuação profissional no momento.

que lhe é dito), algo que aprendi com meu pai. Meu pai me gerou quando já tinha 40 anos, quando já era um homem bem vivido e experiente. Conforme fui crescendo ele sempre chamava a minha atenção para escutar o que ele me falava, pois tudo o que eu estava vivendo e iria passar ele já tinha vivido. Algo que todo pai diz para o filho. Nós filhos podemos achar que é um clichê, pode até ser, mas no momento em que paramos pra pensar nisto "tudo o que eu estava vivendo e iria passar ele já tinha experimentado" deixa de ser um clichê e vira um ensinamento, o que resulta em um processo de mudança na forma de perceber a realidade que nos cerca. Após isto, fixei em minha mente a ideia de sempre respeitar os mais antigos pela sua experiência e sempre atentar meus ouvidos com bastante seriedade.

Hoje cumprindo o serviço militar obrigatório, convivo em um ambiente de disciplina, valores, tradições, respeito e hierarquia, onde a decisão de sempre ouvir os mais antigos só foi reforçada, me rendendo bons frutos e me livrando de "burradas" muito comuns na juventude. Como ninguém é perfeito, nem sempre o detalhe de ouvir e observar acontecem, é algo completamente compreensível quando se trata de seres humanos; conseqüentemente acaba entrando outra forma de aprender, que é através do erro.

Tenho certeza que ele nos acompanha desde que somos crianças e vai até a morte, algo inerente ao nosso ser. Admito que em muitas vezes da minha vida a melhor coisa que pode ter acontecido foi eu ter errado, e agradeço a Deus por todos esses momentos. Utilizo o termo "admito" porque errar é algo desconfortável, principalmente quando se tem tendências perfeccionistas ou problemas de segurança consigo mesmo, mas como dito anteriormente, errar muitas vezes foi a melhor coisa que pode ter acontecido comigo, porque é justamente este desconforto que nos leva a refletir e mudar.

Recentemente consegui a minha licença para dirigir, e como se é de esperar, por mais que tenha passado por aulas teóricas e

práticas na autoescola, as primeiras conduções sozinho são as piores e as mais assustadoras. Porque dessa vez você não tem mais o Instrutor experiente ao seu lado lhe passando os “bizus” ou com o pé na embreagem e freio do lado dele preparado para qualquer momento em que você cometer um erro bem grave. Então as primeiras vezes que sai para dirigir habilitado foram as piores: deixava o carro morrer no sinal, entrava na contramão em ruas que não conhecia, fechava o cruzamento inocentemente algumas vezes e outras besteirinhas; mas tudo isso serviu para me transformar e hoje já consigo dirigir bem melhor, bem mais seguro.

Como era meu aprendizado?

Durante a minha infância não fui muito diferente das outras crianças, a curiosidade sempre foi algo que me impulsionou. A minha criação reflete bem a pessoa que sou hoje, embora estejamos sempre em constante mudança acabamos conservando algo dentro de nós que é parecido com uma essência. Essa essência seria a curiosidade, que vai se aperfeiçoando no decorrer da vida. Diferente de hoje antes eu conseguia me expor mais ao mundo digamos assim, pois tinha mais coragem de perguntar, experimentar, buscar conhecer as coisas. Era assim que a curiosidade se manifestava em mim, me incentivava a ter o espírito de “voluntarismo”, um neologismo que uso pra definir alguém que é corajoso e não tem medo de ir atrás do conhecimento. Para exemplificar o espírito de “voluntarismo”, uso das coisas que vivi e vivo nestes 10 meses de serviço militar. É muito comum na formação militar o instrutor pedir voluntários durante a instrução para demonstrar alguma coisa. É natural o instruendo sentir um pouco de receio ou medo, até pela própria natureza da formação que é rígida. Na hora dos indivíduos se manifestarem, são poucos que possuem coragem de levantar o braço - confesso que nunca sou voluntário.

Associando ao Ciclo de Kolb, minhas habilidades de aprendizado poderiam estar contabilizadas desta forma, 45% Experiência Concreta (Agir), que seria a absorção de novas experiências, algo bastante comum quando estamos na escola, por exemplo, e no meu caso foi algo bem forte, pois morei em duas cidades antagônicas do ponto de vista cultural, Osasco - SP e Teresina - PI. Sou natural de Teresina, mas quando tinha 3 anos meu pai foi transferido para lá, então pode-se dizer que minha primeira versão, foi com a realidade de morar na “selva de pedra”. Três anos depois quando voltei para Teresina, ao ter contato com meus familiares e meus novos colegas de escola tive um choque cultural. As brincadeiras eram outras, a gírias, o sotaque, tudo era diferente. Foi na escola que foi criada a minha versão nordestina.

Vou atribuir 11% para a Observação Reflexiva, pois acredito que analisar o que foi vivido, se torna mais constante com o passar da idade; é mais provável que a criança faça uma reflexão quando ela cometer um erro. Com certeza, o ciclo de Kolb não é muito interessante com crianças, mas é interessante usar pra ver o quanto estamos mudando. Portanto vou atribuir 3 % para a Conceitualização (Conceitualizar), na verdade deveria dar 0%, porque não lembro em nenhum momento da minha infância de estar atribuindo conceitos. Por fim, chegamos à aplicação (Aplicar), 41% para ela. Mas ela está mais relacionada à teoria, por isso que o Ciclo de Kolb não é muito interessante com crianças, mas o utilizei para mostrar como a forma de aprender muda com diferentes contextos e situações. Atribui 41% pois o que aprendia com as experiências do dia-a-dia, digamos que aplico 80% delas na minha vida.

Transição da infância para adolescência

Quando chego à pré-adolescência, essas pontuações sofrem mudanças drásticas. As áreas relacionadas ao conhecimento teórico e a reflexão, sobem muito, o espírito de “voluntarismo” já começa a

morrer. Comecei a me tornar observador, foi uma reação natural, pois quando completei 14 anos, o mundo em que eu vivia de brincadeiras começou a mudar e o contato com assuntos mais sérios começou a ser mais constante, até pelo convívio na minha escola com pessoas um pouco mais velhas do que eu. Como estava vivendo coisas novas, é como se o mundo deixasse de ser como um céu azul e passasse para um céu nublado. Não é uma frustração, é a simples chegada das responsabilidades.

Lembro-me bem quando estava no primeiro ano do ensino médio, o professor começou a perguntar à turma pra qual curso na universidade cada um queria. Eu fiquei congelado, porque me dei conta que só faltavam mais dois anos seguintes para começar a definir os rumos da minha vida. Não soube muito bem lidar com esta nova fase, gostava muito das coisas como eram antes, mas teve um momento em que tive que “cair na real”. Isto me afetou muito, me fez ficar mais inseguro, pois me sentia na idade errada. Hoje vejo que mesmo sendo inseguro, isto não é motivo para perder – mais uma vez citado - espírito do “voluntarismo” e que foi um grande erro dos meus 14 até os 16 anos me reservar de, por exemplo, pedir para o professor explicar novamente. Na minha adolescência, comecei a me interessar mais por história, geopolítica e um pouco de política. Já estava e estou cada vez mais com a cabeça mais madura e não tenho mais medo das responsabilidades. Eu e “o conhecer” já estamos andando de mãos dadas novamente.

Reflexões finais

Portanto, hoje com o pensamento em maturidade, vejo que meu comportamento discreto durante a pré-adolescência até o começo da adolescência, me custou boas experiências na vida. Já na infância era bem mais solto, lembro que tinha facilidade em interagir com outras pessoas e disposição para ter experiências novas. Veja a importância de se conhecer e saber moldar seu comportamento de acordo com as situações que se encontra. Pois

manter-se constante no contexto do comportamento não é sempre positivo; às vezes podemos sentir a necessidade de sair de uma postura segura para uma mais ousada.

Referências

Aprendizagem. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Wikimedia, 2018. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Aprendizagem>>. Acesso em: 23 out. 2018.

BECK, Caio. **Ciclo de Aprendizagem de Kolb.** Disponível em: <<https://andragogiabrasil.com.br/ciclo-de-aprendizagem-de-kolb/>>. Acesso em: 22 out. 2018.

JERICÓ, Pilar. **Os quatro estilos de aprendizagem – ou por que alguns leem os manuais e outros não.** Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2016/10/10/ciencia/1476119828_530014.html>. Acesso em: 22 out. 2018.

SILVA, José Benildo Miranda da. **A RELAÇÃO ENTRE A PERSPECTIVA TEÓRICA COMPORTAMENTAL E A APRENDIZAGEM NO CONTEXTO EDUCACIONAL.** Disponível em: <<https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/idiomas/a-relacao-entre-a-perspectiva-comportamental-e-a-aprendizagem/58600>>. Acesso em: 23 out. 2018.

Relato de experiências - Como eu aprendo?

Felipe Costa Brasil de Almeida¹

Como eu aprendo?

Introdução

Nesse relatório venho aqui descrever o aprendizado por mim obtido durante minha vida. Desde a minha infância com meus pais e pessoas mais próximos, passando por minha adolescência até a vida adulta, seja por meio de conhecimentos adquiridos de forma prática ou teóricas, além claro, por experiências vividas ao longo desses anos. Poderá notar a evolução e as principais características que foram moldando minha personalidade, habilidades e formas utilizadas para aprender na vida acadêmica, pessoal e interpessoal.

O período da minha infância foi muito intenso, pode-se dizer, com pais meios ausentes e autoritários (principalmente meu Pai, figura masculina na qual me espelhei todo tempo) devido trabalho passavam pouco tempo em casa, basicamente ficava aos cuidados de uma prima e meus avós maternos, que por sinal são a base da minha vida. Sendo sempre uma criança muito independente, buscava aprender sozinho, apesar que para uma criança não resultava na maioria das vezes em coisas boas. Devido essa vontade de desbravar e sempre querer coisas novas e não parar quieto, recebia muitas disciplinas “alternativas” no período,

¹ Acadêmico de Administração na UFPI, CMRV, com previsão de conclusão em 2020 - Ensino Médio Completo na Unidade Escolar Dep. F.ca Trindade - Curso de Informática Avançado

mas que sendo sincero eram necessárias e por meio delas posso dizer que de forma mais direta, aprendi o que é respeito, obediência e disciplina. Sempre muito ativo, com ciclo de amigos variados, minha infância foi bem agitada, com brincadeiras e jogos sem maldades, mas sempre com regras e horários estipulados, fazendo com o que muitas vezes essas regras e horários eram infringidos e haviam punições, assim queira ou não adquirindo responsabilidade.

Na fase de adolescência é bem nítida grandes números de fases distintas, claro como qualquer adolescente houveram grandes descobertas físicas e mentais. No início um jovem tímido e acanhado, focado basicamente nos estudos devido a pressão de casa, sempre guiado pela prática buscava melhorar a cada dia, nos locais onde estudava era amado pelos professores e nem tanto pelos colegas, no âmbito escolar devido sua forma física avantajada e seu intelecto acima da média, sofria algumas retaliações na escola, mas isso nunca foi uma complicação, na verdade o instigava cada vez mais melhorar. Sempre absorvi a negatividade que recebia e procurava transformar em uma forma de autoajuda, usando-a a meu favor, incentivado na busca e realizações dos meus objetivos, fica cada vez mais fácil atropelar aquela fase difícil.

Com o passar do tempo, surgiram novas necessidades, houveram novas mudanças físicas e mentais. O tempo antes dedicado para práticas escolares deu lugar a novas atividades físicas e mais interações sociais, além da necessidade de interação amorosa, deixando assim, como já dito, o foco escolar de lado. Passando por experiências antes nunca sentidas ou vivenciadas que viriam ocasionar uma mudança muito grande na vida. Nesse período é notável a aquisição de conhecimento por meio de uma aprendizagem prática, ou seja, agindo por impulsos e fazendo escolhas sem pensar muito, acarretando com isso muitas experiências negativas, devido não ter uma base concreta dessa nova fase, mas que serviram como uma forma de aprendizado e ganho de experiência imprescindível.

Na fase adulta, partilho de uma maturidade maior, com mais experiência no currículo, obtida graças os acontecimentos vivenciados em todo o início da minha vida. Com isso possuindo mais base para escolhas, fazendo com o que essas escolhas moldem meu futuro com solidez, com menos risco de erros, apesar de sempre procurar aprender por meios práticos, me arriscando e tentando a todo momento.

Com um meio também mais concreto no qual estou localizado, mudanças são mais sutis. Às vezes com um pensamento limitado de que tudo vai dá certo e ao mesmo tempo um pensamento libertador, ousado e impaciente de jogar tudo pro alto, ficam dentro de mim em constante conflito e tenho que me policiar para fazer a melhor escolha ou forma de interpretar para não tomar uma decisão na qual me arrependerei no futuro. Levando sempre assim essa forma de tomada de decisão para minha vida pessoal, amorosa e profissional ocasionando erros sim, mas minimizados devido ao grande leque de conhecimentos e habilidades absorvidos até então.

Minha forma de aprender é concreta e ativa, com um estilo de aprendizagem predominantemente acomodador, ou seja, aprendo melhor experimentando e realizando, como, por exemplo, através de atividades práticas, apresentações e debates. Gosto de colocar a mão na massa com atividades concretas, contendo a capacidade de se sobressair, acomodar ou adaptar a circunstâncias imediatas específicas. Sempre utilizando mais a intuição do que a lógica, tendo a tendência de se arriscar e ousar mais, contendo uma opinião muito forte e dificilmente aceito outra como verdade. Busco sempre uma abordagem prática e vivencial, sou bastante sociável e comunicativo contendo bastante facilidade de trabalho em equipe. Geralmente exerço um papel em situações onde são necessárias ações e iniciativas para a realização de tarefas, por ser impulsivo sou conhecido por impaciente e pressionador.

Infância do aprender

A infância é um período no qual, aprendemos basicamente observando e copiando as pessoas que estão ao nosso redor, geralmente pai e mãe, avô e avó maternos, parentes no geral. Comigo não sendo diferente, logo no início meus pais trabalhavam muito, o dia todo, geralmente eu os via somente pela noite, logo passava maioria do tempo com meus avós e meus primos. Por esse motivo venho afirmar que passei a ter muita liberdade desde pequeno, além é claro, de uma vontade incessante de conhecer novas coisas, novos lugares e de sempre absorver novos conhecimentos do nunca antes explorado, saía pelas ruas, fazia muitas perguntas, sempre muito curioso, considerando-me uma criança as vezes até chata. Mas graças à essa curiosidade desde de criança pelo o que ainda não conheço posso dizer que isso hoje em dia, ajuda demais, no aprendizado e na vida.

Tinha meu pai como exemplo de homem e queria ser igual ele, hoje posso dizer que graças aos conselhos e as observações que fiz dele desde pequeno me tonei a pessoa que sou. Não posso esquecer também de minha mãe e meus avós maternos que sempre me ajudam, mostrando o certo e errado, me ensinando as lições de moral, passando assim a ter uma capacidade de interação social com mais facilidade. Tendo muito grupos de amigos desde de cedo, neles aprendi o que é confiança, qual verdadeiro significado de amizade, de companheirismo, ao mesmo tempo os sentimentos de decepção, ciúmes, raiva. Sentimentos e relações novas pra uma criança, mas que tendo uma boa base, passam a ser mais fáceis de entende-los e interpretar.

Nunca fui uma criança fácil, devido essa mania de tudo querer saber, de querer conhecer o novo, as vezes passado um pouco do limite, ou seja, era bem traquino. E sendo assim muitas vezes era repreendido de forma verbal e não verbal, além dos velhos e bons castigos disciplinares. Porém, em nenhum momento acho que tenha sido exagerado e sim que foi necessário e essencial para

aprender obediência, regras e do principal respeito. Sempre me arrisquei muito, não pensava nas consequências, porém não me arrependendo de nada que fiz, tudo é um aprendizado.

Adolescência do aprender

A adolescência é considerada um período de transição, onde a criança deixa de lado a imaturidade e começa a ganhar novas responsabilidades. É um período onde ganhamos mais liberdade e com isso novos desafios, no qual nossas escolhas começam a ditar nosso futuro, tanto em relação à vida pessoal, quanto acadêmica ou profissional. E quanto mais rápido a adaptação é nessa nova fase, mais rápida e melhor serão as escolhas.

A minha adolescência iniciou-se como uma pessoa mais tímida, como um adolescente que não se encaixa nos padrões físicos, era motivo de brincadeiras. Apesar de na maioria das vezes passarem dos limites, aquilo nunca me deixou pra baixo, pelo contrário, me instigava a sempre a melhorar e ultrapassar meus limites, sempre tomei essas críticas negativas como referência do que poderia fazer de melhor e sempre está surpreendendo a mim e quem me criticava.

Na vida acadêmica pelo menos inicialmente, não era muito de conversa paralelas, aquele aluno que sentava bem na frente, que tudo perguntava e que tudo queria saber mais do que os demais, apesar dos professores sempre gostarem, não era muito bem visto por meus colegas. Sempre fui aquele aluno que respondia todas as tarefas, trabalhos o mais rápido possível, porque tinha mais facilidade de aprendizagem, de reter o assunto e associa-lo dessa forma ou até mesmo dependo da matéria, só de ver pessoa fazer. Acreditava sempre em mim, raramente aceitava a opinião do outro tendo a minha formada.

Com o passar do tempo algumas mudanças foram ocorrendo, surgimento de novas experiências nunca antes vividas, que passaram então a dividir minhas responsabilidades que antes

mais focadas nos estudos e amizades, passaram a propagar outros sentidos, alterando um pouco meus objetivos e prioridades. No começo foi muito difícil conciliar e manter um padrão porque as experiências oscilavam muito. Contudo pude focar no que eu era mais importante e fazer boas escolhas.

Maturidade do aprender

Na maturidade já temos passado por toda nossa base de experiências e aprendizagem da infância e adolescência, tornando-se mais capacitado e embasado nas tomadas de decisão. Devido a toda essa bagagem, as trocas de experiências são mais mútuas pra mim, tanto em âmbito pessoal com minha família e amigos como em trabalhos ou âmbito acadêmico. Devido a informação hoje se encontra de uma forma muito rápida é muito fácil de ser obtida e repassada, além de trocas de ideias. Como na minha casa tanto aprendi com meus pais que hoje posso está a ajudando e tirando dúvidas, devido essa facilidade de obter informação.

No âmbito acadêmico sempre procuro buscar conhecimento por meio de debates, seminários ou palestras, buscando a todo o momento formas mais praticas que me instiguem à aprender, logo por meio da prática tenho mais facilidade de absorver.

Reflexões finais

A referência desse artigo são as experiências de vida, e como são determinantes para o desenvolvimento do ensino e das formas de aprendizagem do indivíduo desde sua infância até sua maturidade, e como são importantes e tiradas como base para a tomada de decisões em todo resto de sua vida acadêmica, profissional e pessoal.

Referencias

GONÇALVES, M. **Como transformar vivências em aprendizados?** Disponível em: <http://www.administradores.com.br/noticias/carreira/como-transformar-vivencias-em-aprendizados/46833/?desktop=true>. Acesso em: 20 out. 2018.

TERRA, Márcia Regina. **O desenvolvimento Humano na Teoria de Jean Piaget**. Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Disponível em: <http://www.unicamp.br/iel/site/alunos/publicacoes/textos/doooo5.htm>. Acesso em: 20 out. 2018.

Relato de experiências - Como eu aprendo? Aprendizado e suas influências na construção do ser

Francisca Isadora Cristina Ribeiro¹

Como eu aprendo?

Introdução

Chegamos à vida adulta com características, conceitos e formas de agir e pensar bem estruturados e ao formar um conjunto podemos chamar de personalidade. E de que forma eu construo a minha personalidade? Ao nascermos carregamos em nosso gene alguns traços da nossa hereditariedade que podem induzir ou ter uma pré-disposição para certas atitudes durante o desenvolvimento geral do indivíduo, mas que não é determinante ao construirmos nossa personalidade, estando a aprendizagem diretamente relacionada com o desenvolvimento cognitivo a mesma sofre influências do ambiente sociocultural, familiar que estamos inseridos. Logo após o nascimento vamos sendo guiados pelo aprendizado e de acordo com o que vamos aprendendo a nossa personalidade vai sendo moldada. O modo de falar, vestir, preferências musicais são guiados pelo processo de aprendizagem que é uma espécie de interação entre nossa hereditariedade e o ambiente de convivência.

¹ 19 anos, natural de Granja – CE. Ensino Médio e Técnico em Aquicultura pela EEEP GTG 2016, Graduada em Administração pela UFPI- CMRV desde 2017.

Essa pergunta exigiu muita reflexão sobre quem eu sou quais minhas características e como eu adquirir certos hábitos, me levando a uma autoanálise desde a minha infância até hoje. Cheguei à conclusão que aprendo de forma mais significativa observando as diversas situações, refletindo sobre as informações colhidas e fazendo uma correlação com os fatos do cotidiano me levando a gostar de palestras, conferências e aulas; compreendo as informações de forma ampla e as organizando de forma clara e lógica, assim quando estou em uma situação penso nas diversas possibilidades que podem ser geradas e chego à conclusão de qual a melhor delas de acordo com os fatos recorrentes, essas características segundo o ciclo de Kolb é denominada de observação reflexiva. E como estilo de aprendizagem me considero uma pessoa assimiladora, pois procuro sempre de forma reflexiva através de questionamentos buscar várias ideias e alternativas combinando pensamentos e observações.

É comum pensarmos que nós construímos nossa identidade logo após o nascimento, isso não é de todo verdade, apesar dessa construção durante a gestação ser de certo modo induzida, estudos científicos mostram que a fase pré-natal do bebê onde ele está ligado à mãe, faz com que o feto através desse vínculo seja influenciado pela personalidade da mãe. De fato a aprendizagem vai progredindo significativamente após o nascimento onde os cinco sentidos tato, paladar, visão, audição e olfato são aguçados e o bebê que antes tinha uma relação de dependência maior da mãe pode através da relação com outras pessoas ampliar sua rede de informações.

Infância do aprender

Na minha primeira infância, afirmam estudiosos que se estende desde o nascimento até os três anos de idade, tive relatos que fui uma criança bem curiosa aprendi a falar as primeiras frases completas, a dar os primeiros passos, a comer sozinha, a

construir minhas primeiras amizades e tive como principais auxiliares meus pais. Na minha segunda infância que se localiza entre os três e os seis anos de idade já comecei a ter um olhar mais observador em relação aos meus pais, o modo em que se portavam fora do ambiente familiar, os seus conceitos do que era certo ou errado, comecei a ter um certo gosto por livros incentivada pela minha mãe que mesmo eu sabendo ler um pouco fazia questão de contar histórias para mim, um dos livros de que me recordo tinha como nome “Os contos de Grimm” que aguçava minha imaginação, minha mãe percebeu que me interessava pela leitura logo me colocou na creche escolar onde pude conhecer pessoas que viviam em realidades diferentes da minha. Na creche tive minhas primeiras professoras que me ensinaram a me portar de forma educada, por exemplo, ao ir pegar o lanche tinha que ficar em fila e esperar minha vez, sempre ser educada falando palavras sutis como “com licença”, “por favor,” , “obrigada”, não pegar o que não me pertencia, ajudar o colega sempre que possível, aprendi a escrever e a ler melhor coisas simples, mas que foram pontos essenciais no meu desenvolvimento.

Durante essa fase comecei a participar de ações beneficentes com meus pais, ir à missa todo domingo pela manhã e aquilo era rotineiro e me dava uma sensação de bem-estar. No período da terceira infância entre meus seis e onze anos de idade ganhei minha primeira bicicleta, mamãe e minha amiga de infância me ensinaram a pedalar sem levar um tombo, vovó me ensinou a nadar depois de quase me afogar e meus irmãos mais velhos me ensinaram o poder da união e do compartilhamento, passei a frequentar um grupo do coral da igreja, mudei de escola e tive que aprender a me socializar em novos ambientes. Socialmente comecei a entender um pouco sobre as coisas ao meu redor, observava meus pais que através de seus esforços diários conseguiam arcar com as despesas, eles começaram a abrir espaço para minhas opiniões próprias me deram liberdade de escolha e fui aprendendo que através do trabalho posso crescer dignamente e

que minhas escolhas produzem efeitos e é minha a responsabilidade, essa liberdade ao passar para adolescência me fez questionar muitas coisas.

Adolescência do aprender

Ao passar para a pré-adolescência dos meus onze aos quatorze anos fase que me trouxe muitos questionamentos de atitudes que praticava desde a infância, houve muitas divergências de conceitos que me repassaram, deixei um pouco a observação de lado e me perguntei o porquê de fazer certas coisas, durante minhas participações do coral da igreja percebi que aquilo não estava me trazendo uma satisfação então com o poder de escolha deixei de frequentar. Durante essa fase minha mãe se mostrou mais assídua e conversávamos abertamente sobre sexualidade sobre como eu iria mudar fisicamente, quais cuidados eu deveria ter relacionados ao meu desenvolvimento hormonal e corporal.

O grande marco durante essa fase foi a perda de uma pessoa muito querida, tive que aprender a lidar com sua falta me inserindo em um grupo de jovens da igreja católica e através das conversas consegui ter uma noção do poder de Deus na minha vida solidificando minha saúde espiritual. Isso me ajudou em tantos segmentos da minha vida me ajudando a passar por essa fase que é bastante complicada que é a adolescência percebi que aquelas ações beneficentes que participava com meus pais me tornaram uma pessoa empática sempre me colocando no lugar do outro.

Ao entrar para o ensino médio em uma escola de tempo integral esta por sua vez teve um enorme impacto na minha vida social e política, pois a partir da convivência com colegas com culturas diversas, opiniões pré-formadas e objetivos definidos pude perceber que há inúmeras formas de pensar diferentes da minha, aprendi a me impor sobre determinados assuntos, com isso minhas informações foi se ampliando. Tudo isso teve um impacto muito

grande na construção do meu ser me preparando para lidar com um mundo cheio de possibilidades ofertado na juventude que vivencio.

Maturidade do aprender

Na fase da vida em que me encontro estando em meus dezenove anos, sinto-me ainda uma pessoa observadora e reflexiva sobre minhas ações que pratico no dia-a-dia, pensando sempre antes de tomar alguma decisão, adquirindo conhecimentos aprofundados sobre assuntos que norteiam a sociedade utilizando para isso diversos meios de informação, afirmo que muita coisa que aprendi durante os anos anteriores mudou completamente e outras adequiei a minha realidade atual, com o ingresso na universidade tive que mudar de cidade indo morar sozinha, tendo que aprender a cozinhar pegando receitas da internet, tendo que organizar meus horários, colocando em prática meus conhecimentos em finanças pessoais para que tenha uma educação financeira, consegui meu primeiro estágio onde coloco em prática os conhecimentos adquiridos no meu curso este por sua vez ampliou minha rede de contatos. Basicamente essa fase me mostra as responsabilidades que a vida adulta nos traz, posso perceber que ainda falta muito para aprender, mas ainda me vejo como aquela criança que observa e como a adolescente que questiona, essa fase jovial é uma mistura conceitos questionamentos que talvez mude mais a frente.

Reflexões finais

O seguinte relato contribui para o estudo do comportamento humano seguindo a vertente do aprendizado e desenvolveu-se por meio de uma análise subjetiva dos fatos ocorridos ao longo da vida confrontando as experiências vividas com as que foram assimiladas, levando assim o questionamento sobre o meu modo e o estilo de aprendizado, fazendo-me compreender quais atitudes mais me influenciaram como adquirir hábitos e como eu consegui

assimilar todas as informações ao longo do tempo. O pensamento autocrítico forneceu uma cadeia de fatores que influenciam no meu processo de aprendizagem em que esta se mostra mais presente quando utilizada a observação reflexiva e o estilo assimilador, onde através dessas observações consigo fixar a nova informação dessa forma tornando-se um aprendizado.

Referências

ALBERTO, R.P. **Teorias de Aprendizagem**. 2007. 56 f. Trabalho de Conclusão de Curso (monografia) – Curso de Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2007. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/329667396/Teorias-de-Aprendizagem-Alberto-Ricardo-pdf>> Acessado em: 15 de out. de 2018.

AZEVEDO, C. E. MOREIRA, M. C. **Psiquismo Fetal: Um olhar Psicanalítico**. Diaphora Revista da sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul. Ago/Dez. 2012. Disponível em: <<http://www.sprgs.org.br/diaphora/ojs/index.php/diaphora/article/view/73/73>>. Acessado em 22 de out. de 2018.

Ciclo de Aprendizado de Kolb. Disponível em: <<https://andragogiabrasil.com.br/ciclo-de-aprendizagem-de-kolb/>>. Acesso em: 16 out. 2018.

FONSECA, B. C. R. **A Construção do Vínculo Afetivo Mãe-Filho na Gestação**. Revista Científica Eletrônica de Psicologia, Garça. Ano VIII, n. 14. Maio. 2010. Disponível em: <http://faef.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/JbdGtOweBVvuv1S_2013-5-13-15-14-55.pdf>. Acessado em: 22 de out. de 2018.

NYE, Robert. D. **Três Psicologias Ideias de Freud, Skinner e Rogers**. Tradução de Robert Brian Taylor. 6. Ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning., 2002.

TRAVELIN, Ana. **Estilos de Aprendizagem de Kolb: Estratégias Para A Melhoria do Ensino-Aprendizagem**. Revista de Estilos de Aprendizagem, Taquaritinga- SP, n^o7, Vol 7, abril. 2011. Disponível em: <https://www2.uned.es/revistaestilosdeaprendizaje/numero_7/articulos/lsr_7_articulo_13.pdf> Acesso em: 20 out. 2018.

Relato de experiências - Como eu aprendo?

Jacyara e Silva da Costa¹

Como eu aprendo?

Introdução

De vivências diárias pode-se tirar proveito de muitas coisas, algumas delas que para nós não tem importância, porém se pararmos para observar podem nos dar lições extremamente valiosas, tais como seus pontos de vistas passados que possam ajudar sua atual forma de ver o mundo; seus objetivos, suas convicções, tudo o que se pode aprender com situações cotidianas e que se pode levar para a vida toda. E neste capítulo busco mostrar minha forma de aprender, que apesar de levar teoria em consideração, refere-se muito mais à prática que a teoria.

Instintos

O primeiro conhecimento que se tem é “como viver”, e não digo viver no sentido de aproveitar a vida, mas sim de como respirar, comer, ouvir, ver, instintos básicos que são fundamentais para o desenvolvimento humano e seu conhecimento, através disso

¹ Graduanda em Administração, na Instituição Federal do Piauí, com previsão de conclusão em 2020. Formada em Técnico em Administração pela Instituição CEEP Liceu Parnaibano, no ano de 2015. Técnico em Assistente Recursos Humanos e Assistente Administrativo ambos pela Instituição Serviço Nacional Aprendizagem Industrial – SENAI, no ano de 2016.

aprendemos formas básicas de sobrevivência para que possamos de verdade saber como devemos, podemos, ou iremos viver para o resto de nossas vidas, se iremos fazer parte daquele grupo de pessoas que apenas respira, ou se seremos do tipo fora do comum que quer mais do que apenas estar nesse mundo, que irá explorar cada pedaço de conhecimento que o mesmo tem a oferecer.

Quando se é criança você é chamado atenção para que aprenda o que pode ou não fazer. Aos 5 meses comecei a engatinhar e ter mais curiosidade sobre o ambiente ao meu redor. E a partir daí iniciou-se o ciclos dos “nãos”, “não pegue”, “não pode”, “não bata”, “não ponha na boca”, acontece que nessa época a única coisa que interessa a qualquer criança é a descoberta, o conhecimento, o saber; saber por que tenho cinco dedos no pé. Por que não posso bater se você ri quando faço? Por que não posso comer isso que achei no chão? Com um ano de idade quando aprendi que os cinco dedos dos pés serviam para o meu equilíbrio, para que eu pudesse andar, mesmo com alguém segurando minha mão, e logo depois descobri que não podia bater pois mesmo com mãozinhas pequenas, ainda sim machucavam. E que nem tudo o que eu encontrava no chão podia botar na boca, pois tinham gosto ruim, podiam até me engasgar.

Aos cinco anos começou a era dos “porquês”, onde todos deveriam responder minhas perguntas sobre tudo, pois era isso que eu buscava: “saber de tudo”. Então comecei a descobrir que não precisava praticar literalmente cada descoberta para ter conhecimento, bastava perguntar à minha mãe ou qualquer outra pessoa vezes o bastante para deixá-la maluca até responder todas as minhas curiosidades, que a propósito eram muitas, todos os dias, cada hora do dia em que eu via alguém fazendo algo novo.

Aos dez anos já maior e na escola, vi que as experiências práticas que tive com um ano de idade; e as teóricas a partir dos cinco até os dez, tudo poderia ser utilizado de alguma forma para o aperfeiçoamento de meus conhecimentos, pois cada um tinha seu valor porém nessa época ainda haviam coisas que me falavam e eu não acreditava e mesmo que acreditasse queria provar a mim mesma

que aquilo poderia ser verdade ou mentira, sabe aquele ditado “ver para crer”, no meu caso era “fazer para crer”. Comecei então minha busca pelas próprias provas de minhas teorias, como por exemplo eu pensava que poderia enganar minha mãe dizendo que estava na escola fazendo trabalho, mesmo estando brincando em frente depois do horário, até que um dia eu perdi o horário e ela foi lá me buscar, passei vergonha, mas aprendi a não perder o horário depois da terceira vez que isso se repetiu, sim isso mesmo, terceira. O ensino fundamental é quando você inicia o período de auto descoberta é onde se ver o tipo de pessoa que será e o tipo de pessoa com quem você vai querer se relacionar, nele a gente passa por testes de caráter, de responsabilidade social e emocional, consigo mesmo e com os outros ao seu redor, querendo ou não você sempre será parcialmente responsável pelo ambiente que cria ao seu redor.

Eu acreditava que todos tinham seu lado bom até alguns me provarem que eles se quer existiam, sempre fui sincera quanto ao que queria fazer o que estava sentindo, ou ao que me incomodava, até hoje isso não mudou. Sempre fui bem a frente dos outros coleguinhas de classe, debatia com professores, até eles cansarem, ou até eu entender o que explicavam para mim. Uma vez, fui para diretoria por ter rasgado a blusa de um colega que não parava de me “encher o saco”, isso mesmo, eu bati nele até rasgar a farda do “guri”, isso é uma prova que eu não costumo segurar minhas emoções, me deixo levar por elas, mas acredite eu tentei... Foram tantas história no meu ensino fundamental que eu não sei qual a melhor, mas acredito que cada uma delas me deixou um pedacinho de aprendizagem até hoje.

Sempre fui de deixar minhas emoções falarem por mim, desde criança, até que um dia eu tive que aprender a escondê-las não por mim, mas pelas outras pessoas, e isso não foi tão fácil, mas uma coisa lhe digo, você não deve se esconder tanto a ponto de se perder de quem é de verdade, isso eu aprendi pouco depois no primeiro relacionamento, onde eu me esqueci de quem eu era por mera pressão social e familiar, pode parecer exagero mas não

é, meu primeiro namorado foi aos 13 anos e foi com ele que cometi um erro enorme de achar que pra ter aquele tão sonhado príncipe encantado teria que ser alguém diferente de quem realmente sou, inocência ou infantilidade ? Não sei, apenas sei que depois de quase quatro anos, fui perceber que aquela não era de fato quem eu era, então decidi mudar e essa foi a melhor escolha da minha vida. Aprendam: não mude por ninguém além de você mesma, queira evoluir, amadurecer, mas mudar seus conceitos, modo de pensar, de vestir, portar, ser, mudar sua essência... Não, ninguém além de você e só você, vale tal sacrifício.

Hoje em dia, após aprender na prática, observando, analisando, e levando em conta tudo o que minhas emoções me ensinaram sobre mim mesma, as coisas que aprendi em casa, com amizades, relacionamentos, envolvimento com a sociedade, vejo que de modo geral só devo agradecer a cada escolha mal feita, acertos e erros, afinal, se não fosse por eles eu não seria eu.

Conhecendo-me: autoconhecimento social e emocional

Digamos que nunca fui fã de errar uma ou duas vezes, sempre eram três ou cinco que era para ter certeza de que estava errada, como quando tentei na prática provar que poderia descer de bicicleta a ladeira da rua, e ainda sim nada de errado acontecer, claramente nessa eu estava errada pois caí, e até tenho uma cicatriz na coxa esquerda para provar e lembrar a mim mesma de jamais repetir algo sequer parecido com aquilo, pelo menos era para ser esse o propósito, mas, como já falei, eram sempre três ou cinco vezes para ter certeza que era errado. Mas era isso, nunca me bastava só ver alguém fazer algo ou só me dizer como fazer algo, eu tinha que saber todo o englobamento da situação, nunca fui uma criança do tipo normal, e até hoje não sou uma jovem desse tipo, sempre fui “espivetada” (danada), querendo fazer tudo o que podia e o que não podia ainda sim tentava fazer. Definitivamente não era de meu feitio saber das coisas por experiências alheias, precisava das minhas próprias afinal o

aprendizado era meu, o conhecimento que estava na reta era o meu então, por que saber por experiências alheias se eu podia ter minhas próprias intimamente guardadas para mim, se certas ou erradas, não é mesmo?! Não meus caros, estava eu completamente errada não era necessário, eu podia sim aprender com os erros ou acertos dos outros, mamãe que me ensinou isso, que aprendeu com minha avó, um ensinamento passado de geração a geração, obrigada a primeira que aprendeu...

Levou tempo para que eu pudesse aprender isso, mas aprendi e esse eu levo para a vida inteira. Cada vez que minha mãe falava que eu não devia fazer tal coisa, pois, “algo” ia acontecer, eu ia lá e fazia do mesmo jeito só para mostrar para ela que eu estava certa, o que não dava certo já que quem sempre estava coberta de razão era ela. Foi aí então aos 15 anos, que passei a ouvir minha mãe com a mesma atenção que ela me dava seus avisos e mesmo não fazendo sempre o que ela pedia, pelo menos dava razão a ela com mais convicção de que eu devia tê-la ouvido.

Houve vezes em minha vida que eu não tinha ideia do que fazer, era nesses momentos em que eu parava para refletir sozinha sobre tudo o que já tinha passado e analisava cada ação que me levou aquele ponto de negação ou de auto menosprezo. E via que tal situação só estava se repetindo porque eu estava cometendo os mesmos erros, a auto análise é extremamente importante se você vive constantemente em sociedade, caso não pare para observar a sua atual situação e o por que de você estar nela, não vai adiantar absolutamente nada querer mudar, você é o culpado por exatamente tudo, seja bom ou ruim em sua vida. Com o tempo vi que ninguém além de mim era responsável pelo sucesso de meus objetivos, cada escolha que eu fiz me tornou quem sou, e sou particularmente feliz por ser quem eu sou. Tem uma época na sua vida que você para e observa cada situação desde as fáceis até as mais complicadas e compara quem era e quem é hoje em dia, e se você estiver satisfeito com seu eu atual isso quer dizer que valeu a pena tudo aquilo que passou.

Eu quero que você pare e pense agora somente nos acontecimentos dessa semana em sua vida, e quero que foque em algo que marcou sua semana toda, ou pelo menos seus últimos três dias, irei fazer o mesmo. O que me marcou foi uma festa que fui, onde vi que a busca da sociedade por uma aprovação infinita de quem é melhor, bateu seu recorde. A atração da festa humilde e simples, enquanto os que a foram ver extremamente preocupados com sua beleza exterior, roupas, sapatos de marca, estavam mais dispostos à se mostrarem em suas redes sociais para confirma presença em tal acontecimento que aproveitar e fazer valer todo o processo que os levaram até lá. Uma coisa que me fez refletir foi o fato de ter me faltado paciência para esperar minha amiga chegar e ter gastado parte do orçamento da noite em coisas sem necessidade, ou caras demais, e não digo cara como a água, afinal essa foi ao menos necessária (risos), digo caras e fúteis como o copo, ou boné, aí você pensa: “mas o que isso tem haver?”, caro leitor pense comigo... Quantas situações você já foi precipitado e se deixou levar pelo momento, meteu os pés pelas mãos e acabou em arrependimento? Minhas foram muitas, e depois dessa onde mexeu com todo um planejamento que eu tinha, parei e vi todas as outras que já tinham me acontecido e que eu apesar de ter me arrependido pela falta de paciência não dei tanta atenção, no entanto agora posso dizer que irei pensar duas vezes antes de tomar qualquer decisão na minha vida desde as mais simples às que podem mudar o rumo de todo o resto.

A vida é um poço de pregar peças, se pararmos para pensar tudo nela acontece sempre uma, duas ou mais vezes, algumas coisas á pra te ensinar de novo algo que não aprendeu na primeira, ou pra te fazer ver, aproveitar momentos, sensações, ou emoções que não foram possíveis na primeira vez em que aconteceu, e temos que revivê-las de novo para que saibamos disso, então a que vai mais um pequeno ensinamento para você meu caro leitor, se você se pegar passando pela mesma situação difícil pela terceira ou quarta vez, pare, pense, repense, e pense de novo e de novo, quantas vezes forem necessárias até ver onde errou o que deixou

de concertar nas outras vezes, onde tem que acertar nas próximas ou nessa ainda, para que tal situação não se repita.

Ainda em descoberta: casa do 2o

Bom, hoje após 15 anos de aprendizados já que dos primeiros cinco, não me lembro de quase nada, e de meus conflitos internos, e tudo o que podemos chamar de autoconhecimento, análise, e avaliação de vida, mesmo que curta, posso concluir muita coisa sobre mim mesma, digo-lhe que com toda a certeza me conheço o bastante para saber onde me encaixo, quais meus limites, meus padrões, objetivos, valores, defeitos, pontos fracos e fortes. Digamos que mesmo que ainda jovem, me conheço bem o bastante para saber a mulher que desejo ser, e que não quero ser de jeito algum.

Atualmente faltando poucos dias para os vinte “aninhos”, aprendi que não devo esconder a mim ou minhas emoções por satisfações alheias, porém tenho que saber como usá-las ou para quem deixá-las a mostra, que devo ouvir minha mãe e prestara atenção nas coisas que ela diz ninguém me que tão bem quanto ela, e que minhas amizades algumas podem durar a vida toda, outras podem durar apenas um ensino médio, mas tudo bem, sempre tem novos ciclos novas pessoas, amizades relações e mil e outras coisas que ainda iremos colecionar para a vida toda, e que cada uma delas terá em seu sentido físico ou figurado algo a nos acrescentar, basta prestarmos atenção e sabermos ler certos momentos.

Agora, nesse exato momento, para finalizarmos nossa conversa quero que você mais uma vez pare e pense consigo mesmo: Que tipo de aprendizado eu estou tendo sobre mim e tudo ao meu redor? Quero que observe suas decisões antigas até onde elas te trouxeram, e as atuais e para onde elas estão te levando, se vale a pena. Eu fiz isso enquanto escrevia para você e cá entre nós foi fantástico, espero ter passado algum ensinamento mesmo que básico para você, da mesma forma que me ajudou a aprender um pouco mais sobre mim, nessa horas de escrita.

Reflexões finais

Seu conhecimento, a forma como você aprende é fundamental e diz muito sobre você suas perspectivas, seus momentos, tudo... Está tudo ligado, que tipo de aprendiz é você do tipo que para, senta, anota, decora, e guarda? Do tipo que só faz sem se importar com as teorias, consequências, ou daquele que junta tudo e faz uma mistura? Eu particularmente nunca fiz o tipo de gostar de ficar em segundo muito menos terceiro lugar, mas nesse caso esse mix de conhecimento prático misturado com teorias gerais eu não me importaria nem se fosse o quinto, diz pra mim... Reflita que tipo de aprendiz você é, e espero que perceba o quão importante isso pode ser para você.

Referências

ALLIO, R. J. Leadership development: teaching versus learning. *Management Decision*, Vol. 43 No. 7/8, p. 1071-1077, 2005.

GONÇALVES, M. Como transformar vivências em aprendizados? Disponível em: <<http://www.administradores.com.br/noticias/carreira/como-transformar-vivencias-em-aprendizados/46833/?desktop=true>>. Acesso em: 09 de set de 2018 Set.

MERRIAM, S.B. BIEREMA, L. L. *Adult Learning: Linking Theory and Practice*. San Francisco: Jossey-Bass, 2014, p. 1-41.

SILVA, A.B. *Como os Gerentes Aprendem*. São Paulo: Saraiva, 2009

TERRA, Márcia Regina. O desenvolvimento Humano na Teoria de Jean Piaget. Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Disponível em: <http://www.unicamp.br/iel/site/alunos/publicacoes/textos/doooo5.htm> acessado em 09 de set de 2018.

ZINS, J.E., ELIAS, M.J. 2006. Social and emotional learning. In G.G. Bear & K.M. Minke (Eds.), "Children's needs III: Development, prevention, and intervention" (pp. 1-13) Bethesda, MD: National Association of School Psychologists.

Relato de experiências - Como eu aprendo?

Renderson César Normanda Lima¹

Como eu aprendo?

Introdução

De acordo com os conhecimentos repassados em sala pela professora e também autora deste livro, Celina Olivindo, mostrarei para você leitor, a forma com que meus métodos de aprendizagem foram se transformando com minha idade e maturidade mental. Assim, por meio de exemplos, buscarei explicar o desenvolvimento desta forma de aprendizagem.

Começando pelo começo

Parece uma piadinha bem infantil, mas, vamos começar pelo começo, a infância é a fase das descobertas, a fase da experimentação. A curiosidade de uma criança pode ser bem importante para sua formação, muitas pessoas crescem, mas, preferem continuar nesta fase. Particularmente sou assim, um adulto infantil, enfim, vamos falar disto em outra hora e fase da vida.

Quando criança, aprendi muitas lições, alguns importantes outras nem tanto, porém, como aprendi é a questão. Sempre fui

¹ Aluno do curso de administração de empresas UFPI (2017), técnico em desenvolvimento de software IFPI (2018), participante do projeto consultoria social (2018), estagiário na área administrativa pela JCastro imobiliária LTDA

muito observador, alguém que via e tentava fazer, mas tentava até conseguir, nunca fui muito de desistir, apesar de saber que existem batalhas onde o fim já está predefinido e não poderia ganhar. Um exemplo de que não desisto fácil é como me tornei tão bom se tratando de games, nada modesto da minha parte, entretanto é a mais pura verdade, mas isso nem sempre foi assim, eu tive que levar muitas “surras” para ser relativamente bom e não perder mais, contudo o meu diferencial era esse, saber observar, me ajustando com as coisas e tirando aprendizagem do que pudesse.

Apesar de ter tido uma infância bem normal e sem muitas aventuras “loucas” de criança, como quebrar alguma parte do corpo fazendo travessuras, eu pude aproveitar bem pouco dela. Minha família, no caso minha avó e minha mãe não me deixavam experimentar muito do que a vida tinha a ensinar. Acho que foi daí que saiu esse meu aprendizado por experimentação, teimosia minha por conta de uma infância “sem sal”. Que compensei nas fugidas que dava de casa pra jogar bola, fugidas essas que meu pai ajudava a se concretizarem, me dando uma força para que minha mãe não soubesse. Daí já comecei a tirar lições bem legais, do tipo não saia de casa e teimar e sair e acabar apanhando por isso, aprendizado que levei por muito tempo comigo, desobedecer a sua mãe não acaba em algo muito legal, afinal parece que o destino favorece nossas mães e aquelas famosas “pragas de mãe”. Não é por mal que mães são assim, elas só querem nosso bem, e apesar dela não me deixar sair muito e eu não ter gostado disso por muito tempo, ela tinha motivos bem válidos, eu era alérgico à muita coisa e ela só queria minha proteção.

Foi assim minha infância inteira, insistindo e aprendendo sem pessoas me dizendo como deveria fazer. Um exemplo legal foi quando aprendi a andar de bicicleta no quintal do vizinho, ninguém me disse como fazer, eu só vi e fui lá fazer, o resultado desta enorme façanha de aprendizado ficou gravado no meu peito, um desenho roxo do guidão da bicicleta, pois acabei caindo por cima dele e fiquei uns dez minutos com dificuldade para respirar. Isto prova que aprender as vezes dói, apesar de ser necessário.

A metade da história

Minha adolescência até que foi legal, não posso reclamar muito, com ela aprendi um mar de coisas novas, coisas que nunca aprenderia sem experimentar ou vivenciar realmente. O que se torna mais uma prova do quão prático é meu modo de aprender, realmente a teoria nunca foi meu forte. Na minha adolescência, aprendi coisas básicas como beijar e saber quem não beijar, aprendi que amigos viram “irmãos” e que até esses “irmãos” vão te desapontar, como quando fiz uma aposta com um “melhor amigo” meu de infância.

O propósito dessa aposta? Saber se até então meu “melhor amigo” era de verdade um “melhor amigo”. O que eu apostei? Bom, foi meio idiota, mas, apostei que ele não conseguia “pegar” a garota que eu estava afim e que achava que também estava afim de mim. O resultado? Meu “amigo” conseguiu cumprir a aposta na minha frente e sem sequer pensar duas vezes, ele foi e a beijou, sim, quebrei a cara. A partir daí aprendi a nunca mais fazer apostas envolvendo garotas que eu gostava. Apesar de esse ser um tipo de aprendizado que não se ensina, mas se vive, eu achei um ponto que vale ser lembrado, justamente para lembrar que nem sempre temos opção de escolher o que devemos ou o que vamos aprender.

O processo de aprendizagem é algo natural da vida e querendo ou não você vai aprender muitas coisas, boas ou ruins, mas cabe a você deixar perceber se esse aprendizado mesmo ruim pode ser absorvido de uma forma boa. Enfim, provavelmente ainda vamos falar mais sobre isso mais a frente. Coisas que vem com a experiência que todo mundo passa na adolescência, nada muito comum ou surpreendente. Um fato que nunca esqueci na adolescência foi quando aprendi a andar de moto, eu estava em casa e deu uma enorme vontade no meu pai de comer pão, mas acho que a preguiça dele estava bem maior, porque ele olhou para mim e me mandou ir comprar, até ai tudo normal, mas, não tinha padaria perto de onde morávamos, ou seja, tinha que ir de moto.

O detalhe em questão é que meu pai não tinha conhecimento que eu não sabia pilotar a moto, pois nunca haviam me ensinado, porém, isso não o impediu de me mandar nesta tarefa. Falou só para ligar a moto e ir, obviamente a moto “morreu” umas dez vezes antes que eu pudesse pensar que teria êxito na minha tarefa, depois que finalmente consegui mantê-la ligada, a esperança de conseguir sair acendeu e meu pai como plateia do meu fracasso, até então insistente, só riu e fechou o portão as suas costas.

Todos os momentos em que observei como as pessoas faziam para andar de moto durante todo tempo que fui um simples passageiro, ali serviram. Eu sabia o que tinha que fazer, não porque me ensinaram, mas, porque aprendi só, observando e anotando em algum lugar do meu cérebro, o que eu nem sabia que tinha anotado. E enfim minha tarefa foi concluída, com muitas outras “mortes” na moto antes do êxito final, mas, foi concluída. Este exemplo continua a dar ênfase na minha forma de aprendizado, o que na minha humilde opinião é bem sem graça, aprender a fazer as coisas só, meio que tira o brilho de momentos que eu poderia ter aproveitado aprendendo com outra pessoa.

Na adolescência ainda, descobri uma nova forma de aprendizado, a em grupo. Antes de o sedentarismo tomar conta da minha adolescência, eu pratiquei muitos esportes, em alguns deles fui até bem-sucedido (se é que posso falar assim), e com isso aprendi mundos novos. Tipo como é uma viagem escolar com os amigos ou o que é treinar muito e achar que nada poderia nos vencer e no fim levar uma “surra” no jogo, foi nesses momentos que compreendi, que aprender junto com meus amigos e pessoas que gosto é bem melhor, mesmo no fracasso se tira algo que nos levará a algum lugar no futuro. Afinal o aprendizado nem sempre é instantâneo, as vezes demora para que possamos tirar algo de valor em cima daquelas experiências que passamos.

O fim do aprender?

Eu tenho a convicção de que nunca deixamos de aprender (se é que existe alguém que defende, que com o tempo o aprendizado também some), mesmo com a idade sempre a algo novo, pois no fundo, como já dizia o “filosofo, cantor e pensador contemporâneo” Raul Seixas: Somos uma metamorfose ambulante e como tal, nunca estamos cheios do novo.

Aprender quando já se é adulto, é uma surpresa para quem está aprendendo. Como eu não sabia disso? Depois desse tempo todo e só agora eu vim perceber isso? Pois é, as coisas são assim, nos surpreendemos com o que podemos aprender, pois sempre achamos que sabemos o bastante até descobrir que não sabemos o suficiente.

Agora que sou um adulto (nossa, mas o quanto eu quis dizer isso quando era pequeno não pode ser medido), e chegamos nessa fase, eu vejo que poderia ter aprendido muito mais, um exemplo disso é fazer melhores redações, afinal como escritor eu sou um ótimo aluno. Enfim, com a fase adulta tive que aprender algo muito importante que se chama responsabilidade, mas também aprendi a ser irresponsável, as vezes com ajuda, as vezes por conta própria. Falando assim, até parece que estou culpando outras pessoas pela minha irresponsabilidade, é verdade, eu estou, mas não por mal. Por exemplo eu tenho um joguinho no celular e tenho diversos amigos que compartilham deste entretenimento, muitas vezes eu tenho algo para ser feito com uma certa urgência, entretanto meus queridos amigos de jogo, não conseguem me deixar fazer o que tem de ser feito, e insistem até conseguirem o que querem, que no caso é fazer com que eu entre no jogo, por isso disse que as vezes é por conta dos outros. Faz parte de outro processo, chamado amizade, que ensina muito em todas as épocas da vida, é com os amigos que se aprende muito, e eles não poderiam não ser citados aqui mesmo de uma forma bem discreta e tímida como foi esse exemplo.

Reflexões finais

Apesar de tudo que vivenciei, que aos 21 anos não é muita coisa além das escolas e agora da faculdade, eu continuo não sendo alguém tão fiel a teoria das coisas, e acredite quando eu digo que teoria é algo que se tem que aprender no curso de administração, contudo a mudança na minha forma de aprender não ficou no passado e ligada a mim como alguém que não muda. Como já dizia SKINNER: “Não considere nenhuma pratica como imutável. Mude e esteja disposto a mudar novamente. Não aceite verdade eterna. Experimente”. Descobri que a teoria acaba me preparando melhor para a pratica e é nisso que se baseia meu aprendizado, botar em prática o que consigo para aprender mais ainda. Isso é algo que a faculdade ensina e todos nós que estamos neste livro tivemos que aprender.

Referências

- ALLIO, R. J. Leadership development: teaching versus learning. *Management Decision*, Vol. 43 No. 7/8, p. 1071-1077, 2005.
- GONÇALVES, M. Como transformar vivências em aprendizados? Disponível em: <<http://www.administradores.com.br/noticias/carreira/como-transformar-vivencias-em-aprendizados/46833/?desktop=true>>. Acesso em: 09 de set de 2018 Set.
- MERRIAM, S.B. BIEREMA, L. L. *Adult Learning: Linking Theory and Practice*. San Francisco: Jossey-Bass, 2014, p. 1-41.
- SILVA, A.B. *Como os Gerentes Aprendem*. São Paulo: Saraiva, 2009
- TERRA, Márcia Regina. O desenvolvimento Humano na Teoria de Jean Piaget. Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Disponível em: <http://www.unicamp.br/iel/site/alunos/publicacoes/textos/doooo5.htm> acessado em 09 de set de 2018.
- ZINS, J.E., ELIAS, M.J. 2006. Social and emotional learning. In G.G. Bear & K.M. Minke (Eds.), “Children’s needs III: Development, prevention, and intervention” (pp. 1-13) Bethesda, MD: National Association of School Psychologists.

Relato de experiência – Como eu aprendo?

Renata Araujo da Rocha Ramos¹

Como eu aprendo?

Introdução

De uma forma geral e seguindo o teste de Kolb, meu estilo de aprendizagem predominante é o acomodador, que se encaixa melhor em todos os aspectos: tanto social quanto acadêmico. Aprendo melhor experimentando e realizando através de atividades práticas, mas não deixando a teoria de lado, pois para mim as duas em conjunto são de fundamental importância. Costumo utilizar muito a opinião de outras pessoas ao invés de usar as minhas, por isso acabo sempre fazendo muitas perguntas, além da impulsividade que me cria uma carga de ansiedade e impaciência em algumas situações, nas quais vou ter que dar um pouco mais de mim no processo de aprender.

O estilo que eu menos me identifiquei diz respeito ao divergente por ressaltar a criatividade, e eu não me considero uma pessoa criativa. Gosto de algo pronto para eu já colocar em prática, apesar de gostar de pensar e ter ideias que possam somar e contribuir na minha construção. Em relação aos estilos, o de observação reflexiva foi o que mais me identifiquei, pois há a aprendizagem com a observação de situações, principalmente em

¹ Acadêmica de Administração, cursando o quarto período pela Universidade Federal do Piauí-Campus Ministro Reis Veloso.

relação aos erros para se pensar e refletir: por que se deu assim? Quais circunstância levaram a isso?

Infância do aprender - As primeiras descobertas

Nessa fase, desde muito cedo utilizei do estilo adaptador, com o processo de aprender a caminhar, o primeiro engatinhar até eu conseguir realmente andar, com um passo de cada vez, embora quem convivia comigo conte que demorei um pouco mais comparada a outras crianças a dar os primeiros passos.

Ao longo do meu crescimento utilizei de observação reflexiva, tendo em vista que estava a conhecer o mundo sob minha perspectiva. Observava bastante para que adquirisse segurança no meu aprendizado, como o fato de aprender a me vestir sozinha. Na escola me adaptei bem, sendo inclusive bem adiantada e sempre a mais nova da turma. Quando pequena adorava escrever e ler muitas histórias, principalmente livros de contos.

Já na segunda infância, analisando o contexto e as pessoas que me cercavam que sempre passaram confiança e segurança nas minhas descobertas, eu era uma criança que arriscava bastante mesmo errando e tendo com isso consequências, como por exemplo, o fato de quase me afogar numa piscina por querer descer em um tobogã sem saber nadar ou andar de bicicleta sem rodinhas, o que me fez cair várias vezes e mesmo assim gostar e nunca desistir.

Me utilizava de observação reflexiva e experimentação concreta também nas festas de quadrilha e apresentações escolares em que eu tinha que lembrar das coreografias, observando para não errar, embora desde pequena sempre fui muito tímida para lidar com público.

Adolescência do aprender- Os desafios do aprendizado

Neste período comecei a tomar gosto por esporte, em especial handebol que era o que eu praticava. Mesmo com poucos

treinos, mas me utilizando de experimentação concreta conseguia me sair bem e ser convocada para os campeonatos da cidade, além de um estadual. Porém, tinha que aprender a lidar com meu lado emocional por ser muito inibida e isso fazer com que eu me resguardar-se, por vergonha da plateia, o que gerava uma dificuldade de relaxar e ter um desempenho elevado nos jogos.

Além de esporte sempre gostei de música, então tentei aprender a tocar violão, mas por falta de planejamento do meu tempo e um interesse maior em colocar isso adiante não me dediquei muito. Já no colégio meu processo de aprendizagem era mais assimilador, principalmente no ensino fundamental. Porém, no ensino médio as pressões sociais foram bem intensas principalmente no último ano para a escolha do curso, a conquista de adentrar a universidade e corresponder não só as minhas expectativas, mas das pessoas que me cercam e que estavam acompanhando minha caminhada. E foi então que mais uma vez, tive que aprender a lidar com meu lado emocional para conseguir me concentrar e planejar meu futuro, controlando o estresse para não atrapalhar meu desempenho e bem-estar devido as pressões que estavam presentes nessa fase, além de lidar com a frustração nos meus 17 anos, por não ter conseguido chegar no meu objetivo de passar para o curso que eu sonhava, fato que irei relatar posteriormente na minha fase adulta.

Maturidade do aprender- Uma nova perspectiva de aprendizagem

Como eu relatei anteriormente, a minha entrada nesta fase, veio conturbada devido ao que vinha passando. Após optar por fazer administração mesmo querendo outro curso, o que não foi possível devido a inúmeras circunstâncias, meu processo de experiências e estudo foi desmotivador, por sentir que não me dedicava o suficiente pela falta de interesse e de familiarização com o que estava fazendo. Desta forma eu busco a experimentação ativa, para conseguir refletir

e tomar algumas decisões para que eu percorra outro caminho futuramente em que eu consiga me realizar.

Pelo fato de ter completado recentemente 18 anos, ainda não acumulei muitos processos nessa etapa, mas visto que durante minha adolescência e infância eu me utilizava muito de estilo adaptador e gostar mais da prática, agora eu prefiro observar bem antes de realizar algo, como está ocorrendo no meu processo de tirar habilitação, em que mesmo eu tendo o ato de dirigir prefiro me ater aos detalhes observando e ouvindo as técnicas para adquirir segurança. Isso ocorreu após sofrer uma leve queda na moto enquanto realizava o treino da baliza. A partir disso, eu estou me utilizando mais de estilo assimilador nesse estágio.

Referências

- ALLIO, R. J. Leadership development: teaching versus learning. *Management Decision*, Vol. 43 No. 7/8, p. 1071-1077, 2005.
- GONÇALVES, M. Como transformar vivências em aprendizados? Disponível em: <<http://www.administradores.com.br/noticias/carreira/como-transformar-vivencias-em-aprendizados/46833/?desktop=true>>. Acesso em: 09 de set de 2018 Set.
- MERRIAM, S.B. BIEREMA, L. L. *Adult Learning: Linking Theory and Practice*. San Francisco: Jossey-Bass, 2014, p. 1-41.
- SILVA, A.B. *Como os Gerentes Aprendem*. São Paulo: Saraiva, 2009
- TERRA, Márcia Regina. *O desenvolvimento Humano na Teoria de Jean Piaget*. Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Disponível em: <http://www.unicamp.br/iel/site/alunos/publicacoes/textos/dooooo5.htm> acessado em 09 de set de 2018.
- ZINS, J.E., ELIAS, M.J. 2006. Social and emotional learning. In G.G. Bear & K.M. Minke (Eds.), "Children's needs III: Development, prevention, and intervention" (pp. 1-13) Bethesda, MD: National Association of School Psychologists.

Relato de experiencias – Como eu aprendo?

Jacyra Ferreira França Rodrigues¹

Como eu aprendo?

Introdução

Nunca havia me interessado pelos estilos de aprendizagem. Quando fui fazer alguns testes de aptidão na internet, na época em que estava me preparando para o vestibular, sempre aparecia como sugestão estes testes, no entanto, sempre deixei passar. Agora, com esse Relato de Experiência, procurei ler mais sobre o assunto. Indico; a busca do autoconhecimento é de extrema importância para a vida acadêmica, profissional e pessoal.

Seguindo o modelo de Kolb que assume que a Experimentação Ativa (EA) e a Observação Reflexiva (OR) são modos opostos de aprender e que a Conceptualização Abstrata (CA) e a Experiência Concreta (EC) também o são. Cruzando o eixo de como a informação é percebida com o eixo de como a informação é processada e combinando esses quatro modos de aprendizagem, surgem os quatro tipos de estilos de aprendizagem. Adaptadores: são mais práticos, realizam planos e experiências, aceitam os riscos. Assimiladores: são incríveis criando modelos teóricos; oposto dos adaptadores. Divergentes: gostam de analisar os problemas em seu conjunto e de trabalhar com pessoas.

¹Estudante do curso de Administração (UFPI), estudante no grupo de pesquisa Grupo de Estudos e Pesquisas em Marketing, Estratégia e Gestão, da Universidade Federal do Piauí (UFPI).

Convergentes: precisam da aplicação prática das ideias para testar teorias ou resolver problemas; oposto de divergentes.

Desse modo, fundamentado nos conceitos de Kolb, constateei que procuro me adaptar as mudanças, gosto de trabalhar com pessoas e assumir riscos, busco praticidade, sou resultado da multiplicidade e ação, procuro recursos para alcançar meus objetivos, sou motivada pelo resultado. Sempre tento ser empática, buscando soluções cabíveis e que tragam benefícios, gosto de analisar os problemas e tirar alguma experiência dele. Desta maneira, sou adaptadora e divergente.

Infância do aprender

Quando fiz 3 anos, meus pais me colocaram na escola, no segundo semestre logo, para eu acostumar com o ambiente, familiarizar mais com as outras crianças, pois eu era muito apegada aos meus pais e eles ficaram receosos com minha reação. A princípio foi bem difícil, chorava querendo meu pai e quando as 'tias' não o chamavam eu procurava algum lugar para me esconder ou ficava parada sem fazer nada, apenas chorando e zangada, até que meu pai chegava e ficava comigo na escola. Ele me levava para o parquinho do colégio e ia brincar comigo e com as outras crianças até eu socializar e não perceber mais sua ausência.

Eu era gaga e tinha vergonha de falar porque as outras pessoas ficavam rindo e fazendo piadas. Fiz dois anos de tratamento com a fonoaudióloga e logo depois, comecei a ir para a psicóloga. Comecei o maternal em uma escola, mas eu só ia para brincar. Meus pais me trocaram de colégio. Eu gostava muito das minhas professoras, em especial a tia Ruth e tia Rosana, mas não consegui aprender muito, eram muitos alunos em uma sala e eu precisava de atenção, pois eu era isolada e bastante na minha, não falava com todos, era muito insegura e tinha medo das outras meninas.

Na alfabetização mudei de colégio, fui para uma instituição de bairro. Meu pai não queria que eu estudasse lá, em razão de ser um colégio simples e com infraestrutura e suporte diferentes dos quais eu havia estudado. No entanto, foi a melhor coisa que me aconteceu. Eu tive muita dificuldade em acompanhar o ensino e o modelo da escola, era tudo mais simples e não menos difícil. Foi um risco, sair de um colégio onde eu tinha boas notas e um bom desempenho, onde eram feitas outras atividades como natação e aulas de música.

Antes de entrar nesta nova escola, empenhei-me em aprender mais, pois o que eu sabia não era o suficiente para eu ter um bom desempenho no colégio. Fui para um reforço escolar, com uma excelente professora. Quando eu pensava em desistir de aprender a fazer meu nome com letras cursivas, porque até então eu com 8 anos só fazia com letras de forma, ela me incentivava e motivava. Essa professora me ensinou a ler, a fazer contas simples de matemática, que eu não sabia. Ela começou a me desafiar nas aulas, fazia ditados junto com os outros que estudavam comigo e seria o vencedor aquele que mais acertasse. Ela me instigou a buscar o resultado, sou muito grata a professora Ivanice e tive a honra de tê-la por perto até meus 10 anos de idade.

Terminei o 5º ano no colégio de bairro como uma das melhores alunas da turma e a diretora do colégio chamou meus pais para uma conversa, dizendo que eles deveriam aproveitar meu excelente desempenho. E assim foi feito. Fui para um colégio de grande porte na cidade e tradição, fiz uma prova para entrar na época e consegui uma bolsa de estudos, pois passei em 2º lugar.

Adolescência do aprender

Meus anos de tratamento psicológico foram fundamentais para minha infância e principalmente para minha adolescência. Adolescência é uma fase descobertas e mudanças e de grande conhecimento. Já nesta nova escola que era bem maior, com

peças e uma cultura diferente, tive que me adaptar muito rápido. Com 3 semanas de aula eu já estava fazendo prova, todos os fins de semana faziam prova. Senti uma enorme dificuldade, eu já não tinha ninguém para me acompanhar nos estudos como a tia Ivanice, do reforço escolar. Comecei a estudar sozinha em casa. Porém, meus professores, a maioria, eram maravilhosos e sempre estavam disponíveis para tirar dúvidas, muito solícitos comigo e perceberam que eu funcionava pela motivação e desafio.

Busquei ter um ótimo relacionamento com meus professores, embora eu não fosse um perfeito exemplo de aluna, nunca dei motivos para eles reclamarem de mim. Fui muito bagunceira nas aulas e gostava de conversas paralelas, discutia quando via algo errado, reclamava demais com os professores e fiz uma enorme amizade com a coordenadora do colégio, ainda quando eu tinha 10 anos de idade, de tanto que vivia na coordenação.

Em 7 anos no colégio só tive desentendimento com uma professora de biologia, ela se excedeu e falou o que não devia. Levei o caso a coordenação e foi resolvido de imediato. Como não havia mais ninguém para me auxiliar nas tarefas, tentei mudar a minha forma de aprendizagem, adapta-la ao meu cotidiano. Comecei a prestar atenção nas aulas e nas disciplinas que eu tinha dificuldade, fazia exercícios logo em seguida a explicação do assunto. Isso foi o suficiente para que minhas notas continuassem boas e eu tivesse uma interação maior com meus mestres. Notei que minha percepção melhorou e comecei a aprender mais, tornando-me mais crítica em determinados assuntos. Quando o professor estava ministrando a aula, eu estava indagando, perguntando 'Por que, Como? ', não queria levar dúvidas para casa, se eu podia tira-las ali, eu as fazia ali.

Já no meu curso de inglês eu não ia tão bem assim. Comecei a frequentar porque meu pai queria que eu fizesse, na verdade eu queria aprender a tocar violão. Comecei o curso de inglês aos 10 anos de idade. Papai dizia que era bom saber outro idioma, na vida

profissional isso iria me diferenciar. Mas eu não era motivada e sim obrigada, por isso não me saía bem. Depois de uns dois anos, quando meus pais me perguntaram o que eu queria no aniversário de 15 anos, respondi prontamente “Uma viagem para a Inglaterra!”. E foi nesse momento que comecei a ter interesse pelo inglês, para a viagem. Meus cantores favoritos também são estrangeiros, o que acabou me ajudando a gostar mais ainda do idioma e da cultura inglesa. Ouvir músicas e começar a assistir filmes apenas legendados melhorou muito a minha aprendizagem e aumentou meu vocabulário. Acabei não indo a viagem por motivos pessoais, mas serviu de incentivo para eu aprender uma nova língua e amadurecer a ideia de que é necessário ter um segundo idioma.

Meu ensino médio foi um pouco mais complicado, veio aquela pressão de qual curso escolher, estudar para o vestibular. Para não ficar sobrecarregado e não ter um clima pesado de ter que se sair bem em todas as disciplinas, eu e meus amigos competíamos para ver quem se saía melhor nas provas. Existe um mural na escola listando as pessoas que se saem bem nos simulados.

Infelizmente não levei meu terceiro ano na maior dedicação. Nas matérias que eu não simpatizava não busquei melhorar, porque essas disciplinas iriam ajudar a entrar no curso que queria. Eu estava bem confiante, provavelmente foi o meu melhor ano, passei por experiências que servirão de lição e aprendizado para algumas situações que pode ocorrer futuramente, amadureci muito observando as pessoas ao meu redor.

Maturidade do aprender

Hoje, com 19 anos tenho passado por situações inimagináveis antes. Aprendi a ser forte e responsável muito rápido, não que eu nunca tenha sido. Mas foram responsabilidades diferentes, meu pai é muito doente e comecei a fazer as coisas por ele e para ele. Dessa maneira, fui tornando-me a pessoa

responsável pela casa e por todos. Antes eu era dependente dos meus pais, depois que entrei na Universidade aos 17 anos, automaticamente virei adulta e desde então eles dependem de mim.

Tenho meus momentos de desânimo e insegurança, assim como dúvidas sobre minha capacidade e meu valor, pois não me sinto bem à vontade na minha sala de aula atual. Minha curiosidade e motivação só são despertadas por atividades realmente interessantes e que vejo resultado. Aprendi a ter bom controle das minhas reações, na Universidade é essencial, pois o choque cultural foi muito grande e você precisa estar preparado para isto.

Tendo a pensar no que pode dar errado no futuro, para evitar consequências negativas das minhas ações. Ao antecipar os problemas, eu os previno e estarei preparada caso aconteçam. Hoje, tenho facilidade de assumir meus erros e adoto uma atitude proativa para resolver meus problemas. Minha conduta assertiva facilita a resolução de conflitos e o fato de eu acumular experiências de aprendizado, favorecem meu amadurecimento e evolução pessoal.

Referências

Os quatro estilos de aprendizagem- ou por que alguns leem os manuais e outro não. El país. Disponível em <https://brasil.elpais.com/brasil/2016/10/10/ciencia/1476119828_530014.html>. Acesso em: 19 out. 2018.

PENA, a. Et al. A teoria de kolb: análise dos estilos de aprendizagem no curso de administração da fecap. R. Liceu on-line, são paulo, v.4, n.6, p.64-84, jul./dez.2014

Relato de experiências - Como eu aprendo?

Victória Kércia Mendes da Silva¹

Como eu aprendo

Introdução

Quando se fala em aprendizagem e ao mesmo tempo da busca por analisar a forma como as pessoas aprendem, é irrefutável não chegar nos estudos de Kolb. Durante a busca que iria caracterizar meu estilo de aprendizado, utilizei ferramentas como base principal em conteúdo de blogs, teste de estilos individuais e outros em formatos de perguntas e respostas realizadas por outros pesquisadores da área, frente às contribuições desse importante autor. As pesquisas e testes mostraram que meu estilo de aprendizado se caracterizou como alguém com bastante porcentagem destinada ao perfil de acomodadora, utilizando da experiência concreta e ativa com mais facilidade, além de destacar como convergente.

Estudos afins, me caracterizaram como uma pessoa cenestésica e após ponderar e analisar os resultados, pude conhecer e concordar que eu realmente aprendo melhor quando coloco a “mão-

¹Acadêmica de Administração pela Universidade Federal do Piauí com previsão de conclusão para 2020.2, Estagiária na Seccional de Parnaíba do Conselho Regional de Administração, Especialista em Produção de Conteúdo para Web pela Universidade Rock Content, Redatora Freelancer de Conteúdo para Blogs, Coordenadora de Projetos e Eventos da Dinâmica Consultoria. Tem experiência na área de Administração, atuando principalmente nos seguintes temas: marketing de conteúdo, mídias digitais, empreendedorismo, consultoria, organização de eventos e planejamento.

na-massa”. Constantemente busco meios de tomar ações que me tirem da zona de conforto, assim como preciso de um espaço para me concentrar, necessito adotar técnicas: sejam de organização, produtividade, memorização e outras que venha a estimular a sede por querer aprender, conhecer e melhorar mais ainda.

Para chegar a essas afirmações foi necessário fazer uma retrospectiva segregando as etapas-chaves no meu crescimento, para que eu pudesse melhorar e relatar todo meu processo de aprendizagem. Em cada uma dessas fases, houve momentos que marcaram minha vida e fizeram com que eu despertasse para a forma como eu deveria agir, estando diretamente relacionado aos resultados das pesquisas já citadas, já que o meu estilo não deixa de ser mais visual, observadora e ao mesmo tempo de alguém que busca tomar decisões que afetem diretamente onde quero chegar.

Assim como cada indivíduo tem seu estágio da infância, adolescência e fase adulto, optei por dividir dessa mesma forma as fases marcantes de minha vida. O período da Infância se caracteriza por meu primeiro contato com o colégio e aprendizado adquirido com a minha família, tendo como personagem principal minha mãe, com sua forma maleável de educar por meio de analogias e histórias não muito simples, mas que adaptava para que em minha idade eu pudesse aprender.

A adolescência do meu aprender foi o período crítico, em que ocorreu realmente uma mudança significativa na visão de mundo e principalmente em achar que tudo é um mar de rosas. Experiências ruins me fizeram crescer, aprender e desenvolver um perfil desafiador, que não visava apenas passar de ano, mas entender e buscar uma forma de me destacar de todos os que estavam ao meu redor. Esse mesmo período me ajudou a saber desacelerar e olhar de uma forma diferente a melhor maneira que eu poderia aprender, sendo produtiva em meus estudos. Ressalvo ainda, que mesmo sem ter consequência dos resultados positivos que minhas escolhas iriam ter em meu futuro, me desafiei a melhorar e reformular um estilo único e diferente de estudar para

os dois grandes dias da vida de qualquer estudante, o temido Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM).

Por fim, apresento a ruptura definitiva do período colegial passando para o mundo universitário. Justamente nessa fase, pude expandir a visão desde o primeiro período para não enterrar os meus dons, seguindo os conselhos daqueles que me acompanharam desde o período inicial e que com certeza só querem o meu melhor. Apesar de ainda está na metade desse período, caracterizo o meu estilo de aprender como único e diferente de todos os que estão ao meu redor, posso ver que ainda tem muito a melhorar, a crescer e principalmente a desenvolver todos os meus dons, sem enterrá-los como relata em passagens Bíblicas.

Infância do aprender

Durante toda minha vida, minha mãe foi bem presente em minha educação. Antes mesmo de adquirir conhecimentos para saber ler, ela instigava minha imaginação mesmo que fosse lendo alguns versículos da Bíblia. Cada uma das parábolas ou histórias dos personagens presentes nesse livro, ela fazia questão de ler e explicar tanto para mim como para meu irmão, contando de uma maneira empolgante e que prendia nossa atenção.

Justamente ao perceber que eu gostava de ouvir essas histórias e de poder ter as mesmas atitudes boas que aquelas pessoas, minha mãe respondia pacientemente minhas perguntas, as vezes me fazia pergunta para que eu pudesse entender melhor e hoje reconheço que isso estimulou o meu desejo de querer aprender as coisas que ouço, analisar tudo o que é me passado e ir com “gosto de gás” para a prática.

Ao dar início as atividades colegiais, percebi que para fixar melhor alguns conteúdos, necessitava de resposta para várias perguntas que surgiam enquanto eu processava o que era falado, da mesma forma que acontecia quando eu conversava com minha mãe. No entanto, nesse período que estava iniciando, o professor não era

mais o mesmo e sempre estava mudando. Muitas vezes, tive que vencer a timidez e me aproximar de educadores que me ensinaram com paciência. Por mais que tivesse uma visão diferente deles, fui privilegiada e abraçada por cada um dos professores que me ouviam e respondiam minhas perguntas por mais simples que fossem.

Nesse tópico, jamais poderia deixar de agradecer e recordar o que muitos me ensinaram e até hoje posso lembrar de várias lições que foram ótimas para o meu crescimento pessoal, apesar de que nem todas tenham tido um impacto positivo no meu emocional, mas sem sombra de dúvidas, contribuíram para o meu aprendizado.

Adolescência do aprender

Como de costume, todos passam por várias transições durante os anos no colégio. O que mais afetaram a minha aprendizagem, foi quando deixei o famoso “maternal” e fui para o ensino fundamental, aí que o mundo começou a desmoronar frente as críticas e pressão que fizeram com que eu mudasse hábitos improdutivos.

Eu aprendi com meu primeiro professor de inglês, que existem momentos que para crescermos precisamos literalmente começar tudo de novo. Após copiar tudo que ele tinha anotado no quadro, enquanto eu conversava com alguns amigos que também já tinham terminado, o professor chegou próximo do meu caderno, rasgou, fez uma bolinha de papel de todas as folhas que eu tinha copiado e jogou no lixo, afirmando que não estava bem feito e eu deveria me esforçar mais.

Apesar de toda a raiva, constrangimento e bloqueio que criei com as matérias, aquela atitude que foi reprovada pelos diretores e posteriormente o mesmo teve que se redimir, me mostrou que eu posso fazer mais, eu devo me empenhar melhor até mesmo na simples atividade de copiar o que está escrito e até hoje sinto como um desafio que faz com que eu queria desenvolver mais concentração e dedicação durante atividades relacionadas a estudo ou não, mas que são importantes para o meu crescimento.

Junto ao inglês, veio o aprendizado durante disciplinas como matemática, que eu não gostava nem um pouco, mas mesmo assim a professora insistia para que eu refizesse os exercícios e buscasse não decorar mas aprender, foi extremamente significativo para mim. Muitos especialistas da área de exatas afirmam algo que eu acredito firmemente e que eu aprendi com meus professores, que afirma que quando se trata de resolução de problemas e tendo como foco a matemática, eu não podia esquecer que você só gosta dos assuntos se estiver entendendo, em especial se quiser realmente aprender, mesmo que de início não entenda muita coisa.

Nas matérias de humanas, as minhas notas até que iam bem. No entanto, eu não suportava o meu primeiro contato com Física e Química, por não ter trago logo de início bons frutos. No entanto, foi justamente nesse período em que tentava aprender essas matérias, que novamente reconheci que você não pode plantar uma semente hoje e querer que amanhã de manhã ela já seja uma árvore gigantesca, isso é um processo gradual e o mesmo aconteceu para que eu pudesse aprender a me conhecer e a ver que era o ramo das exatas que iria seguir.

Apesar de saber disso minhas notas iam de mal a pior. Mas eram justamente esses resultados vermelhos que me animavam e me ajudaram a ser persistente, a continuar perguntando, a querer aprender e entender. A partir da oitava série do ensino fundamental, eu comecei a plantar semente que poucas pessoas plantavam, mas que todo mundo queria saborear dos frutos no futuro. O primeiro contato com matérias com nome diferente, teve um impacto direto para que eu pudesse entender e tomar como base a profissão em que iria me destacar.

Foi justamente nessa fase, que comecei a colher os frutos de todo empenho, participava de tudo quanto era de olimpíada, das de astrologia a história. Então, ganhei medalhas ao avançar na Olimpíada Nacional de Física, bronze em âmbito nacional e prata federal e vários certificados por simplesmente querer participar de muitas outras. Ainda hoje, guardo todos eles emoldurados, por muito

tempo ficaram na parede do meu quarto para me lembrar o quanto eu tenho potencial e posso conseguir, basta eu querer sair da minha zona de conforto, buscar e sugar o máximo que posso de mim.

Nunca conseguirei descrever o quanto essas coisas tiveram impacto em minha vida. Graças a esse progresso gradual, ao sair do ensino fundamental eu já até tinha um rumo do que queria aprender e me desenvolver como profissional, mas para isso, continuei na cola dos professores e mais uma vez as dificuldades apareceram e simultaneamente eu ia crescendo e melhorando o meu aprendizado.

Maturidade do aprender

Somente no meu Ensino Médio, eu passei a não esperar de pais, professores e coordenadores para me ajudarem a saber o que e como deveria estudar. Durante toda minha vida, tive a oportunidade de estudar em um dos melhores colégios da cidade. Meus pais deram o máximo e até se mudaram de estado para poder me proporcionar essa educação e foi justamente nesse período que eu amadureci e comecei a reconhecer o esforço deles.

A biblioteca do meu colégio virou o lugar que eu mais frequentava, os vinte minutos destinados ao recreio, eu utilizava como válvula de escape para ler algo em vez de ficar jogando no sol ou brincando com minhas amigas, coisas que eu fazia antes, até eu perceber que não era nada produtivo para mim. Para que eu pudesse aprender mais, eu passei a utilizar das tardes que antes serviam como descanso em casa, para novamente retornar as mesas da biblioteca.

Justamente nesse período, percebi que eu aprendia melhor sozinha, algo que os estudos realizados no início desse relato afirmaram sobre meu estilo de aprendizagem. Apesar de ainda ter muita dificuldade para organizar os pensamentos e fixar alguns conteúdos, eu não desistia, cheguei até a solicitar monitorias para a própria diretora do colégio.

Apesar de ficar boa parte do meu Ensino Médio com um grupo de estudo que se dedicava a estudar durante a tarde e era bem menor que o número de alunos que tinha de manhã na minha sala, somente no último ano do colégio eu percebi, que preferia aprender de outra forma do que a tradicional, que eu deveria dedicar mais tempo e atenção para aproveitar meu tempo até mesmo dentro da sala de aula.

Após todo o período colegial acabar e enfim já estar com o meu certificado de conclusão, eu decidi junto aos meus pais que iria passar um ano estudando em casa, em um cursinho online e lancei o desafio de programar e planejar toda a minha rotina de estudo.

Talvez foi uma das decisões mais difíceis que tomei, mas foi justamente ela que me fez criar esse hábito que até hoje me ajuda a aprender. Foi justamente nesse ano que aprendi a vencer a terrível procrastinação que até hoje busca afetar meu aprendizado. Como o combinado, eu programava meu dia para estudar algumas matérias, divididas na semana, sentava na frente do computador, ouvia e repetia quantas vezes fossem necessárias para que eu pudesse fixar o assunto.

Então, foi justamente durante esse período que via o quanto era prazeroso estudar e que o conhecimento realmente liberta você, eu jamais tinha sentido isso. Antes via como uma obrigação, mas eu passei a saborear os frutos que a minha árvore estava dando, passei a querer cuidar melhor dos meus estudos para que os frutos fossem os melhores a se colher,

Todos esses fatores foram extremamente importantes na hora de escolher o curso superior que eu ia fazer. Foi algo marcante porque analisei aquilo que mais gostava, o que estava ao meu alcance e que poderia fazer o meu “olho brilhar”. Foi aí que a Administração me abraçou e foi nela que encontrei alívio, frente a pressões sociais do que você tem que ser e ao mesmo tempo aumentei a minha cobrança do que eu realmente devo fazer para cumprir meu propósito aqui na terra.

Em minha infância, minha mãe me contava uma história chamada Parábolas dos Talentos. O maior ensinamento que eu tirava dela, era que eu não podia enterrar aqueles dons que o Pai Celestial tinha me dado, eu teria que fazer como o servo bom e fiel, deveria multiplicá-los e eu enfim estaria fazendo algo bom.

Desde o meu primeiro período na Universidade Federal do Piauí, eu busco conhecer que talentos eu posso desenvolver, mesmo que para isso tenho que fazer tudo o que for necessário, conversar com pessoas que nunca vi, mas que sei que tem algo a me acrescentar. Com o passar dos anos, eu venho fazendo isso. No meu primeiro período aprendi que o networking é a base para você aprender a lidar com pessoas e situações difíceis.

Já no segundo, eu reconheci que o “Feito é melhor que Perfeito”, passei a produzir conteúdo para empresas e via o quanto era bom fazer algo, mesmo que não recebesse nada ou não fosse tão bom. No terceiro, eu passei a prestar serviços de qualidades em organizações de evento e que tiveram impactos no time de Marketing de empresas até fora do estado, sempre buscando aprender e ouvir quem estava acima de mim.

Por fim, estando agora no quarto, mais do que nunca quero ser um diferencial, tudo que eu ler e buscar aprender, busco ser pelo menos um mini especialista no assunto, capaz de replicar esse conhecimento para outras pessoas e ajuda-los a ver o quanto precisamos sair da zona de conforto, aprender com cada fase da vida e desenvolver os dons e talentos que somente você tem.

Reflexões finais

Frente ao apresentado e analisado, é impossível não destacar que possuo uma forma peculiar de entender, aprender e aplicar todo conhecimento que adquiro. Almejo melhorar a forma atual como eu aprendo, mesmo que para isso seja preciso mais uma vez passar por todos os tipos de experiências, quebrando paradigmas,

saindo da minha zona de conforto e aprendendo formas de melhorar minha produtividade.

Creio que para aprender melhor eu preciso continuar quebrando barreiras, resistindo aos ventos que farão com que a raiz da minha árvore fique forte e os seus frutos continuem sendo os melhores, pois, como já relatado todos tem seus dons a somar para sociedade. Reconhecer a forma como eu aprender foi algo grandioso, pois reconheci o quanto posso melhorar para continuar impactando minha vida e a dos que estão ao meu redor.

Referências

FERRARI, Márcio. B. F. Skinner, o cientista do comportamento e do aprendizado Disponível em <<https://novaescola.org.br/conteudo/1917/b-f-skinner-o-cientista-do-comportamento-e-do-aprendizado>> Acesso em: 26 de set de 2018.

JERICÓ, Pilar. Os quatro estilos de aprendizagem – ou por que alguns leem os manuais e outros não. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2016/10/10/ciencia/1476119828_530014.html> Acesso em: 03 de out de 2018.

KOLB, David. Teste seu estilo individual de aprendizagem. Recuperado de: http://www.ufjf.br/eep/files/2011/03/7_Estilo_Individual_de_Aprendizagem_KOLB.pdf

REIS, L. G., Paton, C., & Nogueira, D. R. (2012). Estilos de aprendizagem: uma análise dos alunos do curso de ciências contábeis pelo método Kolb. *Enfoque: Reflexão Contábil*, 31(1), 53-66.

PESSOA, Cristiane. TESTE SEU CANAL DE APRENDIZAGEM COM CRISTIANE DUPRET. Disponível em <<https://pt.quizur.com/quiz/teste-seu-canal-de-aprendizagem-com-cristiane-dupret-1B7B>> Acesso em: 23 de out de 2018.

TESTE: Qual é o Seu Estilo de Aprendizado? Disponível em: <<https://www.fasdapsicanalise.com.br/22514-2/>>. Acesso em: 23 out. 2018.

Relato de experiências - Como eu aprendo?

Francisco Wellington Alves Magalhães¹

Como eu aprendo?

Introdução

Entender o processo de aprendizagem de alguém é o mesmo que entender como todo um ser humano foi construído. Nossos questionamentos, nossas descobertas e nossas frustrações formam a nossa essência. Nossas aventuras, nossas hesitações e nossos fracassos se misturam de forma homogeneia na receitinha de bolo que carregamos em nossas cabeças. Nós somos o magnífico e único resultado de muitas experiências e descobertas, que mesmo que acontecessem de forma semelhante em dois indivíduos, sempre gerariam um ser humano cheio de particularidades.

Nosso aprendizado é refletido pela maneira que enxergamos o mundo, pela maneira que enxergamos essa passagem que é a nossa vida na terra. Diante disso, viver se torna um sinônimo de aprender e aprender significa aproveitar o trajeto. Redescobrir esse caminho, mais do que o exercício de autoconhecimento, se torna uma grande viagem nostálgica, percorrendo os confins da memória, cheirando novamente os cheiros de outrora e sentindo de novo o

¹Acadêmico de Administração pela Universidade Federal do Piauí com previsão de conclusão para 2020.2, fotógrafo na empresa Olhares Fotografia, Produtor de conteúdo para internet com experiência em blogs, vídeos. Também com experiência com mídias digitais, e empreendedorismo.

frio na barriga de outros tempos. As passagens já estão compradas. São duas: uma para mim e uma para você. Vamos nessa?

Infância do aprender - O início da grande jornada.

Sabe aquele garotinho “perguntador”, desinibido e que é que capaz de fazer qualquer coisa para conseguir chamar a atenção de todos? Ele definitivamente não era eu. Pelo contrário, eu era aquele garotinho introvertido que quase não é notado por ninguém, que não entende direito como o convívio social funciona e que tem um mundo totalmente independente e individual funcionando a todo vapor na sua cabeça. Talvez você nem saiba do que eu estou falando, pois, esse garotinho poderia passar despercebido por você facilmente.

Eu sempre me senti meio solitário no meu mundo, pois gostava de coisas que as outras crianças não demonstravam interesse. Para falar a verdade, gostava de coisas que muitos adultos que eu conhecia nem demonstravam interesse em aprender. Sempre me considerei um pouco diferente das outras crianças que viviam em um estado de preocupação zero o tempo inteiro. Meu pequeno mundo era bem racional e cheio de questionamentos. Minha curiosidade era enorme. Eu queria saber o porquê de todas as coisas, das mais simples as mais complexas, das mais fáceis de explicar as que mais davam dor de cabeça para meus parentes.

Diante de tanta curiosidade, era inevitável que meu processo de aprendizagem se tornasse mais acelerado que o das outras crianças. Posso afirmar que minha aprendizagem foi mais fruto da minha curiosidade do que da imposição de terceiros. Aprender, para mim, era o melhor passatempo do mundo. Eu aprendia de diversas formas, mas creio que a principal delas era lendo. Eu lia bastante, lia tudo que via pela frente, acho que chegava a ser chato com tanta leitura! A minha grande paixão eram os livros de ciências. A lógica e explicação racional me fascinava. Eu adorava

ter a explicação para fenômenos da natureza na ponta da língua, os nomes científicos decorados e todas as aquelas informações que na maioria das vezes só servem para nos passar como o “menino gênio”. Além disso, eu gostava de ter a maior quantidade de informações sobre os mais variados temas. Eu me sentia uma criança especial quando eu conseguia me encaixar na conversa de um adulto com uma informação que ele desconhecia.

Eu fui criado praticamente pela minha vó. Meus pais se separaram quando eu era muito pequeno. Minha mãe, como grande parte das mães jovens do interior que não encontram uma oportunidade de emprego em sua cidade, partiu em direção a capital com a cara, a coragem e a necessidade de garantir que não me faltasse nada. Meu pai, apesar de ser vizinho da casa de minha vó, teve problemas que lhe impediram de me dar a atenção que ele gostaria.

Minha vó nunca teve a oportunidade de aprender a ler. Imagina como era para ela escutar as minhas explicações sobre como as nuvens se formam e produzem as descargas elétricas que ocasionam os raios? Tinha certeza que ela não acreditava muito no que eu dizia e isso me fez aprender a filtrar os tipos de informações que cada tipo de pessoa estaria suscetível. Isso é coisa de criança? Eu realmente era diferente.... Minha infância se resumiu em aprender através da leitura e da observação da maneira em que os fatos aprendidos se encaixavam na minha realidade.

Adolescência do aprender – O que está acontecendo comigo?

Como uma criancinha curiosa, introvertida e racional poderia se sair na fase mais complicada das duas primeiras décadas de nossas vidas? Como todo mundo: não entendendo absolutamente nada o que estava acontecendo.

Minha “aborrecência” não veio tão cedo como é tão comum hoje em dia. Ainda sou do tempo que éramos crianças por mais tempo. Sou do tempo que a gente não tinha muita pressa para

crescer. Eu só comecei a perceber mudanças por volta dos 15 anos. Mas quem garante que eu não mudei sem perceber? Eu poderia até não me dar conta e estar totalmente diferente do que era antes. São coisas da adolescência...

Era fato que eu ainda tinha uma grande curiosidade, mas algo estava começando a ficar diferente na maneira que aprendia. A empolgação não era a mesma. A certeza de ser alguém diferenciado estava sumindo. Isso pode ser explicado pelo contato com uma quantidade maior de outras pessoas que há algum tempo você nem sonhava que existiam, ou apenas não ligava para a existência. Não sei se é realmente tão comum, mas a impressão que tenho é que os jovens na adolescência, em sua grande maioria, acreditam que eles são só mais um na multidão. Somos dominados por um excesso de pessimismo.

Achar que não era mais especial, me desligar dessa obsessão pela e migrar para a parte prática da vida. Eu não só me desliguei, mas me afastei do hábito da leitura de uma maneira que até hoje não consegui me reaproximar. Ler parecia ser perda de tempo. Eu fui me tornando alguém muito apressado por resultados. Acho que isso já era o início de um problema que descobri no início da vida adulta e que até hoje me prejudica.

Maturidade do aprender – Quem eu me tornei?

Distinguir onde termina a adolescência e começa a vida adulta é como tentar definir onde é a divisão exata de um rio que encontra o mar. Nas proximidades dos dois encontros as coisas ficam turvas, sem cor e difíceis de definir. Foi assim comigo e é assim com todo mundo. Não adianta tentar fugir, a estação em que você desembarca da adolescência e embarca na vida adulta está sempre lotada e é uma confusão.

As dúvidas e incertezas nem se comparam aos medos da vida adulta. Por isso afirmei que a adolescência é fase mais

complicada das duas primeiras décadas, por que das demais, o início da vida adulta é o grande bicho papão.

Eu de certa forma amadureci cedo e tive que aprender a ter responsabilidade quando muitos amigos nem sonhavam o que era isso. A mudança do aprendizado pela leitura para o aprendizado através da prática me fez bem e me preparou um pouco para o que me esperava. Afinal, só se aprende a ser adulto, sendo adulto!

No início da minha vida adulta me deparei com situações que me fizeram questionar quem eu era, o que tinha me tornado e qual era o meu objetivo de vida. Até parece que eu estava em uma adolescência parte II. A maneira como eu absorvia as informações se tornou mais prática ainda. Aprender algo de forma linear, como em um livro se tornou uma tarefa quase impossível. Esperar o tempo das coisas era um desafio. Me tornei uma pessoa ansiosa, até no que diz respeito a aprendizagem.

O meu problema com a ansiedade me fez perder o rumo. De repente eu não tinha mais nenhum vestígio daquela criancinha que eu era. Me tornei um adulto imediatista, que quer tudo rápido e não tem paciência para o fluxo da aprendizagem. Isso me fez muito mal. Me fez ser algo que eu não gostava. Me fez ser algo que não me fazia feliz.

Felizmente, algumas pessoas têm sorte de encontrar outras que te ajudam a se encontrar. Eu fui uma delas. Encontrei alguém que me ajudou e que me fez perceber que aquela criancinha ainda está viva, só precisa de espaço para crescer novamente.

Reflexões finais

E hoje, nesse momento, como eu aprendo? Hoje eu aprendo de forma prática, aprendo observando, aprendo lendo – não com a intensidade que eu gostaria – e aprendo aprendendo. Aprendo me observando e tentando sair da zona de conforto. As vezes tropeço, mas eu levanto para continuar aprendendo até o que não tenha mais nada para aprender. Ou seja, aprendendo para sempre!

Referências

- ALLIO, R. J. Leadership development: teaching versus learning. *Management Decision*, Vol. 43 No. 7/8, p. 1071-1077, 2005.
- GONÇALVES, M. Como transformar vivências em aprendizados? Disponível em: <<http://www.administradores.com.br/noticias/carreira/como-transformar-vivencias-em-aprendizados/46833/?desktop=true>>. Acesso em: 09 de set de 2018 Set.
- MERRIAM, S.B. BIEREMA, L. L. *Adult Learning: Linking Theory and Practice*. San Francisco: Jossey-Bass, 2014, p. 1-41.
- SILVA, A.B. *Como os Gerentes Aprendem*. São Paulo: Saraiva, 2009
- TERRA, Márcia Regina. O desenvolvimento Humano na Teoria de Jean Piaget. Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Disponível em: <http://www.unicamp.br/iel/site/alunos/publicacoes/textos/doooo5.htm> acessado em 09 de set de 2018.
- ZINS, J.E., ELIAS, M.J. 2006. Social and emotional learning. In G.G. Bear & K.M. Minke (Eds.), “Children’s needs III:Development, prevention, and intervention” (pp. 1-13) Bethesda, MD: National Association of School Psychologists.

Relato de experiências - Como eu aprendo?

Rogerlan Moraes Ferreira¹

Como eu aprendo?

Introdução

Muito se fala em O QUE aprender, mas pouco se fala em COMO aprender. Nas escolas, encontramos professores que, em um monólogo entediante, nos bombardeiam com uma chuva de informações sem a menor preocupação com o devido aprendizado do aluno. Exigem, em uma avaliação escrita, simplesmente um decoreba e a correta aplicação deste, que dias depois o aluno acaba esquecendo completamente por não saber como preservar o conhecimento que levou horas ou, até mesmo, dias para ser memorizado. E esse tipo de comportamento acaba gerando a ilusão nos alunos de que uma nota azul no fim do mês é suficiente para considerar que houve realmente um aprendizado efetivo. Consegui entrar na universidade com esse comportamento e pensamento

¹Cursando Administração de empresas pela Universidade Federal do Piauí, com previsão de término para o ano de 2020. Domínio básico do idioma inglês. Participação de palestras ministradas na Universidade, com profissionais atuantes no mercado de trabalho da área administrativa. Vivência no ambiente de escritório adquirida por um estágio de dois anos na Caixa Econômica Federal, desempenhando as funções de elaborar planilhas, relatórios, abertura de contas, atendimento no social e auxiliar os clientes nos terminais de autoatendimento. Estágio de três meses na empresa Unisoft, com atuação na recepção, matrículas de alunos e auxílio aos professores. Respondia ao gerente, fornecendo todas as informações de atividades desempenhadas no cotidiano da empresa. Conhecimento intermediário no Pacote Office, Libre Office e perfil de profissional empenhado, comprometido, de rápida adaptação. Em busca de crescimento profissional.

ilusório, imaginando que o curso seria muito fácil, mas a história foi bem diferente.

No início, um tsunami de informações. Professores não mais escreviam no quadro, pois explanavam o conteúdo através de uma conversa tranquila de duas horas cada. O resultado não foi bem uma surpresa, visto que estava ciente da minha dificuldade em acompanhar as aulas. Minhas notas saltaram de paraquedas, do céu ao chão. Imagina como é para uma pessoa quando percebe que ela é horrível no único trabalho que faz. Isso me deixou desmotivado. Eu tive que tomar providências. Este texto é o relato de como fiz a transformação de bom aluno para bom estudante, e sim, existe uma diferença entre esses dois termos, tanto em comportamento como em pensamento. Atualmente, estudo para dois concursos públicos, faço universidade e ainda tenho tempo para ler 2 livros por mês (por enquanto), assistir filmes, praticar esportes, ficar com a família, viajar e, às vezes, ficar de boqueira no WhatsApp.

Infância do aprender- Mente de esponja

A minha jornada de aprendizagem, assim como a de todas as pessoas, se inicia na infância com as primeiras palavras. Passamos a ouvir diversos tipos de sons das pessoas e objetos à nossa volta desde o momento em que nascemos. Com o tempo, processamos esses mesmos sons atribuindo a eles significados geralmente relacionando à pessoas e objetos próximos, ou seja, memorizamos os sons e passamos a ter uma noção base do que ou a quem eles representam. Por exemplo, a primeira palavra de um bebê, normalmente, é algo relacionado com os pais como “mama” ou, se o pai estiver com muita sorte, “papa”. Ouvimos tanto estas singelas palavras “mamãe/papai” que acabamos associando o som à pessoa que o profere. Essa repetição constante é uma das formas de aprendizado operante na infância que todos nós experimentamos.

Até os meus 2 anos de idade, possuía o hábito de colocar na boca, e as vezes até engolir, tudo o que conseguia segurar, e, não,

não era fome. Segundo a psicanálise, esse período, denominado de fase oral, se caracteriza pela concentração do prazer do bebê na boca. Ou seja, aprendemos também usando dos sentidos na experimentação das situações, no caso, eu usava o paladar para saber se algo era bom ou ruim. E levamos essa curiosidade em experimentar o novo como forma de aprender por algum tempo. Então, não se assuste quando se deparar com uma criança mexendo em um smartphone que você nem sonha em mexer. Ela simplesmente experimentou o que pode e aprendeu de uma forma motora aquela informação em que você simplesmente lembra como fazer sem necessidade de muita concentração, o que fazer para conseguir acessar o que precisa. Foi dessa forma em que aprendi a fazer outras atividades como nadar, jogar futebol, e a brincar de pique, enquanto criança. Quando se deparar com alguma dificuldade em aprender algo novo não desista, faça como uma criança: experimente, experimente, experimente.

Adolescência do aprender – Fugindo à regra

Desde que me lembro, gosto de saber o “porque” das coisas que tenho interesse e, em razão disso, acabei desenvolvendo o hábito de ser curioso. Durante a adolescência, fui inserido em diversos tipos de ambientes que aumentaram ainda mais a minha curiosidade e que me fazia refletir sobre eles e também sobre a vida. Um deles foi a igreja evangélica Congregação Cristã no Brasil que ficava no meu bairro. Eu, entre boa parte da infância e por pouco tempo da adolescência, morava com a minha família adotiva que considero como sangue do meu sangue. Eles são evangélicos e na época, eu também era. Comparecia aos cultos não por vontade própria, admito, mas porque a família toda não deixava de ir, além disso, era só um garoto imaturo de 10 anos.

Confesso que dormia em quase todos os cultos da noite, onde sempre tinha alguém para me cutucar com o cotovelo e falar que eu estava passando vergonha dormindo, sentado e com a boca

aberta. Certa noite, quando estava chegando no momento de encerramento do culto (e eu no da minha soneca), onde eles separam um tempo para dar glórias ao Senhor, ouvi uma voz familiar pronunciando palavras que nunca tinha ouvido. Parecia que alguém estava com a língua presa, tentando falar algo desesperadamente, mas não conseguia e aquilo me assustava de verdade. Olhei para trás e vi, para minha surpresa, minha irmã, Herlane, orando em línguas e não sabia. Quando todos estávamos indo para casa, fiquei torcendo para alguém comentar sobre o ocorrido “sem precedentes”, mas não saiu nada. Nem uma única palavra sobre. Então perguntei a minha mãe o que tinha acontecido com a minha irmã, e ela disse: “ela estava orando em línguas. A língua dos anjos”. Aquela resposta fez brotar na minha mente uma gama de perguntas. “Por que ela? ”, “Dói? ”, “Eu posso orar assim também? ”, “Que razão os anjos têm para falar através das pessoas, já que eles podem vir até as próprias pessoas, como aconteceu com Maria? ”E por aí vai. Mas aqui cabe uma importante pergunta: o que isso tem a ver com a minha aprendizagem na adolescência? É por causa deste determinante evento na minha vida que passei a buscar minhas próprias respostas sobre as coisas, além de refletir sobre elas. Entenda, não basta você só buscar a informação, é preciso buscar, através do raciocínio e da aceitação de sua ignorância diante do assunto, suas próprias verdades, sem considerar os costumes e dogmas impostos, segundo Sócrates (469-399 a.C.).

Com o tempo, passei a questionar tudo e, de forma proporcional, a aceitar tudo. Uma pessoa mais aberta por assim dizer até certo ponto. Aos 14 anos, comecei a frequentar outras religiões e a refletir sobre elas. Fiz estudos bíblicos com Testemunhas de Jeová por dois anos, Adventistas e Católicos. E foi durante essas aventuras por diferentes visões da bíblia que, refletindo a respeito, cheguei a uma conclusão pessoal do que seria Deus. Uma época de aprendizado e descobrimento interno, por assim dizer. Não adianta querer conhecer o seu mundo exterior

sem conhecer o seu mundo interior. São como os dois hemisférios do seu cérebro, diferentes, mas interligados. Isso me fez amadurecer em algumas áreas da minha vida. Mas foi durante esse mesmo período que me tornei uma pessoa mais teimosa, pois tudo tinha que passar pela minha “vistoria” racional.

Qualquer opinião ou situação, por mais simples que pudessem ser, que não tinham um caminho racional comprovado e aprovado pela minha grande “vistoria” intelectual socrática era banalizado e ficava sem uso. Ao contrário das outras pessoas, eu não aceitava qualquer opinião. Ou melhor, não aceitava uma resposta superficial. Ficava com raiva quando me respondiam “porque Deus quis” ou “É assim e pronto”. Não entendia o motivo das pessoas “aceitarem” essas respostas como conclusão. Incontáveis vezes questioneei minha mãe ou alguém próximo sobre o que diziam e as escolhas que tomavam. Como se fosse o detentor da verdade. Refletindo sobre minhas ações, aprendi a pegar mais leve com as pessoas porque esses questionamentos eram meus e não delas. Abri mão de conhecer muita coisa só por ser ignorante, não no sentido de alienado, mas no sentido de ignorar mesmo.

Entretanto, não fiz bom uso dessa poderosa ferramenta de aprendizagem, que é a reflexão, no que se diz respeito a esfera profissional. No ensino médio, fui exposto a um novo ambiente escolar que envolvia diferentes tipos de pessoas. E como fiz técnico de informática integrado ao ensino médio, até a essência dos conteúdos era diferente da que eu estava habituado no fundamental. Um novo mundo. Eram em torno de 17 disciplinas (10 do médio e 7 do técnico), bastante para o nível médio, mas que eu me saía bem decorando os assuntos necessários. Na época, um único professor era responsável pelas matérias técnicas do curso, um guerreiro. Eu me esforçava para decorar a matéria e era isso. Decorava, lembrava, fazia a prova e depois esquecia o que tinha estudado com o tempo. Acredito que todos já passamos por isso. Infelizmente, não nos ensinam, pelo menos na escola, o que usar para manter de forma

efetiva o conteúdo na memória e acontecer, assim, o aprendizado. E acabamos por nos iludir com a ideia de “bom aluno”.

Maturidade do aprender – Equilíbrio

Entre na Universidade Federal do Piauí com um pensamento positivo. Com aquela velha e boa empolgação do início das aulas e que vai se esgotando à medida em que o período vai avançando, quem estuda sabe do que estou falando. Fiquei extremamente impressionado com o tamanho do saber do nosso professor de sociologia organizacional na época, Geraldo Filho, embora tenha saído da aula sem saber de nada. O homem falou por duas horas e eu não consegui segurar na memória nem dois minutos do que ele disse. E o pior, a situação foi se agravando com o tempo. Estava me sentindo perdido no curso, pois não sabia como assimilar toda aquela teoria que estava sendo passada. Como já tinha o hábito de pensar sobre minhas ações na adolescência, refleti muito sobre como estava levando o curso adiante e quase cheguei a desistir no processo. Pensamento que não me orgulho até hoje. Eu jamais iria sair daquela situação encarando-a de forma negativa. Compreenda o seguinte raciocínio: pensamentos geram sentimentos, sentimentos mudam suas ações e ações geram resultados.

Passei a tomar medidas sérias para ser uma pessoa com uma mentalidade de crescimento. Segundo a professora de psicologia em Stanford, Carol Dweck (1947-atualmente), mentalidade de crescimento é quando uma pessoa acredita que o esforço é o caminho para a maestria e que as críticas e os desafios são ferramentas valiosas para o aprendizado. O que, em parte, já tinha desenvolvido aprendendo com meus erros desde a adolescência. Esse tipo de mentalidade resolveu também o meu problema com a falta de motivação. Tive muita dificuldade com a disciplina de teorias da administração, ministrada pela professora Dilma Brito, no início do curso. Não conseguia encontrar razão em aprendê-las, pois, por serem ultrapassadas como a teoria da administração

científica, classificava elas como obsoletas. Como eu disse, é muito difícil memorizar algo que você não tem motivo para tal, mas tinha que memorizar se queria uma nota azul. Bom, não tive sucesso.

Muitos são os tutoriais milagrosos de aprendizagem acelerada que encontrei navegando na internet. Todos te oferecem uma gama de benefícios sem muito esforço. Entenda: Não existe vitória sem sacrifícios. Dediquei tempo e autocontrole para treinar a minha memória, porque não é algo que se desenvolva da noite para o dia. Até hoje ainda treino e sei que tenho muito a melhorar. Passei a utilizar a mesma técnica de aprendizagem que o físico Richard Feynman (1918-1988), Nobel de física de 1965, porque é uma combinação com todas as minhas formas de aprendizagem, desde a utilização dos sentidos à reflexão sobre pensamentos. É bem trabalhoso, mas, realmente, funciona. Essa técnica transfere o conteúdo para a memória intermediária, cuja duração média é de 3 semanas. É notável a melhora na velocidade de compreensão e assimilação. Com pouco tempo de uso, já conseguia acompanhar todas as aulas.

Mantenho o conteúdo na memória utilizando o Sistema de Repetição Espaçada (SRS) desenvolvido por Hermann Ebbinghaus (1850-1909). Com o tempo, fui forçando mais, exigindo mais, lendo mais e fazendo mais. Lia um livro por ano, isso quando lia alguma coisa. Hoje tenho o hábito de ler 2 livros, com cerca de 80% de aproveitamento, por mês. Tenho um fascínio por livros feitos para as massas como Maze Runner – Correr ou Morrer, de James Dashner por se tratar de uma leitura simples.

Reflexões finais

Segundo David Kolb, os **adultos têm diferentes maneiras de aprender, que dependem de como percebemos a realidade e de como a processamos, ou seja, o modo como as pessoas sentem e pensam os desafios, isto é, como manejam e buscam a solução, é diferente de uma para outra. Adotar determinada estratégia, optar por certo caminho e decidir entre uma ou outra**

alternativa evidencia um jeito próprio e singular de lidar com as informações. Essas técnicas de memória que utilizo, padrões de comportamento e de pensamento, determinam o meu estilo de aprendizagem predominante. A teoria de Kolb nos diz que possuímos quatro estilos de aprendizagem sendo um predominante, no meu caso, estilo convergente, pois gosto de resolver problemas e uso a minha aprendizagem para encontrar soluções para questões práticas considerando extremamente necessário o equilíbrio entre teoria e prática.

Referências

BATISTA, Gustavo Araújo; SILVA, Márcia Rodrigues Luís. Estilos de aprendizagem Kolb. Disponível em: <<http://www.fucamp.edu.br/wp-content/uploads/2010/10/11%23U00c2%23U00aa-GUSTAVO-E-M%23U00c3%23U0081RCIA.pdf>>. Acesso em: 21 out. 2018.

DWEAK, Carol. GrowthMindset: Como desenvolver a Mentalidade de Crescimento. Disponível em: <<https://www.goconqr.com/pt-BR/examtime/blog/growth-mindset-mentalidade-de-crescimento/>>. Acesso em 16 out. 2018.

JERICÓ, Pilar. Os quatro estilos de aprendizagem – ou por que alguns leem os manuais e outros não. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2016/10/10/ciencia/1476119828_530014.html>. Acesso em: 21 out. 2018.

MACHADO, Geraldo Magela. Sócrates e o Direito de Pensar. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/filosofia/socrates-e-o-direito-de-pensar/>>. Acesso em: 14 out. 2018.

NATEL, Maria Cristina; TARCIA, Rita Maria Lino; SIGULEM, Daniel. A aprendizagem humana: cada pessoa com seu estilo. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=So103-84862013000200008>. Acesso em: 21 out. 2018.

O Sistema de Repetição Espaçada (SRS): memorizar para jamais esquecer. Disponível em: <<https://www.mosalingua.com/pt/o-sistema-de-repeticao-espacada-memorizar-para-jamais-esquecer/>>. Acesso em: 16 out. 2018.

Relato de experiências – Como eu aprendo?

Adrielle Carvalho Souza¹

Como eu aprendo?

Introdução

Aprender é algo que nunca fazemos por completo, nenhum dia se perde, desenvolvemos conhecimentos e saberes sem nem perceber. Alguém te ensinou a atravessar a rua? Não, você simplesmente observou, identificou o instante certo e foi. Observar sempre fez parte do meu aprendizado. Analiso e penso muito sobre uma situação. Absorvo atitudes e comportamentos construtivos presentes nela e filtro o que não me acrescenta. Nunca possuí muitas habilidades sociais, as poucas amizades que tive foram construídas lentamente ao longo do meu caminho. Pessoas introspectivas como eu, geralmente são boas com números, e, por vezes, vistas como estranhas e sem graça, mas poucos sabem que somos as melhores companhias.

O despertar

“Que animal caminha com quatro pés pela manhã, dois ao meio-dia, três à tarde e é mais fraco quando tem mais pernas?”

¹ Graduanda em administração pela Universidade Federal do Piauí (UFPI), com conclusão prevista para dezembro de 2020. Técnica em administração pelo Instituto Federal do Piauí (IFPI). Experiência com ambiente administrativo adquirida por um período de dois anos na administração pública. Organizada, pontual, metódica e flexível a mudanças.

Édipo, filho do rei de Tebas e assassino inconsciente de seu próprio pai, solucionou o mistério respondendo: “o homem, pois ele engatinha quando pequeno, anda com as duas pernas quando adulto e usa a bengala na velhice”. Nascer, crescer, reproduzir e morrer são fases do ciclo da vida.

O nascimento é o momento mais sublime e mágico da nossa existência. Sem ele as fases posteriores não se concretizariam. O bebê se mantém protegido e aquecido no ventre da mãe, e seu mundo se resume àquele minúsculo espaço limitado. De repente, em mais um dia comum daqueles nove meses, alguém o puxa e fala: está na hora de nascer, amigão! E qual nossa reação? Chorar, nosso primeiro grande aprendizado. Em termos biológicos, o primeiro choro tem a função de adaptar a respiração e a circulação sanguínea do bebê para o ambiente externo. Shakespeare dizia que “choramos ao nascer porque chegamos a este imenso cenário de dementes”. Com o tempo concluí que tanto a ciência quanto o escritor têm um pouco de razão.

A psicanalista Melanie Klein, contemporânea de Sigmund Freud, diz que até os seis meses de idade o bebê tem uma relação de amor e ódio com a mãe, pois acredita que o seio é bom porque o amamenta e é mal porque se ausenta. Tudo é novo. O ambiente, as pessoas (que antes não existiam), o contato físico, os sentimentos. É um processo longo e contínuo onde, inicialmente, aprende-se a comer, andar, falar, observar e só depois enxerga-se o outro como sendo necessário para a nossa sobrevivência.

O caminho

Aprendemos mais facilmente na infância, quando nosso cérebro tem um desenvolvimento plástico, capaz de se reorganizar em padrões e sistemas de conexões sinápticas para melhor adequar o organismo em crescimento às novas capacidades intelectuais e comportamentais da criança. Pesquisas revelam que tanto a genética quanto o ambiente influenciam no desenvolvimento intelectual na

infância. Se um indivíduo tem uma genética positiva, mas não é estimulado, diminuirá a probabilidade de se desenvolver por completo; por outro lado, indivíduos com qualquer que seja a herança genética, terão mais chances de se desenvolverem intelectualmente quando são frequentemente estimuladas a trabalhar o cérebro.

O aprendizado na infância é determinante para definir quais capacidades e habilidades teremos no futuro. Somos tão pequenos, vivendo em um mundo com descobertas constantes, olhamos para os “gigantes” (pai e mãe) e, automaticamente incorporamos características e comportamentos deles em nós mesmos. É aquela história: criança faz tudo que vê. Por esse e por outros motivos é essencial ser um espelho que traga aspectos construtivos e benéficos para os pequenos.

Desde pequena associo informações a algo para memorizá-la. Apreendi essa técnica quando um professor de geografia mostrava a diferença entre vertical e horizontal. Ele disse: vertical, lembre-se de vestir calça; horizontal é simples, pense em horizonte. Nunca mais esqueci isso. É impossível aprender sem memorizar, no entanto, de nada adianta a memória se o cérebro não entende. É igual a andar de bicicleta, quando se aprende nunca mais esquece.

O tempo passa e quando percebemos já não somos mais tão pequenos. Nós vivemos perdidos em um período complexo, deixamos de ser criança, mas ainda não somos adultos, é a fase da adolescência. Além das questões físicas, tanto para os meninos quanto para as meninas, surge uma necessidade de aceitação. Agir dessa ou daquela forma para ter amigos, fazer isso ou aquilo para pertencer a um grupo. Todos passamos pela adolescência, por vezes nos vemos perdidos em meio aquele turbilhão de emoções, o lado bom é que tudo passa, e sentiremos saudades de cada instante que se foi.

Logo após a adolescência, teoricamente nos tornamos adultos. Três situações podem acontecer: ser um adulto por obrigação, aquele típico adolescente que nunca cresce; ser um adulto precoce, aquele que cresce antes da hora; e, por último, ser adulto e agir como adulto.

Eu, particularmente, me encaixo na terceira opção. Nunca tive pressa e nem ansiedade para pular etapas. Quem assistiu ao filme *Click*, um dos muitos sucessos de Adam Sandler, conclui que cada fase precisa ser vivida, mesmo que não seja tão boa ou empolgante, afinal é como diz a música “... o caminho só existe quando a gente passa”, e o que não traz felicidade imediata, geralmente nos prepara para grandes conquistas lá na frente.

O propósito

Amadurecer é uma palavra que remete a velhice. Lembra do ciclo da vida: nascer, crescer, reproduzir e morrer? Depois que nos tornamos adultos é normal almejarmos constituir uma família, casar, ter filhos. Mas daí nos perguntamos “Como vou aprender a cuidar de outra pessoa se nem sei cuidar de mim?” Lembro que quando criança, eu falava que não gostava da cor preta e me falavam: “Mas você gosta de café, e é preto”, eu respondia: “O café é preto, mas eu coloco leite e fica marrom”. Eu era terrível. Sempre tinha resposta para tudo. Imagina ter uma cópia minha por aí? Imagina ter um pedaço de gente dependente de mim para tudo? Imagina sentir meu coração quase pular fora do peito porque o sentimento transborda? Imagina dar a vida por esse pequeno ser sem nem pensar duas vezes? Ah, desejo isso no futuro, mesmo sem saber trocar uma fralda ou dar banho. Nasci como um livro em branco, que ainda está sendo editado, e este capítulo ainda hei de escrever. Afinal, qual o sentido de resistir aos fracassos e tropeços se no final estiver perdida e solitária no mundo?

O futuro

Falar de tempo me traz recordações da infância, naquela época tudo era tão simples. Minha maior preocupação era chegar da escola cedo e assistir *X-Men*. Cresci, minhas necessidades e prioridades mudaram, os sonhos, antes só presentes na

imaginação, tornaram-se mais próximos e reais; o medo do escuro se foi, descobri que papai Noel e coelhinho da páscoa são meras invenções da humanidade. Quando me dei conta disso notei que já era adulta. As responsabilidades surgiam de diversas formas: vestibular, faculdade, trabalho, tudo junto.

Quando mudei o rumo da minha carreira, senti receio do novo, e ao mesmo tempo não senti falta do que ficou para trás. Fiquei ali no meio, um pouco desequilibrada. Hoje sei que aquela atitude era necessária, porque cresci e aprendi com ela. Meu conselho: louco é quem não procura ser feliz, quem se conforma com pouco ou quase nada. Nem sempre a vida faz sentido, na verdade, cada vez a compreendo menos, mas, em algum momento, o destino se encaminha de colocar cada coisa no seu lugar.

Reflexões finais

Costumo imaginar que a vida é como uma roda gigante. Nos primeiros giros, o frio na barriga toma conta, quando para lá no alto então, meu coração vai a mil. A cada rodada, o nervosismo diminui, e olho lá de cima sem querer descer porque, às vezes, é bom sentir borboletas no estômago. Quando aprendi a lidar com momentos ruins eles deixaram de ser tão presentes. Sempre acreditei que, independente do problema ou dificuldade, sua relevância é proporcional a importância que depositamos nele. Quando você olha para o espelho, está olhando para o problema. Contudo, lembre-se: você também está olhando para a solução. Certa vez, assistindo ao filme naufrago me deparei com o seguinte trecho: “Eu vou continuar respirando, porque amanhã o sol vai nascer, e quem sabe o que a maré vai me trazer?” A incerteza do futuro é o que me impulsiona a sempre persistir, com a certeza de que nada é para sempre, nem mesmo as desventuras da vida.

Referências

BATTISTELLA, Viviane. **Nasce, cresce, reproduz-se e morre**. Disponível em: <<https://osegredo.com.br/nasce-cresce-reproduz-se-e-morre/>>. Acesso em: 21 out. 2018.

PATRÍCIA, Karlla. **Você sabe porque o bebê chora ao nascer?** Diário de biologia. Disponível em: <<https://diariodebiologia.com/2009/03/voce-sabe-por-que-o-bebe-chora-ao-nascer/>>. Acesso em: 21 out. 2018.

RELVAS, Marta. **É mais fácil aprender na infância?** Disponível em: <<https://www.vyaestelar.com.br/post/3074/-mais-facil-aprender-na-infancia>>. Acesso em: 21 out. 2018.

Relato de experiências - Como eu aprendo?

Benone da Silva de Aguiar Filho¹

Como eu aprendo?

Introdução

Difícilmente nos damos conta do quão importante é saber aprender. Aprender é vivenciar os momentos que passamos em nossas vidas e deles tirar algum ensinamento para acrescentar a nós mesmos.

Ao meu ver, aprender vai muito além de apenas tomar conhecimento de determinado assunto. Aprender é parte de uma construção que nos dar forma para sermos seres sociais, é a partir desse aprendizado que eu poderei tomar minhas decisões e fazer minhas escolhas, mesmo que elas estejam em desacordo com as regras em vigência na sociedade, uma vez que aprender é algo subjetivo. É do “eu” saber que aprendo e sentir que essa experiência me moldura diante de minhas atitudes.

Se alguém me perguntasse como eu aprendo eu poderia utilizar um aplicativo ou encontrar algum site que me daria uma resposta imediata. Porém, com isso, faltaria a mim uma compreensão de que o meu aprendizado não pode ser definido e explicado por uma outra pessoa. É o conhecimento que tenho sobre quem sou e como isso implica na pessoa que mostro ser para

¹ Acadêmico de Administração cursando o 4º período pela a Universidade Federal do Piauí.

os demais. Então, somente nós mesmos poderemos explicar quem somos através de como aprendemos.

Como eu aprendo? Uma ótima pergunta para refletirmos se nos conhecemos tão bem a ponto de saber como nós aprendemos. Talvez eu não saiba como aprendo, ou talvez eu nunca havia parado para pensar em como aprendi tudo que sei. Ou talvez, as duas coisas. A única certeza que tenho é que aprendi e aprendo todos os dias. É correto, também, considerarmos que nós nascemos para aprender, e isso nós fazemos todos dias e todas os dias aprendemos algo novo que de alguma forma nos serve como conhecimento.

Eu me dei conta que nós sempre estamos dispostos a aprender coisas novas, quando apresentei uma peça teatral na escola. Eu tinha dez anos e o enredo da peça era sobre a lenda do negrinho do pastoreio. Não foi a minha primeira apresentação teatral, porém, foi a primeira vez que eu vi e sentir as pessoas se emocionando com algo que eu havia feito. Eu nunca considerei ter dons artísticos de atuação, mas aquela exibição foi algo que eu realmente gostei de fazer e por isso me dediquei ao máximo para aprender a atuar, e valeu o esforço.

Nesse sentido, portanto, tentarei explicar como eu aprendo. Ou melhor buscarei explicar como aprendi ao longo de minha vida, através de experiência que passei, sejam elas na vivência pessoal, familiar, escolar ou social.

Aprendendo na infância - O big bang

A partir do momento em que nascemos inicia nossa jornada em busca de aprendizado e compreensão do mundo que nos rodeia. Em cada nova descoberta nós nos situamos de quem somos no mundo e o que queremos fazer nele. O que descobrimos quando criança, nos direciona para o caminho que poderemos percorrer durante nossa vida. Por isso, a infância é uma das fases mais importantes que passamos. Em minha pequenez, aprender

significava uma explosão de conhecimento, o meu “big bang”. Nada para mim tinha limite, assim eu imaginava que tudo teria uma resposta, por mais absurda que fosse. Nesta época, eu entendia o mundo da forma como observava-o, logo minha aprendizagem baseava-se no que eu percebia e no que, conseqüentemente, concluía ser correto, sem medir as conseqüências. Era a formação da minha galáxia.

Lembro-me que quando estudava na educação infantil (acho eu deveria ter 4 anos de idade), a minha escola estava distribuindo cadernos personalizados com a imagem da Santa padroeira da cidade para os alunos que não possuíam um. No momento que vi, fiquei com vontade de ter um caderno como aquele, o problema era que eu já tinha um caderno, que, aliás, era novíssimo. Então, veio-me a ideia de que se eu destruísse o meu caderno, eu ganharia um que escola estava oferecendo. Foi o que eu fiz, tirei folha por folha até não sobrar nada, e deixei tudo voando no meio da sala de aula. Entretanto, tudo que eu imaginei não aconteceu. Minha professora já tinha conhecimento que eu não necessitava do caderno concedido pela escola. Assim, acabei ficando sem o caderno da escola e sem o meu próprio caderno.

Compreendi, então, a quão danífica foi minha atitude, visto que eu tentei me beneficiar de uma coisa que eu não precisava e acabei me prejudicando por isso. Percebi que foi um erro feio, mas que por outro lado serviu-me de aprendizagem. E assim como esse fato, seguiu toda minha experiência na infância, ao passo que descobria algo, eu testava e por fim geravam-se as respostas que eu buscava. Desse episódio aprendi algumas lições, todas eu levo comigo toda a vida, mas duas delas considero muito importante. A primeira é que devo valorizar o que já tenho, e a segunda é que devo dar oportunidade a quem realmente necessita. São coisas que me moldaram quando criança e que, hoje, me ajudam a perceber o mundo. O planeta quente que eu era, começou a esfriar com a chegada de chuvas torrenciais.

Aprendendo na adolescência - Meu espaço geográfico

Minha adolescência foi e continua sendo uma fase de mudanças, crescimento e proatividade. Nunca esperei que alguém me ensinasse determinado assunto, sempre procurei por conta própria descobrir. Eu não tinha medo de tentar, mesmo que pudesse dar errado. Assim foi quando me tornei agente multiplicador do meio ambiente pela Secretária de Meio Ambiente do Estado do Ceará, e assim foi quando apresentei uma literatura de cordel de minha autoria na Assembleia Legislativa do mesmo Estado.

Posso definir essa fase com um espaço geográfico. Segundo o geógrafo Milton Santos, o espaço geográfico constrói-se a partir da transformação dos elementos naturais pelas práticas antrópicas e, por isso, ele guarda marcas das civilizações e suas transformações ao longo do tempo. Assim foi minha adolescência e continua sendo, aprender com transformações e guardar essas marcas na indivíduo que sou. Uma dessas transformações ocorreu no trabalho da feira científica do meu ensino médio. Estudando com a mesma turma a muito tempo, eu já tinha meu grupo formado e nunca havia realizado nenhum trabalho escolar com os demais colegas, eu era muito preso a esse pessoal. Meu grupo (de sempre) havia determinado que realizaríamos a pesquisa sobre robótica. O problema é que eu não tinha nenhuma afinidade com o tema e não sabia como ajudar. Acabou que eu fui retirado do grupo e tive que recorrer aos meus demais colegas para não ficar sem notas.

Consegui entrar em um grupo de uma menina que eu implicava muito e de maneira nenhuma queria fazer trabalhos com ela. Mas ela me aceitou, e nós fizemos um trabalho maravilhoso sobre linguagens, que era um assunto que eu tinha mais facilidade de compreensão. Nós nos esforçamos e fomos recompensados com a primeira posição entre todos os trabalhos da feira científica. Para outras pessoas esse ocorrido pode não significar muito, mas para mim foi algo libertador. Eu aprendi que sair da minha zona de

conforto nem sempre será ruim e fazer o que eu realmente gosto sempre será mais prazeroso e benéfico para mim.

Aprendendo com maturidade – Como as notas musicais

Antes de começar falando de experiências de como aprender como uma pessoa madura, eu indago: será que eu já atingi minha maturidade? Será que eu posso me dar o luxo de as vezes ser imaturo? Será que estou preparado para agir com maturidade? Afinal, tenho apenas 18 anos de idade e não sei se de fato sou maduro.

Com minha vivência de hoje, sei que aprender tem que ser algo harmônico, igual as notas musicais. Para mim, é muito difícil aprender seguindo uma teoria ou um conceito elaborado por outrem que já vivenciou aquilo. Entretanto, se eu me desligar do que diz esse conceito e deixar tudo fluir de forma natural, eu consigo facilitar a minha compreensão e o meu aprendizado. Eu crio uma melodia.

Eu não sei se realmente estou certo em relação ao meu jeito de aprender, se são as melhores formas, a única certeza que tenho é que essa maneira que eu aprendo é a maneira como eu me sinto bem.

Reflexões finais

Saber como aprendemos é bom, não somente, para nos conhecermos melhor, como também para garantir nosso crescimento pessoal perante as fases de nossas vidas. Sei que até onde cheguei, eu aprendi muito, mas também sei que daqui para frente eu aprenderei muito mais. Me ajuda nessa jornada ter conhecimento de quem eu sou e de como eu ajo diante das lições que são dadas a mim.

Nós possuímos diversos tipos de aprendizagem, como descobriu o professor universitário David Kolb em 1984, quando

ele diz que há indivíduos que captam a realidade basicamente por meio da experiência e outros, criando teorias. O professor Kolb cria um estudo e distingue esses estilos de aprendizagem, classificando de acordo com cada tipo de pessoa. Porém, independente de qual seja o estilo, nós estaremos sempre aprendendo, cada um do seu jeito. Diante de tudo que já escrevi aqui, posso dizer que com esse estudo aprendi que eu sempre estarei disposto a aprender algo novo, da minha maneira. E também aprendi que descobrir como eu aprendo é descobrir a pessoa que sou e uma forma de melhorar sempre.

Referências

- JERICÓ, Pilar. **Os quatro estilos de aprendizagem** – ou por que alguns leem os manuais e outros não. El País. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2016/10/10/ciencia/1476119828_28530014.html>. Acesso em: 10 out. 2018.
- PENA, Rodolfo F. Alves. **O que é espaço geográfico?** Brasil Escola. Disponível em <<https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/geografia/o-que-e-espaco-geografico.htm>>. Acesso em: 10 out. 2018.

Relatos de experiências - Como eu aprendo?

Domingos Machado S. Filho¹

Como eu aprendo?

Introdução

Para uma melhor compreensão de como foi o meu processo de aprendizagem ao longo dos meus 26 anos de idade começarei contando alguns relatos da minha história de vida e dos contextos de vida que estive inserido ao longo dela, tentando ao máximo me fazer ser entendido, porém destacando somente os pontos de maior relevância para o tema em questão.

Eu me chamo Domingos Machado, estudante Universitário no curso de administração pela Universidade Federal do Piauí, filho de lavradores e pescadores, nascido em uma pacata cidade do Piauí, irmão mais novo de outros 5 irmãos. Minha infância foi vivida entre dois Estados, Piauí e Maranhão, de ambos os lados, as margens do Rio Parnaíba. Uma infância marcada por muitas aventuras, brincadeiras, diversões e aprendizados. Nessa fase eu comecei a perceber que a melhor forma de aprender é experimentar, testar para ver se funciona, claro que refletir bem antes é indispensável para o sucesso das nossas ações. Trago

¹ Graduando em Administração pela Universidade Federal do Piauí Campus ministro Reis Veloso com previsão de término para 2020. Técnico em logística, com graduação incompleta em Contabilidade e domínio do pacote office. Experiências profissionais na área administrativa de algumas empresas e atualmente servidor público municipal na secretaria de educação do município de Araióses - MA.

comigo até hoje esse pensamento. Aos cinco anos de idade perdi meu pai vítima de um acidente vascular cerebral e aí passamos por mais algumas dificuldades financeiras, ficando eu minha mãe e meu irmão mais próximo sem ter onde morar e sem uma renda para o sustento da família. Mas minha mãe e minha irmã mais velha não deixaram nada faltar, e fizeram tudo que estivesse ao alcance delas para que nossas necessidades fossem supridas. Passado um ano, saímos do Piauí e fomos morar no Maranhão na casa do meu novo pai. Isso mesmo, fui criado e muito bem pelo meu padrasto e considero isso um diferencial muito relevante para o desenvolvimento de minhas habilidades de aprender, bem como as minhas relações de amizades.

Embora eu tenha nascido numa situação de vida bem limitada pela pobreza isso não me impediu de tentar sempre seguir em busca do que me faz feliz, daquilo que eu coloco como objetivos de vida. Nasci em uma época sem Internet e considero ter tido uma infância bem mais feliz e com aprendizados concretos sobre a vida e suas incertezas, do que as gerações que nasceram após a minha. Gosto de intensidade, não costumo viver na superfície das coisas é preciso que eu vá fundo naquilo que de fato quero viver e isso me traz muito aprendizado e esse é sem dúvida um dos modos mais usados no meu modo de aprender, porém quero aqui destacar que desde a infância sempre fui obcecado em observar tudo em minha volta, como por exemplo os comportamentos dos indivíduos em minha volta e absorver tudo de forma cautelosa, tentando extrair o máximo das experiências de vida dos outros.

Como eu aprendia na ingenuidade da infância

Crianças costumam acreditar que tudo é uma grande brincadeira e costumam encarar a vida com mais leveza, acreditando de forma tão natural que podem conquistar o mundo como super-heróis que pensam que são, tudo parece ser mais fácil do que realmente aparenta, exímios sonhadores de uma mente

fértil e curiosa. Essa é a soma perfeita que destaca o meu modo de aprender quando criança: uma mente fértil somada a curiosidade. Quando Criança eu olhava para tudo em minha volta com uma fome tremenda por aprender e vivia no mundo da imaginação, sonhando com coisas que eu nem conhecia. Mesmo com toda inocência e ingenuidade inerente aos comportamentos da criança, eu refletia e internalizava o que me era proveitoso. No entanto, como já dito, sempre precisei colocar em prática aquilo que minha curiosidade me despertava a fazer. Segundo os estudos de David. A Kolb, esse tipo de método de aprender é considerado convergente e tem como principais características: o individualismo e o fazer, são pessoas que estão sempre colocando as coisas em prática. São chamadas de divergentes por serem individualistas e buscarem sempre alternativas pessoais de melhoria, resumindo, gostam de agir, de concretizar.

Considero este estilo o que mais predominou sobre o meu modo de aprender quando criança, buscando concretizar a observação da realidade em minha volta. Exemplo disso era a maneira como eu testava meus limites em algumas brincadeiras como subir em árvores e nadar no rio para alcançar superfícies de areia formadas no meio dele pelo assoreamento de suas margens, desse modo eu testava minha capacidade física e de improviso por exemplo, quando as coisas davam erradas bem no meio de algumas situações.

E assim eu seguia aprendendo com os erros e acertos das minhas ações, além disso acabava conhecendo meus medos e até mesmo me livrando de alguns que me impediam de seguir com algumas brincadeiras. Toda essa experimentação me deu suporte para mais na frente conseguir desenvolver e aprimorar novos estilos de aprendizagem. Mesmo não sabendo de fato e com consciência o que me levava a aprender eu agia sob uma ingenuidade que me foi benéfica até um certo ponto, por que mesmo sendo criança a vida me exigiu, assim como exige de muitas crianças por aí uma maturidade impossível para essa fase.

Aqui eu aprendi com todo mundo em minha volta e algumas experiências sem dúvida não foram fáceis, mas quero a que destacar que toda experiência de vida, seja ela boa ou ruim é sem dúvida necessária para nosso aprendizado.

Aprendendo na rebeldia e insensatez da adolescência

Durante a infância conheci alguns de meus medos, limites, forças e fraquezas também, porém quando entrei na adolescência comecei a enxergar meus potenciais e buscar me conhecer melhor em cima disso. Nessa fase minha visão de mundo e observação da realidade assim como o processamento das informações e produção do conhecimento mudaram significativamente. Na infância se destacou a curiosidade inocente da criança, aqui se destacou a experimentação insensata e rebelde do mundo em minha volta. Considero essa fase a mais difícil de ser vivida até agora.

Adolescentes se preocupam de mais com coisas superficiais e fúteis, mas que são importantes para o nascimento da pessoa adulta. Por um lado, isso foi um problema para mim, porém não chegou a ser nada grave nesse quesito. A minha maior dificuldade em aprender nessa fase foi que eu acreditava que sabia de tudo, ou seja, eu pensava que ao saber algumas coisas sobre determinado assunto, já tinha todo conhecimento pleno certa matéria e não considerava o fato de que eu tão somente estava conhecendo a ponta do ice Berg e por pura ignorância e prepotência não mergulhava afundo na água gelada para conhecer o restante. Nesse período, fugi um pouco do meu eu de antes que costumava ir a fundo em busca de conhecer e aprender. Nessa parte da minha vida considero ter saído um pouco do modo divergente de aprender e passei a usar um pouco mais do estilo divergentes que segundo Kolb, são pessoas que sensitivas e observadoras, são hábeis para observar as coisas de diferentes perspectivas e

preferem observar a fazer, tendendo a obter informações e usar a imaginação para resolver problemas.

Ao passo que sentia uma necessidade de sempre está perto das pessoas eu também percebia que aprendia de fato quando tinha meus momentos a sós comigo mesmo e de certa forma me sentia bem e gostava disso, o que acabei trazendo para minha vida adulta e prezo muito por isso. No mais nessa fase no que tange aprendizado e absorção de conhecimento tudo foi mais complexo, já que as experiências aqui foram sem dúvidas mais intensas e complexas, tudo nessa fase foi sempre muito cheio de dúvidas o que me fez trabalhar mais em busca de esclarece-las e esse trabalho de busca por resolver questões das mais variadas faces me levou a uma melhor compreensão do mundo e das pessoas em minha volta, criando assim base para as próximas fases.

Preciso destacar que nessa fase compreendi também que não gostava se ficar na defensiva e isso me levou agir muito, mesmo que as vezes não precisasse. Sempre sentir a necessidade muito grande de estar em movimento para me sentir vivo e inteiro e isso ia moldando aos poucos minhas ferramentas de aprendizagem. Saindo dessa fase deixei de lado a insensatez e a substituí pela clareza e lucidez dos fatos. Passei para a próxima fase com uma nova forma de enxergar a fundo as coisas e ver o que de fato precisa ser avaliado e conhecido a fim de gerar conhecimento e agregar valor aos meios de aprender.

Fase adulta: construindo conhecimento e maturidade ao mesmo tempo

Nessa fase destaco a construção de um conhecimento mais concreto, permanente e lucido. Considero essa fase a mais importante, pois é nessa fase que começo utilizar todo o aprendizado adquirido nas fases anteriores e me sentir bem mais preparado pra vida.

Crescimento e amadurecimento são sinônimos da dor, da mudança e da abdicção de muita coisa. Aprender a se desprender de velhos hábitos e costumes nos causam dor na maioria das vezes, porém nos levam a compreender melhor e as pessoas em nossa volta. Nessa fase da minha vida, conheci a dor e fui obrigado a ser forte e superar grandes barreiras. A maior delas foi uma depressão que num primeiro momento me impediu de seguir em frente com meus sonhos, com aquilo que eu preparo para mim a vida toda, porem ela retardou, mas não me incapacitou definitivamente. Passados alguns anos consegui superar tal mazela e pude a partir daí seguir com meus sonhos. Destaco esse momento da minha vida o mais difícil. Nessa época eu ainda era um garoto de 17 anos tentando sair de um buraco sem ter forças para tal, estava muito escuro, aprendi então que não iria conseguir sozinho e busquei ajuda de quem realmente poderia me ajudar, Deus.

Aprendi que a vida é o melhor professor e que não podemos exercer controle de fato sobre as consequências das nossas escolhas e os rumos para os quais a vida nos encaminha. Porém, embora não possamos controlar tudo, podemos dirigir nossas ações para fazer sempre o melhor. A maturidade pra mim veio tão somente nessa fase e entendi que aprender e bem mais difícil do que eu pensava até então.

Desde cedo temos a necessidade de nos fazer sermos entendidos pelo mundo e também ser aceito por ele e pra isso precisamos aprender a nos comunicar, nos comunicar em suas mais variadas formas e amplitude, conseguir ser ouvido talvez seja uma tarefa bem difícil nos dias de hoje e para tanto requer desde que nascemos o desenvolvimento de habilidades e competências para desenvolvermos uma boa comunicação, embora aprender a ser ouvido seja necessário e primordial para a manutenção da vida e busca do aprendizado continuo, e importante ressaltar a relevância do desenvolvimento e aprimoramento da capacidade de ouvir. Com experiencias dessa natureza em que tive antes de qualquer coisa, para que pudesse aprender de fato, a real

necessidade de uma comunicar-me foi o que destacou o meu processo de aprendizado nesse últimos anos da minha vida, onde a insensatez, a ingenuidade deram lugar a maturidade do saber ouvir antes de tudo esse e o primeiro passo para que possamos sobressair-se num mundo como o de hoje, no qual compartilhar conhecimentos, ideias, projetos, etc. é essencial para o sucesso pessoal e das organizações, bem como da sociedade preocupada de mais em consumir e cega para o semelhante.

Se você não mudar sua comunicação, não vai conseguir mudar sua visão de mundo, não vai conseguir quebra os paradigmas e vai viver preso numa caixa sem conhecer o mundo maravilhoso fora da caverna da sua deficiência comunicativa, impedido de crescer e obter sucesso e isso levado para dentro das organizações talvez seja o maior problema em produtividade e satisfação do ser humano em rumo disso. A maturidade de que trato aqui só chegou quando eu parei de ouvir só a mim mesmo e comecei a escutar os outros de verdade. Aqui está a raiz de um aprendizado saudável e com grandes chances de sucesso e felicidade.

As escolhas que tive que fazer em alguns momentos são suficientes para mostrar melhores meios de aprender, exemplo delas foi quando tive que escolher em que escola iria estudar o ensino fundamental maior e médio, tinha duas, ou no maranhão ou no Piauí, porém no Piauí teria que percorrer em média 60 km por dia para poder ir e vir, resolvi escolher a mais trabalhosa e cansativa por julgar ser a melhor para meu futuro. Isso me deixou a lição de que o mais fácil nem sempre é melhor, aprendi que sucesso depende de esforço e trabalho duro, aprendi que independente de suas escolhas você precisa se orgulhar delas no fim das contas.

Tudo que aprendemos independente se por meio da ingenuidade ou da esperteza, enfim, tudo nos prepara para sermos quem somos no presente, não importando em qual momento da vida nos encontramos sempre seremos um pouco de tudo o que

fomos um dia, crianças, garotos, adultos, tudo vai variar com o contexto. Não digo que deixei de ser ingênuo, curioso, imaturo, mas digo que tudo que aprendi me leva a pequena e velha frase: “só sei que nada sei”. A medida de ter conhecimento nunca enche e saber escolher as melhores maneiras de adquiri-lo é muito importante para o sucesso de cada um de nós.

Todas as experiências nos levam a um aprendizado, cada coisa que acontece em nossas vidas nos leva a aprender. Concluo esse trabalho tendo a convicção de que não existe um método específico que tem total predominância em meu modo de aprender, no entanto, eu aprendo pensando, observando, praticando, refletindo, concretizando, enfim, eu aprendo com diferentes tipos de interação entre as ferramentas de aprendizado citadas nesse trabalho.

Referência

KOLB, D. A (1984). Learning Style Inventory, Hay/McBer Training resources Group, Boston.

Relato de experiências - Como eu aprendo?

Wesley Alves Veras¹

Como eu aprendo?

Introdução

Aprender significa adquirir conhecimento, instruir, ficar sabendo, etc. A aprendizagem é um processo provocado por diversas situações em nossa vida, como: mudança de comportamento, de local, grupos sociais, fatores emocionais e ambientais. Em outros meios ela nos ajuda a desenvolver nossas capacidades, nos tornando prontos para o mundo, ela está diretamente ligada com o ser humano e com a sua história.

O comportamento é construído a partir da interação entre o ambiente e o indivíduo, e, essa interação está presente desde o nascimento, onde começamos a aprender a falar e andar, na infância que começamos a ler e escrever, na adolescência quando começamos a conviver com outras e assim vai até o fim da vida de cada um de nós. E todos passamos por diversas e diferentes situações em nossas vidas, acabamos por construir nossa própria história, de acordo com as experiências que já tivemos. Sendo assim, cada um possui sua percepção de mundo e as diferenças devem ser respeitadas e compreendidas.

¹ Estuda administração pela Universidade Federal do Piauí, Campus Ministro Reis Velloso, escreveu e apresentou o projeto “Consultoria Social – Auxiliando Micro e Pequenos Empreendedores no Litoral do Piauí”, participa do projeto de extensão “Consultoria Empresarial Social”.

Infância do aprender – Aprendendo desde o começo

A aprendizagem está diretamente ligada ao ser humano e começamos a aprender desde cedo. Ela é provocada por mudanças em nossas vidas, e seu objetivo é tornar-nos aptos a estabelecer uma relação com o que temos contato. Faz parte da nossa vida e da nossa capacidade de se adaptar a novas situações. Quando bebês, começamos a aprender com todas as situações que nos é apresentada, aprendemos que chorar faz com que ganhemos uma recompensa, como: troca de fraldas, colo, comida, etc. Aprendemos também quem é a pessoa que nos proporciona a sensação de segurança, amor, etc.; não podendo esquecer das primeiras palavras e primeiros passos. O aprendizado continua na infância quando a criança começa a ir para a escola, aprendendo a ler e escrever, tendo contato com outras crianças e com os professores. Já na adolescência é quando começa a ter um maior contato com o mundo, começa a conhecer as leis e passa a ser cobrada uma postura mais disciplinada do indivíduo.

A criança, na infância, em seu processo de aprendizado, busca ativamente informações e/ou atividades que possam enriquecer seu cotidiano. A sociedade, então, oferece atividades, brincadeiras, jogos e parques que tem como finalidade enriquecer e estimular o aprendizado da criança. O mundo aqui faz o papel de mediador nesse processo, onde sua função é a de disponibilizar informações e conteúdo, e as crianças absorvem tudo que lhes é oferecido. Segundo Papert (1980), citado por Valente (2001), as crianças aprendem porque estão em ambientes que os desafiam, e o mundo passa a ser visto desta forma, em que ele deve superar todos os dias os desafios propostos, o que resulta na construção de conhecimento. Quando crianças aprendemos a engatinhar, andar, falar, correr, etc.

Em meu processo de aprendizado enquanto criança, aprendi a falar e andar com 11 meses de idade. Aos 5 anos de idade já

estava na escola, e, recebia incentivos de minha mãe para aprender a ler. Constantemente, ganhava de presente gibis e revistas como forma de estímulo ao aprendizado que recebia na escola, sendo assim, logo cedo, já aprendi a ler e escrever. Percebi que para tudo existiam limites, e que na posição em que eu estava eu deveria respeitá-los. Tal ensinamento foi dado na escola e em casa.

Contudo, o mais difícil nessa época é explicar para uma criança que ainda não possui maturidade, entender que, existem coisas que simplesmente não podem e não devem ser feitas, minha mãe sempre tentava contornar a situação, evitando utilizar o limite, já meu pai, sem medo ou receio nenhum dizia não para as coisas. O oposto dos dois acabou me mostrando que os dois extremos são ruins e que eu deveria entender que é necessário que exista um equilíbrio entre o “não” e o “sim”. Hoje em dia tenho uma certa dificuldade em criar rotinas de estudos, pois naquela época não costumava seguir rotinas de estudos ou cronogramas, eu estudava quando dava ou lembrava, não por relaxo, mas porque sempre consegui pegar o conteúdo facilmente.

Atualmente, quando estudo um conteúdo mais denso percebo que tenho uma certa dificuldade, pois em minha infância não existiram rotinas de estudos; no entanto, tenho tentado aplicar rotinas em minha vida, é difícil, pois não estive acostumado, mas nunca parei de tentar. Na escola, eu me apegava muito aos professores e todo fim de ano era a mesma coisa: choro, pois, iria mudar de professor e não mais os veria. Levo também como um aprendizado, pois, existem momentos em que você irá perder pessoas em sua vida, e que por mais que você tente segurá-las, elas não podem ficar, não porquê elas não querem (as vezes também é), mas porque a vida é assim, pessoas entram em nossas vidas e saem constantemente, umas nos marcam e nos presenteiam com aprendizados que iremos carregar para sempre, e, no momento que chega a hora de dizer adeus para essas pessoas, é o momento em que começa a parte difícil, no entanto, todos temos nossos sonhos e todos devemos seguir o nosso rumo, entretanto, jamais

devemos esquecer as pessoas que nos ajudaram a ser o que somos hoje.

Adolescência do aprender – Limites e preconceitos

A adolescência é caracterizada como a fase de evolução do indivíduo, em que ele está entre a infância e a fase adulta. É neste momento em que o indivíduo começa a sua busca incessante em descobrir e construir a sua identidade. Sua busca inclui o meio em que está inserido e pela experimentação, que através de seu círculo social começa a ter novas experiências e atitudes, é nesse momento em que muitos adolescentes se perdem, por não ter o devido apoio e compreensão de seus pais em casa. Não é tarefa fácil para os pais educadores trabalharem com adolescentes, é necessário compreendê-los e buscar a mudança nos métodos de aprendizado que possam facilitar o adolescente nesta mudança.

Meu processo de aprendizado em minha adolescência foi uma tarefa difícil, além dos dilemas de um adolescente ainda haviam demais dilemas que não comuns para a maioria dos adolescentes. Passei a ter maior contato com outras pessoas e que eram extremamente diferentes de mim, isso não os torna ruins, é claro, mas me mostrou que as diferenças existiam e que nem eu, meus pais ou os educadores estavam preparados para lidar com essas diferenças. Em sala de aula eu convivia com pessoas de todas as idades, mais jovens, mais velhos, pessoas que tinham uma vida mais difícil, pessoas que conviviam com pessoas difíceis, e ver aquilo e forma como eles me tratavam me mostrava como o mundo realmente era: um local difícil, em que as pessoas possuem vidas difíceis e que muitas delas se perdem logo antes de começarem a se achar. Foi nesse momento que eu pude começar a formar a minha identidade, pude ver quem realmente eu era; em um primeiro momento, eu lutava contra aquilo e acreditava não que não era o certo, eu queria ser igual aos outros, e muitas pessoas pregavam que aquilo podia mudar, e, incansavelmente, eu

tentava mudar, afinal, muitas pessoas diziam que aquilo não era normal e que o certo era ser igual.

No final de tudo, quando eu percebia que não conseguia mudar, aquilo me frustrava e eu tentava cada vez mais esconder o que eu sou. Naquele primeiro momento parecia ser o mais fácil, e quando você não tem o devido apoio em casa, as coisas se tornam mais difíceis de serem trabalhadas, e isso prejudica seu processo de amadurecimento. Ainda hoje tenho uma grande influência das bobagens que ouvia falar naquela época, e como eu era muito religioso, acabei reprimindo tudo aquilo que eu era e essa bolha veio estourar quando eu tinha quase 16 anos. Foi o momento em que meus pais passaram a não me conhecer, pois tudo que eu sou hoje estava escondido.

Não esquecendo de quando fugi de casa para ir em um show, foi quando pedi ao meu pai que me levasse e ele negou, e eu com o ingresso na mão, fiz uma prova em um seletivo e passei direto para o show. Nesse dia eu aprendi que é difícil viver no mundo sozinho, pois naquele momento eu não tinha ajuda de meus pais e teria que me virar. Me perdi no caminho da volta, pedia ajuda de desconhecidos, o metrô fechou e eu iria ter que esperar ele reabrir em uma estação perigosa, sem dinheiro para voltar pra casa, conheci um rapaz que pagou minha passagem de ônibus para minha volta. Pude perceber que o mundo é um lugar maior e mais perigoso que o adolescente pensa que é, e que os perigos realmente existem e que não existe nada melhor que você ter o apoio de seus pais. Naquele dia também pude ver que existem pessoas boas no mundo, talvez eu não estaria aqui hoje se aquele rapaz não tivesse pago minha passagem. Aprendi que você não deve deixar que a sociedade reprima quem você é. Dessa época eu pude retirar muitos aprendizados, alguns são: é necessário haver limites em tudo, enquanto que na infância eu apenas tive uma noção disso, na adolescência ficou mais claro. Quando precisamos conversar, devemos procurar algum adulto de confiança. Aprendi também que as vezes devemos nos afastar de certas pessoas, algumas estão

tão perdidas que querem que nós também nos percamos. E que devemos ver o mundo como um local que existem pessoas boas e ruins, e que em algum momento de nossa vida iremos cruzar com os dois tipos de pessoas e é nosso dever estar preparado para esse momento.

Maturidade do aprender – Resiliência

Segundo Erik Erikson, citado por Veríssimo (2002), é na “maioridade jovem” que o adulto se sente à vontade, sente que pode se aprofundar em relações mais íntimas com outras pessoas, sem o medo de que o seu eu se confunda, ou seja, que sua identidade seja afetada. No entanto, por medo de rejeição, os indivíduos que passam por essa fase acabam não se aprofundando nas relações, que, quando não resolvido, resultam em isolamento. Quando existem conflitos mal resolvidos, isso resulta em pessoas que possam ter medo do fracasso, e que evitam tomar iniciativas/e ou decisões. Também partindo para a área emocional, é alguém que evita construir relações afetivas. Pesquisando sobre o tema “maturidade na vida adulta”, encontrei este artigo que mais me identifiquei. Principalmente no ponto de “relacionar com pessoas, pois agora não tem medo de sua identidade se perder”.

Em um teste que fiz na internet, descobri 4 estilos de aprendizagem, o adaptador, assimilador, divergente e convergente. O adaptador aprende na prática e gosta de trabalhar com pessoas; o assimilador prefere criar e fazer modelos teóricos;

o divergente gosta de analisar problemas e são empáticos; e, por último, o convergente que gosta de testar a teoria colocando-a em prática. Nesses testes pude perceber que grande parte é adaptador, pois gosto de correr riscos calculados e testar coisas novas, além de gostar de estar rodeado de pessoas. Sou pouco assimilador, prefiro estar na ativa do que criando modelos teóricos, e diferente do modelo, eu me dou muito bem com pessoas. Sou bastante divergente, sou muito emocional e empático, gosto de

analisar situações e propor soluções. Apesar de fazer múltiplas tarefas, também sou do time convergente que se sente melhor quando está focado em apenas uma.

Em minha adolescência eu evitava me relacionar com pessoas pois ainda não havia definido quem eu seria, e isso me deixava confuso. Todavia, após esse período, percebi que meus valores e crenças estavam definidos, e que agora eu poderia me envolver sem medo ou insegurança. Embora eu não gostasse de assumir responsabilidades pelo medo do fracasso, ultimamente tenho investido em responsabilidades, sempre buscando o êxito quando creio que posso obter sucesso. Tenho observado e planejado antes de assumir responsabilidades, assim, é possível analisar se ao assumir tal responsabilidade irei obter resultado positivo e negativo. O receio ainda existe, mas eu pude criar métodos que possam me ajudar a superar o problema.

Evito tomar decisões sozinho, sempre busco ouvir pessoas de minha confiança, acredito que tenho que escutar outras opiniões que não sejam a minha, isso me possibilita ver com outros olhos e me ajuda a enxergar o que não ainda não pude ver. Acredito que sou mais responsável, e isso deu pelo fato de perceber que o mundo é um local sério e as minhas atitudes refletem na imagem que eu repasso para todos, se eu demonstro ser alguém largado, dificilmente serei visto como um bom líder, e assim por diante. Em grande parte da minha adolescência eu tentava ter razão, debatia e brigava pelo que acreditava, hoje em dia, eu me calo quando sei que não estou sendo escutado, eu prefiro ter paz de espírito do que razão.

Reflexões finais

O aprendizado está presente na vida de todos os indivíduos, desde o momento em que ele nasce, continuando ao momento em que começa a ir à escola e conviver com outros indivíduos, na adolescência, vida adulta e na terceira idade. É necessário que o

indivíduo esteja em ambientes saudáveis, ambientes que possam proporcionar a ele boas experiências que complementem seu aprendizado enquanto pessoa.

As escolas e principalmente os pais devem proporcionar ambientes saudáveis, ambientes que incentivem a criança a ser melhor, com acompanhamento psicológico, onde se possa trabalhar os aspectos emocionais, cognitivos e sociais da pessoa. Esses aspectos podem afetar o processo de aprendizagem e necessitam de um cuidado a mais. Tal aplicação se dá buscando facilitar condições de enfrentamento dos conflitos que possam existir na vida dos indivíduos, facilitando o ensino e a aprendizagem.

O ambiente que vivi poderia ter sido mais saudável e até mais reconfortante, ainda hoje sou influenciado do que vivi em minha infância e adolescência, acredito que se tivesse um bom acompanhamento, hoje em dia não teria que enfrentar as dificuldades do zero. Quando se consegue trabalhar com indivíduo, proporcionando um ambiente equilibrado durante sua infância e adolescência, é possível construir um adulto, amadurecido que esteja livre de traumas e preparado para viver no mundo.

Referências

ALVES, Manoel. A Aprendizagem na Adolescência. Disponível em: <http://artigos.netsaber.com.br/resumo_artigo_65613/artigo_sobre_a-aprendizagem-na-adolescencia>. Acesso em: 06 de outubro de 2018.

BALCARSE, Carlos. Maturidade e Sabedoria. Disponível em: <http://www.administradores.com.br/artigos/negocios/maturidade-e-sabedoria/63435/>. Acesso em: 15 de outubro de 2018.

EL PAÍS. Os quatro estilos de aprendizagem – ou por que alguns leem os manuais e outros não. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/10/10/ciencia/1476119828_530014.html Acesso em: 22 de outubro de 2018.

- FOOKEN, Insa. A Formação na Maturidade como Apropriação da Própria História de Vida. Revista Educação e Realidade. Porto Alegre. v. 40, Jan/Mar. 2015.
- JUNIOR, Vitor, et al. Processo de Liderança e Maturidade em Processo. Revista ENANPAD. São Paulo, v. XXXIII. 2009.
- PAVANI, Hojana. O ato de aprender. Disponível em: <<https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/farmacia/o-ato-de-aprender/49997>> Acesso em 05 de outubro de 2018.
- REDAÇÃO. Obrigatoriedade de assistência psicológica nas escolas pode ser aprovada na CE. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2017/06/23/obrigatoriedade-de-assistencia-psicologica-nas-escolas-pode-ser-aprovada-na-ce>. Acesso em: 20 de outubro de 2018.
- VALENTE, José. Aprendizagem Continuada ao Longo da Vida o exemplo da terceira idade. Disponível em: <http://www.iar.unicamp.br/disciplinas/mm_educacao/doc/aprendizagem%20continuada.doc> Acesso em: 05 de out. 2018.

Relato de experiências - Como eu aprendo?

Fabíola Cunha Almeida¹

Como eu aprendo?

Introdução

O aprendizado para cada indivíduo acontece de maneira diferente (FRY; KOLB, 1979). Cada pessoa tem seu modo particular de aprender. Existem pessoas que gostam mais de aprender lendo, que são mais da teoria e outras que são mais da parte prática, gostam de aprender as coisas praticando, mão na massa. Desde o momento em que nascemos aprendemos algo diferente. E quando somos crianças, os nossos pais e as pessoas que são mais próximos, se tornam uma espécie de espelho, onde suas atitudes e valores vão se refletindo nos nossos comportamentos.

A partir do momento que passamos da fase da infância para a adolescência, essas atitudes e esses valores vão se tornando mais visíveis e ao mesmo tempo vamos consolidando-os. Depois dessa fase, vem a maturidade, que é o último estágio do desenvolvimento humano, nela nós estamos mais conscientes das nossas atitudes e do que queremos ser. É nessa fase que vem a faculdade, a escola e a faculdade têm o papel de nos dar o ensino teórico. Mas muitas vezes, aprendemos mais com nossas experiências de vida, por isso

¹ Estudante do curso de Administração pela Universidade Federal do Piauí, campus Ministro Reis Veloso-CMRV. Cursando Atendente de Farmácia e Assistente em Recursos Humanos pela CEPED cursos.

elas tem um papel importante no nosso aprendizado. Apesar de sermos maduros, ou quase maduros, as vezes temos que deixar a nossa criança interior sair um pouco. Brincar, dançar, se divertir, para assim podermos levar a vida com mais tranquilidade e não deixar a rotina do dia-a-dia nos estressar.

Infância do aprender- família é a base do aprendizado

Desde o momento em que nascemos, nós aprendemos algo diferente todos os dias. Aprendemos quem é nossa mãe, pai, família, conhecemos outras pessoas só pelo olhar, pelo toque e até mesmo pelo cheiro. A partir daí, vivemos experiências que só enriquecerão a aprendizagem que vamos tomando como lição no decorrer da nossa vida, ou seja, aprendendo com os erros e acertos o que podemos ou não fazer. Nossos pais e familiares sempre estão ali por perto para nos direcionar no melhor caminho, contudo, nem sempre ao ouvi-los e com eles nos direcionando, iremos aprender, as vezes precisamos aprender do nosso jeito, com o nosso toque de personalidade. Como quando fui aprender a andar de bicicleta, na primeira volta, caí, mas me levantei e continuei. Quando foi na segunda, já comecei a pedalar sozinha. Um detalhe muito importante é que a bicicleta era maior do que eu, e nem por isso desisti de fazer o que eu queria. Pouco tempo depois, comprei minha primeira bicicleta, mas não foi meus pais que me deram diretamente. Eu a comprei. Passei meses e meses economizando o dinheiro que eles me davam para quando eu tivesse o valor ideal ir na loja e comprar, pois, naquele momento era o presente que eu mais queria.

Desde cedo, sempre tive a concepção que para conseguir alguma coisa você tem que perseverar, planejar, se organizar, ter um controle do que pode e não fazer para chegar no resultado final. Às vezes, não calculava o movimento certo e acabava me machucando, como na vez que eu caí e quebrei o braço e não contei para os meus pais. Passei algumas horas sentindo dores,

mas não falava com medo de levar uma bronca. Aí como sempre acontece, eles descobriram e percebi que estava totalmente errada, pois eles não foram brigar comigo, pelo contrário, foram cuidar de mim, me levar para o médico, apesar de eu não querer ir, pois é isso que eles fazem, cuidam da gente e sempre estão ali quando precisamos. Outra vez que tive essa certeza, foi quando eu pulei da moto em movimento, pensando que eu ia voar e/ou que iria cair de pé, mas acabei rolando no chão, graças a Deus não aconteceu nada de grave, apenas uns ferimentos, e, mais uma vez, eu não disse o que realmente havia acontecido. Quando descobriram, eles novamente foram cuidar de mim.

Quando eu era criança, passava muito tempo com meus primos e irmãos, e brincávamos muito, quase toda hora. Brincávamos de pega-pega, cabo de guerra e sempre desafiávamos uns aos outros. Em um desses desafios, tínhamos que pular em um buraco um pouco fundo e ver se conseguíamos cair de pé. Como era um desafio, todos tinham que pular, e por mais que não quisesse, você pulava. Todos pularam e conseguiram, no entanto, quando meu primo foi pular ele quebrou o pé, e nesse momento percebi que as pessoas são diferentes, que elas têm limitações e que nem sempre o que uma pessoa faz, a outra consegue fazer. Tudo na vida tem um limite e você precisa aceitar o seu.

Como toda criança eu era muito sapeca, vivia brigando na escola, ou melhor batendo nos meus colegas. Contudo, não era porque eu queria, eles que davam motivos. Tinha uns colegas que ficavam tirando brincadeiras com meu primo só porque ele era gordinho, e eu não gostava, então na intenção de defendê-lo, eu ia bater nos meninos que ficavam tirando brincadeira com ele. Naquele tempo, talvez nós não sabíamos o que estávamos fazendo, podia ser só brincadeira de criança, mas aprendi que sempre devemos proteger as pessoas que nós gostamos, a nossa família, não só de sangue, mas também a família que construímos no decorrer da nossa existência, pois são eles o alicerce que nos mantém fortes na longa jornada que é a vida.

Adolescência do aprender – Segunda família: amigos

Caracteriza-se essa fase como a transição da infância para a juventude. Nesse estágio, a criança vai passando por transformações no corpo e no seu psicológico. Ela já consegue ver o mundo com outros olhos, com outro ponto de vista. Nessa fase da vida, os valores que nós construímos, vão se tornando cada vez mais aparentes nas nossas atitudes, hábitos e comportamentos. Já temos uma noção do que é o mundo e de como vamos viver nele. E também conseguimos identificar as pessoas que queremos compartilhar a nossa vida, os nossos momentos e as nossas alegrias. Começamos a formar grupos principalmente na escola. E um grupo em especial marcou minha história, a Gang da POP 100. Somos amigos desde o tempo de ensino fundamental e levamos para o ensino médio. Sempre estudamos juntos. Fazíamos trabalhos juntos. E eles sempre estavam ali comigo. Éramos seis amigos e cada um ia para a escola de moto. Ficamos conhecidos por esse apelido gang da POP 100. Com eles vivi muitas aventuras, muitos sorrisos, muitas brincadeiras. Em uma dessas brincadeiras, eu e dois amigos fingimos que estávamos passando mal e aí chamamos os outros. E o que era para ser só uma brincadeira, quase acabou com nossa amizade. Um deles ficou uma semana sem falar com a gente.

Mas como em todo grupo de amigos tem suas crises, passamos por essa e aprendi que nunca se deve mentir para um amigo, devemos e medir e observar se isso não vai fazê-lo sofrer, pois em um minuto você está com ele e no outro por causa de uma brincadeira, você pode perde-lo. Quase vivi isso no significado real da palavra, quando eu estava andando de moto com minha prima e ela perdeu o controle e batemos em um poste. Com o impacto fui parar um pouco mais longe do poste que estava quase caindo, mas minha prima ficou mais próxima. Quando levantei a cabeça e vi que ela estava deitada no chão e não estava se levantando, então sem pensar em nada só tentei tirar ela de perto do poste e dos fios que tinham

caído no chão e perto dela. Consegui levar ela para longe do poste e aparentemente comigo não tinha acontecido nada. Mas depois que o calor do momento passou e a adrenalina também, senti minha perna doer. Tinha recebido uma pancada no músculo da minha coxa, que até hoje não sei como, e estava doendo muito que não conseguia movimentar direito. Ficou roxo por vários meses e até hoje tem uma marca. Percebi que quando você se importa com a pessoa você tenta salvar ela a todo custo e que Deus sempre está do seu lado mesmo que você não perceba, pois foi a mão Dele mesmo que impediu que uma tragédia maior acontecesse. Nesse momento, percebi que a vida é curta e que em questão de segundos você pode não estar mais nesse plano, por isso viver os momentos e aproveitá-los até o último segundo é muito importante, pois não sabemos até quando estaremos aqui para vive-los novamente.

Maturidade do aprender – Faculdade

Maturidade é o último estágio de desenvolvimento do ser humano. É a fase que se encontra entre a juventude e a velhice. Talvez eu ainda não tenha atingido o ponto ideal de maturidade, mas com certeza quando eu decidi sair da casa dos meus pais para morar sozinha, numa cidade que eu não conhecia e tendo vindo do interior, eu tive que ter e conseguir formar pelo menos o básico da maturidade, no que diz respeito a comportamento, a atitudes e aprender a me virar sozinha, já que na minha casa eu não tinha nenhuma preocupação com roupa para lavar, comida para fazer, etc. eu tinha tudo na minha mão, na hora que eu precisava. Aí terminei o ensino médio e tive que me mudar para outra cidade em busca de um futuro melhor e para isso eu tinha que fazer faculdade. É um estágio da sua vida que por mais preparado que você ache que esteja, você nunca realmente está preparado, pois nela você vive experiências que só quem já passou por isso pode imaginar. Apesar das dificuldades, temos sim momentos de glória.

Conhecemos pessoas que marcam nossas vidas, novos amigos, descobre seus limites e como pode supera-los.

Com a convivência com outras pessoas que até pouco tempo você nem sabia que existia e de uma hora para outra passa morar com elas, a dividir o mesmo teto, a dividir experiências e conhecimentos e são pessoas que não são seus irmãos ou parentes, mas apesar de tudo vocês têm algum em comum: todos estão ali querendo e buscando alcançar seus objetivos, seja a faculdade ou mesmo a busca de um emprego. E você tem que aprender a conviver de forma harmônica com eles, pois se não fizer o esforço, a convivência não vai ser das melhores. E no meu caso, eu e as pessoas com quem eu convivo nos damos muito bem, já viraram quase da família. Mesmo quando você entra na faculdade e mesmo assim acha que ainda não alcançou a maturidade, a partir do momento que você deixa de ir se divertir, de ir para algum lugar que queria, para ficar estudando por que tem provas e trabalhos na semana, você alcançou sim a maturidade, pois essa se faz de escolhas e você escolhe optar no momento por fazer o que você se comprometeu, que é os estudos.

Assim eu faço, deixo de ir para minha cidade, minha casa, me divertir com meus amigos, com minha família, para ficar estudando, pois eu sei que um dia a recompensa vai vir e não é só de arrumar um bom trabalho ou ser reconhecida, é também de dar orgulho aos que me amam, principalmente a minha mãe que quer ver os filhos formados. Quando você chega no final e olha para trás e vê que foi difícil e que conseguiu deve ser o momento mais feliz da vida. Na faculdade, você não aprende apenas conteúdos para o seu trabalho, você aprende conteúdos para a vida, que vão te ajudar em algum momento.

Reflexões finais

No nosso dia-a-dia sempre buscamos algo novo e diferente para dar mais sentido a nossa existência. Buscamos aventuras, compartilhar emoções, sentimentos, ideias e tudo o que pode

agregar de alguma maneira nosso repertório de conhecimentos e atitudes. E dessa busca por coisas diferentes que nasce nossa experiência de vida, pois não dá para se chamar de experiência o que você nunca experimentou.

Ter experiências significa que você está mais próximo da sabedoria, pois vai errar acertar, vai querer fazer certo o que fez de errado e assim vai se tornando cada vez mais sábio no ato de decidir o que fazer. Ter experiências significa que você viveu, ou pelo menos tentou. Significa que você não teve medo de enfrentar o desconhecido, não teve medo de fazer sua própria história e segui-la, e não de viver a história que outros queriam que vivesse. Por muitas vezes vai errar e acertar, mas o que não podemos deixar de fazer é viver nossas próprias experiências. Muitas vezes é quebrar a cara, é a vida te derrubar, mas você saber que vai se levantar novamente pois é isso que nos torna seres humanos. É sofrer, mas sabendo que isso vai passar.

E a cada experiência de vida que tivermos sempre devemos tirar uma lição, seja boa ou ruim, sempre devemos aprender algo que ficou. Pois se vivermos em um mundo que não tiramos nenhum conhecimento das nossas experiências, não estamos vivendo, estamos sobrevivendo, deixando a onda nos levar. Por isso, devemos sempre aprender algo com nossas experiências, mesmo que no momento pareça não ter nenhuma lição de vida, um dia você vai sentir e saber que o que aconteceu serviu para no futuro sermos pessoas melhores.

Referências

- BECK, C. Ciclo de aprendizagem de kolb. Disponível em: <<https://andragogiabrasil.com.br/ciclo-de-aprendizagem-de-kolb/>>. Acesso em: 23 de out de 2018.
- EL PAÍS. Os quatro estilos de aprendizagem – ou por que alguns leem os manuais e outros não. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/10/10/ciencia/1476119828_530014.html Acesso em: 22 de outubro de 2018.

GONÇALVES, M. Como transformar vivências em aprendizados? Disponível em: <<http://www.administradores.com.br/noticias/carreira/como-transformar-vivencias-em-aprendizados/46833/?desktop=true>>. Acesso em: 09 de set de 2018.

Ribeiro, A. a teoria de kolb: análise dos estilos de aprendizagem no curso de administração da FECAP. Disponível em:< https://liceu.fecap.br/LICEU_ON-LINE/article/view/1719>. Acesso em: 23 de out de 2018

Relato das experiências de vida

Bruno da S. Araujo¹

Como eu aprendo?

Introdução

Boa pergunta, na verdade ainda não tinha parado para pensar no assunto, como eu aprendo? Há essa é fácil, eu aprendo indo para a escola e ouvindo o que o professor fala durante horas todos os dias, ou, eu só aprendo escrevendo, caso contrário é perda de tempo. Vendo por esse lado, durante a minha infância, só se percebia isso, os que ouviam e conversavam com a aula quase toda, esses quase nunca escreviam, e os que calejavam os dedos escrevendo em seus pequenos cadernos, simples não? Ao pesquisar, estudar, ler e reler sobre o assunto, para fazer essa contribuição com esse capítulo, encontrei um norte no estudo da aprendizagem, David A. Kolb (nascido em 1939).

O aprendizado para cada indivíduo ocorre de maneira diferente (FRY; Kolb, 1979). O modelo de aprendizagem experimental de Kolb (1984), nos ajuda a entender sobre o assunto, para melhorar a encontrar a resposta para nossa pergunta inicial. Sua teoria divide os indivíduos em quatro tipos de

¹ Graduando em Administração pela Universidade Federal do Piauí, Campus Ministro Reis Veloso, com previsão para conclusão em 2020. Técnico em refrigeração, com domínio no pacote office. Com experiências profissionais na área mecânica automotiva, refrigeração e atualmente graduando em Administração em Parnaíba-PI.

aprendizagem: divergentes, assimiladores, convergentes, acomodadores, cada um com características únicas sobre como vão se utilizar de métodos de aprendizagem para melhor entender mais, vamos por partes, o estilo acomodadores, possui duas preferências de aprendizagem baseada na experimentação e na experiência concreta, ou seja, priorizam os sentimentos em processos decisórios. O estilo assimilador, é caracterizado por ser indutivo e por ter habilidade de criar modelos abstratos, com base na teoria. Já o convergente, define bem o problema, e suas decisões possuem a solução ótima; tendem a procurar atividades práticas, ou técnicas para a aplicar a teoria. E por fim, mas não menos importante, o estilo de aprendizagem divergente, procuram sempre as soluções extraordinárias, optando a discussões para produzir ideias e trabalhos em grupo.

Pois bem, deixa eu me apresentar um pouco, meu nome é Bruno Silva, piauiense, natural da cidade de Joaquim Pires, que fica situada ao norte do estado. Atualmente, estou me graduando em administração na UFDFPar, em Parnaíba, e só hoje, com 19 anos, passei a me interessar pela maneira de aprendizagem no qual me adequo mais, por influência da professora Celina.

De acordo com a teoria de Kolb sobre a forma de aprendizagem, o perfil no qual mas me encaixo é o perfil convergente e hoje, com o conhecimento da teoria, passo a perceber que, apesar de incomum sempre tendência ao perfil convergente.

A infância

Em minha infância, como morava em uma cidade do interior, as brincadeiras eram características da área agrícola, fazendinha, vaquejada e afins. Sempre procurei observar os que os mais velhos diziam sobre a vida real, para que eu reproduzir em minhas brincadeiras.

Sempre procurei pelo perfeccionismo em minhas brincadeiras, que se aproximassem mais fielmente da realidade, a solução ótima. Detestava quando chegava no fim do dia e que desfazer o que levará o dia todo para ser construído. Todos os dias tinha uma forma melhor para refazer a minha brincadeira.

Quando comecei a ir para escola a busca pela solução ótima se tornou cada vez mais complexa, visto que tinha que seguir um padrão imposto pelo sistema, e a minha forma de aprender destoava daquilo. Era torturante, já que sempre tive facilidade de pegar o assunto, e acontecia de a turma passar dias no mesmo assunto, e eu lá a contar besouros na parede, enquanto o resto da turma aprendia a tabuada do 2.

Os anos foram passando, o desenvolvimento mental acompanhava esse avanço, o ensino fundamental e depois o ensino médio, a fase de maiores experiências de vida, acho que isso tem a ver com a suas mudanças físicas que acontecia comigo, a puberdade.

O ensino médio

Com os meus 14 anos ingressei no ensino médio, e por consequência, um universo totalmente novo para mim. Passei a observar o mundo de outra forma, tudo dependia de algo para acontecer, nada independente.

Passei a observar as pessoas mais ainda, e as vezes chegava a teorizar sobre o porquê do comportamento e a solução para aquele comportamento.

No segundo ano do ensino médio, a minha relação com as pessoas havia progredido muito, o estopim foi meu vizinho que me norteou para a área automotiva, o paraíso para mim, já que toda a peça do carro tem que se encaixar de uma forma perfeita (solução ótima), caso contrário o motor não funciona.

O terceiro ano, o fim do ensino médio, para uns um alívio, para outros um terror, pois tem que passar em algum vestibular

para ingressar em uma faculdade. Além de tudo isso, o corpo começa a demonstrar afeição por pessoas. O caos interno sobre o rumo que tomar na vida, e o conflito externo para a aceitação em grupos sociais, namorar ou não, ser descolado ou obedecer a mãe, sem falar que tem que ser aprovado no fim do ano.

O meu perfil convergente de aprendizagem ficou mais evidente nessa fase da minha vida até então, sem eu ter o mínimo conhecimento disso. Um exemplo eram os eventos para a arrecadação de verbas para as festividades características do fim do ensino médio.

Sempre tinha algo que podia melhorar, sempre busquei a opinião das pessoas especializadas na área. Dava nos nervos da minha turma, uma vez que eu era muito crítico com relação as falhas que aconteciam no trajeto. A solução ótima para os problemas, por mais que se assemelhasse com a teoria e funcionasse da melhor forma possível, sempre poderia melhorar, era agonizante saber que não podia devido as limitações do ambiente. Até o ponto que passei a me observar e ver que me estressava à toa.

Pós-ensino médio

O fim do ensino médio foi terrível, não tinha tomado um rumo na minha vida (a nota do Enem ainda não tinha saído), antes eu pensava em passar um ano da minha vida, depois que terminasse o ensino médio, de folga, dormindo, sem estudar, mas na realidade três meses longe da escola, era uma eternidade.

A nota do Enem veio, e com ela um baque dos grandes, a morte do meu padrasto, tive que tomar de conta da minha mãe e irmã, Universidade?! Nem pensar, o sonho se tornara mais distante. O tempo passou e eu passei a perceber que me distanciar momentaneamente, para que no futuro, eu pudesse dar mais ajuda, era a solução ótima a se fazer.

O ingresso na universidade foi um choque de universos, culturas e climas, visto que a rotina era totalmente diferente, não tinha mais alguém pegando no seu pé, para estudar, comer, banhar, dormir.... É só você e a tua força de vontade, as experiências de vida que adquiri me ajudaram a me disciplinar nesse aspecto.

Me parece que andei na contramão dos hábitos dos indivíduos, não alterei a minha forma de aprender ao decorrer do tempo, mas como diz a teoria contingencial, tudo depende, ou ainda, a teoria sistêmica a ambiente influencia um organismo e vice-versa”

Respondendo à pergunta inicial, vou utilizar de uma frase que me intensifico muito “Aprendo lendo, aprendo ouvindo, aprendo na prática, aprendo vivenciando uma situação na minha cabeça, aprendo observando os outros. Inúmeras são as formas de aprender cada pessoa se vê única nesse processo” (Maria Tereza Fleury).

Reflexão final

Com base nos estudos feitos para a realização desse capítulo do livro, passei a observar e refletir na maneira como eu aprendo, e ao mesmo tempo, passei a entender como as outras pessoas aprendem, diferente da minha maneira, não errada, mas diferente.

Os estudos de Kolb me norteou para entender a maneira de aprendizagem, antes não fazia a menor ideia sobre o assunto, nunca nem tinha visto falar, achava que as pessoas que não assimilavam assunto de maneira rápida da mesma forma como ocorria comigo ou com outras pessoas que tinha um estilo de aprendizagem semelhante ao meu, eram menos esforçadas que eu, agora que tenho noção que nem todos os mecanismos padrões usados para nos ensinar, desfavorecem a alguns estilos aprendizagem.

Tendo em vista o percurso que fiz até aqui, me mostrou que ao longo dos anos uma pessoa pode mudar o estilo de aprendizagem. Uma capacidade incrível que o ser uma tem, a adaptação aos diversos tipos de situações que ocorrem e seu cotidiano.

Referências

KOLB, D. A (1984). Learning Style Inventory, Hay/McBer Training resources Group, Boston

FLeury, M. T. (20 de 10 de 2018). socielo.br. Fonte: socielo.br: <https://experienciaseaprendizagem.wordpress.com/2015/08/23/como-eu-aprendo/>

Relato de experiências - Como eu aprendo?

Allan de Sousa Lima¹

Como eu aprendo?

Introdução

O Ciclo de Aprendizagem de Kolb é um modelo de representação de como as pessoas aprendem, tendo como base um ciclo contínuo de 4 estágios. O Ciclo de aprendizagem de Kolb foi criado pelo teórico de educação David A. Kolb – mestre e doutor pela Harvard University e fundador da *Learning Based Systems*. É um modelo de representação de como as pessoas aprendem, que atribui grande valor ao papel da experiência na aprendizagem. Kolb descreve o processo de aprendizagem tendo como base um ciclo contínuo de quatro estágios: Experiência Concreta (agir), Observação Reflexiva (refletir), Conceitualização Abstrata (conceitualizar) e Experimentação Ativa (aplicar).

O educador americano também identifica quatro estilos de aprendizagem, que são: divergente, assimilador, convergente e acomodador. Os estilos de aprendizagem são preferências na forma de perceber, organizar, processar e compreender a informação. Para Kolb a aprendizagem eficaz requer o movimento

¹ Graduando em Administração pela UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ (UFPI) (2017). Possui curso-técnico-profissionalizante em TÉCNICO EM CONTABILIDADE pela E.E.E.P JOSÉ VICTOR FONTENELLE FILHO (2016) e ensino-médio-segundo-grau pela E.E.E.P JOSÉ VICTOR FONTENELLE FILHO (2016).

cíclico passando pelos quatro estilos de aprendizagem, embora usualmente estudantes prefiram um estilo em detrimento dos outros. Por este motivo, Kolb postulou que os estudantes desenvolvem-se mais em um destes estilos.

Os assimiladores, possuem como habilidades de aprendizagem dominantes a observação reflexiva e a conceptualização abstrata. Pessoas com essas características possuem habilidade de criar modelos teóricos, são excelentes no raciocínio indutivo e em integrar observações diferentes reunindo-as em explanações integradas. Fazendo comparações baseadas em testes realizados na internet e a leitura sobre o assunto, pude concluir que possuo 15% de características relacionadas ao tipo de aprendizagem anterior. Já os acomodadores, são pessoas com características de aprendizagem opostas ao estilo assimilador, e são melhores na experimentação ativa e na experiência concreta. Identifico-me 25% com esse estilo, pois possuo capacidade de adaptar-me rapidamente as circunstâncias, tenho propensão a reexaminar os fatos, e também gosto de assumir riscos. Já o divergente, me identifico 20%, sou relativamente interessado em pessoas e me julgo um pouco mais racional do que emocional, conseguindo ver as coisas de perspectivas diferentes e quase sempre achando mais de uma solução possível para as situações. Já relacionado a características do tipo convergente, possuo 40%, em razão de sempre buscar uma solução rápida, sendo o tipo de pessoa que confia em sua própria intuição, conseguindo manter o foco em problemas específicos. Prefiro lidar com coisas ao invés de pessoas, sendo uma pessoa pragmática.

Relacionado às Experiências Concretas me identifico 30% possuindo tendências a tratar as situações mais em termos de observações do que com uma abordagem teórica e sistemática, fazendo analogias a momentos correntes e situações práticas. Já relativo a Observação Reflexiva percebo uma relação de 15%, sou bem observador, revejo e reflito sobre a experiências concretas vividas anteriormente, sobre diversos ângulos. No que diz respeito

a Conceitualização Abstrata o nível de identificação fica em 15%; gosto de usar teorias, hipóteses e raciocínio lógico para explicar os eventos, pautado na análise da realidade. Relacionado à Experimentação ativa, o nível de identificação fica em 40%, prefiro a experimentação de conhecimentos através de reflexões, me envolvo em atividades de planejamento, experimento experiências que envolvem mudança de situações e uso as teorias para tomar decisões e resolver problemas da maneira mais rápida possível.

Infância do aprender

Gênese e suas maravilhas - Infância, sem sombra de dúvidas a melhor fase da vida de qualquer Homo sapiens, é tempo de descoberta e aprendizado, mas acredito que a característica mais presente nessa fase tão especial e maravilhosa, seja a liberdade plena para se viver, a felicidade está presente em quase todos os milésimos de segundo. Sempre fui estimulado desde cedo a aprender, e talvez por isso desde tão novo era tão questionador das coisas e acontecimentos por onde quer que eu andasse. Me recordo com clareza e felicidade, que amava ficar perguntando várias coisas aos meus pais enquanto íamos a algum lugar pelas ruas de São Paulo - SP, onde nasci e passei parte importante e feliz da minha infância, morei lá até os 8 anos, depois voltamos para a cidade onde reside praticamente toda nossa família em Viçosa do Ceará - CE. No Ceará, terminei de experimentar minha infância, um outro modo de viver e experiências novas me seduziam. Tem uma diferença significativa você estar acostumado viver em uma das maiores metrópoles do mundo e se mudar para uma pequena cidade e ainda ir morar no interior dessa cidade. Porém, aquele receio misturado a estranheza, com o tempo foi se dissipando e percebi que cada fase nova de nossa vida, vem acompanhada de novas descobertas, novas pessoas, novas aventuras e também novos desafios.

Percebi mais tarde, que tudo era uma questão de adaptação e que com o tempo, seria impossível também não criar um amor pelo Ceará, pelo Nordeste, terra de gente humana, de bom coração e sempre pronta a estender a mão para quem precisar. Essa fase foi marcada por ensinamentos e consequentes aprendizados de suma importância, afinal de contas o que uma criança vê passar por seus olhos e adentra em seus ouvidos, tem um peso inestimável para o resto da vida. Desde pequeno, minha mãe sempre deixou claro que a única coisa que realmente ninguém tiraria de mim, seriam os aprendizados conquistados durante a vida. Me recordo cristalinamente, que algo bastante trabalhado nas escolas de São Paulo, era a educação perante os outros, até nos cadernos que ganhávamos, fora várias outras coisas que o sistema educacional proporcionava como: Calça, sapato, meias, blusas, agasalhos e todo material de uso nas salas, sempre vinham com as tão conhecidas e importantes palavrinhas mágicas: Obrigado, com licença, por favor, desculpe. Sem dúvida alguma, aquilo teve uma importante contribuição na minha formação escolar. Nessa época, descobrimos que o medo muitas vezes, é algo que não podemos evitar e que em algumas situações ele terá sua contribuição, como não me lembrar da minha paixão por andar de bicicleta todos os dias, e das inúmeras quedas que me custaram algumas cicatrizes pelos joelhos, mas são ótimas recordações, e essas quedas são uma parte do compõem cada aprendizado durante nossa vida.

Adolescência do aprender

A era das dúvidas e teimosia – Adolescência, sinto dificuldade em apontar se seria a fase mais complicada de nossas vidas, não diria mais complicada no sentido de afazeres, mas com um enfoque para o lado psicológico e biológico. As dúvidas se intensificam, ao ponto que alcançamos uma maturidade mais robusta, é o período de intensa teimosia com nossos pais e demais, começamos a achar que já detemos de um conhecimento e

maturidade relevante, o que mais tarde descobrimos que não é verdade. É uma etapa crucial no que tange ao aprendizado com um enfoque mais escolar a profissional, período que ao meu ver vai de parte do ensino fundamental até o final do ensino médio.

Foi uma fase muito crucial em minha vida, depois de ter passado por ela, percebi que foi a fase que moldou tudo o que tenho e sou como profissional até hoje, tive a oportunidade de cursar meu ensino médio em uma escola profissional técnica e cursar contabilidade. Foram três anos bem difíceis e cansativos, passando quase todos os dias, mais de 12 horas fora de casa, desde o percurso para ir e voltar de lá somado com o tempo dentro da escola, sem ter um contato tão próximo com minha família, com minha irmã que nasceu quando estava no 1º ano do ensino médio. Também me recordo com emoção, que quando ela já estava maiorzinha, sempre me esperava ansiosa no portão quando escutava o ônibus chegar, para me receber e dar um abraço.

Em contrapartida, foi ali que pude ter uma visão de mundo diferente, tive inúmeras oportunidades e experiências que me recordo com muito orgulho e gratidão, foi ali que tive que ajustar as velas do meu barco, e decidir para onde eu iria velejar. Foi ali, que pude fortalecer meu senso de responsabilidade perante minhas ações e omissões. Era tempo de escolher qual profissão e rumo profissional eu iria seguir. Foi ali também, que descobri e coloquei em prática meu lado empreendedor, desde cedo sempre enxerguei que era necessário ter meu próprio dinheiro, uma parcial independência financeira, e sei que todas as experiências de venda de pen drive e cartão de memória na feira dia de sábado na cidade, como revendedor da Avon e Natura de porta em porta pelo interior, como criador de gado e carneiro pelas baixas no sítio, e dos dias de catar latinha em pleno sol quente dos finais de semana em São Paulo, me fizeram aprender lições valiosas que irei levar para o resto da vida.

Maturidade do aprender

Novos desafios, novas conquistas – Por mais que as dúvidas façam parte de toda a vida de qualquer ser humano, ao meu ver é o momento que as coisas começam a se esclarecer em nossas mentes. É tempo de começar a colher o que foi plantado na adolescência, principalmente quando se olha pelo lado profissional, momento crucial de entrada no mundo acadêmico, momento de conseguir a tão sonhada vaga em uma universidade pública e dar continuidade ao que foi planejado lá atrás. Graças a Deus, tive a felicidade de colher bons frutos e ser aprovado em três cursos pela minha nota do ENEM: Contabilidade, Direito e Administração ao qual escolhi para dar continuidade à minha caminhada profissional.

É tempo de se arriscar, encarar novos desafios, e o maior desafio é ficar longe da família e do nosso lar, da nossa terra. Acredito ser o momento em que muitos pensamentos e ideologias vão se aprimorando em nosso cérebro. Chega o momento de experienciar novos trabalhos, ser mais ousado no que tange nossos objetivos e metas para a vida. Acredito ser a etapa profissional mais importante, diante de um relativo amadurecimento, começamos a intensificar de forma mais consistente a busca pelos nossos objetivos.

É tempo de amadurecer na graduação, de aperfeiçoar ensinamentos que aprendi no ensino profissionalizante e analisar nossa carreira profissional a longo prazo, se vamos dar continuidade com uma pós-graduação, mestrado, etc. Depois de mudar para Parnaíba PI, tive a oportunidade de trabalhar 1 ano em um mercantil e amadurecer bastante, aliando o que já tinha aprendido no meu curso técnico, estágio que fiz no cartório de Viçosa CE e o que estou aprendendo na graduação. Também tive a oportunidade de trabalhar em uma loja no shopping, ali tive contato com pessoas mais experientes que contribuíram com conteúdo e ensinamentos para experiências futuras. Também me

aventurei formalmente no mundo de empreendimentos, resolvi abrir uma pequena empresa depois que saí do mercantil, e resolvi abrir um pet shop na cidade (Parnaíba – PI).

A experiência que adquiri em alguns meses foi de suma importância, tanto no sentido positivo como no negativo. Acabei por fim percebendo que não era o momento mais ideal para ter colocado aquela ideia em prática, e que deveria esperar um pouco mais para colocar certas ideias em prática. Também cometi alguns erros no que tange as funções administrativas. Porém tudo isso, serviu de muito aprendizado para mim, e não me arrependo de ter encarado esse desafio.

Reflexões finais

De acordo com Kolb, não há um modo único que descreva completamente o estilo de aprendizagem de uma pessoa. Na realidade, o estilo de aprendizagem de cada pessoa combina alguns, ou todos esses modos de aprendizado.

Segundo Sena (2013) a afetividade e a educação caminham juntas, assim, o processo educacional está em constante evolução aliado a todos os aspectos que compõem nosso modo de aprender.

Referências

- Kolb, D. A. (1984). Experiential learning: Experience as the source of learning and development. New Jersey: Prentice-Hall. <<https://andragogiabrasil.com.br/ciclo-de-aprendizagem-de-kolb/>> Acesso em: 15 de outubro de 2018.

Relato de experiências - como eu aprendo?

*Magna da Silva Vilanova Castro*¹

Introdução

Como eu aprendo?

Durante a infância somos muito moldados. Os pais e familiares são os responsáveis por nossas decisões, estamos ali movidos apenas pelo desejo de satisfazer nossos prazeres, e eles estão sempre presentes para nos guiar e dizer o que é certo ou errado. Nessa época tudo parece fácil e simples, bom e puro, as pessoas são mais sociáveis, fazer amizades é uma coisa tão simples e natural, não planejamos nada, mas tudo sempre cai como uma luva.

Aprender nessa fase é tudo que mais nos dedicamos, começamos pelo simples fato de caminhar, que hoje parece fácil, porém, foi um grande desafio que vencemos após muitos dias de persistência. Não importava quantas vezes caíssemos sempre tínhamos o desejo de levantar e tentar de novo, nossa vontade de caminhar era maior que nossos medos e inseguranças. O ato de aprender nem sempre é fácil, às vezes pode ser até doloroso. É preciso que busquemos sempre o desenvolvimento.

Rapidamente chega a adolescência, a fase onde achamos que sabemos de tudo, que não precisamos mais de ninguém,

¹ Acadêmica de administração pela Universidade Federal do Piauí – UFPI, Estagiária pela empresa Bit Point Ltda, participante do projeto de extensão Consultoria Social.

porém, é a fase onde estamos mais confusos e perdidos em meio a tantas escolhas e possibilidades que nos são oferecidas.

Com tantas possibilidades de escolha, nem sempre escolhemos o melhor. É comum nos depararmos com adolescentes envolvidos com drogas, crimes e que enfrentam muitas dificuldades devido suas escolhas. Também não é difícil encontrar jovens tão confusos e desesperados, pessoas se auto-mutilam, enfrentam problemas em casa, passam por problemas psicológicos, etc. Adolescentes que precisam de ajuda do cuidado da família e de acompanhamento psicológico.

Com o passar dos dias chega a maturidade, porém, não chega de repente, estamos sempre num processo constante de amadurecimento, alguns passam por momentos tão difíceis que amadurecem pelo sofrimento, outros reagem de forma inversa, ou seja, não buscam o amadurecimento e sim procuram fugir de qualquer responsabilidade. Esta fase não vem somente com o passar dos anos, é preciso que a pessoa se desenvolva e busque o desenvolvimento. Crescer nem sempre é sinônimo de desenvolver.

Imagine uma empresa, que cresceu rapidamente nos últimos anos. Essa empresa fez muito bem em expandir os seus negócios, aumentou as vendas e, conseqüentemente, os lucros. Porém, essa empresa não se desenvolveu com o passar dos anos. Ela ainda usa o mesmo sistema de controle de vendas, mesmo tipo de marketing, mesmo método de vendas, ou seja, não acompanhou as mudanças no mercado. Qual a tendência que essa empresa continue no mercado e pelo menos mantenha seus lucros? São mínimas. Aos poucos ela certamente irá perder mercados e diminuir os lucros. Dessa mesma forma acontece com as pessoas que crescem e não se desenvolvem, não chegarão a colocar em pratica todas as suas habilidades e potenciais.

Infância do aprender- Superar obstáculos.

Minha infância foi marcada por alguns acontecimentos tristes. Quando tinha dois anos, meu avô paterno morreu, eu não lembro muito dele, era muito pequena, mas lembro-me do dia de seu velório. Naquele dia fui a pé para a casa dele e no caminho eu estava tão alegre, brincava com meus irmãos que estavam tristes, eu não sabia por que eles estavam assim. Quando chegamos na casa do meu avô vi todos que conhecia, pra mim aquilo era uma festa, eu olhava o caixão do meu avô e nada pra mim fazia sentido. Então fiquei em pé do lado da porta de entrada da casa com um livrinho e comecei a rezar juntos com as pessoas que ali estavam, passei o dia quieta ali.

Quando se é criança a aprendizagem é muito rápida. Cada pessoas tem uma forma de reagir a perda, as vezes buscamos evoluir com isso, outras vezes, não conseguimos superar, mas tudo é uma questão de como você vê o mundo. Com a morte do meu avô aprendi que devemos lembrar sempre das boas lembranças que vivemos com aquelas pessoas que já se foram, buscar guardar sua memoria da melhor versão que aquela pessoas era.

Também percebi a pureza de uma criança. As vezes as pessoas não tem noção da inocência de uma criança. É preciso que as pessoas dediquem mais tempo às suas crianças. São muitos os casos de pessoas que se aproveitam de sua inocência, cometendo abusos, maus tratos. Hoje vejo que a criança de hoje é o adulto responsável por contribuir com a sociedade no amanhã. É essencial que essas crianças sejam bem cuidadas para cresçam em saúde e sabedoria, se tornando boas pessoas.

Adolescência do aprender – Os donos da verdade.

Durante minha adolescência ocorreu um fato bem marcante: a minha mudança de escola. Eu morava em uma cidade chamada São Lourenço do Piauí, estudava num colégio do lado de

casa, conhecia a todos. Ao entrar no ensino médio eu passei a estudar a 15 quilômetros de casa, numa escola na sede do município. Chegando lá eu e meus amigos fomos separados por sala, aquilo pra mim foi a quebra de uma realidade, pessoas com quem convivi por tanto tempo se afastando. Com isso tive que fazer novos amigos, porém fazer amigos na adolescência não é como na infância, fácil e simples, tudo se tornou mais complexo e intenso, contudo, no segundo ano do ensino médio consegui me enturmar melhor.

Sendo assim, aprendi que, como minha mãe sempre fala, para tudo há uma saída, quando uma porta é fechada uma janela se abre. Não podemos nos deixar abater por as coisas que não dão certo, pois, apesar de tudo, sempre haverá uma saída para os problemas, é preciso resolver e continuar. Mesmo quando estamos perdidos e achamos que tudo que conhecemos não é mais a mesma coisa é preciso inovar e fazer novas escolhas, para que estas tragam bons frutos e nos deem o retorno desejado.

A aprendizagem é isso, achar uma forma de tirar coisas boas mesmo em situações adversas, buscando sempre levar uma lição de vida daquela situação. As pessoas que não buscam a aprendizagem ficam presas no tempo, como pessoas vivas mumificadas para a realidade.

Maturidade do aprender – Aprender sempre.

Durante a maturidade estamos mais seguros e confiantes, focados nos nossos objetivos, que nem sempre são fáceis. Digo que minha maturidade começou quando saí da casa dos meus pais para cursar Administração na Universidade Federal do Piauí. Nesse momento tive que me cuidar sem ajuda deles, a universidade era longe e eu pouco voltava para casa. Após um ano e meio de faculdade comecei a estagiar, o que foi um grande passo no meu desenvolvimento.

Com isso eu percebi que quando há esforço, dedicação e competência as coisas acontecem, os sonhos aos poucos vão se realizando, é normal se desanimar no meio do caminho, no entanto, desistir não é uma opção para quem deseja realizar seus sonhos. Não há obstáculos que não possam ser vencidos.

Reflexões Finais

Com o passar do tempo percebi que eu não sou somente eu, e sim a junção de muitas experiências proporcionadas por diversas pessoas, e que de certa forma essas pessoas deixaram um pouquinho delas em mim, através de seus ensinamentos e da convivência.

É preciso que independentemente da idade procuremos solucionar da melhor forma nossos problemas, inovando nas soluções e buscando sempre o desenvolvimento. Para Borges e Fagundes (2016) o termo inovação pode ser entendido como a criação de uma solução não convencional, permeada de valores, para um problema que o mundo apresenta.

Estar motivado é a melhor forma de buscar a inovação, para isso é preciso saber o que lhe motiva. Segundo Gomes e Michel (2007) a motivação de uma pessoa depende da força de seus motivos, motivos entendidos como desejos ou impulsos que ocorrem no interior dos indivíduos. Os motivos é que impulsionam e mantêm o comportamento dos indivíduos, são, por assim dizer, as molas da ação, também se podem identificar os motivos com as necessidades e dizer que os indivíduos são movidos pelas necessidades.

Cada um de nos tem necessidades diferentes, e cada uma delas esta relacionada com a forma de convivermos em sociedade, que muitas vezes é projeção da forma de como fomos criados, nos desenvolvemos e amadurecemos. Relembrar essas fases da vida nos fazem lembrar o motivo das nossas ações de hoje em dia, ou seja, quem somos.

Referências

BORGES, Karen Selbach; FAGUNDES, Léa da Cruz. **A teoria de Jean Piaget como princípio para o desenvolvimento das inovações**. Disponível em:< <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/viewFile/21804/14817>>. Acesso em: 23/10/2018.

GOMES, Elaine Dias; MICHEL, Murillo. **A motivação de pessoas nas organizações e suas aplicações para obtenção de resultados**. Disponível em:< http://faef.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/kC7xKUQpezmWbO8_2013-4-30-10-35-34.pdf>. Acesso em: 23/10/2018.

Considerações e reflexões sobre o caminho do aprender

Darlene Silva dos Santos¹

Discutir acerca do processo de aprendizagem é significativamente complexo e refleti-lo a partir do relato de sua própria experiência, ou melhor, existência, demanda acima de tudo, coragem! Pois, pressupõe a explicitação de uma vivência desnuda do medo de exposição, de julgamentos, de estigmas e acima de tudo, apresenta a disposição e a força através do diálogo e da reflexão onde o relato da vida e do aprender é a voz que não cala... fala e dá coragem! Assim, ao rememormos o objetivo deste trabalho em compartilhar os relatos de experiência respondendo ao questionamento: **Como aprendo?** Com o propósito em poder contribuir com outras pessoas, a partir das análises e considerações elucidadas ao longo do livro, por meio de teorias vislumbradas pelos protagonistas como sendo o sustentáculo da prática e do aprendizado. Dessa forma, corroboramos com Freire no sentido em que até mesmo o simples ato de cozinhar supõe a apropriação do conhecimento no que concerne aos procedimentos de como acender o fogão, como regular o nível da chama e os conseqüentes riscos, saber harmonizar diferentes temperos numa síntese gostosa e atraente. Pois, a prática de cozinhar prepara o aprendiz, reforçando alguns

¹ Professora do Curso de Administração da UFPI/CMRV. Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia/UFU. Mestre em Administração pela UNIFOR. Licenciada em Pedagogia pela UFPI. Pesquisadora e integrante dos grupos de pesquisa: GEPDEBS/UFU: Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Docência na Educação Básica e Superior. GEPEADM/UFPI-Grupo de Estudos e Pesquisas em Administração.

saberes e corrigindo outros e vai possibilitando que ele se constitua cozinheiro. (FREIRE, 2013).

Neste íterim os relatos de experiência se deram sob as circunstâncias temporais nas quais o passado relaciona-se à infância e a adolescência, presente e futuro inferem à maturidade numa busca constante. Todavia, cada um constrói sua história de forma singular e única dentro de um contexto permeado de determinantes de vários aspectos que definem seu modo de pensar e sua visão de mundo, podendo modificar-se a partir da evolução do aprendizado, do pensamento e com isso, da resignificação. Essa constatação fundamenta-se no pensamento de Hegel, filósofo alemão, ao explicar o processo dialético no qual tem-se três etapas sendo a tese, a antítese e a síntese e nesse sentido, Hegel mostra considerável percepção do funcionamento da mente. O método dialético se aplica não apenas como um instrumento da teoria do conhecimento, mas diretamente como uma descrição do mundo. (RUSSELL, 2002).

E foram nos relatos “de experiência”! De vivências! De histórias, recordações nas quais viajamos no tempo e no espaço para nos aproximarmos de cada um, para compreender e participar da vivência narrada com entusiasmo, com nostalgia. E vamos pensar na instituição social mais enfatizada ao adentrarmos na infância das autorreflexões, a família. Para além de conceitos e definições preconcebidas, encontramos em Chalita a compreensão de *família*, onde argumenta que não há regras, não há um manual do que é certo ou errado na família, ela é o cenário onde o espetáculo da vida dá os primeiros ensaios, e é em seu palco que razão e emoção começam a atuar e em seu seio nasce a dignidade de uma história em construção. (CHALITA, 2014).

No tocante à infância é notória a emoção atribuída à tenra idade na qual a inocência predomina, o contexto familiar impera, as lembranças emergem de todas as fontes e formas. O aconchego do lar, o andar, o falar, o correr, o nadar, a bicicleta...a mamãe...meu pai...meus avós, tios e tias, primos e primas, amigos, amigas, bichos e

tantas coisas explícitas ou implícitas. O montar a cavalo, o andar de bicicleta.. O gosto! O cheiro! A lembrança de como é bom aprender. Aprender... Aprender! E um dos aprendizados mais significativos na infância, sem dúvida, é o da leitura. É imensurável a emoção quando uma criança aprende a ler. Sua alegria irradia, é um novo horizonte que surge, são novos caminhos a serem percorridos, e são tantos os desafios a serem superados. Alguns aprenderam a ler no âmbito familiar e outros na escola.

E ao reflexionar sobre a escola chamamos atenção para o entendimento em que ela consiste em um dos espaços mais prazeroso e ao mesmo tempo mais conflituoso na construção da aprendizagem da criança, pois o ato de educar significa proporcionar momentos de cuidados, brincadeiras e aprendizagens orientadas e o cuidar significa valorizar e ampliar capacidades. E o desenvolvimento integral da criança depende tanto dos cuidados fisiológicos e afetivos quanto da forma como esses cuidados são oferecidos, assim como o acesso a conhecimentos diversos. Desse modo, à medida que a criança vai dando significado àquilo que explora e conhece, esse processo é o que chamamos de educação. (CRAIDY; KAERCHER 2001).

E quem não se lembra da sua primeira professora ou seu primeiro professor? A pessoa que te ajudou nos primeiros passos na caminhada do conhecimento? A figura do educador é fator determinante nesse processo onde a educação e os cuidados com os pequenos tornam-se momentos de desenvolvimento e aprendizagem, pois as aprendizagens orientadas requerem constantemente a intervenção do professor no intuito de facilitar o acesso das crianças às diferentes formas de linguagem e cultura na construção do conhecimento. (CRAIDY; KAERCHER, 2001).

No que tange a adolescência, momento de tantas certezas e incertezas em nossas vidas, a aprendizagem é uma metamorfose ambulante, onde os sonhos dão margem à busca por uma realidade muitas vezes arraigada de entusiasmo, outras vezes de devaneios e por que não de tantas vezes de razão. Porém, nossas

estatísticas não demonstram bons resultados quanto à permanência de adolescentes e jovens nas escolas, e justificam que a evasão muitas vezes se dá pela falta de atratividade do ensino. Ou seja, nossas escolas não promovem uma aprendizagem significativa por meio de ensino atrativo.

Nessa Perspectiva, Giroux enfatiza que as escolas fazem mais do que repassar de maneira objetiva um conjunto comum de valores e conhecimento. Pelo contrário, as escolas são lugares que representam formas de conhecimento, práticas de linguagem, relações e valores sociais que são seleções e exclusões particulares de cultura mais ampla. Como tal, as escolas servem para introduzir e legitimar formas particulares de vida social. Mais do que instituições objetivas separadas da dinâmica da política e poder, as escolas são, de fato, esferas controversas que incorporam e expressam uma disputa acerca de que formas de autoridade, tipos de conhecimento, formas de regulação moral e versões do passado e futuro devem ser legitimadas e transmitidas aos estudantes. (GIROUX, 1997).

E ao pensarmos em aprendizagem significativa, vamos refletir na perspectiva de Santana (2017) que infere a aprendizagem significativa como “processo de construção cognitiva onde as novas informações ancoram-se nos conhecimentos prévios e a partir daí o novo conhecimento é consolidado”. Pois, ao adolescente lhe é designada a característica por uma busca, talvez por conta de um ideal, talvez por sua personalidade ou por motivos diversos, e o processo de aprendizagem nesse período da vida, precisa de intensa atenção por parte dos agentes envolvidos no processo de escolarização, precisa ter sentido, ter valor, não apenas abstração, mas aplicabilidade. A inserção de estudantes a contextos práticos promove um refinamento dos conceitos e uma organização que poderá mais facilmente ser utilizada quando necessário. (HENK SCHMIDT apud SANTANA 2017).

Nos relatos podemos constatar a ânsia por uma educação que se voltasse para as necessidades de cada um, pois nesse momento, as inquietações, os questionamentos e as incertezas

aterrorizam todo o ser do indivíduo. Podemos afirmar que no processo de ensino e aprendizagem embasada em teoria sem prática não cabe mais em nosso século XXI, conforme relatório elaborado para a UNESCO em 1998, Delors e demais integrantes da comissão mencionaram o avanço científico no âmbito mundial, sendo denominados: os quatro pilares da educação para o século XXI. A) **prender a conhecer** faz menção a busca pelo conhecimento, o que nos faz querer aprender. B) **Aprender a fazer** nos fala da prática, das habilidades. C) **Aprender a conviver** ressalta o respeito ao próximo, o pluralismo de ideias, a cooperação. D) **Aprender a ser** menciona a compreensão de si mesmo, a introspecção. Na contemporaneidade, são nossos grandes desafios em todos os níveis educacionais promovermos efetivamente a concretude dos referidos pilares, sustento da educação presente e futura.

E ao apreciarmos as experiências no panorama referente ao ensino médio, constatamos uma realidade similar, de fragmentação do ensino em disciplinas onde o aluno precisa se superar em notas quantificáveis para obter êxito nos exames e lograr sucesso nos seletivos rumo ao ensino superior. Objetivo almejado senão a priori, mas ao longo do tempo, passa a ser cobrado pela família, pela sociedade ou até mesmo pelo mercado de trabalho, a atuação social como membro da elite do conhecimento, ou seja, fazer parte de uma universidade.

Todavia, torna-se pertinente esclarecer que a escola não se dá de forma isolada, ela está inserida em uma conjuntura na qual está frente à sociedade e com isso, caracteriza-se como instituição essencialmente cultural, onde a cultura científica/tecnológica é raramente levada em consideração pelos idealizadores dos currículos escolares, considerando que a cultura reside ao mesmo tempo no vínculo que nos une a nós mesmos, aos outros e ao mundo e naquilo que permite construir esse mesmo vínculo. (MELLOUKI,2004).

Portanto, é preciso pensar fora da caixinha, e entendermos que estamos todos integrados numa dinâmica que nos move e nos leva a construirmos uma visão de mundo mediante aquilo que nos é apresentado, dito e exposto como verdades. Diante disso, nos ancoramos ainda no pensamento de Mellouki no qual ressalta que tem-se a linguagem que transmite o legado às gerações, ou seja, a linguagem tem função fundamental na disseminação dos modos de pensar, sentir e agir a partir dos ideários que se constroem e se constituem ao longo do tempo e do decorrer dos processos evolutivos e históricos, configura-se como essencial diante da cultura como matéria-prima necessária à compreensão, à construção ou à modificação da relação consigo mesmo, com os outros e com o mundo. (MELLOUKI,2004).

E isso nos esclarece quanto a nossa percepção no que diz respeito ao nosso período de escolarização, pois somente a partir da construção do conhecimento acerca das teorias da aprendizagem e do comportamento, nos tornamos capazes de analisarmos com embasamento científico, as formas nas quais aprendemos e conseqüentemente, analisamos as formas sob as quais fomos ensinados. O que outrora não seria possível devido nossa cegueira conceitual e científica. Pois, os fatores que interferem na transformação do conhecimento ultrapassam as paredes da sala de aula, localizando-se também na estrutura das instituições educacionais e podem ser vinculados ao contexto social no qual se inserem.

Ao adentrarmos a instância do ensino superior, os relatos nos causam demasiada alegria, pelos esforços, dispêndios de todos os jeitos tanto para passar quanto para permanecer cursando o nível superior. Sabemos o quanto é difícil e desmistificador iniciar um curso superior, são tantas as perspectivas, muitas atendidas e outras nem tanto, isso sem falar nas frustrações. Mas por outro lado, tem-se a conquista de novas amizades, formação de novos ciclos, novas possibilidades e a vida vai fluindo e com isso também o aprendizado.

É perceptível a relevância dada nos relatos de experiência, principalmente, ao clico de aprendizagem de Kolb, e isso reflete o trabalho docente desenvolvido pela professora Celina Olivindo numa dinâmica de autoanálise e autorreflexão de si e de seus alunos e alunas, considerando que ensinar exige comprometimento por parte do professor, exige revelar sua capacidade de analisar, de comparar, de avaliar, de decidir, de optar e de romper aos seus alunos. Assim como, sua capacidade de fazer justiça e de não falhar à verdade. (FREIRE, 2013)

Ao associarem suas vivências às teorias da aprendizagem cada um constrói para si novas conexões e percepções de si, dos outros e do mundo, podendo contribuir para a consolidação de melhores formas de relações entre as pessoas tendo em vista, a apreensão de novos conhecimentos, e principalmente pela consciência da forma de construção desses conhecimentos.

A nós não nos cabe repetir os conceitos tão bem apresentados e esclarecidos nos relatos, a começar pelo da Professora Celina Olivindo, mas contemplar cada análise e contribuir com outras concepções que vão ao encontro das percepções apresentadas neste projeto arrojado e inovador.

Portanto, somos seres históricos e como tal somos ou precisamos ser também seres políticos, no sentido de compreendermos que além do cenário existem os atores, os figurantes, os dublês, o pessoal da iluminação, do som e tantos outros que são de extrema relevância para a realização do espetáculo. De forma que por sermos históricos e não estanques no tempo, temos essa capacidade de reflexão e análise sobre nós e sobre nossa própria história procurando a compreensão e o entendimento. E somente um ser que é capaz de sair de seu contexto, de distanciar-se dele para ficar com ele, capaz de admirá-lo para objetivando-o, transformá-lo e transformando-o saber-se transformado por sua própria criação. (FREIRE, 1979).

A todos os autores e autoras desta obra minhas estimas e meus parabéns! Que logrem muito sucesso em suas carreiras e em suas existências.

“Respeitar alguém é entender os seus limites, pois limites todos têm. É entender os seus sonhos, porque sonhos todos têm. Respeito é o tratamento que todo mundo merece.”

CHALITA (2014).

Referências

- CHALITA, Gabriel. **Famílias que educam**: uma relação harmoniosa entre pais e filhos. 1 ed. São Paulo: Cortez, 2014.
- CRAIDY, C. M. KAERCHER, G. E. P. S. **Educação Infantil**: pra que te quero? Porto Alegre: Artmed, 2001.
- DELORS, Jacques. **Educação, um tesouro a descobrir**. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre educação para o século XXI. Brasília, MEC, UNESCO e Cortez, 1998.
- FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 44ª ed. Rio de Janeiro, RJ. Paz e Terra, 2013.
- GIROUX, Henry A. **Os professores como intelectuais**: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 1997.
- MELLOUKI, M’Hammed; GAUTHIER, Clemon. **O professor e seu mandato de mediador, herdeiro, intérprete e crítico**. Educação & Sociedade, Campinas, v.25, n. 87,p.537-571,maio/ago.2004.
- RUSSEL, Bertrand. **História do pensamento ocidental**: a aventura dos pré-socráticos a Wirttgenstein. Tradução, Laura Alves e Aurélio Rebello. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.
- SANTANA, G.S de M. A aprendizagem significativa In: ALCÂNTARA et al. Ensinando & Aprendendo: os fundamentos da docência no ensino superior: Fortaleza: Universidade de Fortaleza,2017.